













O ÚLTIMO OLHAR  
DE JESUS

## DO AUTOR :

- TRISTIA. (2.<sup>a</sup> edição). (Esgotado).  
ALÉM. (Esgotado).  
PARTINDO DA TERRA. (Esgotado).  
PALAVRAS DE AGNELO. (Esgotado).  
A ESTRADA NOVA. (Peça em 3 actos). (Esgotado).  
RECORDAÇÕES E VIAGENS. 4.<sup>a</sup> edição).  
CÓMICOS. (4.<sup>a</sup> edição).  
DOIDA DE AMOR (9.<sup>a</sup> edição).  
D. PEDRO E D. INÊS. (8.<sup>a</sup> edição).  
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER. (Conferência). (3.<sup>a</sup> edição).  
LEONOR TELES. (6.<sup>a</sup> edição).  
JORNADAS EM PORTUGAL. (5.<sup>a</sup> edição).  
MARIÁ AMÁLIA VAZ DE CARVALHO. (Discurso).  
SENHORA DO AMPARO. (4.<sup>a</sup> edição).  
ESPANHA. (3.<sup>a</sup> edição).  
D. SEBASTIÃO. (8.<sup>a</sup> edição).  
O PADRE SENA FREITAS. (Conferência).  
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS (7.<sup>a</sup> edição).  
TOLEDO (3.<sup>a</sup> edição).

«ANTOLOGIA PORTUGUESA»

ANTERO DE FIGUEIREDO



L. Per  
F47460

ANTERO DE FIGUEIREDO

da Academia das Ciências de Lisboa  
e da Academia Brasileira de Letras

O  
ÚLTIMO OLHAR  
DE  
JESUS

«Per dipingere le cose  
del Cristo bisogna vivere  
col Cristo.»

FRA ANGÉLICO.

(CAPA DE ALBERTO AIRES DE GOUVEIA)

SÉTIMA EDIÇÃO, REVISTA

9.º MILHAR



389958  
12.3.41

LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

U347

Todos os exemplares são rubricados pelo autor.

A. de Siqueira

Desta edição tiraram-se dez exemplares em papel arçoado da Abeleira, numerados e rubricados pelo autor.

Ao

DR. ALFREDO PIMENTA

— HOMENAGEM



# O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS

---

## I

### A curva da vida

**E** IS-MÊ para além do

*mezzo del cammin di nostra vita,*

tendo alcançado aquele ponto da curva da existência onde começa a descida da encosta, o declive para a morte. Tal passo é comumente, tristemente chamado «outono», «anoitecer» e nestas palavras a saúde punge pela mocidade que lá ficou para trás e não volta mais. No entanto, êste período poderá tornar-se primavera florida, estio frutuoso, se, serenamente reconciliados com a fôrça de tudo que tem de ser, e resignados ao que é inevitável, soubermos viver com sábia calma e penetrante lucidez, fazendo nêle a revisão dos êrros cometidos, considerando-o crivo de confessionário, constituindo-o austero tribunal onde, voluntariamente, a nós próprios nos julgamos e sentenciamos. Numa palavra : se conseguirmos colhêr, nessa hora depuradora, a flor sapiente da lição superior nascida nos silvedos da experiência vital onde as melhores ilusões se

calcinam... Depois, vazios de ambições, desnudos de vaidades, a alma limpa de malquerenças, plácida e lúcida, sabermos envelhecer na ciência sublime das virtudes e na de esperar, serenos, a morte certa, tendo nós no fio dos lábios uma alva de sorriso para o incerto do momento, e na bôca êste dizer tranqüilo : — «Quando Deus quiser!», na segurança consoladora de que, na Eternidade, nos encontraremos com os entes queridos que muito amámos e de quem a morte nos afastou.

E esta é a hora canónica das Vésperas Eternas — hora da tarde religiosa da alma humana, erguida pela crença e bem-aventurada pela confiança absoluta que pôs em Deus.

Nesta época da vida, distante do frémito vão e próximo da Sabedoria, os olhos pensam em tudo em que pousam e os passos meditam tôda a terra que pisam. O prazer da memória é recordar gostosamente, e a queda do pensamento é para a reflexão apuradora. O fulgor do olhar diminui, mas a luz interior aumenta. E porque, então, os ouvidos ouvem em si cânticos de bondade e os olhos, que muito viveram, vêem em tórno a paisagem sem fim do «Vanitas vanitatum»; — a alma enche-se de indulgência para com os pecados do coração, e de ironia compassiva (única ironia aceitável) para com tôdas as

fragilidades do ser humano que, viçoso e soberbo, entrara arrogantemente na romaria da vida e dela vai sair, acurvado, humílimo, talvez envolto na mortalha do burel franciscano...

Já a alma se debruça sôbre o que passou por ela, e medita sàbiamente; e se à mão de um escritor, como eu, apetece, mais que tecer novelas, a aprazível tristeza de fixar «memórias», que são a poesia da recordação na idade avançada, o derradeiro calor, a última réstia de oiro, quási invernososo da estação final; — também ao espírito que muito sofreu e no sofrimento se apurou, acode o altruísmo de ditar aos outros o ensino da sua experiênciã, legando-lhes, assim, a lição colhida nas agruras da vida.

Ora foi em tal momento — quebrantado por dores ensinadoras, iluminado pelas verdades da religião eterna, e sustido por preces — que me encontrei com o escultor Leonardo, a personagem central dêste livro, e com êle me pus a viver em íntimo concêrto de espíritos.

Ei-lo diante de mim :

Leonardo tem a alma inteira na mansidão do olhar ingênuo : — na fisionomia aberta do seu rosto queimado e barbado de homem do mar, forte, franco e simples. Seus cabelos negros, onde há os fios brancos dos cinqüenta anos, descem ondados na testa morena e plácida, quási

sem rugas ; e sob as plebeias sobrancelhas travadas, em bico, na raíz do nariz forte, os olhos redondos, pestanudos e castanhos (quási sempre auviados por um véu de tristeza mansa) tomam o ar do espanto, rústico e tímido, no sorriso bom. Estende-se até os lóbulos das orelhas e sobe até as faces, boleadas como seixos e envernizadas como camoesas de tons quentes, a barba preta, crespa, curta e quadrada. O pequeno bigode, modestamente curvo nos cantos, deixa ver todo o desenho perfeito da bôca larga, grossa, leal e afável. Espadaúdo, peito abaülado, braços musculosos e arqueados de carregador, mãos grossas de pedreiro — tal é êste homem hercúleo, em cujo rude arcaboço floresce uma frágil alma de criança.

O todo de tão corpulenta figura irradia fôrça e também calma. Nessa máscula cabeça há algo da dureza e da doçura dos primeiros cristãos — os pescadores de Tiberíades, que por Jesus deixaram pais e mães, barcos e rêdes.

Na rua, sempre de chapéu negro e mole, sempre vestido de escuro, sempre de camisa branca e laço preto de gravata corrida, — no seu andar e aspeito graves, há, no todo, a elegância sã e singela de uma árvore de montanha, em sua esbelteza natural.

Encontrámo-nos numa hora de íntimas e profundas afinidades. Em poucas semanas ficámo-



-nos conhecendo e amando. Já as nossas almas e os nossos lábios se tratavam por tu, como se tivéssemos vivido juntos, desde crianças; como se juntos tivéssemos andado na escola.

Em rasgadas confidências, da sua bôca franca e na meia voz da sua palavra humilde, ouvi-lhe a biografia moral e artística que exporei interpretada por mim. Logo adiante a alma outonal dêste escultor lançou-se, como a minha se havia já lançado, em idêntica primavera religiosa, e a sua vida repetia, em parte, a minha vida, se não na extrema desordem dos sentidos, nos arranços da ambição imoderada e nos desatinos das aventuras romanescas, — pelo menos nas desilusões amaríssimas, nas dúvidas, nos anelos, e nas projecções da alma para além de tudo. E porque, de mais a mais, reconheci nessa existência a trajectória percorrida por vários espíritos da minha geração, em lugar de me pôr a escrever certo projectado romance místico, ou, com grata melancolia, as minhas apetecidas «memórias», preferi (por agora), servindo a minha arte, delinear o perfil mental, moral e artístico de um homem que tendo, como eu, sofrido o mal de amar, passou também por crises religiosas, e em si e por si resolveu problemas de pensamento, de sentimento e de arte, que parecidamente me preocuparam.

Desta maneira, semelhante livro, contendo muitas páginas da vida de outrem, contém também algumas laudas da minha vida.

Grato assunto, êste, vista a afinidade actual dos nossos feitos morais e artísticos, recìprocamente entendidos e estimados, postos em harmonioso unísono, que tanto tem de Beleza como de Religiosidade. Êle é um escultor, eu sou um escritor. A diferença está apenas na matéria que empregamos para expressar as nossas emoções e ideas. Um serve-se do mármore, outro da escrita ; um modela barros, outro configura períodos. No mais — irmãos : ambos servimos sentimentos e pensamentos para além da vida efémera ; ambos amamos, nas linhas e nas formas belas, as expressões das almas nobres em quem o sentido da vida é tema de tôda a hora. Ambos temos tão certa a vida natural como a vida sobrenatural. E assim as nossas afinidades são coisa tão pegada, tão irmã, que é como se eu, em vez de escrever, esculpisse ; se êle, em lugar de esculpir, escrevesse. O escultor, porém, não sabe escrever, mas sente e pensa como o escritor que não sabe esculpir, embora cogite como êsse artista e como êle sinta em si o mesmo pulsar de ideas, a mesma vibração de emoções e possua igual culto da Beleza, igual apêgo à forma, ânsia igual de expressão. Ênfim, registrar os movimentos da sua alma é registrar os da minha.

E, então, com repousado deleite compus o que se segue, obra que se poderia intitular :

«Traços da biografia espiritual e artística de um escultor português, redigidos por um português homem de letras, para ensino de uma geração que se seguiu a outra empaludada pelo negativismo, esterilizada pelo cepticismo — geração de espíritos aristocráticos e elegantes, porém tão irónicos e descrentes que, muito derrotando e muito sorrindo, não souberam construir a obra alta que alimenta e transporta os sôfregos de ideal».

Mas porque, na vertigem moderna em que alucinadamente vivemos, se não admitem delongas seja no que fôr, seria desastre tremendo pôr a um comum oitavo francês título assim estirado e pesado, tal o de um fradesco, compacto e insulso in-fólio medievo, encadernado, para séculos, em tabuão e bezerro. Limite-me, pois, a chamar-lhe «O último olhar de Jesus», e não tardará um credo que não se atine com o significado de semelhante título — luminoso como a auréola ou o aro de oiro que os fresquistas italianos de «trezentos» punham em tórno das cabeças das santas e dos santos ingènuamente afitados de negro em fundos azuis celestes nas ábsides e nos absidíolos das basílicas cristãs, ainda impregnadas do orientalismo dos Cimabues, dos Duccios e dos Frâncias, de raiz bizantina.

*Post-scriptum:*

¡ Mas agora reparo que me esqueci de dizer quem sou! ¿ Como fazê-lo? Não sei. Se me pusesse a contar aqui a minha tempestuosa vida, comporia uma longa novela romântica, cheia de episódios dramáticos — e desequilibraria êste livro. ¡ De maneira nenhuma! Vou, pois, limitar-me a escrever uma dúzia de páginas em que se risquem apenas alguns traços característicos, que um tanto ou quanto me mostrem :

Chamo-me Ernesto, sou escritor e dobrei o cabo dos cinqüenta. Há chapadas de cal nos meus parietais ; rareiam-me os cabelos na frente alta e escanteada ; vincaram-se-me as rugas : — na testa, porque muito pensei ; aos cantos da bôca, porque muito sofri. A incandescência do meu olhar de pecado, ambição e audácia, é hoje substituída, a maior parte das vezes, pela luz plácida da bonomia complacente, se não pela da piedade pelos outros e por mim... Essas mãos frenéticas que corriam pelo papel fora, à desfilada, sem parar nem emendár, aprenderam, contendo-se, a compor reflectidamente, com medida, precisão e propriedade ; e, mais e melhor, religiosas, — a edificarem-se num gesto bento que desconheciam : erguerem-se a Deus para rezar.

Em tudo fui precoce : aos 19 anos, já tinha dois romances publicados ! Êsses livros eram relâmpagos da minha fantasia, explosões do meu temperamento de pólvora, incêndios da minha sensualidade nua e bruta, sem sombra de resguardo, sem rebuço de moralidade. Então, a Vida era para mim a vida instintiva dos meus sentidos desbocados : o sol ardia-me nas pupilas, estranha brasa me escaldava a bôca voraz, o meu hausto sibilante sugava com avidez os perfumes do jardim da existência. Entendia eu que a mocidade tinha todos os direitos, todos. Deus era apenas o directo senhorio de uma propriedade — a minha alma — que eu devia usufruir exaustivamente. O meu dever de moço era um só : ser moço, isto é, gozar tudo que a vida contém e me ofeceria. E a vida gritava em volta de mim e eu gritava à vida ! Meus desejos miavam como felinos, mugiam como toiros, rugiam como leões nas selvas. Uma única potência vital : o Desejo. Um único movimento : a avançada frenética para o ídolo — Mulher. Electrizado pela volúpia emanada de tudo que luz, ri e canta, no meu pequeno corpo de vime, a vibrar, a torcer-se, a contorcionar-sê, ante o espectáculo desvairante da beleza feminina, os meus desejos eram bôcas de vampiro, eram furiosas labaredas de línguas es-carlates e bifarpadas que galopavam cúpidas e doidas. A alegria lúbrica estralejava nos meus

risos de inferno ; era uma prece pagã a minha súplica à carne ; um hosana ímpio o meu credo e o meu hino furioso à beleza das linhas e da modelação de um maravilhoso corpo de mulher ardente.

¡E o meu coração indefeso andou só pelo mundo na vid'airada da tontaria humana !

Com que paixão amei a Vida ! A Vida deslumbrava-me, e eu quis abrangê-la tôda, abraçá-la tôda, sorvê-la tôda, engolfando-me nesse deslumbramento, na avidez inestancável de beber, de sugar, de auferir todos os gozos que a existência contém. Correr, atropelar, triunfar. Era a febre dos nervos, o paroxismo do sangue !

Ambicionei desaustinadamente. Sôfrego de oiro e insaciável de prazeres, se tivesse um conto de réis por hora, sabê-lo-ia gastar com brilho e beleza. Por vezes, senti em mim o orgulho incommensurável daquele stendaliano Julião Sorel ; artista, queria viver a vida senhorial de um Rúbens, no fausto do seu palácio de Meir ; sonhei o sonho de Villiers de l'Isle-Adam, de «vivre dans des palais enchantés» ; e entumeceu-me a ambição de ser um Crespo da lenda antiga, para, cercado de pompa, viver no fastígio das grandezas. Se, então, eu tivesse o poderio e o oiro de um Luís XIV, não me bastariam três Versalhes !

Casei-me, divorciei-me, enregistei-me, separei-me, liguei-me, afastei-me ; — e todos estes verbos, enfiados uns nos outros, marcaram desastres e pecados.

¡ Amei como um doido ! ¡ Quanta turbulência !  
¡ Quantos dramas ! Eu via na indisciplina e na desordem ritmos convulsos de graça estranha que me estonteavam ; e no imprevisto da aventura — sedução !

Dei batalhas ingentes, sofri derrotas tremendas ; mas o meu coração de sete fôlegos, valente e galhardo, atrevido e tenaz, ora no cavo das águas verde-negras, ora na espuma branca das vagas altaneiras, vinha sempre à tona das tempestades ! Náufrago, os pulmões reoxigenados, a alma rediviva, longe de me corrigir, de novo me abismava no pego dos pecados deliciosos, ou me embrenhava na floresta musical das aventuras estonteantes, onde havia corais de sílfides.

.....

Alma desnorteada, — arte revoltada. Tumulto gera tumulto. Tomando excessivamente à letra o contraditório Taine, quando sentenciava : — «a meus olhos, o pensamento disciplinado não vale o pensamento livre» — só um clarão me deslumbrava o olhar : o do génio, fôsse êle louco ; ou o do talento, fôsse êle desgrenhado. Dizia para mim e para os que me ouviam nos botequins

— «Universidades livres» onde a mocidade faz os seus cursos de iconoclastia, de irreverência, de leviandade — dizia :

— Abalo interior, ímpeto — e pronto! Talento e temperamento, eis tudo. O resto não vale nada. A forma será a que o pulso improvisar. Boa? Má? A que sair! Shakespeare errou os versos e é assombroso. Carlyle estropiava a gramática (períodos sem verbo, orações sem sujeito) e é genial. Ruskin desprezou a syntaxe e foi grande.

Daqui, a minha escrita libérrima. Alma em tropel, prosa atropelada. Considerando vexante a disciplina, burguesa a ordem, e mesquinho tudo que fôsse arranjo e equilíbrio, dizia eu, defendendo a minha prosa convulsa, trepidante e arrepelada :

— Antes áspera que flácida ; antes esgadinhá-la que bruni-la ; antes deixá-la em lascas vivas, que ferem, que levá-la ao boleio que a pode amaneirar ; antes vomitá-la, que lambê-la ; antes esparralhados borrões muito pessoais, muito meus, que pinceladas correctas como as dos mais...

Assim dizia e assim fazia.

A minha mão de cabouqueiro preferia, ao buril, o machado que corta, o alvião que escava. Braçada larga, escrevia a deitar para fora e a deitar por fora, pois sempre me faltou papel para



dizer o que tinha que dizer, e, daí, o saírem-me os livros longos até à prolixidade, desequilibrados a não se terem em pé, e tão espessos que, nalguns, difficilmente se entrava por êles dentro. Improvisando sempre, servia-me da primeira palavra que me caísse do bico do aparato, fôsse plebeísmo ou galicismo, arcaísmo ou solecismo. Um bárbaro!

— Vida! Vida! era o meu tremendo grito de arte e guerra!

Por tudo isto, a prosa que eu atirava ao papel, audaciosa e rebelde, talvez tivesse vibração, mas, além de ser aos solavancos, e ora densa, ora omissa, faltava-lhe, por vezes, gramática, embora nela sobejassem galicismos de estrutura e de palavras, defeito comum a quasi todos os escriptores moços do meu tempo, educados em plena francesia. Importava-me pouco com isso, tanto mais que os críticos de botequim, tão ignorantes como eu, ou filiados em escolas de prosa atormentada, e amantes, antes de tudo, das «novidades» vindas de França, me gabavam clamorosamente :

— Era uma «prosa de revolução»!

Outros escreviam :

— Com a breca, — tem nervo!

E ainda :

— São páginas de granito!

— Sim, (digo-o hoje, sorrindo de mim com be-

nevolência), sim, do «granito» das paredes das bouças montesas, no rústico da forma, no brusco do aparelho, eu que jamais fui além do apicoado grosso que deixa a pedra no grão do esgalho aspérrimo. Por penitência dos meus pecados literários aqui o confesso públicamente : Quão tósca ela me saía ! Era milho triturado com pisão em vez de moído entre mós ; era estôpa tojal erupta de borbotões de fio enmaçarocado, em vez da urdidura lisa e macia do linho fino.

— Que tinha carácter !, gritavam os meus admiradores.

Agora, rio-me !

Como se em arte valesse alguma coisa carácter sem formosura ! Como se a arte não exigisse uma «longa paciência». Como se houvesse beleza sem ordem ; beleza sem parcimónia. Como se Miguel Ângelo, nas suas obras poderosíssimas de carácter, não tratasse a fôrça com esbelteza, a potência com equilíbrio, o gigantesco com graça !

Extremista, quão distante de admitir que em tudo deve haver domínio próprio : — que a inteligência é tutora do talento ; que ao arrebatamento da Inspiração deve seguir-se a pausa da Reflexão. Vôo alto de asas poderosas, mas também vôo sereno de asas belas. Latino, ignorava as virtudes, claras como a luz, de ser preciso e nítido, sóbrio e elegante. Prosador, estava longe de admirar e amar a honradez da propriedade

dos termos, a honestidade do desenho das linhas, o equilíbrio da composição, e a polidez das maneiras na flexibilidade das frases. Longe de compreender que dentro destas regras estáveis, que são educação, disciplina, fidalguia, se pode escrever prosa moderna, de onda tímida ou corte anguloso, de braçada larga ou notação pontuada, consoante o ritmo exigido pela acção, — com vida e pureza, com energia e harmonia, sonora, luminosa, colorida, sem nela deixar de viver o espírito próprio da língua, embora a todo o momento se enriqueça com os vocábulos e as estruturas do verbo oral que, por vezes, é um Nilo esbordante, mas nunca deixa de ser um Nilo fecundo. A que distância eu estava do jeito hábil de caldear a livre inspiração pessoal nos moldes clássicos e puros, sem, desta arte, nada se perder do Passado e tudo se ganhar do Presente. Finalmente, que o engenho supremo do artista da prosa consiste em aparentar espontaneidade, de modo que deixe invisível o arranjo com que criou e sugestionou beleza e conseguiu efeitos musicais servindo-se daquele «petit carillon» de Renan — palavras-sinos, palavras-sinetas — sem se perceber como.

E a vida foi andando, fugindo, não vivendo eu em mim, mas fora de mim...

Mil vaivéns da fortuna. Altos e baixos. Corri

as sete partidas do mundo... da alma estoira-vêrgas! Gastei-me, queimei-me. Se prematuramente amanheci, prematuramente entardecí.

Mas no galopar dos anos para a Morte, por vezes o meu espírito, interrogativo e pávido, estacava ante o mistério do Além... ; e, no silêncio da Noite profunda que se fazia em volta de mim, ouvi vozes falarem-me da Eternidade.

.....

Fui vivendo e sofrendo. Meu coração ganhou juízo e tento meu pensamento tresvariado. As dores ensinaram-me, curaram-me. Regenei-me. Salvei-me. O artista disciplinou-se. O escritor aprendeu. O prosador apurou-se. Meus olhos voltaram-se para dentro de mim : o indiferente religioso que eu era chegou ao católico fervoroso que sou. Dia a dia me esforço por ser melhor. Cultivo as virtudes do domínio próprio : comigo, as da paciência e da resignação ; com os outros, ás da generosidade e do perdão.

¡ Ah, como eu me converti ! Não resisto a contá-lo, embora êste *Post* tenha de ficar maior que o *Scriptum*. Antes, porém, direi que, nas vésperas dessa luz suprema me entrar no coração, já na minha alma haviam acordado, do longo sono, as ideas religiosas da minha infância... Favorecido de Deus, começava a saber sofrer : nas próprias dores eu experimentava o tónico da minha

edificação. Vencendo ímpetos maus, ia-me, pouco a pouco, educando no mando de mim próprio. Mas para isso foi necessário que um daqueles corcéis de Platão, que formam o aparelho da alma humana, se refreasse no seu galope desabalado, para que o outro, o nobre e menos instintivo, pudesse trotar com temperança e esbelteza.

Foi ainda preciso que novas adversidades me esmagassem ; que eu visse a miséria humana (e dela me apiedasse) nas almas rancorosas, nas almas pérfidas ou ingratas ; que perdesse amigos com quem absolutamente contava ; que assistisse ao empalidecer, enrugar, avelhentar, afear-se de rostos formosos de mulheres, que tanto admirei, e que tamanha fragilidade me evidenciasse o precário de tudo que é terreno ; que cada vez fôsse mais largo o cemitério dos meus desenganos ; que a morte me levasse entes queridos e eu cada vez me sentisse mais só na vida dos affectos, mais isolado no mundo das ideas e dos sentimentos ; que os anos avançassem e eu lhes sentisse a carga ; — foi preciso tudo isto para quebrantar a energia poderosa com que nasci e que dispersei nas falsas cavalarias dos falsos desvairios dos que erram os caminhos da vida.

.....  
Um dia, atacado de doença grave — uma febre tifóide — pensaram na minha morte, e trouxeram-me um padre, um dominicano. Vi-o en-

trar firme e resolutivo no meu quarto sombrio, que cheirava a remédios e a febre, dirigir-se à janela, abrir portadas e vidraças, de par em par, por onde entrou o sol radiante de um dia de claridade alegre, em ondas de oxigénio vivo.

— Ar e luz! Aqui tropeça-se e abafa-se!, disse êle.

— Luz!, murmurei eu com a ânsia de Goethe no momento extremo.

O P.<sup>o</sup> Amaral, o notável conferencista, era um homem alto, moreno, de quarenta anos sadios, fisionomia aberta e comunicativa, passadas audazes e gestos largos e airosos. Braço erguido ao alto, a dar ordens, afigurou-se-me que trazia uma espada na mão! — tal o império dêsse gesto de comando. No rosto redondo, o cabelo preto, cortado à escovinha, dir-se-ia o de um soldado. A testa era sulcada de rugas movediças, horizontais e verticais — estas muito vincadas entre as sobrancelhas enérgicas. Na face cheia e bem modelada, plena de movimento, a expressão decidida e valorosa dos seus olhos negros era, num súbito câmbio, mansíssima e profundamente atraente. Estes olhos, ora firmes de energia, ora quebrados de doçura, só de me olharem, com perspicácia e afabilidade, todo me conquistaram.

Demorada e boamente conversámos. O semblante do P.<sup>o</sup> Amaral irradiava inteligência,

escorria benevolência. Eu, franzino e assustado ; êle, forte e sorridente. Falei-lhe das minhas dores morais, das minhas misérias, do estado contrito da minha consciência, das aspirações da minha alma religiosa, do alívio que eu sentia em lhe dizer os meus segredos. Falei muito, muito. E como êle me ouvia! : era a aquiescência aberta de uma alma generosa e ampla de misericórdia para com os pecados humanos!

No quarto arejado, o sol entrava claro e alegre. A brisa refrescava-me a alma.

E eu continuava a falar, nada querendo que ficasse por dizer.

Vendo-me fatigado, P.<sup>o</sup> Amaral interrompeu-me brandamente :

— Está a cansar-se, meu amigo, vamos, sossegue.

E como as suas palavras, seu gesto era carinhoso.

Levantou-se.

— Eu volto, disse, e partiu.

Na despedida, deixou atrás de si um rasto de confiança, de esperança e de caridade que me elevaram e dulcificaram o espírito.

Nessa mesma tarde, quando o P.<sup>o</sup> Amaral, pela segunda vez, entrou no meu quarto, logo iluminado pelo sorriso da sua bondade feita de inteligência e carícia, de novo voltámos ao assunto da manhã. Pronto, tudo derivou, des-

lizou, natural e boamente, para a humildade que nos penitencia, para a contrição que nos redime, para o sacramento que nos absolve. À palavra «confissão», pronunciada por êsse homem justo, por êsse padre sábio e esperto, entrevi a graça de uma espiritual solução salvadora, em que a minha alma oprinida se desafogava. «Confissão» soou-me como «remissão».

Enternecido, lembrei-me dos meus ingênuos tempos do «Colégio da Formiga» — das rezas do «mês de Maria», da minha primeira comunhão, em que o meu espírito cândido viveu em luz angelical; e estas suavíssimas recordações ainda melhor afeçoaram a minha alma ternamente disposta ao abraço místico do coração de Jesus.

Confessei-me, comunguei. ; Há quantos anos o não fazia! Tão bem me fêz essa prática, tão aliviada, tão consolada, tão fresca ficou a minha alma, tão claro e fluído o meu júbilo, que me vi, vestido de branco, a pisar, com pés nus e leves, uma relva benta como a dos jardins sobrenaturais dos painéis de Quintino Metsys, de Memling, onde, entre florinhas do campo, pascem anhos, voam alvas pombas na luz doirada, e se respira o perfume casto das açucenas.

.....

; Que o Senhor seja louvado!



## II

### “Roma portuguesa”

**L** EONARDO nascera em Braga e aí vivera, até os vinte anos, numa pequena casa da rua de São Marcos, composta de loja, que era a oficina do pai, e de sobrado onde, para a frente, havia a sala, e, para as traseiras, quartos e cozinha. Na fachada, entre duas janelas de guilhotina, aconchegadas ao farto beiral, cravava-se um nicho envidraçado e nêle um painel de Nossa Senhora com o menino Jesus ao colo, a que tôdas as noites se acendia uma lâmpada de azeite, — devoção antiga vinda de pais a filhos.

Seu pai era santeiro, como o fôra o avô e o haviam sido outros seus antepassados — imaginários de fama que fizeram alguns dos figurados das velhas capelas do Bom Jesus do Monte, e deixaram imagens pelos templos da devota Braga, convêntos e diversas ermidas caiadas, entre arvoredos, que sagram as colinas e, do alto dos cerros, são a bênção branca por sôbre os pinheirais, os soutos, os carvalhidos, as de-

vesas e as veigas dêsse Minho húmido, verde, florido, maneirinho e religioso.

O sr. João da Rocha — João «Santeiro» (assim lhe chamavam) — era um homem corpulento, de ombros largos, e peito em baú, muito barbado, aspeito grave, mas, na convivência, — um gaio, um reinadio! Pelava-se por ouvir um bom dito, soltar uma boa piada. Ao contar casos picarescos, a sua face ficava vermelha como malagueta, lustrosa de prazer, e os olhos, piscos, húmidos, muito marotos e garotos — riam, riam até às lágrimas alegres! ; E que estardalhaço de trejeitos e gestos! : fazia a festa e deitava os foguetes! As suas pilhérias andavam de bôca em bôca; e as alcunhas que êle punha a tôda a gente, e as bem talhadas carapuças que encafuava até às orelhas nas cabeças dos tipórios com quem embirrava — eram admiradas.

Espectador hílare das suas «comédias», esfregava as mãos com estrépito e rejubilava ao ver os peludos «darem casca», dizia.

Fôra muito rapaz, e até tarde... Não lhe aturou pouco a paciente companheira, que, coitadinha, enguliu em silêncio muitas lágrimas salgadas! Tirante esta pecha, o João «Santeiro» tinha créditos de homem religioso, de bem, e prestadio — até ali!

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, mãe de Leonardo,

era uma santa criatura, humílissima, de modestos cabelos lisos, risca ao meio, faces cetíneas em rosto macio e comprido, a maior simplicidade no trato e plena dulçura no olhar boníssimo. Sempre de lenço escuro em bioco nos bandós chatos, chale de castorina nos ombros escorridos, saia preta rodada e comprida até o bico das chinelas, — a sua costumada atitude era a das mãos postadas uma sôbre a outra no ventre sumido, a cabeça um pouco pendente que a levava a olhar, humilde, de baixo para cima.

Desde criança, vivera nas igrejas. ; Que gostinho uma missa cantada, um «*Laus perenne*», um lindo sermão!

Na adolescência, fizera-lhe a maior impressão esta frase ouvida uma noite, nos Terceiros, ao jesuíta missionário Rademáker, abaladamente eloqüente na sua linguagem chã :

— «Tôda a mãe deve criar os filhos para Deus.»

Cheia de inocência, casaram-na, novinha, aos dezanove anos.

Quando lhe nasceu o filho, pôs-lhe o nome do avô materno (guarda-soleiro, na rua de São Marcos) e lembrando-se da sentença do P.º Rademáker, ajuntou o apelido Deusdado («dado a Deus») — registo da oferta que ela, desde essa hora, fazia dêle, ao Senhor.

Cedo lhe ensinou a doutrina cristã, lhe falou

nos seus deveres para com Deus e para com os homens.

O menino foi crescendo ; e, desde o comêço, o grande sonho desta mãe piedosa era que o filho fôsse para padre.

Dizia ella ao Director da «Pia União das Filhas de Maria», nos Remédios :

—O meu maior gôsto, sr. P.<sup>o</sup> Luís Gomes, seria que, depois de eu o abençoar como mãe, elle me abençoasse como sacerdote.

—E na hora extrema se confessasse a seu filho, como fêz a mãe de São Francisco de Sales, —acrescentou, sorrindo com doçura, o bom sacerdote.

—Deus o ouça, sr. P.<sup>o</sup> Luís.

A infância passou-a Leonardo na officina do pai, entre prateleiras cheias de poeirentos modelos de gêsso, e imagens de Cristos, Nossas Senhoras, Corações de Jesus e de Maria, e diversos santos e santas, tudo para ali, a troche-moche, num soalho coberto de aparas de cedro, mogno e castanho, dos madeiros desbastados pelos machados, pelas enxós e pelas goivas do santeiro ; ou na casa do lado, entre paredes pintalgadas dos ensaios das broxas e dos pincéis do tio Pedro, encarnador das obras do irmão, que elle esmaltava de côres berrantes e espelhadas, como faianças vidradas !

Leonardo, desde muito pequeno, mostrou a maior queda para dispor presépios e enfeitar capelinhas, servindo-se para isso do que tinha à mão. Armados os tronos, enchia-os de carrinhos de linha vazios, com rôlo a fingir vela, e de castiçaizinhos de chumbo, comprados no «José Tem-Tudo» — um homúnculo de pouca e reles figura, sêco como palhas, agudo perfil semita de barbicha negra, mãos magras e rapaces, videirinho, sempre a mercar, sempre a feirar, que comprava *tudo* por nada, e, ganhando uma colher de ervas, *tudo* vendia, por dez réis de mel coado! A sua lojita de ferro-velho era uma «feira da ladra» — bazar poeirento de mil e uma coisas servidas, partidas, rôtas, estragadas, que não prestam para nada, que não valem nada, se atiram fora, mas que, num dado momento, se procuram, são precisas e fazem arranjo.

Esta mãe devota dava ao filho, às escondidas, patacos carimbados para êle mercar rôlo nos cirieiros da rua Nova de Sousa. O pequeno acendia, então, o trono da capelinha pintalgada com papéis de côres, e brilhante com papéis doirados e prateados. E a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, cruzando as mãos, inclinando ternamente a cabeça como as Virgens da Anunciação, nos painéis e retábulos medievais, parava-se, beatifica-

mente sorridente, a admirar a obra do filho, todo virado a coisas de devoção.

Logo de manhã cedo, lá ia ela ouvir a sua missinha aos Remédios, ou a Santa Cruz ; depois, seguida da criada Rosa (a «tia Pôncia») dirigia-se ao Campo dos Touros, a fazer as mercas para a panela : um ôlho de couve, uma mão de nabos, um molho de cenouras. Em certos dias, passava pelo açougue e pela «Alfândega», que era assim que se chamava à praça do peixe. Caseiríssima, gastava todo o santo dia na lide doméstica ; e arranjadíssima, o seu maior gôsto era ter farturinha de «limpezas». «Mulher arca», arrecadava tudo que podia para ter a sua casa cheia, como um ôvo, dos principais precisos. E nada lhe faltava ! As vizinhas diziam :

— A casa da «santeira» é um brinco !

Mas quando lhe gabavam os arranjos, ela objectava, modesta :

— São farrapos limpos...

È a respeito do soallo, sempre esfregado, a Rosa «Tendeira», comentava :

— Pode lamber-se !

Sem ser unhas de fome, poupava cinco réis. Privava-se de mil coisas, para poder ter seus trastes, suas louças, seus utensílios de cozinha.

— Numa dificuldade, não gosto de pedir nada a ninguém. Quero ter sempre em casa o meu remedeio.

E tinha. A cómoda de vinhático estava abarrotada de roupa branca (lençóis, travesseiros, travesseirinhas, colchas e toalhas) «em que se não bole».

— São para uma doença, dizia.

Bem dobradas, cheiravam a alfazema.

À parte, também, um cobertor de damasco e uma coberta de faile, para as procissões; a toallia de altar para estender na mesa em que se põe o folar ao abade, no dia do «Compasso», ou quando o Senhor vem a casa. O bragal do cotio, êsse, estava em baús de coiro com pregaria amarela. Várias louças: entre elas, a travessa e o grande sopeiro para as rabanadas e os formigos do Natal.

É claro, não lhe faltava a clássica bacia de arame para a marmelada ou para o arroz doce dos dias de festa. E várias frigideiras e tachinhos, porque o sr. João «Santeiro» gostava de petiscos e bons bocados.

Severíssima consigo própria, tão escrupulosa era nos seus deveres de honestidade real e aparente («sê-lo e parecê-lo»); tamanho cuidado tinha em não dar que falar ao povo, que, numa prolongada ausência do marido, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores guardou no fundo da arca o seu saiote de baeta vermelha com fitas de veludo preto, na gavetinha do toucador o cordão de oiro, e, à bôca da noite, ao acender dos lampiões, fechava

as portadas das janelas, pois (entendia ela) poderia parecer mal que, estando o seu homem fora, a vissem ataviada e oirada ou a taramelar paleios com vizinhas palreiras.

Deitava-se com as galinhas, logo depois da ceia ; antes, porém, rezava com o filho e com a velha criada Rosa a coroa de Nossa Senhora, e a Ladainha, terminando estas arrastadas preces com encomendações várias pelos parentes que «Deus tem».

No inverno chuvoso, na cidade, húmida e triste, estagnava-se o silêncio denso das noites enormes. Horas mortas, no deserto da rua de São Marcos, passava, gutural, esfarrapada, a voz do pregoeiro de «A Palavra», o jornal católico do Pôrto, chegado a Braga pelo combóio da noite. Logo a voz causada se dissolvia, se sumia ao longe... E a rua nocturna continuava em silêncio sob a chuvinha mortiça. Mas se o tempo estava de Viana, ouviam-se as cornetas e os rufos das caixas do 8, no campo da Vinha, a tocar a recolher — sons que o ar agitado esgarçava, como vento áspero nas ramarias.

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores metia-se na cama e logo pegava no sono.

O sr. João «Santeiro», êsse, ia passar um bocado da noite à botica do Hospital, onde, lá no fundo, havia, todo o inverno, acirrada sueca,



a «Padre-Nossos». Eram quatro parceiros e outros tantos «mirones». Revezavam-se, quando dois emparceirados apanhavam capote ou rôlha.

Abancavam sempre bem humorados, sorridentes, amigos :

— Ora vamos lá, vamos lá à nossa bisquinha!, —e, com ruído, esfregavam as mãos satisfeitas. Mas daí a pouco, rompiam as pequenas arrelias ; depois, as biscas indirectas ; por fim, as baldas certas, proferidas com sorriso feleado pelos parceiros insofridos que apanhavam capotes ou rôlhas. Os ânimos iam-se azedando cada vez mais. Já troavam as descomposturas bravas, iracundas («arre! arre!») dizendo-se uns aos outros palavrões destemperados, grosseiríssimos :

—Cavalgadura! Porque não puxou copas? Pronto! Assobie-lhe às botas!

Ou :

—Mas para que queria você os trunfos que tinha na mão? Tirasse-lhe os dentes! É boa! Agora, ensope-os com batatas!

Ou ainda :

—Êsse valete de espadas era uma carta preciosa. Pusesse-a na mesa, com trezentos milhões de diabos! Grandíssima bêsta!

Facês congestionadas, olhos em fúria, dentes cerrados, encaravam-se como felinos raivosos e

despediam murros na mesa coberta com um velho chale-manta.

— Que tal está o da rabeca!

E logo o outro, num repente brusco :

— Sabe que mais?, — e ripostava em linguagem desbocada.

Cruzavam-se outras frases desabridas. Punhos à cara, cuspiam-se ameaças rancorosas. Caía o céu e a terra!

Por fim, embrulhados convulsamente nos seus chales-mantas ou embuçados nas suas capas à espanhola, abalavam, porta fora, malcriações, resmungões, sem se despedir. E assim ficavam casmurros, insuportáveis, até à noite seguinte, em que, bem humorados, sorridentes e amigos, a esfregar as mãos («vamos a isto, vamos a isto») recomeçavam a querida sueca.

Desta arte, tais maduros enchiam as suas noites braguesas, inocentemente e... malcriadamente!

\*

\*       \*

A Braga dêsse tempo estava ainda bastante impregnada do espírito beato que a crismara (pelos que nunca tinham visto a «cidade eterna») «Roma portuguesa», a sobrepujar as demais piedosas cidades do reino. Os conventos dos Remédios, da Conceição, das Teresinhas, da Pe-

nha, da Tamanca, conservavam as últimas freiras professoras ; e os recolhimentos das Convertidas, da Caridade, das Beatas de Santo António, albergavam senhoras pobres e envergonhadas, que escondiam a sua miséria na sombra das celas de soalho e tetos esburacados, dêsses casarões a caírem de podres, onde, de noite, esvoaçavam morcegos.

Cá fora, também havia sombra no aspecto da cidade bisonha, com suas portas, arcos e postigos, seus rossios constrangidos, suas ruas estreitas, seus becos tortos e esganados. Ao lado de alguns velhos solares de nobre architectura seiscentista — os dos Falcões, Cunha-Reis, Enfias, Madre de Deus, Hortas, Lopo do Tanque — a maior parte das casas tinha a fisionomia reservada das janelas de guilhotina, baixas, com vidros aos quadrinhos, dependuradas, em cima, dos beirais muito salientes, que lhes serviam de bioco ; — e ainda o aspeito conventual de algumas casas de rótulas, coscovilheiras, por detrás das quais se cocavam vidas alheias. Nos transeúntes predominavam os trajes escuros dos cheviotes nacionais comprados nos mercadores da rua do Souto, as manchas negras das batinas dos muitos padres, as capas à espanhola e os já raros capotes de três cabeções, de pano pilôto, azul. O traço feminino era, em geral, provinciano ; e via-se, numa ou noutra velha parteira, a arcaica

mantilha parda do lapim coçado, — restos de antiga usança.

Os muitos sinos, sinetas e garridas das muitas tórres, tocavam diàriamente espaçadas Avè-Marias, Meios-Dias, Trindades ; dobravam a defuntos, picavam às missas, repicavam às festas, chamavam ao côro. Além disto, alguns, de tarde, badalavam às Chagas, outros, de noite, às Almas, e, em certas ocasiões, espaçadamente, pungentemente, — à Agonia. Em dia de Finados, então, havia momentos em que os sinos de tôdas as tórres de Braga dobravam todos juntos, num bimbalar de temporal desfeito e fúnebre ! Algumas famílias fugiam para a «aldeia», que era assim que chamavam às suas casas de campo, nos subúrbios da cidade.

À noite, nas ruas desertas, a iluminação a gás era frouxa e triste.

Não havia muito que desaparecera a curiosa prática de, noite fechada, na rua do Souto, se rezarem as contas, de casa para casa. As senhoras e as criadas, com seus mantéus pela cabeça, acocoravam-se nas soleiras das varandas ou nos poiais das janelas de peitos, e daí bichanavam os seus meios Padre-Nossos e as suas meias Avè-Marias, lançadas, na noite densa de negrume, de cá para lá aos vizinhos fronteiros e laterais, que de lá para cá respondiam com os outros meios Padre-Nossos e as outras meias

Avè-Marias. E era um murmúrio soturno na rua escusa, tal, em noite negra e silenciosa, o sussurro do vento nas copas das árvores.

Aos sábados, à noite, saía, do Oratório da Senhora da Tôrre, um encapotado grupo de devotos atrás de decrepitas lanternas de luz mortíça, que alumiaavam uma bandeira quadrada de tela ennegrecida. Uma campainha rouca chocalhava, de onde a onde. E a mancha encarvoada dos espectrais devotos lá ia rezando, em tom lamuriento, pelo bairro sombrio e pecador das Travessas, a viçosa e alva ladainha à Imaculada Nossa Senhora.

Havia padres símplices, como o velhinho e sumidinho capelão da Lapa, de garnacha e tricórnio, acurvado e firmado no seu bordão, que piedosa e humildemente se inclinava e descobria diante de cada candeeiro da iluminação pública, por neles haver, no brasão da cidade, que o município bracarense aí mandara fundir, a imagem da Virgem venerada.

A desoras, caíam, de algumas tôrres, magoadas, espaçadas badaladas, a tocar «às almas», e todos se punham a rezar pelos que «Deus levou». Além disto, em noites de treva espêssa, quando a chuva é grossa e o vento uiva — «noite de ladrões», diziam — beatas havia que trepavam à figueira do quintal (árvore dos fados...) para de lá, com voz lúgubre, arrasta-

da, longínqua, lançar o agoirento pregão de «deitar as almas», para que quem ouvisse tal vozzeiro de rôgo e lástima, se lembrasse das «bem-ditas almas» que penavam nas chamas do Purgatório.

Em domingo de Passos, as «Vias-Sacras» principiavam à meia-noite: grupos negros de indivíduos, homens encapotados e mulheres com seus mantéus pela cabeça, atravessavam, em marche-marche, ruas e ruelas, transfiguradas na «Via da Amargura», para a visita às «Estações»; e diante dêsses «Passos» rezavam com vozes tão lacrimosas, tão lamentosas, tão despedaçadas, em gritos de alma («¡ Senhor Deus, misericórdia!») como se a essa hora a cidade estivesse assolada de Peste-Negra, a mortandade fôsse devastadora, montões de cadáveres insepultos fedessem e matilhas de cães, a farejar podridão, uivassem sinistramente!

A procissão dessa tarde levava na frente alto guião, de grande varejo, arvorado por farri-cocos descalços, vestidos de túnicas roxas cingidas às cintas com cordas de esparto, de que também era feita a coroa das cabeças cobertas com capuzes penitenciários em que os dois buracos, no sítio dos olhos, semelhavam enormes órbitas de pavorosas caveiras. Logo, a máquina negra do «ruge-ruge» tramelava a sua

impertinente cega-rega, a chamar à desobriga os pecadores retardatários ; e a comprida sacabuxa de cobre luzente, que simbolizava a trombeta do Juízo Final no vale de Josafá, estendia pelas ruas o seu som estriduloso e langoroso...

O estandarte, pesadíssimo, era empunhado por farricocos escolhidos entre valentes que, como os do guião dianteiro, tinham de fazer com êle o difícil arranco da «enfiada» (varas em riste nas mãos possantes, músculos emmaçarocados nas pernas retêsas, e pés atrás, fincados, nus, nas pedras das calçadas) sob os arcos do Postigo e da Porta de São João do Souto. Aos lados, longas e silenciosas filas de irmãos de Santa-Cruz, com as suas opas violáceas ; e, pelo meio da rua, penitentes vestidos de alvas, na mão esquerda um crucifixo erguido à altura da cabeça e na direita disciplinas nodosas com que açoitavam os ombros e as costas nuas e maceradas. Outros carregavam com ferros pesadíssimos, e havia ainda os que traziam presas dos tornozelos as gargalheiras e as correntes dos forçados, arrastadas, com estridor, por sôbre as lajes das ruas.

Debaixo do andor do Senhor dos Passos, mulheres penitentes, de joelhos ; ao lado do pátio, de damasco roxo agalado e estrelado de oiro, caminhavam irmãos com pesadas lanter-

nas de prata ; e, atrás, a banda do 8 ia tocando uma marcha fúnebre. Fazia guarda de honra uma fôrça de capitão. Nas tôrres, os sinos dobravam plangentes, de onde a onde...

E na memória de todos estava viva a «Proissão dos Fogaréus», nocturna e triste como um entêrro, precedida do temeroso bando de arruaceiros vingativos que, embuçados em capas e chales-mantas, e ocultos no negrume da noite, jogavam às faces, lívidas de mêdo, das pessoas que das janelas assistiam, delações infames, insinuações caluniosas, cobardes e impunes, que anavalhavam as almas pávidas.

E o pequeno Leonardo, vivendo nestas trevas, respirava o ar denso de tão sombrio beatério, impregnando a sua alma simples *dêste* insano catolicismo estreito e bisonho, acanhado e embiocado, que empana a intelligência, atemoriza o ânimo e entorpece a vontade.

\*

\*      \*

Por não ter irmãos, Leonardo era o «ai-Jesus» da amorosa mãe que, de manhã à noite, da noite à manhã, vivia para êle, velando-o, estremecendo-o, amimalhando-o. Também Leonardo a adorava. A sua mãizinha!



A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, devotíssima, cedo levou o filho à confissão e à comunhão.

Por promessa aos Terceiros, «deu-o de anjo» na procissão da Senhora do Carmo. O Silva Braga, armador, seu vizinho, vestiu-o de frade franciscano, de estamena, capuz, cordão ennodado e sandálias. Na cabeça, uma cabeleira com a tonsura calva de Santo Antoninho, que ia de orelha a orelha, da testa à nuca.

Ainda de calças curtas, e mal podendo com o missal, já Leonardo ajudava à missa nas igrejas de Santa Cruz, do Hospital ou dos Remédios, ali próximo da rua de São Marcos.

Nessa mesma rua morava o Manuel «Picheleiro» — o «Manuel dos Cristos», como também era conhecido. Já o pequeno Leonardo, precoce observador, parava diante da vidraça de tabuleiro do humilde imaginário, se demorava a ver, por detrás dela, o bom homem, magro e amarelo como um asceta, barbicha rala e branca, óculos de grossos aros de metal, postos na ponta do nariz afilado, mãos translúcidas e beatificadas, a burilarem e pulirem os seus Cristos de ouro, de prata, de latão, sempre os mesemos (e sempre diferentes...) fundidos por êle nos três tipos de moldes: para cabeceira, para peito, para rosário.

E estas imagens suaves de lindos Cristos na

Cruz gravaram-se para sempre no cérebro do pequenito Leonardo Deusdado.

Também a sua memória conservou pela vida fora a impressão meiga da primeira visita ao Bom Jesus do Monte, teria êle uns nove ou dez anos. Desde o Pórtico com as suas empedradas rampas aos ziguezagues ; as capelinhas brancas e baixas, de cúpulas de pedra, entre altas carvalheiras ; as faces patibulares dos malvados judeus de dentuças caninas, barbas de chibo, olhos feros e carrancudas cenhas ; o riso escarninho daquele garotito com a cesta dos pregos ; as fontes dos «Sentidos», em que as caras deitavam água pela bôca, pelo nariz, pelos ouvidos, água que, depois, por tôda a parte corria e cantava, em regueiros pelo chão, entre ervagens, ou se despenhava, como meadas de prata irisada, do alto dos rochedos de limos verdes esmaltados ; — desde o Pórtico até o Templo, tudo foram imagens, sagradas e luminosas, que jâmais lhe saíram do fundo das pupilas. Ia subindo o escadório das Virtudes e notando as muitas estátuas que o adornavam.

No alto, o relógio da tôrre batia, em dois sinos diferentes, os seus religiosos quartos, com um timbre de prata, claro e fresco, que, penetrando-o, êle guardou nos ouvidos pela vida fora.

O pai entrava no templo pela porta da esquerda e logo ia rezar à primitiva imagem do Bom Jesus do Monte, de olhar angustiado e bom. Quando se levantava, o sr. João «Santeiro» dizia em voz baixa para o filho :

— Neste mesmo degrau costumava ajoelhar teu avô, que Deus haja!

Ficava silencioso, saüdoso. Em seguida, mostrava-lhe devotamente os «Milagres» que cobriam as paredes ; e na sacristia, diante dos retratos dos bemfeitores, apontava para um, para outro :

— Conheci-o muito bem ! Falávamos. Lá estão todos na terra da verdade!

Ficava-se meditabundo. Depois, fazendo com o braço um gesto circular, a abranger as paredes cobertas de retratos de pessoas mortas, dizia consternado :

— Um cemitério!

No oratório do grande Cristo de marfim («de uma só peça, tirante os braços», explicava o sacristão) o pai chamava a atenção do filho para uns sobrescritos amarelentos, com velhas estampilhas de D. Pedro V, que estavam junto da peanha da cruz de pau santo, com embutidos de marfim.

— ¿ Sabes de quem são estas cartas?

O pequeno firmava os olhos ; e, por fim, abanava a cabeça, a dizer que não sabia.

— São cartas que, do alto-mar, os emigrantes escrevem a êste «Senhor dos Viajantes».

E os olhitos inocentes de Leonardo, cravados nesses papéis cheios de fé, embebiam-se de sobrenatural e inconscientemente recolhiam em si o mistério das coisas...

E nunca lhe saíu dos ouvidos esta frase do pai, dita lá em cima, no Largo dos Evangelistas, diante da capela da Ascensão, de cúpula muito aguda, e telhas vidradas, postas a pique :

— Isto foi feito pelos nossos avós. Tratavam tudo com largueza. Olha-me essas feições, êsses cabelos, essas barbas, êsses mantos ao vento.

Leonardo, com a cara muito colada à grade da capela, devotamente desbarretado, mirava, com olhos curiosos e beatos, a grandeza da cena bíblica que figurava o deslumbramento de algumas santas mulheres do Evangelho e dos Apóstolos ante o triunfo esplendente da Ascensão. Suspenso no ar, pôsto num feixe de raios de ouro e nêle esparsas, como rosas, coloridas cabezinhas aladas de risonhos querubins, Jesus, desnudo, apenas envolto num manto vermelho que a aragem agitava — subia gloriosamente aos céus. Para mostrar a intensidade da luz sobrenatural, que nesse momento devera resplandecer no cabeça do monte das Oliveiras, o santeiro figurara os Apóstolos com as mãos em pala e

os mantos em tóldo para que seus olhos mortais se pudessem voltar para o irradiante clarão e suas pupilas mesquinhas conseguissem encarar na celestial beleza do divino corpo de Jesus vitorioso.

Com os olhos ainda cheios do milagroso passo bíblico, o pai levava-o dali atrás dessa capela para ver o panorama, ao mesmo tempo ameno e áspero ; e, por ser curto, — a contrastar no do poente, que era grandioso, formado pelo extensíssimo vale do Cávado, feito de milhares de talhões de mesclada verdura (esmeralda, glauco, verdete, azebre) balizados de carvalhos e cerejeiras, a que se arrimam as cepas de enforcado, e de salgueiros e choupos que bebem nas levadas e regueiros destas terras húmidas. No meio dos prados, estirava-se, com pernadas de aranhão, a velha cidade de Braga, de casario de caliça suja, telhados tanados, clarabóias brilhantes como cristais, e tôda ela erupta das muitas tôres das suas muitas igrejas. Na várzea, fitas de estradas ; por sôbre os oiteiros, como sombra de nuvens negras, manchas de pinhais, de soutos e carvalhidos ; e para além, terras altas, no encôsto de montes e montes. Por entre verduras, salpicos claros de casas, de mosteiros, de capelas. Nas cumiadas, o pingo branco das ermidas votivas ; os horizontes eram feitos de serranias sobrepostas de diversos azuis diluídos. Na ex-

trema esquerda, para as bandas da Póvoa de Varzim e Vila do Conde, brilhava a placa do mar; e todo o panorama fôra pintado na abóbada infinita de um céu de nácar.

Aqui, pelo contrário, o valezinho de Este era aconchegado, quieto, humilde; mas pela direita dava-lhe carácter austero a abrupta e pedregulhenta encosta, esverdinhada de tojais, a trepar a fêsto o penhascoso monte de Espinho, com enormes penedos violáceos, soltos, semelhantes a dólmenes ou a ruínas de cidadela antiga. Em baixo, a igreja branca e os casais de São Pedro; depois, socalcos de terras de pão, ramadas e vinhas de enforcado que trepam e se abraçam nos choupos e nos carvalhos das beiradas dos campos; além, manchas densas de pinhais e de soutos; pelo meio, a fita branca da estrada de Lauhoso, no pendor de montes que dão para o vale de Amares e Bico; e lá muito ao longe, pela direita, recortada no céu de rosa clara, a tinta azulina e leve da serra do Gerez, com as agulhas cónicas do Cabril — unhas ciclópicas.

— Na baixa daqueles cocurutos, acolá, vês?, são as Caldas. Já lá fui com tua mãe. Esteve tão malzinha!..., — esteve à morte! Salvou-a o Bom Jesus do Monte.

Na alma infantil e doce de Leonardo entravam tôdas estas coisas poderosas e piedosas, e nela

se fixavam as imagens da Religião, da Natureza, do Silêncio, da Ternura, e as das coisas santas do amor à Família, que enterneciam seu coração nato carinhoso.

\*

\*      \*

Leonardo aprendeu o A B C numa «mestra» da rua das Águas ; depois estudou instrução-primária no Colégio do Espírito-Santo, na «Casa das Hortas». Impressionado pela propaganda dos padres da Congregação, a sua alma devota tornou-se ainda mais devota e pendeu para o misticismo, a ponto de desejar ser missionário e mártir :

— Quero prègar aos selvagens e morrer no sertão, por Cristo, dizia o rapazinho.

A mãe, silenciosa, olhos cerrados, na linha da bôca o fio de um sorriso feliz, exultava ìntimamente. Depois, volvia ao céu o olhar agradecido.

O pai prognosticava risonho :

— Isso passa-te !

E logo a mãe, comovida, objectava :

— Se tiver vocação... ; se Deus o escolher para si...

O sr. João «Santeiro» encolhia os ombros :

— Sabe lá o rapaz o que quere !

Humilde, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores calava-se.

Feito o primeiro exame, e chegadas as ante-vésperas das matrículas, a mãe lembrou o Seminário. O pai emendou :

— Primeiro, vai para o liceu ; depois, veremos.

Por alturas do 2.º ano, o dr. Lopes Cardoso, professor de desenho, disse uma vez ao pai de Leonardo, à saída da missa das onze, na Misericórdia :

— O seu rapaz tem grande jeiteira para o desenho. Aproveite-o.

— Vejo isso : restos de carvão e de papel que apanha na loja, é logo para garatujar. Derrete chumbo para moldes. E a mãe diz que o fedelho faz cabeças com betume e já modelou um Santo Antoninho de barro.

— Quem sai aos seus, não degenera..., re-matou, despedindo-se, o amável professor.

Então, o pai, para não perder tempo, pô-lo no Silva Braga, o «Braguinha do Papel», que dava lições de desenho a canteiros e estucadores, à noite, no seu cubículo de gravador, pegado às oficinas de litografia, estampanaria e fotografia, adjuntas à sua loja de papel (de onde lhe vinha a alcunha) no Campo de Santana. Ensinava-lhes perspectiva rigorosa e cavaleira ; mandava-os copiar em papel pardo, a dois craiões, negro e branco, figuras estampadas ;



e, a claro e escuro, com esfuminho, tulipas de gêsso.

Leonardo aprendia depressa e bem.

O Braguinha, ufano, dizia na Arcada :

— Tenho lá um rapaz que vai longe!

Em Biscaínhos, onde ia dar lições de desenho a uma filha do Conde de Bretiandos, gabava-o também :

— O filho do João «Santeiro» saíu-me um pimpão! Está ali a massa de um artista de mão cheia. Sim, senhor!

A fidalga quis conhecê-lo.

— Traga-mo cá.

Um domingo, o mestre levou-lho. A Senhora D. Teresa fêz-lhe muita festa, e disse-lhe doces palavras com a sua linda voz cantante :

— Que belos olhos êle tem!

O velho Conde, perguntou-lhe sorridente :

— Então, que queres ser, meu rapaz?

Acanhado, o estudantinho respondeu :

— Santeiro, como meu pai.

— Upa, upa!, sentenciou o nobre senhor de Bretiandos.

O Braguinha entendeu-o :

— Sim, sr. Conde, merece tôda a protecção.

Deram-lhe ladrilhos de marmelada e forminhas de São Vicente.

Leonardo ficou boquiaberto ante os ricos salões do belo solar, e encantado com o trato das

senhoras. Nunca tinha visto mulheres assim. Nessa hora, o seu ideal feminino moldou-se nessas figuras aristocráticas.

\*

\* \*

Em dois anos, fêz tantos e tais progressos, que já o melífluu Braguinha, sempre de sorridentes olhos piscos, a mão direita no seu gesto predilecto de apartar no mento a barba preta, «à Cristo», aconselhava ao sr. João «Santeiro» :  
— Precisamos de mandar o rapaz para o Pôrto, para as Belas-Artes, como fêz o Carvalho, do Bom Jesus, ao filho.

O pai concordou, pois êle mesmo se admirara da cópia de um «Coração de Jesus», de palmo e têrça, feita pelo pequeno apenas com duas lições de quadrícula e de golpes de desbaste, que lhe dera.

A pobre mãe, ouvida sôbre o caso, sobressaltou-se : sentiu os perigos da hora da adolescência, em que ela precisava de estar junto do filho. Por isso objectou :

— Que necessidade tem êle de ir para tão longe ?

O pacato Pôrto, apenas a dez léguas de distância, afigurava-se-lhe terra longínqua e de perdição.

— ¿ Que necessidade tem? ; Essa não é má! Para aprender com os mestres, respondeu um tanto ou quanto agastado o brusco marido, que não era para pieguices.

— Então os Vieiras, da rua da Ponte, não chegam?

— Qual, carapuça!

E ela a moer na sua :

— Tão longe... Fora de casa...

— Tolices! É preciso fazer dêle um homem, disse com energia o sr. João «Santeiro».

— Tirá-lo das saias, colaborava o Manuel, «Sineiro» de Santa Cruz, um homem muito alto, magro, nariz de cavalete, que tinha no pescoço esgrouviado o «pomo de Adão» tão saliente e em bico de proa, que, diziam, parecia «haver engulido um marmelo cru»! Era mestre no bimbalar sinos : tocava com grande pompa o «A Patriarcal» ; e, no verão, em certas tardinhas cálidas, gostava de debicar, em meios tons, a brêjeira «Maria Cachucha».

Às voltas com os seus santos, ouvia-o o João «Santeiro», na sua oficina ; e, ao mesmo tempo que goivava uma nova imagem do Coração de Maria, punha-se a trautear, em voz baixa, olhos patuscos :

*Maria Cachucha*  
*com quem dormes tu?*

.....

Passaram-se semanas. A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, que era ignorante, mas esperta, caiu em si e dizia agora, transigente, embora pesada :

— Sim, é preciso que o Leonardo se faça gente para um dia se habilitar a grandezas como a estátua do Longuinhos, no Bom Jesus do Monte.

Entretanto, a ideia de ter o filho longe trazia-a inquieta. Com os seus botões, matutava :

— Êsse Pôrto!... Êsse Pôrto!...

No dia em que Leonardo partiu, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores levou-o consigo, de manhã cedo, à igreja dos Remédios, para êle se confessar e comungar. Nos degraus do altar, pôs-lhe ao pescoço a «medalhinha» milagrosa de Nossa Senhora das Graças, e obrigou-o a prometer-lhe, ali diante da Virgem Santíssima, que nunca a tiraria.

— Nunca, minha mãe, afirmou Leonardo, comovido.

A seguir, fêz-lhe várias recomendações :

— Olha, meu querido filho, cumpre sempre com os teus deveres religiosos. Nunca deixes de ir à missa aos domingos e festas de guarda. Desvia-te das más companhias, que te podem perder. Aplica-te nos teus estudos, e nunca te esqueças de teus pais que tantos sacrifícios fa-

zem por ti ; — e nisto nos darás a maior consolação.

E o Leonardo lá abalou para o Pôrto.

O pai acompanhou-o e recomendou-o aos seus amigos : o Molarinho gravador e o cónego Alves Mendes, que lhe arranjam um quarto modesto, na Praça da Alegria, na casa de hóspedes de uma brasileira decaída de meios.

Nas Belas-Artes, foram seus professores o Marques de Oliveira, o João Correia, o Soares dos Reis, que lhe ensinaram a desenhar e a modelar, à vista dos gessos e, depois, do natural.

Porque tinha olhos agudos e mãos habilidossíssimas, que tudo realizavam com presteza e acêrto, os seus progressos foram extraordinários em desenho e escultura.

O atencioso Marques de Oliveira dizia, na sua meia voz delicada :

— Os olhos são excelentes, mas as mãos ainda são melhores.

Por seu lado, mestre Soares dos Reis ratificava, grave :

— Nasceu com o fogo sagrado...

E para si, murmurava êste génio melancólico :

— Fogo em que a gente se queima...

Muito metido consigo, vivia entre o seu «quartel» e a Escola. Os condiscípulos puxavam por êle, para brincadeiras, para pandegazi-

nhas baratas, para mulhério... ; mas nada conseguiam. Tinha acanhamento, tinha escrúpulos! Êles faziam-lhe partidas, chamavam-lhe «urso», «frade» e... «frigideira», por ser de Braga.

Por fim, dois dos seus condiscípulos, com quem mais se dava, tanto o atazanaram, tanto puxaram por êle, que passou a ser, senão estroina e estúrdio como alguns dos seus camaradas, pelo menos, uma vez ou outra, freqüentador de botequins nocturnos e de restaurantes exquisitos onde, à laia de Braga, faziam tainas de ovos com presunto, marmelada ou queijo flamengo ; e, depois, de ranchada, andavam, desoras, por casas de má nota, onde essa alma pura queimou suas asas cândidas. Por milagre (tinha alguma santa a pedir por êle!) é que não se perdeu.

Numas férias, o faro são da mãe honestíssima tudo percebeu, tudo advinhou. Ao seu virtuoso olfato, o filho rescendia a pecado... Ela sentiu em si o enxovalho dos vícios carnis do filho. Uma vizinha amiga com quem, lacrimosa, desabafou as suas mágoas, consolava-a com as triviais palavras de sempre :

— Que quiere, sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, são rapazes, são rapazes... Mocidade!

E, sorrindo maliciosa :

— Todos os mesmos brèjeirotos...

Se alguém, então, tivesse feito iguais confidências ao pai, êste, lembrando-se, saüdososo, da sua mocidade brincalhona, diria :

— Gozar, é enquanto se é novo.

E diante de um caso mais bicudo faria vista grossa, ou encolhendo os ombros, indulgente :

— É o tributo à asneira, que todos pagam. Não há fugir-lhe !

Mas a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, que não se satisfazia com os considerandos da vizinha, não lia pela mesma cartilha do sr. João «Santeiro», e de modo nenhum aceitaria as palavras passa-culpás do transigente marido (se esses juízos ouvisse), lamentava-se profunda e vexadamente. Ela queria crer, por todos lho dizerem, que, infelizmente, essa era a regra geral; mas, em seu obcecado apêgo de mãe perfeita, pretendia que o seu filho fôsse a excepção a tal regra, — que êle fôsse diferente de todos os outros. E uma tarde não se teve que não lhe dissesse, entre repreensiva e chorosa :

Êsse Pôrto estraga-te, meu filho! Bem mo dizia o coração!...

— Que idea!, respondeu Leonardo, aproximando a sua cara da da mãe, para nela encobrir o rubor; e fazendo-lhe festas nos cabelos e nas faces pálidas, repetia :

— Mas que idea, minha mãe!

— Olha, meu filho, sê sempre temente a

Deus. Vai às igrejas, confessa-te e comunga a miúdo, e nunca te deites sem fazer o teu Sinal-da-Cruz, nem adormeças sem rezar a Nossa Senhora.

— Sim, mãezinha!

E, enternecido, beijava-lhe as mãos sêcas e brancas.

Ela aconchegava-o ao peito, erguia os olhos, e, em murmúrio, punha-se a rezar ao Bom Jesus do Monte para que lhe defendesse o filho, j como o Anjo da Guarda defende as criancinhas!



**Paris**

**T**ERMINADO com distinção o seu curso na Escola de Belas-Artes, do Pôrto, o escultor seguiu para Paris e isto não custou pouco ao preocupado coração da extremosa mãe:

— Paris! Paris!, matutava ela.

Se o Pôrto se lhe afigurava terra de perdição como não appareceria à sua mente essa aventura de Paris, de mais a mais, lá longe, lá nos quintos?!

E se a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores soubesse história, havia de entender o sofrimento de outra mãe, Mónica, quando, da sua aldeia de Tagasto, teve de deixar partir para a cosmopolita Cartago o seu doente e querido filho Agostinho.

No «concours de place», para admissão à Escola de Belas-Artes, de Paris, o moço Leonardo assustou-se, acobardou-se, chorou.

— «Mon Dieu!, mais vous pleurez? Qu'est-ce qu'il y a donc?» — perguntou-lhe, surpreendido,

o pintor Dalbietz, velho amigo de Teixeira Lopes, pai, a quem elle fôra recomendado, e o guiaria nos seus negócios escolares.

Leonardo, num péssimo francês, explicou-lhe, como pôde, que achava as provas extensíssimas e difficílimas, e que, por isso, desistia do concurso.

— «Comment !, vous, si habile à copier, à dessiner?»

Leonardo não conseguira fazer-se entender: não eram essas provas, de escultura e desenho, aquelas de que elle se arreceava, mas sim as outras, as tremendas provas de história universal, de anatomia, dissertações escritas, exames orais. Tudo isto se lhe afigurava um fabuloso bicho de sete cabeças, um monstro lendário com o qual não saberia nem poderia lutar. Profundamente ignorante em humanidades, absolutamente em branco em assuntos literários, era fatal (pensava elle) que ficaria derrotado, se se atrevesse a afrontar semelhantes provas.

Mr. Dalbietz sorriu do atarantamento do tímido estudante, e, animando-o, disse que as coisas não eram tão feias como se lhe pintavam:— «Allons, donc», e logo o instruiu no que de prático havia a fazer.

O filho do sr. João «Santeiro» dobrou-se, durante dois meses, dia e noite, sôbre um resumo de «História Universal», de Duruy,

e estudou por atacado essa longa matéria que é a história antiga, moderna, e contemporânea, a qual, a princípio, lhe parecera impenetrável e misteriosa selva, onde jamais a sua inteligência entraria, vastidão de factos que jamais a sua memória reteria. Para as outras matérias (anatomia e geografia) ouviu as lições de um destro explicador que o preparou sucintamente, passando o estudantinho pelos assuntos como cão por vinha vindimada — tudo aflorando pela rama. E as matérias ficaram tão pegadas com cuspo, que, passado um ano, quasi tudo se lhe varreu da memória, como se nunca lá tivesse estado!

Meses depois, foi aos actos; e, dando uma no cravo outra na ferradura, amparado, espècado, saíu-se destas provas «tant bien que mal», diziam lá; mas, como, por outro lado, fêz um óptimo barro (a «Vénus de Arles», reduzida a oitenta centímetros) e um admirável desenho (cópia do «Discóbolo») e lhe saíu excelente a prova de architectura (um bem estilizado nicho Luís XV), — Leonardo obteve o máximo dos valores (20) e ficou classificado em primeiro lugar. Podia, portanto, frequentar a Escola, até os 30 anos, sem ter de repetir o concurso. E êste foi, no estrangeiro, o seu primeiro triunfo, para êle tão imprevisto e impressionante, que de novo chorou, mas, desta vez, de alegria!

E o bom velho Dalbietz, que também se comoveu até às lágrimas, ao abraçá-lo de encontro ao coração, dizia-lhe :

— «Vous me faites heureux ! Allons, vite, une dépêche à vos parents».

Em Braga, o pai, satisfeitíssimo, correu a levar a boa nova a seu irmão Pedro ; deu de beber a dois aprendizes que trabalhavam na loja ; pôs flores em volta do retrato do filho ; e, não cabendo na pele de contente, andou de porta em porta a mostrar o telegrama aos vizinhos : ao Manuel «Sineiro», ao João «Violeiro», ao Baltasar alfaiate, e ao José da Cunha sapateiro, mestre afamado na sua arte. Alto, compridas suíças ao vento, bôca larga e leal, gesto airoso e falas de letras gordas de orador comicieiro, José da Cunha felicitou o João «Santeiro» com esta frase enfática :

— Seu filho honra a nossa terra e a nossa pátria. Será mais um grande homem para lustre de Braga.

Ali, no largo do Barão de São Martinho, foi ao lado mostrar, por acinte, o telegrama ao obeso Barrote, que, ventre empinado, cordoveias têsas, sobranceiras erguidas, bôca desdenhosa e atitude imponente, falava sempre de papo para todos e sôbre qualquer assunto, na sua loja de tabacos e cautelas. Êste ignorante e presunçoso braguês fazia parte dos que nunca acreditaram

no alto valor de Leonardo e, como êles, dizia também:

— Palanfrório! Aquilo não dá nada!

Lido nas bochechas balofas o telegrama-vitória, o Barrote embatucou, embuchou, enguliu três vezes em sêco, e, por fim, pronunciou a meia voz uma forçada palavra de escasso parabém.

Quando saíu da loja do Barrote, o João «Santeiro» disse para o bom P.<sup>o</sup> José do Egipto, que o acompanhava:

— Viste a beija com que ficou o bisbórria do «Anda a Roda»?

— Vi. Pôs uma cara de poucos amigos, e gaguejou como se tivesse papas na língua.

— É cá um dos nossos «doutoraços». Falou sempre ao Leonardo de cima da burra... Um bègueiro!

— Ora o figurão!

— A beija do Barrote, com picado de frigideira, dava um bom petisco, no pasteleiro do «Cantinho».

Os dois riram. E foram dali ao Braguinha, do «Papel», e ao Alberto Carvalho, mostrar a «parte-telegráfica» de Paris.

Em casa, a mãe chorava de contente, tôda recolhida em si. Já tinha feito uma novena a Nossa Senhora, nos Remédios, mas mandou

ainda rezar no mesmo altar uma missa em acção de graças. Confessou-se e ofereceu a comunhão pelo filho.

\*

\*      \*

Os seus anos de Escola foram de aturados estudos: primeiro, clássicos, cópia de gessos antigos, em que era cânone a beleza greco-romana; em seguida, «academias», baixos-relevos, com temas tirados da «Odisseia» e das fábulas de Lafontaine; depois, estudos livres — do modêlo vivo. As suas mãos, escultoras-natas, cada vez faziam melhor, assenhoreando-se dos processos, firmando-se na execução, amestrando-se na técnica. Cavalier, um dos professores, e que fôra contemporâneo de Jouffroy, mestre de Soares dos Reis, e, mais adiante, de António Teixeira Lopes, dizia-lhe, aplaudindo-o e batendo-lhe no ombro:

— «C'est ça, la technique d'abord. Oh la technique! Voilà tout, mon cher Léonard».

È sempre êsse mestre insistia em que na realidade plástica estava todo o belo, como lho provava a escola francesa, que, na tradição de Houdon, a essa hora triunfava na escultura moderna de todo o mundo. Logo citava os grandes nomes da recentíssima e esplêndida época: Rude, Carpeaux, Barye, Dalou, Chapu, Mer-

cier, Frémiet, Falguière, e diversos outros; mas (crítica oficial) não citava o renovador Rodin, ainda longe da celebridade, que, como Eugénio Carrière, era querido apenas por poucos.

Leonardo ia ao jardim de Luxemburgo admirar, na fonte de Carpeaux, a modelação das «Partes do Mundo», — deusas modernas na graça das suas atitudes, na esvelteza das suas formas robustas e ágeis. Do mesmo autor, estudava o movimento da sensualidade convulsa na «Dança», do grupo pagão da fachada da Ópera.

O baixo-relêvo de Rude, no Arco do Triunfo, abalava-o! Aquela figura do gaulês, a chamar às armas, era o hino revolucionário da Marselhesa, plasticado em mármore: havia nela o arranco entusiástico das marchas guerreiras.

Outra estátua, também de Rude, o fazia vibrar: a do Marechal Ney, na esquina da praça do «Observatoire», pela ciência do corpo nu modelado por debaixo da roupa, pela brava atitude de comando, que tinha a eloqüência dos discursos heróicos em que o gesto do braço direito era, por si só, um grito de batalha.

No pátio do «Hôtel-de-Ville», admirava o grupo «Gloria Victis», de Mercier — desagravo inflamado da derrota de 70; e os «Primeiros

Funerais», de Barrias, de forte carácter na dor viril do homem e na dor sucumbida da mulher, eram trechos magníficos de escultura francesa. O «Monumento aos mortos», de Bartholomé, impressionava-o fundamente, quando visitava o «Père Lachaise» para estudar escultura.

No museu de Luxemburgo, Leonardo demorava-se diante dos «modernos», e passava tardes inteiras, no Louvre, a analisar de perto a modelação sóbria dos medalhões magistras de David d'Angers, o movimento nos animais de Barye, de estilo largo, o vigor na simplicidade dos bustos de Houdon, o equilíbrio e a elegância nas obras da Dalou, Chapu, Pradier, Dubois, — e nas de vários outros recentes escultores afamados. Mas um tanto ou quanto ainda inclinado ao desenho clássico, preferia o Ingres da «Apotheose de Homero» ao Delaroche do hemicycle da «Escola de Belas Artes».

Estes eram os mestres que, então, todos admiravam e seguiam. O naturalismo vivo, reagindo contra o academismo artificioso e frouxo, refulgia em pleno triunfo. Um dos axiomas desta escola era: «a Natureza jàmais erra». David d'Angers tinha dito: «devemos prostrar-nos ante a Natureza e votar-lhe culto de fidelidade»; e, anos depois, Rodin afirmou: «a Natureza é sempre bela». Daquí, a obcecação da ver-



dade: «Rien que la vérité et toute la vérité», como, adiante, proclamara Maupassant, num princípio literário, que se estendia à escultura, da qual, anteriormente, dissera Rude: «Oui, la vérité est ce beau splendeur du vrai, de Vinci». Entre o artista e o ideal erguia-se um muro: a Realidade. Taine ensinava: «La contemplation de la vie réelle suffit. On ne désire rien au delà».

Assim pensando e sentindo, os artistas escultores nada faziam sem modelo à vista, para estudar nêle a construção anatômica do corpo, o movimento da figura, a vida da expressão.

Nos outros ramos de arte, a mesma teoria: os pintores de género não pintavam senão diante de sêres vivos.

Os paisagistas, inteiramente voltados para a Natureza, continuavam na esteira dos mestres de Barbizão; mas ao sentimento terno dêsses poetas da meia luz, ou da luz dulcificada, preferiam as cruezas da luz violenta, mais estimando o vigor do sol em pleno dia, que os motivos leitosos dos amanheceres de Corot, os poentes de sangue, entre arvoredos cínzeos, dos melancólicos Fortuny e Daubigny, ou dos românticos Diaz, Rousseau e Millet — pintores do recolhimento religioso das florestas e intérpretes da mágoa das côres. A elegia fôra substituída

pela saúde; a melodia pela fanfarra. Aos silêncios da luz seguiram-se os gritos da luz. Interpretando directamente a Natureza ensoalhada, berravam nas telas tôdas as audácias do «ar livre» com a pincelada viçosa dos «impressionistas» — Manet à frente — (um Franz-Hals no ataque da tinta) que fixavam, em manchas de improviso, os efeitos novos e preciosos da luz surpreendida por pupilas perspicazes e livres. Semelhantemente: Degas, Renoir, Cézanne, Claude Monet — almas voluptuosas ávidas de novas harmonias de côres.

\*

\*      \*

Deixada a Escola, Leonardo frequentou Barrias, o mestre dos «Primeiros Funerais», mas instalou-se em oficina própria, na rue Denfert-Rochereau.

Absorvido no seu trabalho, fêz nessa época as suas estátuas «Órfã» — uma rapariguita franzina, gestos encolhidos, olhar tristonho, onde morava o anelo de um achêgo materno, a ânsia de um confôrto moral. Seus lábios magoados pareciam chorar:

*«...não ter na vida  
aquilo que todos teem!»*

como dizia, em letras de oiro, a epígrafe aberta no soco de mármore negro.

O «Emigrado» era a estátua de um homem de meia idade, caidamente sentado num banco, mão na cabeça, e nas pupilas a expressão da saüdade desolada de alguém que alonga o olhar e o pensamento para sagradas coisas distantes:—o seu Ideal, a sua Pátria, o seu Lar!

«São Vicente de Paulo» era representado por um simples velho, de boníssimo olhar, boníssimo sorriso, batina gasta e farta capa rodada. Tinha nos braços e agarrava pelos farrapos, na avareza santa da sua excelsa caridade, duas criancinhas quási nuas e famintas, encontradas por êle numa ruela de Paris. Pela fisionomia doce, pela feição meiga da sua santidade, dir-se-ia um santinho portugûês. Dessas mãos ascéticas e aduncas dizia um poeta:

— São garras de amor!

È em todos estes trabalhos predominava a nota sentimental, que êle em tudo punha; e manifestava-se o gôsto de tratar com humildes para que naturalmente pendia o seu feitio um tanto ou quanto popular, seu entendimento simples, seu coração bom, seu modo de ser abstracto, que denunciava tendência à vida contemplativa. Leonardo reproduzia os traços morais daquele Crescent, retratado

pelos Goncourts, na «Manette Salomon»: — alma solitária e mansa disposta ao misticismo.

Mais de uma vez, adiante, lhe ouvi dizer :

— O que tenho de melhor é o sentimento.

E eu generalizava :

— O que a humanidade tem de melhor é o sentimento. Quando o homem chora, melhora-se. As lágrimas lavam os pecados ; as dores aproximam-nos de Deus.

Sim. Leonardo não era dêstes artistas cultos, de espírito crítico, que precedem as suas obras de estudos e cogitações profundas. O que primeiro o abalava era a emoção : depois, o pensamento dilatava o que antes fôra vibrar sensível e adivinhante. A elaboração artística fazia-se nêle, ora súbita, num repente visionário ; ora lenta, num crescendo de curvas que sobem e se espiritualizam. E tudo isto se passava na intimidade da sua alma, em calado arranjo de composição mental. Daqui, seus silêncios obstinados e fecundos. Resumindo : a sua obra vinha directamente do coração ; e indirectamente da crítica. Eu poderia dizer dêle o que Fourcaud disse de Rude :

«Ses chefs-d'oeuvre ne débordent cet étroit programme que par la vertu de l'instinct, par l'inconsciente force d'un tempérament aux prises avec des sujets qui lui conviennent.»

\*

\* \*

É êste o período dos seus amórios com uma caixeirinha (êle dizia : «ma midinette») de corpo flexível e gracioso, cabelos loiros claros e olli-tos cínzeos, pepitados de oiro.

Era empregada num grande armazém do «Boulevard Saint-Michel». Nestes amores, só havia uma nota diferente de tais comuns ligações : a ternura, quási romanesca, com que Leonardo, mais sentimental que sensual, que-ria à Rosette, em quem via, na sua graça de parisiense, além de bondade, fios de meiguice portuguesa, que ela, aliás, não tinha, mas aparentava, pela sua ingénita astúcia feminina, sua garridice francesa, feita de instinto e educação na arte do agrado, na ciência de se acomodar às almas daqueles para quem tem de sorrir, com quem tem de viver.

Amando-a e admirando-lhe a beleza, mode-lou-lhe o púbere torso, tratando-lhe a carne com embevecimento e lirismo — novo tronco da Vénus de Médicis, pois, por pudor, cortou-lhe a cabeça, os braços e o baixo-ventre.

Aos domingos, iam para o campo : Fontaine-bleau, Versalhes, Meudon, Saint-Cloud.

Numas férias, passaram três dias deliciosos em Blois. É êste enleio era simples e doce.

Durava havia meses, quando, numa tarde de domingo chuvoso, em que Leonardo caíra em tristeza, Rosette, a seu lado, adivinhando-lhe a nostalgia, pôs-lhe as mãos pequeninas nos ombros possantes, cravou nos mansos olhos dêle seus espertos olhos de verruma, e disse-lhe, numa vivacidade primaveril, em que tudo ria no seu rosto exuberante de vida, mordido uas faces por duas perturbantes covinhas marotas :

— «M'ami, un jour j'irai avec toi, là bas, au Portugal — pour toujours».

O oprimido peito de Leonardo abriu-se satisfeito ; no espírito dissipou-se a névoa de tristeza, e logo os olhos se esmaltaram com o colorido quente do devaneio :

— Pour toujours !

E o artista viu-se numa casita caiada, de beiral encarnado, ramada verde à porta, na colina do Bom Jesus do Monte, com a sua oficina cheia de luz, a trabalhar em silêncio e paz, numa grande obra de escultura, que lhe andava na cabeça... A seu lado, costurava Rosette, amorosa e graciosa. Era a felicidade serena. ¡Que belos dias o esperavam, todo virado aos seus amores : arte e Rosette ! Nesses minutos, gozou intensamente a claridade verde da esperança, o céu aberto do sonho irisado... Sonho fugaz, efémero : súbito, o seu olhar de novo se entristeceu, e lhe murchou na bôca o sorriso

feliz, ante esta consideração anuviadora, desoladora :

— E minha mãe ?

\*

\*        \*

Fora da sua oficina, em pleno Bairro Latino, Leonardo freqüentava apenas, à noite, o botequim de «L'Observatoire», ali próximo, na esquina do «Boulevard Port-Royal» e do «Boulevard Saint-Michel», onde vários artistas portugueses cavaqueavam com médicos, literatos, pintores e escultores franceses e estrangeiros. Havia aí, nesse botequim em que predominavam rapazes letrados, espíritos filosofantes e pintores, a colecção de estampas, sempre reeditada, dêsses curiosos tipos insubmissos, descarados e atrevidos, que nas ruas de Paris, ávidos de notoriedade, atraíam a atenção pública pela nota estranha das suas figuras de mais ou menos extravagante insolência.

Grandes cabeleiras ; a arremetida dos bigodes de guias agressivas ; barbichas em riste ; provocantes monóculos quadrados, à Júlio de Goncourt ; seus chapéus altos de abas direitas ; seus feltros, à Rúbens, de abas enormes, ou pequeninos, quási sem abas ; «lavallières» ao vento ; calças bufantes de belbutina veludosa ; capinhas

curtas com largas golas de peles, como as de Musset ; — estas criaturas representavam os últimos boémios de Mürger nos inovadores revoltados de todos os tempos. Exhibindo-se de tal arte, no desespero da insubmissão, no arranco da independência, e na ânsia da novidade, êsses artistas continuavam o programa do desdém insultuoso, lançado de alto, num gesto de desprezo, por sôbre a burguês contra quem, anos antes, os Goncourts haviam proclamado : «Il faut irriter et haïr le bourgeois.»

Nesse fumarento e bullhento botequim de «L'Observatoire» (e, à mesma hora, em muitos outros botequins de Paris, do género dêste, cuja psicologia está feita em romances contemporâneos, como «Manette Salomon», dos Goncourt, «L'Oeuvre», de Zola, «Sapho», de Daudet, e em tantos outros) — lançavam-se ao ar, com iconoclastia e irreverência, com desplante e topête, as mais livres opiniões sôbre obras e sôbre autores. Discutiam-se religiões, teorias sociais, escolas de arte, quadros, esculturas, livros. A tendência era opôr-se a tudo que estivesse dito e fôsse gasto ; estimar tudo que fôsse inédito ; admirar novidades e preciosismos. Renovar, renovar — era o grito de guerra ! E ao lado de legítimos anseios votados à eterna Beleza de olhos formosos e serenos, havia muita



preocupação artificiosa, leviandade e pedantaria, e, sobretudo, a acrimónia dos impotentes: nomes de celebridades arrastavam-se pelas ruas da amargura, ao mesmo tempo que, com igual injustiça, se guindavam às culminâncias criaturas apenas despontadas no mundo das artes e só de raros conhecidas. Lavravam-se tremendas sentenças, sem apêlo nem agravo! No meio das discussões, estoiravam ditos engraçados, fulgiam ironias subtis; e por cima de tudo, para além de tudo, a «blague» gaulesa, com seus olhos garços, picados de troça, na bôca fina o ríctus da ironia, — a «blague» ria, ria, fazendo «*piet de nez*» aos sábios dos Institutos, aos professores das Academias!

Feitios vários: almas sinceras e almas artificiais. Os artistas de olhos humildes que sonham com a obra bela a realizar, — e trabalham. Os orgulhosos, conscientes do seu valor, que em silêncio architectam suas ideações soberbas, — e meditam; e também os impotentes, que, não conseguindo pôr em pé o que concebem, despeitados consigo próprios e com a humanidade!, em tudo mordem com os caninos altivos do desdém, com os molares raivosos da inveja artística, que pronto se transforma em ódio de camaradas.

Em suma, nesses grupos cristalizavam-se as teorias em voga que constituíam o ambiente do pensar e sentir da mocidade dessa época de

transição, onde, numa vaga de livre pensamento, se respirava muita anarquia, vindo do encontro de correntes opostas: os pessimistas e os idealistas, os ironistas e os místicos. As ideias e os sentimentos de então podem, talvez, resumir-se desta maneira:

\*

\*      \*

Reinava o Positivismo, na sua evolução de Comte a Spencer, passando por Bain e Stuart Mill. Grande curiosidade científica: interrogava-se tudo, analisava-se tudo, As palavras «observação» e «experiência» estavam na ordem do dia. A ciência tinha crentes como os tem a religião. Citavam-se as lições do fisiologista Cláudio Bernard. Outro nome na baila: Darwin e o seu transformismo. A propósito dos milagres de Lourdes, falava-se de Charcot e da Salpêtrière. O livro de Lasserre foi recebido com sorrisos pela ciência, que lhe não ligou a importância de o considerar um desafio. O intelectual Taine era um crítico admirado. Na esteira do Dr. Paulus e de Strauss, o racionalismo de Renan abalara a fé e preparara a crise religiosa em inúmeros espíritos. Em torno da vaga «Religião da Humanidade», proferiam-se os nomes de Littré e de Pierre Laffite. A mocidade

não lia o genial Ernesto Hello, maltratado por alguns, desconhecido do maior número. Admirava-se muito Michelet e ninguém suspeitava da teoria da «Contra-Revolução». Tinha-se amortecido o som metálico da espada duelista de um Veuillot, que passou a vida a bater-se pelas suas crenças religiosas e pelas suas opiniões políticas. Soprava dos lados da Germânia o vento espesso, árido e triste do pessimismo de Hartmann e Schopenhauer. Os jóvenes seguiam o artista da «Vida de Jesus», o negador da divindade de Cristo. Brunetière, que arremetera, destemido, contra Renan, era considerado um retrógrado; como autor do «Le roman naturaliste», um académico caturra a quem o Zola do «Le roman expérimental» levava de vencida; e, como crítico literário, um burguês que não entendia a beleza nova, — o «frisson nouveau» — das «Fleurs du mal». Na literatura, respiravam-se as ideas do naturalismo vital. Estimando menos a língua de Stendhal e Balzac, liam-se, sobretudo, os Goncourts, Flaubert, Zola, Daudet, Maupassant; e, porque se perdera o gosto da prosa corrente, à maneira de Rousseau e de George Sand, ao estilo sôlto, largo e vivo do autor do «Bel-Ami», preferia-se a «écriture artiste», facetada ou pontinhada dos requintados da «Manette Salomon», na sua preciosa noção de matizes delicadíssimos. Diminuía o interêsse parnasiano, embora

fôsem ainda vivos Leconte de Lisle, Heredia, Sully Prudhomme e Coppée. Os prosadores e poetas novos, netos de Gérard de Nerval e filhos do estranho Baudelaire dos «parfums corrompus», juntavam-se, uns no «Culs de Bouteille», em volta de Villiers de L'Isle-Adam, outros, no botequim «François», onde era certo Verlaine, último romântico, último parnasiano, ora místico, ora devasso. O abstruso Mallarmé tinha fervorosos devotos. Seguindo uns, seguindo outros, os poetas novíssimos dividiam-se em grupos, e chamavam-se a si próprios «simbolistas», «instrumentistas», «decadistas». Praticavam uma arte pessoalíssima, requintadíssima, em que a forma parnasiana, de onde derivavam, sofria ainda desvelos de preciosa plástica musical com assonâncias e aliterações evocadoras, em seus versos livres, de rimas ricas e ritmos sugestivos. Eram poetas brumosos que, à fôrça de se abismarem no mistério, no enigma, no culto das almas raras, na rebusca do impreciso das coisas, no vago do Vago, — levavam a interpretação das aparências até aos últimos requintes. Era a literatura das almas egotistas, a quem unicamente interessa o seu sonho pessoal com que tudo encaram: religião, filosofia, poesia. Entre outros, citavam-se Moréas, Régnier, Kahn, Rimbaud, Tailhède, Rambosson, o anglo-saxão Vielé-Griffin, e os melancólicos belgas Maeterlinck,

da «Princesse Maleine», o convulso Verhaeren, e Rodenbach, de alma cinzenta e velada como a luz difusa das névoas flandrinhas, dos canais da sua morta Bruges... A mocidade literária lia o «Mercure de France» e a «Revue Bleue». As teorias socialistas eram reforçadas pela lição literária dos romances russos, devotados ao sofrimento dos desgraçados, dos humildes, dos ofendidos, romances que, postos em francês, começavam a espalhar-se no ocidente : os de Tolstoï, de Dostoïewsky, de Tourgueneff, de Gorki. Sem se reviverem, com aquele ardor belicoso de algumas dezenas de anos atrás, as lutas entre os que eram por Ingres e os que eram por Delacroix, ainda assim, de onde em onde, o espírito da questão renascia, nesta época indisciplinada, tendo mais admiradores o autor do «Apolo vencedor de Python», no teto da «Galeria de Apolo», que o autor da frase que os seus discípulos gravaram no soco do monumento erigido por êles, à memória do mestre, na Escola de Belas Artes de Paris :

«Le dessin c'est la probité de l'art». »

Citavam-se os entusiasmos de Baudelaire, que comparou Delacroix a Shakespeare na «unité mystérieuse du drame et de la rêverie».

Puvis de Chavannes era adorado por alguns e incompreendido pelo maior número ; e o mesmo acontecia ao portentoso Rodin, que só começou

a ser melhor estimado após a Exposição Universal de 900, embora a sua arte cheia de carácter provocasse as mais renhidas controvérsias, principalmente entre os seus conterrâneos, a quem ofendiam as porcarias. Alguém, com a bôca cheia e nauseada, dizia dêle :

— «Des ébauches et des débauches!»

Semelhantemente, desentendia-se Carrière.

O belga Meunier conhecia-se menos : a crítica leviana chamava-lhe o Millet da escultura.

Mas como a época era céptica, no trato destas ideas e sentimentos, o bom-tom mandava, entre cultos, aparentar humor ecléctico e ter nos lábios um sorriso de ironia inteligente e tolerante.

\*

\*      \*

Êsses botequins foram a Universidade livre e leve onde, de auditiva, com opiniões apanhadas a dente, Leonardo fizera o seu precário curso de ideas filosóficas, religiosas, sociais, artísticas e literárias, que constituíram o seu pobrinho bragal de pensador, com o qual, sem o reformar e apenas remendando-o, aqui e ali, ficou, e improgressivamente viveu, até à época distante em que nos encontrámos, quando os nossos cabelos começavam a embranquecer e os nossos anos andavam à volta dos cinqüenta.

Nessas longas e controvertidas cavaqueiras do botequim do «L'Observatoire», os artistas plásticos do feitio acanhado, ou bisonho, do escultor Leonardo, limitavam-se a ouvir, calados, não se atrevendo a meter o bedelho no que tão alta e acaloradamente se discutia. Demais, êsses assuntos não os interessavam sobremaneira, a êles, com as suas almas restritamente viradas à arte formal : nos escultores, para a ciência dos planos e da modelação ; nos pintores, para a do desenho e da côr. Por isso, a sós na sua oficina, num momento de descanso, Leonardo tirava da sua pequena estante o livro que a todos preferia, e, estirado no divã, um cigarro ao canto da bôca, absorvia-se no seu catecismo de arte : «François Rude», de Fourcaud, — Rude, o escultor a quem só a «verdade plástica» interessa, o mestre da «técnica da verdade», que dizia que «ninguém se eleva acima da natureza» e sentenciava :

«Tournez et retournez votre sujet. Regardez de près la nature, et, encore une fois, construisez vos personnages avec le plus grand soin».

\*

\*      \*

A pesar disto, num dêsses serões de botequim, em que tôda a noite se discutiu a divindade de Jesus, se falou do profetismo de Israel, do mes-

sianismo judaico, do esoterismo transcendente da doutrina de Cristo, mostrada por São João, do pitagorismo grego, do essenismo macabeico — Leonardo, aturdido com tantas teorias, impressionou-se com certa doutrina exposta. Fê ao recoller a casa, pela rua Pierre Nicole, não se teve que não interrogasse Júlio Monteiro, seu amigo e vizinho, pintor português de alma delicada e espírito alheado, que vivia dentro dos seus silêncios como numa cela mística. Admirador da poderosa arte de Rodin, amava a sistemática ingenuidade, no desenho e na côr, dos frescos giotescos de Puvis de Chavannes e os mistérios da luz nas sombras de Carrière. Era dos nossos raros artistas lidos em assuntos de história religiosa, de literatura e crítica de arte. Falava pouco, mas riscava, com inflexões sentenciosas, as suas frases curtas pronunciadas com voz doce.

Estatura média, crânio bem modelado, onde se anunciava uma precoce calva, barba escorrida, tinha os olhos castanhos, pensadores e melancólicos : neles, o sorriso estreito aparecia a mêdo.

Tomara parte na discussão.

— Monteiro amigo, explica-me : ¿ quem eram êsses Essênios ?

Então, o concentrado artista, lido em Jacolliot, Renan, Ramée, Bauer e Schuré, na meia luz da sua voz quebrada, que vinha de longe...



demoradamente preleccionou Leonardo acêrca do que era a confraria dos honrados Êssênios, amantes da verdade e escravos da palavra dada. Viviam em austera moral, exerciam a caridade e a hospitalidade, eram fraternais companheiros, amigos da paz e impunham-se rigoroso celibato. Os Êssênios conheciam as ciências ocultas, praticavam a medicina, trabalhavam para a comunidade e cultivavam a terra. Alguns, cômscios do espírito da verdade que tinham em si, chegaram a intitular-se filhos do céu; e suas curas eram tão notáveis que os admiradores proclamavam que êles faziam milagres. Havia ordens estabelecidas no Egipto e na Palestina. Jesus pertenceu a esta seita, onde devera ter sido terapeuta, queria dizer, alto iniciado. Os irmãos usavam túnica branca, de linho, e tinham sinais certos pelos quais, ao encontrarem-se, se reconheciam uns aos outros, como na maneira de partir o pão e no jeito de passar o calix, de mão em mão, se comiam juntos. A propósito, Júlio Monteiro citou, para exemplificar, aquele repasto de Jesus com Cléofas e o companheiro, uma tarde, em Emaús, quando os discípulos só reconheceram o Mestre pelo partir e apresentar do pão.

Terminando, êsse livre pensador, que não aceitava a divindade de Jesus, falou ainda da alma caridosa do Rabi, da sua fraternidade, do

seu grande amor aos homens — tudo isto doutrina esseniana. Finalmente, Júlio Monteiro, olhos inteligentes cravados em Leonardo, voz marcada e inflexão intensiva, concluía, batendo, com segurança de opinião, no ombro do escultor, que, de olhar ingénuo, surprêso, atónito, o ouvia derrotado:

— Não tenhas a menor dúvida, caro Leonardo: Jesus foi um dos primeiros franco-mações que houve.

O escultor, arrepiado, estremeceu. Tôda aquela conversa, em cima do que ouvira no botequim, o impressionara vivamente, o abalara fundo, o revolvera por dentro.

Era muito tarde. Despediram-se. Leonardo, passos adiante, parou um momento, perplexo. Depois, seguiu, meditabundo, o seu caminho na rua quási deserta, e entrou em casa.

Batiam três horas na igreja do Val-de-Grâce.

\*

\*   \*

De tôdas estas variadas conversas, infiltradoras de ideas venenosas, punham, na mente indefessa do escultor, laivos de protestantismo, incompletas noções de racionalismo, vagas teorias deterministas: eram tufos de ervagens daninhas em volta de uma haste sã de trigo cristão,

semeado na alma de Leonardo pela alma da mãe piedosa.

Dias depois, Júlio Monteiro emprestou-lhe a «Vie de Jésus», de Renan, e «Les grands initiés», de Schuré. Logo dúvidas o perturbaram; e não tardou que a sua fé sofresse graves avarias. Aquele ingénuo rapazinho que, em Braga, ainda de calças pelo joelho e mal podendo com o missal, tão devotamente ajudava à missa nos Remédios e em São Marcos; aquele adolescente que parava nas ruas, se descobria e rezava, quando nas tórres da cidade religiosa batia o Meio-Dia ou tocavam as Trindades;—sentiu, pouco a pouco, murchar na alma as suas crenças tão suaves como tranqüilizadoras. Um ventinho sêco lhas crestava...; outro vento duro lhas varria. Começou a ser menos assíduo à missa aos domingos, na igreja do Val-de-Grâce, onde, dantes, era certo; e acabou por não a frequentar. Nunca mais se confessou, nunca mais recebeu a comunhão. Porém, no fundo, bem lá no fundo da sua alma boa ficara, do que lhe ensinaram na infância, um inalterável abstracto religioso, um resíduo de luz verdadeira, embora em réstia de luar devoto... Sempre que passava por qualquer igreja, vinha-lhe vontade de entrar; e, uma vez lá dentro, o silêncio, o respeito, a paz, a frescura tocavam-no de sereno deleite, e êle sentia-se invadido por inefável sensação de bo-

nança extra-terrena. Então, do íntimo do seu ser subiam-lhe aos lábios perfumes de orações antigas... Uma vez por outra, balbuciava o Padre-Nosso, e jamais se metia na cama sem fazer, com restos de devoção, o desenho vago de um apressado Sinal-da-Cruz. Reconhecia que essa prática andava tão unida à saúde da sua mãe distante, que o recordar-se dela, ao deitar-se e levantar-se, o levava a benzer-se ; como sempre que se benzia, a imagem da mãe ausente se tornava presente. Naquela noite, de longa e perturbadora conversa com o insinuante pintor português, que o instruíra sobre a seita dos Essênios, ideas que tanto abalaram a sua noção da divindade de Jesus ; — naquela noite, sentado na cama, turvado nos seus pensamentos confusos, o gesto de benzer-se apaziguou-o, por esta devoção lhe trazer à lembrança a imagem querida da sua boa velhinha. Dali, daquela tumultuosa feira de Paris, onde todos se acotovelavam na luta tremenda da vida pela conquista da felicidade ; onde todos os artistas se consumiam na ambição do renome, da glória ; — dali, um filho português havia que pensava ternamente na sua mãe e ardia no desejo de tê-la a seu lado naquele momento em que a sua alma tanta precisão tinha dela. É mal supunha Leonardo que a essa mesma hora, lá ao longe, muito ao longe, no seu amado Portugal, numa pacata cidade, numa silenciosa

rua, numa modesta casa ; — lá ao longe, sentada no seu leito D. Maria I, de cabeceira de pau ce-tim, nessa noite de estranha insónia, uma mãe havia a quem o coração alarmado segredava que o filho corria perigo. Com os olhos voltados para a montanha do Bom Jesus do Monte, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores pedia pela saúde do seu amado filho e, em especial, rogava ao Senhor que o desviasse de más companhias, o defendesse de más leituras, o afervorasse nas suas crenças, nesse temporal de Paris, que se lhe afigurava (e com razão!) mais perigoso que andar sôbre as águas do mar!

E Leonardo, igualmente rebelde ao sono nessa noite de preocupações morais para mãe e filho, pôs-se também a rezar pela saúde dela — coitadinha, lá tão distante!

Era o caso telepático de dois corações em insónias de amor.

## IV

### Anos de vida e arte

**L** EONARDO regressou à sua terra, deixando Paris, onde estivera dez anos. Estudara muito. Nos últimos tempos convivera com Rodin e Carrière.

— Agora não faças a tolice de te meteres em Braga. Aqui apodrece-se. Terras grandes! Lisboa ou Pôrto é que te convém.

— ¿ Hei de separar-me dos meus?, objectou, já saúdoso, o artista sentimental.

— ¡ Coração ao largo! Braga — só para frigidadeiras.

Assim inteligentemente aconselhava a Leonardo o «gentleman» bracarense Alberto Carvalho, elegante figura de homem alto, primoroso no vestir, de afáveis olhos sorridentes, voz quebrada de ternura, e encantador trato. Viajava muito, lia sempre e, cheio de bom gosto, passava os seus invernos, ora no Pôrto, ora em Lisboa, gastando à larga, entre gente de qualidade, onde a sua distinção sobressaía.

Nessa tarde, conversavam os dois no rés-do-

-chão do palacete do padraço do Alberto, grande figura política de Braga, no Campo de Santana — aposentos repletos de briques-à-braque. Ele estimava deveras o escultor e vinha-o acompanhando de perto, com devotado interêsse, na sua ascendente carreira artística, no Pôrto e em Paris.

Vencidas por êste seu generoso amigo certas dificuldades de dinheiro (a estada em Paris esvaziara o mealheiro do pai e o «pé de meia» da mãe, que se viram na necessidade de hipotecar à Misericórdia a casa da rua de São Marcos) e conseguidas úteis apresentações, — Leonardo instalou-se no Pôrto, na colina do Bomfim, numa ampla oficina, bem exposta, de onde, para além das várzeas de Campanhã, se via a bela curva do Douro no Areinho amarelo, e, pela esquerda, se alcandorava o casario branco e esparso de Valbom, num dilatado horizonte de sobrepostos montes de azuis aguados uns nos outros.

Logo a seguir, fêz a sua primeira exposição com trabalhos premiados no «Salon» e diversas outras obras: mármore, gessos, barros, e ainda um santo de madeira.

Êxito extraordinário!

A imprensa falou largamente, exageradamente. Só o bom Oliveira Alvarenga escreveu três encomiásticos artigos no «Primeiro de Janeiro». Os seus colegas mais antigos e alguns

professores, sem que as suas falas perdessem o tom grave e reservado das pessoas reputadas que, sistemàticamente, moderam os seus elogios, — aplaudiam-no com generoso acolhimento :

— Apresenta-se bem. Há lá trabalhos de valor.

Outros camaradas «minores» mastigavam o aplauso e ficavam-se em frases reticenciadas :

— Sim..., tem qualidades...

Impulsiva, franca, a mocidade literata, que abancava no «Suíço» e no «Camanho», aplaudia-o clamorosamente. Citava grandes nomes de escultores franceses modernos, e, de cor, fazendo juízos pelas fototipias da revista «Salon» e do «Figaro illustré», dissertava acêrca do «naturalismo» em escultura, insultava os românticos, menosprezava os decorativos. Os elogios hiperbólicos inçavam os jornais do Pôrto. Nas conversas, nesses botequins, que eram um frouxo galicismo daqueles outros de Paris, as capelinhas literárias lançavam ruidosamente êste nome: Leonardo Deusdado. E houve exagerados que, para mais o exaltarem, apoucaram escultores consagradíssimos, a quem êles, que se intitulavam «novos», chamavam «velhos». Nem Soares dos Reis foi poupado!

(Em Portugal — velha pecha! — não se sabe elevar uns sem rebaixar outros).



Na Praça Nova, no Passeio da Cardoso, à porta do Laporte, Espingardeiro, o P.<sup>o</sup> Patrício, um pouco curvado, face menineira, dizia para os da roda, na sua voz delgada :

— Vão vê-lo. Nem parece nosso !

É certo conselheiro, que passava por entendido em coisas de belas-artes, pontificava, erguendo as sobranceiras, grave, no tom de quem mede as palavras sentenciosas dos seus juízos definitivos :

— Temos aí outro Soares dos Reis, digovos eu.

E as vozes foram engrossando, e a fama dilatando o renome do novo escultor.

Logo adiante, Leonardo expôs em Lisboa. Teve óptima imprensa e alcançou novo triunfo. Então choveram encomendas: bustos, medalhões e estátuas para mausoléus. Do Brasil vieram pedidos: monumentos públicos e baixos-relevos.

O escultor não tinha mãos a medir. Durante os primeiros tempos, o seu nome cresceu sempre, sempre ; e a sua alma, boa e simples, a todos era simpática, de todos era querida.

Trabalhou muito, ganhou muito dinheiro. Pagou dívidas, desempenhou a casa dos pais, a quem ajudava com farta mesada, pois iam fallando as encomendas ao João «Santeiro», um tanto ou quanto envelhecido,

Anos volvidos, já rico, comprou a casa do Bomfim, e fêz-lhe grandes obras. A sua oficina, alargada, transformada, ficou com várias lojas de trabalho e um belo «Salão de exposições». E durante anos, êste solar de arte foi-se enchendo de preciosidades e de brique-à-braque: armários holandeses, contadores portugueses e hispano-árabes, bufetes de pau santo, arcazes de vinhático, cofres góticos e da Renascença, baús de sola com pregaria amarela, guadamecis doirados, cadeiras de coiro com altas espaldas, tapêtes de Arraiolos, de Urros, Gobelinos, jarrões da Índia, boiões do Japão, muitas faianças portuguesas, gravuras antigas, quadros a óleo, aguarelas, pastéis, guachos, carvões, e mil e uma bugigangas diversas: bronzes, marfins, porcelanas, esmaltes e miniaturas.

— Um museu!, diziam.

\*

\*     \*

Progredindo sempre, a sua técnica chegou à perfeição. Mestre no violino, tinha a ciência dos fundos de sombra em contraste com as saliências de luz, com que, enchendo de movimento as suas modelações, criava vida robusta. ¡Como êle trabalhava a pedra! Nos seus mármoreos sentia-se a mesma dedada vigorosa dos pri-

meiros frêmitos da mão ao interpretar no barro, directamente, o modelo vivo. Tudo era tratado com largueza e, ao mesmo tempo, com delicadeza, desde o vinco das feições às covinhas da face, desde os panejamentos soltos ao grão da pele — efeito, êste, obtido pelo hábil riscar das limas macias no sentido do movimento dos músculos vivos. São nas carnes, leve nas roupagens, tratava os cabelos (arranjos, convenções) com a sobriedade artística de um esbôço justo.

— ¿ Como realizas isto ?, admirado, perguntei-lhe um dia.

— É que, antes de pensar nos cabelos, penso no crânio...

Ao mesmo tempo, m̀aximamente expressivo, visando o carácter, procurava salientar certas linhas esculturais reveladoras da essência dos temas tratados, mas sem jamais, por sistema, deformar ou exagerar, como, aliás, lhe aconselhara Rodin.

É o período das suas notáveis estátuas: «Dor», «Saüdade», «Chorando a morte da mãe», e dêsse admirável «São João de Deus» — um humílimo velho, olhar extático, faces de magreza e palidez ascéticas, e nodosas e leves mãos, de onde a bondade escorria santa. Encarnou-o o Bento, que já tinha pintado, com meias

tintas medievais de quente brilho antigo, uma «Pietà» do século XIII. Leonardo dizia dêle :

— Tem a ciência da «patine» gótica.

\*

\*       \*

A fama dêste escultor alastrou-se pelo país fora, de ponta a ponta, de lés a lés. Encomendas sôbre encomendas ! Vencera concursos para monumentos públicos. O seu nome insigne era conhecido de todos ; e todos sabiam de cor as linhas rústicas e simples do seu retrato, e a expressão mansa da sua fisionomia melancólica. Estava no auge da sua carreira artística. Passando havia muito da quarentena, alcançara, enfim, a celebridade.

Então, chegou a hora de «L'Assaut» !

Porque alguns «amigos dos diabos» deram em chamar-lhe «o primeiro escultor português» ; porque a crítica era unânime no louvor ; porque nos jornais o seu nome aparecia precedido da palavra Mestre ; porque era rico ; e, ainda, porque as grandes encomendas que lhe faziam, muito bem pagas, afrontavam os camaradas, alguns dos quais andavam com as mãos a abanar, uns por mândria, outros por indigência criadora, embora (com as cabeças cheias de pro-

jectos...) expusessem, nos botequins, em frases literárias, atrevidas concepções de obras que, *um dia*, haviam de fazer... ; por tudo isto e por tudo o mais que constitui a psicologia dos medíocres, dos desdenhosos, dos despeitados, dos descontentes de si próprios, dos impotentes e ainda dos rivais, mal, êste, que é daqui, dali, de tôda a parte, mas que em Portugal tem a expressão assinalada da inveja artística que, sempre crescente e obcecante, se transforma em ódio pessoal ; — por tudo isto, a batalha estalou ! Eis a Rocha Tarpeia dêste artista, de onde procuram despenhá-lo alguns dos mesmos que, antes, o levaram ao Capitólio ! Tal qual como entre pintores, architectos, músicos, gente de teatro, homens de letras ! A princípio, os colegas, que estão na dianteira, aplaudem por espírito de camaradagem, aparentemente generosa ; mas se, por qualquer motivo, êsses elogiadores ficam para trás do elogiado, logo o ciúme os rói, a feia inveja os morde, o ódio verde os invade e lhes envenena o sangue e a alma. Começa a guerra. Primeiro, surda : a maledicênciazinha sorridente ; adiante, abocanham ; depois, intrigam. E os ouvidos dos moços que principiam vão-se enchendo destas opiniões feitas, até que um dêsses literatelhos, mais atrevido ou mais exasperado de notoriedade, lança na imprensa diária o primeiro artiguito demolidor. Outros se se-

guem. Ao lado desta mocidade leviana, há os má-línguas professos, os malcriados de ofício, que não tendo outro meio de chamar para si a atenção do público, se atiram aos consagrados, em artigos de bota-abaixo :

—Levantou demasiadamente a grimpa. É preciso apeá-lo, dizem êles para os da sua capelinha.

Ante alguns dêstes primeiros ataques, disfarçados com palavras serenas, Leonardo, sempre modesto, dizia sinceramente :

—Sim, devem ter razão. A mim mesmo não me satisfaço.

—Nada disso, Leonardo. Tu és um grande escultor. Não duvides. A tua obra é bela. A crítica que te fazem, essa, é que é malévola, infame, protestava eu com violência.

—¿ Mas porque me atacam ?

—Ora porquê? Porque os inferiores são maus.

E a sensibilidade, a delicadeza feminina de Leonardo doíam-se da maldade dos homens. Olhando-me com doçura, a sua bôca ingénua repetia a pergunta :

—¿ Mas, meu Deus, porquê ?

—¿ Não sabes que o nosso maior inimigo é o oficial do nosso ofício ?

Êle, porém, que não entendia isto, insistia, e agora como que a interrogar-se a si próprio :

—¿ Porventura fui alguma vez desleal para com os meus colegas?

Estas críticas injustas faziam-no sofrer. O seu doce temperamento não lhe permitia que fôsse superior a elas. E de maneira nenhuma lhe levantavam o ânimo abatido estas inteligentes palavras dirigidas a êle, em carta, por um notável escritor seu admirador e amigo: «Enfim, chegaste à consagração: és apedrejado!»

E muito menos a sentença de Ramalho Ortigão: «Não há terra onde um artista suba mais depressa que em Portugal; mas também não há terra onde seja mais difícil sustentar essa posição, porque os mesmos que o elevaram são os mesmos a puxar-lhe pelas pernas, para baixo, quando vêem que o colega sobe mais alto do que êles imaginaram!»

Mais adiante fui encontrá-lo profundamente acabruhado por causa de um desagradável artigo anónimo.

Disse-lhe:

— A crítica dos jornais é hoje como foi em todos os tempos: parcialíssima no elogio ou no insulto. Sempre a antecede as relações entre crítico e criticado: se são boas, o louvor é hiperbólico; se são más, o artigo é uma chuva de punhaladas — vésperas de agressões pessoais.

E porque eu levava comigo um livro de Bau-

delaire, escrito havia oitenta e tantos anos, abri-o e li-lhe :

«La critique des journaux tantôt niaise, tantôt furieuse, jamais indépendante, est faite de mensonges et de camaraderies».

Acrescentei :

— Devemos ser superiores a umas e a outras.

Disse-lhe ainda :

— Nós outros, artistas, precisamos de apurar a sensibilidade para a arte ; e de a calejar para a vida.

Mas porque Leonardo continuasse cabisbaixo, clamei com vigor :

— Amigo!, como só sabe bem o pão que se ganha com o suor do nosso rosto, igualmente só bem sabe a glória amassada com desgostos e contrariedades.

Leonardo olhou-me com olhos fundos e penetrantes, ergueu-se e disse resolutivo :

— Tens razão, Ernesto, vamos trabalhar.

E, tomando o maço e o cinzel, começou a ferir o mármore.

\*

\*      \*

No espaço de tempo entre a instalação no Pôrto e esta glória atingida, dera-se o desastre do casamento de Leonardo, que o amarfanhou e lhe vincou na alma, já de si melancólica, um



sulco de tristeza calada jàmais perdida pela vida fora.

Em seguida a esta calamidade, colaram-se ainda mais seus lábios silenciosos; e firmou-se nêle o geito de, ao ouvir falar de amor, baixar as pálpebras, discretamente, como se um véu negro descesse entre o sonho ridente com que entrara na vida e a realidade traiçoeira que lhe saíu à estrada.

.....

Vivendo sòzinho, numa cidade onde não nascera e, portanto, sem as amizades de raiz que veem da infância, se firmam na adolescência e são as que mais resistem às vicissitudes das relações;—cedo o invadiu o desejo de construir um lar com a alma de eleição que a sua ternura de homem e a sua sensibilidade de artista escolhessem. Como em todos os sentimentais, era nêle imperiosa a necessidade de um profundo affecto feminino que o enlaçasse para a troca mútua do amor certo das horas incertas—do de tôdas as horas: as boas e as más. Sem êle, sentia-se um ser incompleto para quem a vida era coisa fria, vazia, sem sentido. Mas (oh contradição, oh enigma humano!), êste homem de temperamento tranqüilo, abalou-se por um temperamento a espirrar sensualidade; êste homem simples, em vez de escolher uma companheira simples, deixou-se impressionar por uma mu-

lher complicada ; êste filho do povo, que devia procurar espôsa dentro da sua classe, aceitou as graças e os enleios gentis de certa fidalga e lisonjeou-se com as simpatias dessa sua admiradora, em quem a garridice, o movimento, a farfalha, o «snobismo» e, ainda, a extravagância imperavam. Porquê? Não sei!

Nascido plebeu, admirava nos fidalgos a elegância da raça, as atitudes morais, as maneiras distintas. Gostava de ler livros de «Memórias» dos grandes nobres ; e em França, nas suas visitas ao Luxemburgo, a Versalhes, a Blois, era a vida aristocrática e faustosa vivida nesses palácios que êle amava reconstituir em sua imaginação deslumbrada pelo prestígio da nobreza.

Mas ao mesmo tempo que estimava a fidalguia detestava o mundanismo artificioso.

Raquel, filha única dos Condes da Fonte, da casa da Rebordeira, órfã de mãe, ainda muito novinha fôra educada no «Sacré-Coeur», em Paris. Depois, veio viver para Portugal. Passava os invernos em Lisboa e o verão na Rebordeira, na Extremadura, quando não viajava com o pai que, sempre por grandes hotéis, gastava o que não podia. Regularmente instruída, excessivamente mundana, um tanto ou quanto artista, algo «toquée» (meio-zuca!) e, sobretudo, «snob», — morto o velho conde, Raquel estava êsse

verão na Granja, com uma dama de companhia, quando visitou pela primeira vez a oficina do escultor, no Bomfim, que, então, era de bom tom visitar, como de bom gôsto possuir reproduções em barro ou bronze do mestre afamado.

Grandes olhos redondos, negros e cintilantes como pedrarias ; bôca larga de belo desenho e lábios carnudos ; lindos dentinhos ridentes que todos se viam na gargalhada cascalhada ; faces redondas, coradas e alegres na pele de grão moreno ; cabelos castanho-escuros penteados em bandós soltos de rapariga napolitana ; — não era formosa mas era interessante no todo da sua fisionomia vivaz e da sua figurinha mediana, roliça e buliçosa. Colo de excelente modelação na bela curva dos ombros e do peito soberbo ; a cinta delgada denunciava o boleio dos quadris fortes que se meneavam em airoso jeito no jôgo rítmico do andar. Seus tornozelos estreitos serviam pés secos, lindamente calçados em sapatos Luís XV, de pala alta e fivelas de prata. Raquel via-se ao longe pela garridice dos seus vestidos ; ouvia-se pelo estilhaçar das suas gargalhadas estrídulas ; e salientava-se pela desenvoltura das suas maneiras livres.

No Bomfim, na oficina do escultor, soltava muitos «ohs! ohs!» admirativos, muitos «bravos» explosivos ! ; e batia sonoras palmas com as

suas pequeninas e redondinhas mãos, de dedos cheios de anéis, diante das esculturas que a impressionavam até o entusiasmo :

— Mestre, isto é um Louvre de maravilhas!, exclamava ela, viçosa, alegre.

Leonardo sorria e agradecia grato. E vendo o bulício daquela alma de jovialidade extravasada, de movimento agitado, êsse homem quieto e pouco expansivo, dizia para si com simplicidade :

— É engraçada.

Ante uma linda cabecita de criança, em mármore branco, tôda ela foi meiguice na voz, boquinha mimalha, festas ternas, como se o busto fôsse de carne e vivo :

— Um amor, um amorzinho! ; e acariciava o mármore, e beijava-lhe as faces frias.

Sempre enlevada nas obras do escultor, num dado momento, Raquel, pé atrás, dobrou um pouco a perna direita, curvou com galantaria o corpo airoso em mesura de minuete, e tomando com a ponta dos dedos a mão do artista, beijou-a, dizendo preciosa :

— Beijo a mão do mestre que criou estas obras primas!

Século XVIII!

Ô artista ficou cativado e o seu coração conquistado.

Pela estranha simpatia dos contrastes, êste

homem corpulento gostou de uma criatura miúdana ; êste homem pacato engraçou com aquela desenvoltura endiabrada ; a sua melancolia teve fios de alegria fresca e feliz ante semelhante exuberância de vitalidade ; e o seu feitio silencioso estimou semelhante feitio loquaz. Enfim, um artista todo interioridade impressionou-se com alguém que era a própria exterioridade. † Coisas misteriosas da alma humana !

As visitas repetiram-se. As impressões de Leonardo confirmaram-se, radicaram-se. Perturbado, abalado, em pouco tempo amava.

Raquel, vendo um grande artista apaixonado por ela, impou de orgulho ; e a sua vaidade, o seu «snobismo» ficaram lisonjeadíssimos. † Pensar, Raquel, que um dia ela poderia entrar nos salões de Lisboa e, adiante, nos de Paris e Madrid, pelo braço de uma celebridade do seu país, — ensoberbeci-a, estonteava-a !

Aparentemente combinados (no fundo, absolutamente desentendidos), logo noivaram. É êste foi, desde o início, um tremendo êrro, um êrro irreparável, um êrro funestíssimo. Instantaneamente, a mãe de Leonardo viu o desastre, antes mesmo de conhecer o feitio leviano de Raquel. Bastou-lhe saber que era fidalga, para reconhecer o que havia de perigoso em tal casamento entre indivíduos de classes distantes. Quando

êle lhe comunicou os seus projectos, disse-lhe triste :

— Devias ter escolhido pessoa de outra condição.

— ¡ Salta aos olhos !, concordou arrenegadamente o pai, o sr. João « Santeiro », que logo, rude, lhe atirou o velho aforismo :

— « Fidalgos e galgos — coçá-los e deixá-los ».

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dôres acrescentava :

— De mais a mais, de terras diferentes : — lá de baixo...

O caso foi muito falado entre os pais, a sós ; mas diante do filho, cheio de prestígio para êles e a quem naquela hora deviam protecção — acanhavam-se. No entanto, aconselharam-no quanto podiam. Mas tudo foi debalde : a-pesar dos seusatos considerandos da mãe e do pai, Leonardo e Raquel casaram — êle por amor embevecido ; ela por vaidade estulta. Seduziu-a juntar aos seus nobres apelidos herdados um grande nome conquistado por ela.

De raça, de alma, de educação, de feitios inteiramnete diferentes e, até opostos, começaram por se desentender em mil pequeninas coisas que logo criaram mal-estar entre os dois, e geraram desacordos graves.

Quando Leonardo só pensava em viver na absorção da sua arte, Raquel só desejava viver para a sociedade. O artista amava mais o seu

blusão branco de escultor que a casaca preta de homem de sala, onde se sentia contrafeito, e ela estimava continuamente mostrá-lo, pois Raquel queria receber personagens a quem apresentasse o seu marido — uma celebridade. Em tudo e por tudo ela amava a vida exterior das aparências brilhantes e frívolas, enquanto êle estimava metter-se na sua toca — e trabalhar.

Nas viagens, a mesma coisa: em lugar de museus — paradas de luxo; em vez de estudos e visitas de arte — mostruários de «boulevards», que estonteavam os olhos de Raquel; e todo o dinheiro que êle ganhava se derretia em jóias compradas na rua de «La Paix», e em vestidos talhados por grandes modistos de fama.

Já o escultor se mostrava fadado física e moralmente. A vida doméstica dos dois era tecida de mal-estar, amuos, irritabilidades, questiúnculas, e zangas que duravam dias. Enfim, o desentendimento absoluto, o embate violento de génios diferentes e opostos. Tudo estava às avessas naquele lar, tudo era contraditório, tudo era absurdo. Já cada um vivia para seu lado: ela fazia longas estadas em Lisboa; êle ficava na sua oficina do Bomfim.

Apareceu, então, a clássica terceira personagem que sempre entra nestes dramas conjugais. Desta vez foi um poeta medíocre que tinha frases literárias no elogio da obra do escultor; e li-

sonjas preciosas para as graças e fidalguias do espírito de Raquel. Era um mocinho lisboeta, fidalgo, pálido, janota e depravado, mas que vivia na melhor roda. Cortejou, com sabida galantaria, a fútil Raquel que lhe admirava os versos fúteis, os dentes brancos e fortes, as unhas polidas, o corte dos fatos, o primor das maneiras.

Passaram-se meses.

Doida por Emílio, Raquel abandonou de vez o lar do Bomfim. Houve escândalo. O divórcio foi inevitável. Não havia filhos. Aquelas almas e aqueles corpos foram cada um para seu lado. Não chegaram a estar juntos dois anos!

Mas enquanto, logo adiante, Raquel se registava, feliz, com o seu amante, a alma de Leonardo, para sempre viúva, cobria-se de vexame. A-pesar de tudo, continuava a amar, agora, porém, com vergonha e em silêncio. O que sofreu! Quis fugir para muito longe. Horas de indizível tormento! Por vezes, sentia acordar em si mundos de ternura, onde havia ténues fios de religião aliviadora... Num momento, valeu-lhe o carinho da mãe, em Braga, onde êle se acolhera.

— Tens-me a mim, Leonardo.

— Querida mãe!



— Crê, o Bom Jesus do Monte lá de socorrer-te. Não chores.

— Desespero!

— Não. Talvez que Deus te queira experimentar. Reza.

E estreitava-o ao peito.

Semanas depois, o escultor voltou para o Pôrto, onde continuou a sofrer muito, muito. Quando não podia mais, desabafava, em longas cartas, com a mãe. Dizia-lhe que só o trabalho lhe atenuava os males. Ia para a oficina (êle escrevia «atelier») e só de lá saía, ao resto da tarde, procurando, nessa embriaguez de arte, o preciso esquecimento. «Tenho necessidade de fátigar o corpo para, dormindo pesadamente, repousar o espírito!»

Numa outra carta, desesperado, escreveu esta frase: «Reze por êste seu desgraçado filho!»; e terminava as suas dolorosíssimas confidências, lançadas num papel que levava manchas de lágrimas, com estas linhas: «Vou refugiar-me no amor da minha mãe e da minha arte».

\*

\*      \*

E os anos foram andando, andando.

Sempre que podia, abalava para Braga, a passar dois dias com os seus.

A mãe recebeu-o uma vez com esta linda frase :

— Meu filho, quando entras nesta casa é sempre sábado de aleluia!

Não faltava aos anos dos pais, ao anho da Páscoa, às rabanadas e aos mexidos do Natal. No São João, lá estava para ver o «Carro das Ervas», com os bailéus dos pastores e o «Rei David» dançar nas ruas, de manto e corôa, não a dedilhar a arpa do Velho Testamento, mas a tocar, num anacronismo pitoresco, o violão braguês de grossos bordões.

Entretinha-se com os seus velhos amigos ; e era doce regalo para si regressar aos dias de infância, passeando, com a sua humilde mãe, às tardes, pelos arredores da cidade — São João da Ponte, Pelames, Maximinos, os mesmos lugares por onde andara com ela, aos domingos, quando era pequeno.

Uma vez, foram mais longe, foram até à Fábrica do Gás, caminho de Ferreiros. Próximo da casa da Companhia, a mãe parou e disse ao filho :

— Tinhas tu seis anos e tiveste a coqueluche. O cirurgião Marques, dos Pelames, disse-nos que te faria bem respirar êste ar, e eu vinha às tardes contigo para aqui. Coitadinho!, tossias, tossias, que era uma dor de alma ver-te! Ficavas encarnado como um saiote, e, aflito com a

esgana, parecia que ias abafar! Credo, nem me quero lembrar!

Comovida com a penosa recordação, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores limpava duas lágrimas.

— Não chore, minha mãe.

— É que tu não sabes, filho, o que eu sofri! Imaginei que te perdia!

— Pois sim, mas isso já lá vai, há muito. Êste ar curou-me.

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores estacou na estrada, e pronto corrigiu:

— Não, não foi êste ar. Foi São Brás, advogado da garganta, com quem me apeguei. Salvou-te. Depois, todos os anos, no seu dia, lá lhe íamos agradecer. Tu levavas uma velinha de seis vinténs.

— Bem me lembro.

— Sim?

Entardecia. Voltavam para casa pela Cruz-da-Pedra e Carvalheiras. Já à bôca da noite, quando passavam no Campo de Santiago, da tôrre de Santa Cruz caíam do sino grande as primeiras badaladas solenes das Trindades. Os dois paravam, Leonardo tirava o chapéu, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores benzia-se; e, com grande devoção, pronunciava a meia voz:

«O anjo do Senhor anunciou a Maria»:

«Avè Maria cheia de graça, o Senhor é convôsko...»

Muito respeitoso, e também em voz baixa, Leonardo terminava :

«...Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós...»

\*

\*     \*

Num inverno de grande humidade e dia de vento «barbeirinho», que escanhoa a cara com lâmina gelada, o sr. João «Santeiro», horas abançado numa reunião das «Almas de São Vicente», deixou-se tomar de frio interior que lhe molhava as costas e lhe arrepiava a espinha.

—Tenho os pés que os não sinto, dizia êle ao seu vizinho de banco, o Macedo mercador, da rua do Souto.

—Estamos aqui há duas horas, e o lajedo é frio como cisterna! Também eu estou gelado! ; e o vendedor de panos batia com as chancas nas lajes a ressumarem água.

À saída, uma rabanada de vento trespassou o sr. João «Santeiro», de lado a lado.

—Foi como se me varassem das costas ao peito, explicava êle, depois.

Pelos Chãos abaixo, gola do casaco levantada, mãos enterradas no fundo dos bolsos das calças, sentia estremeções gelados na espinha. Apressou o andar. Passou na Arcada como um foguete e entrou em casa, enjerido, a tiritar.

— ¡Jesus, pareces desenterrado!, exclamou, assustadíssima, a pobre mulher, vendo-o pálido e de olheiras cavadas e negras.

— Estou gelado!

Foi para a cama. Abafaram-no com quatro cobertores de papa, puseram-lhe aos pés uma botija de água a ferver, e deram-lhe um chá de borragens, tília e flores de sabugueiro, com açúcar mascavado e aguardente bagaceira, tudo a esaldar. Mas o doente, como se apenas estivesse coberto com o lençol, continuou a tremer como varas verdes. Os dentes batiam uns nos outros. A cama rangia.

— Credo!, disse a criada Rosa.

— Parecem maleitas, diagnosticou o Manuel «Sineiro», que as tinha tido, uma vez em Elvas.

Ao anoitecer, repetiram a dose da infusão sudorífera.

Nada!

Ardendo em febre, passou a noite muito agitado, a espernear, a bracejar, a descobrir-se. Pela madrugada, caíu em modorra e dormiu pesada e profundamente muitas horas seguidas. Quando acordou, tarde, tinha uma pontada nas costas, que o não deixava respirar fundo:

— Estou afrontado. Não posso tirar o ar!

Daí a pouco, espectorou um espêsso escarro sanguinolento. Era a terrível pneumonia—

doença pavorosa para os bracarenses de então, pois raros pneumónicos escapavam.

Quando nesse tempo alguém noticiava : «Fulano está com uma pneumonia», pronto decidiam :

— Então é homem ao mar !

Por isso, ao saberem com essa doença o pai de Leonardo, («que já não era criança», diziam) os vizinhos arrumaram dali :

— O João «Santeiro» está liquidado !

Assustadíssimos, foram a correr à rua das Águas chamar o dr. Marques Coelho. O cirurgião militar veio logo. Tomou o pulso do doente, viu-lhe a língua, pediu uma toalha, auscultou-o e torceu o nariz.

-- Meta-se para baixo. Diga-me : apanhou alguma corrente de ar, sr. João ?, engrolou com esgar o afamado clínico a quem a língua tarda como se lhe embrulhava na bôca.

— Estive horas enregelado. Tomei-me de frio. Depois, à saída da reunião de São Vicente, aquele estuporado vento de Enfias, varou-me. ¿Estou muito mal, pois não estou, sr. doutor ?

— Um pouco apanhado, mas não há de ser nada.

— Valha-me Deus ! Mandem já uma parte telegráfica a meu filho.

Sentou-se na cama, esgazeado, excitado.

— Sossegue, homem ! Vou receitar.

Passou à sala de jantar, que era pegada.

O Manuel «Sineiro» e o João «Violeiro» interrogaram o doutor com o olhar.

— Tem tudo isto tomado, respondeu o médico, a meia voz, mostrando com a mão esquerda, em si próprio, no peito e nas costas, o alastramento do mal.

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, que entrava com o tinteiro de louça e um caderno de papel almaço, ouviu a frase, viu o gesto, e logo exclamou aflita, voltando os olhos para as bandas do Bom Jesus do Monte :

— Valei-me, Senhor!, e, pousando o tinteiro e o papel, foi para junto do doente.

O dr. Marques Coelho disse para os assistentes :

— Vou ferrar-lhe com a metralha tôda!

— ¿ Escapará?, perguntou o «Violeiro».

Depois de um gesto vago, o cirurgião voltou os olhos para o teto, e respondeu :

— O que Deus quiser!

Tomou uma fôlha de papel e riscou nela um rectângulo de palmo de comprido e palmo e quarta de largo : — um cáustico.

— É para pôr no peito, lado esquerdo, a voltar para as costas, explicou.

Por baixo escreveu : «Um cáustico, destas dimensões, de massa de cantáridas. Muito polvilhado de cânfora».

Noutro papel, receitou uma xaropada de amêndoas amargas e quermes. Receitou ainda poção alcoólica ; e, à parte, infusão de digitalis.

Instruiu como deviam ministrar as drogas. Por fim :

— Levem três garrafas, e mandem aviar isto ali, ao Hospital.

Nessa farmácia era famosa a massa cáustica, feita de banha, cera amarela, pez louro e cantáridas em pó.

O «Tomé da botica», (cara antiga de barba «à passa-piolho»), ao ver as grandes dimensões do emplasto vesicante, comentou, grave, com o seu costumado jeito de coçar na ponta do nariz a matinha de pêlos que lá pungiam hirsutos :

— Isto não é um cáustico, é um colete !

E o praticante Duarte, ao ler as doses das receitas, comentou :

— Apre!, é com todos os matadores !

Leonardo veio imediatamente e não saíu mais do lado do pai.

O sr. João «Santeiro» foi de mal a pior. A tia «Pôncia», ao vir das compras, explicou assim à vizinha, a pieira e a respiração gorgolejada do doente :

— É uma panela a ferver !

— Santa Bárbara !

Febre alta. Suores abundantes. Língua sabur-



rosa. Não podia respirar ; e a tosse, em frouxos curtos, abafava-o.

Encheram-no de vinho de Pôrto, velho — do P.<sup>o</sup> Veiga, da Cruz da Pedra.

Ao sétimo dia, a doença fêz crise — para pior. Perdido!

Mas no dia seguinte, pareceu melhorar. Logo a santa companheira lhe lembrou que devia confessar-se e receber o Senhor, como agradecimento de melhoras.

O marido acedeu, e daí a pouco a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores dava um jeito ao quarto e ataviava a cómoda e o oratório para a mística visita.

O sr. João «Santeiro», um tanto ou quanto aliviado e bem humorado, pensando na pessoa que lhe havia de trazer o viático — o forreta e sujo abade de São João do Souto com quem tôda a vida embirrara — olhou com olhos piscos e trocistas para o Manuel «Sineiro» e para o Lorôto, escultor, que o foram visitar. O sineiro de Santa Cruz, que lhe conhecia o feitio, disse :

— Vais para aí dizer alguma das tuas...

— Digo-vos que hoje é domingo de Ramos nesta casa.

— Porquê?

— Por Jesus entrar aqui como entrou em Jerusalem :

— ?

— ...montado num jumento!

Os amigos riram muito.

Foi a última piada do João «Santeiro».

À saída, o Lorôto disse para o lado :

— Melhoras da morte!

Confessado ao capelão dos Remédios, trouxe-lhe o Senhor o tal abade de São João do Souto — um velho desdentado, barba de oito dias, voz cavernosa, batina com nódoas de café com leite, e as mangas da camisa de estôpa cheias de marcas de pulgas.

Ao anoitecer, o sr. João «Santeiro» sentiu-se muito aflito. Ergueram-no na cama. Estava pálido como um defunto! Lábios roxos, língua negra, olhos escaveirados e agônicos; o suor brilhava na testa, na face de cera, e empapava-lhe os cabelos e a barba grisalha. Depois, cerrou as pálpebras e caiu em torpor. Ouvia-se apenas a gargalheira da respiração aspérrima, mecânica, como o movimento de um êmbolo perro.

O Manuel «Sineiro», no alto da escada, à pergunta do João «Violeiro», que subia : «O nosso homem?», respondeu :

— Já não dá pelo burro nem pela albarda!

— Está a encher horas, coitadinho, rematou, lacrimosa, a Maria «Tendeira», que fôra para casa da vizinha «para o que fôsse preciso».

Todos falavam baixo e andavam em bicos de pés, no quarto do moribundo.

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, ajoelhada diante do oratório, rezava Padre-Nossos a fio. Depois, ergueu-se, acendeu uma «vela das Trevas», acenou à «Pôncia» e disse-lhe ao ouvido :

—Corre aos Terceiros e diz ao servo que pique já à agonia.

A «Pôncia» foi pôr o capote, desceu a escada e abalou rua fora, com os socos, raque-raque, a arrastar pelas lajes dos passeios.

Leonardo, sentado na cama, amparava o tronco soerguido do pai. A sua dor era profunda e muda.

O pulso do doente — um fio ; e o coração. cada vez mais fraco, começou a falhar.

— Está a espedir, disse a Maria «Tendeira».

O estertor foi rápido : daí a pouco o sr. João «Santeiro» expirava, sereno, com a cabeça no peito da mulher (que lhe chegava aos lábios um crucifixo) e as mãos frias nas mãos do filho, todo desfeito em lágrimas.

\*

\*      \*

Meses depois, fechava-se a modesta casa da rua de São Marcos. Pelá velha estrada de Braga

ao Pôrto, — Voltas de Macade, Famalicão e Carriça — vários carros de bois carregavam mobília, caixotes, gradados e atados, saídos da loja do João «Santeiro».

Na oficina do Bomfim, num gabinete, Leonardo organizou um pequeno museu de coisas que pertenceram ao pai: Nas paredes, vários retratos do sr. João «Santeiro», tirados em diversas idades; encaixilhados, artigos e notícias dos jornais de Braga («Comércio do Minho», «Amigo do Povo», «Correspondência do Norte», «Constituinte») referentes às obras do imaginário; uma caixa de vidro guardava as ferramentas — maço, cinzéis e goivas; nas prateleiras, gessos, barros, pequenas esculturas; em pedestais, alguns santos por encarnar; e num canto, ao alto, um Cristo de castanho, principiado, ainda sem braços nem cabeça — apenas tronco e pernas escavacados a enxó. Num armário envidraçado, estava a obra mais delicada que o pai deixara, feita aos poucos, dômíngos e dias santos, durante anos: a reprodução, em figurinhas de palmo, (escultura em buxo) das oito estátuas de granito que, em seus altos pedestais, postas em hemicíclo no largo fronteiro ao templo do Bom Jesus do Monte, representam os passos da condenação de Jesus à morte e o pedido do seu corpo, feito a Pilatos, por José de Arimátea e Nicodemos. Era uma ingénua obrinha de pre-

sépio, documento de delicadeza devota e de... paciência.

Estas recordações, transferidas para a oficina do Bomfim, valiam menos pelo espírito artístico do que pelo espírito moral do pai com quem o filho, em sua saúde, queria d'ora-avante viver, criando, assim, um ambiente de affecto de que tanto tinha fome a sua alma ávida de ternura, por sua vida isolada e devastada.

¿Que mais trouxe de Braga?

Trouxe a preciosidade das preciosidades, tudo que de bom, de carinhoso, de grande êle ainda possuía no mundo: — trouxe a sua adorada mãe!

No primeiro momento, ela recusou-se:

— Não, Leonardo, deixa-me ficar nesta casa, onde, desde os 19 anos, tenho vivido e desejo morrer.

— Não a quero deixar só, nem quero viver só.

A mãe cedeu, com esta condição:

— Em dia de Fiéis defuntos, hei de vir a Braga rezar e pôr flores na campa de quem Deus levou.

— Sim, minha mãe.

Leonardo, para ela estranhar o menos possível a mudança, arranjou-lhe o quarto com a mesma mobília e na mesma disposição que tudo tinha na rua de São Marcos: a cómoda de vinhático, o

oratório de pau preto e doirados, cheio de santos, a larga cama de casados, e, nas paredes, painéis com registos e cartas-patentes das irmandades a que ela e o marido pertenciam.

À volta dos sessenta e seis anos, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores era, agora, nessa oficina, a luz moral, o aconchego affectuoso que alumia e acariciava a alma melancólica e combalida d'este homem falhado na sua vida de lar.

Era ainda a ordem e o asseio da casa.

Essa mãe humilde, andava silenciosa e espantada entre todos aquelles «trastes velhos» (dizia) e tôdas aquellas obras, umas cópias de mestres antigos, outras originaes do filho, que ela admirava sem entender. Eram reproduções de estátuas gregas e romanas, Vénus, Apolos, Narcisos; estátuas e bustos modernos; trechos vários de escultura — tudo muito outro do que havia na oficina do marido: Cristos, Corações de Jesus e de Maria, Santas e Santos diversos, grandes e pequenos — de todos os tamanhos.

Na sua cadeirinha de costura, humilde e calada, fazia paninhos de «crochet», passajava roupa, ao lado do filho, sempre às voltas com os seus mármorees.

Em certos recolhidos momentos, ouvia-se apenas o martelar sonoro do macete no cinzel de aço e o picar da agulha no pano. E Leonardo

queria senti-la, ali, à sua beira, para, trabalhando, respirar o affecto maternal que dela irradiava.

Às vezes, a mãe suspendia o trabalho, pousava as mãos no regaço e punha-se a olhar para o filho com infinita doçura. Direita no encôsto da cadeira de pallinha, o seu perfil grave, na perene melancolia da viuvez, lembrava aquella «Mãe do artista», de Whistler.

Êsse intenso olhar, vindo do fundo do seu sêr, expressava íntima comiseração: a alma piedosa da mãe sentia que na alma do filho a fé adormecida se tinha calado, se não perdido... O seu adivinhante coração não se enganava, não! Ah, pudesse ela acordá-la, renascê-la, agitá-la, vitalizá-la! Mas, discreta, delicada e sempre humilde, nada se atrevia a dizer e, muito menos, a fazer. Contudo, dentro dos seus meditados silêncios, havia o permanente labor de um coração e de um pensamento cristãos às voltas com o problema religioso do filho. Excogitava como dar-lhe solução. E esta era nela uma idea fixa.

\*

\*      \*

Tudo isto eu presenciei e observei com aquella aguda atenção de quem estuda movimentos de espíritos, que tem de relatar, pois data dessa

época o meu propósito de expor em livro este oportuno caso psicológico. É o período das assíduas visitas que faço à oficina do Bomfim e se torna íntima a minha convivência com o escultor Leonardo. Da sua própria bôca ouvi os principais traços de biografia moral e artística, que vou relatando e comentando.



## A caminho . . .

A arte de Leonardo, que evolucionara do classicismo ao naturalismo, isto é, da disciplina à liberdade, à vida, à expressão, — pairava, presentemente, num poético estádio de sonho vago e musical. Elle tinha amado a beleza greco-latina no seu assombro pela humanidade e grandeza dos temas mitológicos, na sua admiração pelo ritmo das formas serenas, no seu culto pelas nobres linhas das figuras sagradas, pela lógica estética do lançado dos panejamentos hieráticos. Entendia, então, que tóda a beleza estava no equilíbrio, na harmonia, na serenidade, na impassibilidade — atitudes imorredoiras pelas quais passa o Tempo com respeito. Regras eternas eram as das modelações fortes e melodiosas; as das linhas simples e dúcteis; as das atitudes estáveis e leves; as das expressões calmas, que, vindas do Passado, entram pelo Futuro, e, assim, nobres, a tudo resistem. Mas, fora da Escola, onde havia ainda restos de academismo, que era um

interpretar em segunda mão, uma artificiosa versão moderna da natural arte antiga; mas fora da Escola, digo, logo sofreu o abalo violento das ideas do tempo—o naturalismo clamoroso e triunfante, o amor à verdade, à realidade vigorosa e resplandesciente; e tudo isto alterou os juízos em que primeiro se fixara. Antes, os «Escravos» de Miguel Ângelo impressionavam-no perturbadoramente. Dizia-me:

—Sabes?, eu ficava doente, durante horas, quando me punha a examiná-los, a estudá-los no todo e nas minúcias. (Ele dizia «detalhes»).

As razões da sua admiração estavam no entusiasmo que o Mestre florentino votava à fôrça do corpo humano, no poder com que êle estilizava o Vigor, e, depois, no ritmo em que envolvia a Grandeza. Leonardo repetia para si a frase gongórica de Soares dos Reis, a respeito da escultura grega:

—«É tão perfeita que o único defeito que tem é não ter um defeito.»

Porém, adiante, Leonardo restringia-se:

—Sim, admiro muito Miguel Ângelo, mas vejo que não é do meu tempo.

È porque sentia Donatello mais próximo de si e de nós, Donatello, ainda apolíneo, mas sempre humano,—por vezes preferia êste escultor quatrocentista aos mestres da plena Renascença.

Volvidos anos (talvez pelas leituras e, com

certeza, pela natural poesia do seu espírito) o artista principiou a sentir como que o fastio da verdade, o desgosto da realidade, ou melhor o desejo de encontrar nela alguma coisa mais... Sentiu que precisava de acrescentar à verdade natural outro aspecto da verdade, de sobrepôr à realidade outra espécie de realidade que a completasse:— a do sonho que é uma verdade superior, uma realidade extra-palpável. Reconhecia agora que a verdade, em arte, vale pela poesia que a subtiliza e embeleza.

Preguntava-me :

— ¿Não te parece que há mais alguma coisa que a verdade?

— Parece-me que a verdade sensível dos naturalistas não passa de uma ilusão da Verdade!...

E eu, partindo da frase de Óscar Wilde «a arte começa onde a imitação acaba», mais completa que a de Goethe «a arte principia onde a vida termina», punha-me a desenvolver esta idea no sentido de mostrar quanto não basta ao artista quedar-se à superfície das coisas, êle que deve ter pupilas para ver nelas a poesia que existe em tudo que o Criador—Poeta Supremo!— pôs na criação.

— Mas, rectificava eu, que o artista não caia no excesso do subjectivismo individual, que é um documento restrito, isolado.

E resumia :

— Sem faltar à verdade, devemos fugir da verdade... Tudo está em atinar com o «quantum» daquela aproximação e o desta ausência.

Leonardo, atento, silencioso, meneava, de quando em quando, a cabeça — a dizer «que sim, que sim». No entanto, o escultor não tinha a nítida consciência do que se passava nêle. A sua alma era um pressentimento de verdades altas e belas. Aquele vago que o artista queria pôr agora nos seus mármores, não era apenas um novo aspecto estético da forma, era já a busca da interioridade, do espírito das superfícies e das linhas — o invisível no visível. Êle sentia a ânsia infinita de dizer o subjacente das coisas, o intrínseco da vida — o oculto que em tudo existe. Ê que para além da beleza há ainda a Beleza... Ênfim — a poesia revelada na escultura.

Insistindo neste mesmo assunto da excessiva verdade em arte, dizia-me êle, logo adiante, após várias considerações :

— ¿Não achas que a minha escola abusou da luz?

— Luz que hoje pouco te diz, ¿não é assim?

— Justo.

— Ê porquê?

— Porque...

Leonardo não sabia explicar-se. Não sabia que a sombra é mais sugestionadora que a luz: — que a noite revela melhor os mistérios da existência do que os revela o dia esplendente.

.....

\*

\* \* \*

Este artista sente em si como que o rebate difuso que procura acordar alguém que dormita no seu temperamento artístico, ainda não de todo revelado. Qualquer coisa incuba nêle de que êle não tem exacto conhecimento... Presente, porém, que, na explosão, tudo se manifestará diferente: fundo e forma, sentimento e pensamento, e, conseqüentemente, novos processos, sinceros e puros, que darão nova fisionomia à sua arte.

Mas nesse momento o seu espírito está ainda num período de transição em que tudo é impreciso, fugidio, reticenciado... Ao tratar com delicadeza extrema as cabeças femininas das suas belas adolescentes, tudo — olhos, bôcas, faces, cabelos — êle deixava como que por concluir.

Leonardo, que fôra mestre no manejar do violino, e que, como Rodin, amava as sombras fortes das suas esculturas, tinha agora horror aos fundos negros e antipatizava cada vez mais

com durezas e vincos. Afagando os rebordos, diluindo as linhas, vaporizando as superfícies, buscava a côr apenas num ténue claro-escuro. Como que cariciosos aos olhos e tépidos ao tacto, os seus últimos mármores esfumavam-se em formas vagas e ternas. Entre êles (que, dentro da boa escola, mantinham a verdade do volume construtivo, a justa distribuição dos lisos, a elegância da linha decorativa, o ritmo do conjunto harmonioso;) — entre êles e quem os observava, interpunha o escultor-poeta uma diáfana musselina anilada que tudo nublava, dulcificava, musicava. Era a sua alma a querer libertar-se da forma, amando a forma...; a voejar no incógnito, admirando a realidade...; a tatear o imponderável, estimando a precisão.

Dizia-me :

— ¿Não achas que definir de mais uma coisa é matar essa coisa?

Depois, «fala-só», murmurava para si :

— O desconhecido!... O mistério!...

Alto :

— Começo a compreender e a amar a serenidade absoluta, o infinito dos olhos gregos sem pupilas...

— «El quietismo estético» de que fala Valle-Inclan...

— Sim...

E tal como a sua arte presente, em tudo êle

punha reticências: nas palavras, no olhar, nos gestos...

Era o *Além* que está para *além* de tudo! E se não fôra assim, Leonardo não seria artista — sêr que paira e vive distante...

Para mim:

— Penso bem?

— Pensas como Óscar Wilde: «É preciso realizar o ideal, mas não completamente, para o não despojar do seu prestígio, do seu mistério».

— Sinto isso mesmo, querido Ernesto.

— A arte realiza sugestionando...

O escultor meditava. Saído do seu silêncio, disse:

— Rodin, para criar mistério, cortou a cabeça ao «Homem que caminha», e...

Interrompi-o, objectando:

— Essa estátua não precisa de cabeça. Não é um homem que pensa, é um corpo que anda. O movimento está dado no avanço do peito, na elasticidade dos rins, na segurança com que firma os pés em terra e atira para a frente os músculos da coxa e da perna, que se adianta, — enfim, no deslocamento do todo em jôgo harmonioso com o balanço dos braços.

Leonardo não me ouvia e continuava na sua idea:

— ...e truncando os corpos procurou dar-lhes

o aspecto de trechos antigos. Ainda o prestígio do Passado... Ainda o mistério...

E eu :

— Não deixa de ser um truque...

— De génio, ripostou Leonardo.

E assim, longamente conversando, só conhecíamos que o tempo passara porque a tarde caía, como em silêncio meditativo caíam as cogitações das nossas almas artísticas. De tal penumbra nasceu em mim esta frase literária :

— A tua arte é neste momento uma moderna lâmpada eléctrica dentro de um antigo e translúcido vaso de alabastro: luz estagnada em âmbar.

Leonardo olhou-me em silêncio, silêncio que eu não soube ouvir, que eu não soube ler, mas que dizia :

— Se essa luz é a minha arte, essa luz é também o meu coração.

\*

\*     \*

Uma tarde, o crepúsculo entrava docemente na oficina. A «sombra religiosa dos nichos» (como lhe chamava o escultor) enconchava-se em volta de uma estátua, que a recebia gratamente. E em todos os mármores essa luz boleava os contornos.

Repisando num assunto predilecto, tínhamos



falado muito dos actuais pontos de vista do artista. Leonardo, recostado em almofadas, descansava no seu largo divã. Na nossa frente estava um mármore quási concluído, a clarear ainda na penumbra que descia, invadindo tudo de sombra. Era um grupo de três cabeças de criança ternamente inclinadas ao peito da mãe — linda mulher môça que envolvia os filhos num amoroso olhar maternal.

Eu, meditando na ciência dos valores dessa «Maternidade», esculpida em tons de pérola, que se banhavam na luz crepuscular, como em certos quadros as figuras se banham em fundos sombrios, disse-lhe :

— Vais ser o Carrière da escultura.

— Nunca o entendi tão bem como agora. Tôda a sua obra é volume e forma. É um escultor.

— É o pintor do cinzento. Descobriu todos os cambiantes dêste tom.

— Influíu em Rodin, como Rodin influíu nêle.

— Ambos amavam a bruma...

— ¡A bruma!, suspirou Leonardo. Se eu fôsse pintor, pintaria muitas vezes o nevoeiro. Delicia-me esta tinta. Amo a côr do luar, das pérolas, do leite. Amo até esta palavra — *de-leite*.

E silabava, saboreadamente :

— *De-lei-te!*

Eu continuava a admirar a sua «Maternidade». Diante dessa feminina cabeça, jovem e fresca, tratada com infinito respeito a sua carne sã, surpreendida com infinita subtileza a sua expressão cândida, tudo tão puro que parecia realizado por um místico que na formosura da mulher reconhecesse apenas uma linda flor de Deus, — fiz êste comentário:

— Só viste o anjo que nela existe...

Na bôca do escultor adejou um sorriso romântico, que eu interpretei:

— Leonardo, estás entrando no caminho do neo-platonismo, que te levará...

— Aonde?, interrompeu êle.

Após um silêncio, em que busquei ser agudo, respondi:

— Aonde o favor da graça de Deus quiser!...

Êle, entendendo-me, sorriu e suspirou; e no seu sorriso e no seu suspiro havia anelos vagos, distantes, religiosos... Vi que nessa alma cresciam asas... Era a estesia a clarear-se em beatitude; mais exactamente: a religião a revelar-se em esbelteza. Seus olhos abriam-se à espiritualidade. Sua alma dilatava-se.

\*

\*        \*

Muda, recolhida, humílima, a simples mãe assistia, às vezes, a estas nossas conversas, para

ela, pobre inculta, deveras transcendentas. Porém, não tanto que a sua intuição, no que ouvia e via, não pressentisse no filho um movimento de alma, uma aspiração mais alta, um anseio infinito de voar, voar... Mas tudo que o cercava era ainda tanto da terra, tanto! Quando a primeira vez ela entrou na oficina do filho, ofenderam-na aqueles bustos de mulheres despeitoradas e desnalgadas, aqueles torsos de homens desnudos:—aquelas estátuas gregas e romanas, «como as mães as tinham dado à luz», dizia ela, em voz baixa, à Maria «Tendeira», sua antiga vizinha, uma ocasião que foi a Braga. Leonardo, para não molestar o pudor da honestíssima mãe, teve de cobrir essa nudez e de trabalhar à porta fechada, quando tinha modelos nus.

Desde mocinha, ela, na oficina do marido vivera sempre entre imagens de santas e santos, abundantemente envôltas em suas roupas de pau—túnicas afogadas no pescoço, mangas fechadas nos pulsos, e saias pregueadas, que desciam até as pontas dos pés. Mal se adivinhavam os corpos por debaixo de tão farta e dura roupa-gem. ¿Porque não havia o filho de fazer também figuras destas, pois nada mais lindo que imagens de santas e santos? E, por não saber responder, cerrava os olhos pacientes, cruzava as mãos resignadas, e quedava-se triste, a rezar.

Um dia, estavam sós na oficina a mãe e o filho. Leonardo trabalhava num busto de mulher nova, feito em mole pedra de Ançã, cortada com cinzéis tão macios, e afagada com limas tão brandas, que, uns e outras, mais pareciam esfuminhos... As suas mãos hábeis interpretavam, com delicadeza, na ténue mancha da íris, a côr azul, e no recorte dos olhos amendoados, onde a pupila (uma areia de pedra) se afogava no rebordo sombrio da pálpebra superior, a expressão de húmida meiguice da linda donzela cheia de bondade. Tudo era floco, imaterial, nesse busto de graça, como aqueles efeitos de luz cinematográfica que poalha os cabelos loiros, dilui linhas e marfiniza as faces de uma bela cabeça feminina.

A mãe via o cuidado precioso do filho, assistia ao enlêvo do artista; mas em seu coração sofria por ver que êle estudava tanto a expressão e a realização do olhar de uma mulher apenas bonita, em vez de estudar e realizar a expressão do olhar de uma mulher linda e santa — a da Virgem Nossa Senhora, por exemplo. ; Não se virar êle para estes assuntos! ; Que pena! ; Ah, não o tocar Deus com um raio da sua divina graça! Era preciso rogar-lhe, rogar-lhe muito. Então, pousou no regaço a costura, e sôbre ela enclavinhou, com estremecido afinco, os dedos das suas mãos sêcas, brancas e piedo-

sas; e erguendo e inclinando a cabeça, tôda ela um escorso modelado em ternura, pôs o seu olhar de devoto brilho e intenso anelo no céu que parecia estar vendo através do teto alto da oficina. Com a bôca entreaberta, orava; com os olhos súplices, rezava. Silenciosa e doce, tôda ela era uma brisa de prece.

Um pouco de costas, Leonardo esculpia sem reparar na mãe; mas, num momento, voltou-se e surpreendeu-a no seu profundo êxtase devoto. Vivamente impressionado com a atitude beatífica da cabeça, com a expressão da face mace-rada e dos olhos suplicantes da piedosa mãe, Leonardo pousou num instante o maço e o cinzel e pediu-lhe, fremente de inspiração:

— ¡Não se mexa, não se mexa, minha mãe!

Ela quedou-se, surprêsa. Rápido, o escultor correu por papel e lápis. Voltou. Sentou-se ao lado dela; e, pronto, em traços largos, precisos e leves, começou a desenhar o perfil em escorso dessa cabeça de fisionomia suave; êsses olhos transportados de piedade; a linha humilde da bôca entreaberta onde as orações fluíam e sorriam; essa face de branda modelação; êsse busto sereno de ombros descaídos; e a postura das mãos magras enclavinadas em prece fervorosa.

O lápis de Leonardo corria inspirado, iluminado. Num instante, criou um retrato-impro-

viso, justo, expressivo, belo. O escultor olhava-o encantado, embevecido. Com arroubo de artista, sem desfitar d'êles seus olhos admirados, murmurava :

— ¡É o meu Ary Scheffer, o meu Ary Scheffer!

A mãe, silenciosa e comovida, baixara a cabeça, cerrara os olhos, pressentindo que alguma coisa de maior se passava na alma do filho. As suas mãos apertavam-se agora ainda mais uma na outra, no gesto fervoroso de íntimo voto que, a meia voz, fazia solenemente :

— ¡Meu Bom Jesus do Monte, darei de joelhos sete voltas ao vosso templo, se fizerdes que o meu filho torne a ter fé!

Por seu lado, o artista, absorto na contemplação do desenho, repetia :

— ¡O meu Ary Scheffer!

— ¿Filho, que queres dizer com isso? interrogou com voz submissa a pobre mãe ignorante.

Então Leonardo correu a buscar a cópia fotográfica de certo quadro notável onde havia duas figuras sentadas : a de uma mulher que no firmamento fita olhos ardentes de fé ; e a de um adolescente, de face doentia, a quem ela toma boamente as mãos, e que, a seu lado, um pouco curvo, olha com o pensamento profundo para Deus...

— ¿Quem são?, perguntou Maria das Dores.

Leonardo, apontando :

— Esta, a mãe, é Santa Mónica ; êste, o filho, é Santo Agostinho.

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores dobrou os joelhos e pôs as mãos em prece ; e com intenso ardor religioso rezou uma vez ainda do fundo da sua alma :

— Santa Mónica, Santo Agostinho, fazei o milagre !

Olhos cravados nas imagens, chorava, soluçava. Já uma estranha aflição lhe oprimia o peito.

Leonardo, em pé, por detrás dela, tinha as mãos postas nos ombros da mãe. Depois, brandamente, soergueu-a dos tejos do chão ; e porque a sentisse pesada, como desfalecida, e ao mesmo tempo a visse pálida e ofegante, perguntou-lhe ansioso :

— Que tem ?

— Uma coisa que sobe por aqui acima...

E indicava o alto do peito.

— Minha mãe !

— Abafo !

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores esforçava-se para respirar. Os olhos encheram-se de agonia.

— Parece-me que te não vejo bem, Leonardo...

— ¡Querida mãezinha !

E, assustadíssimo, queria arrastá-la para uma cadeira.

— Espera. Já me sinto melhor. (E limpava a testa cheia de suor). Passou!

Pouco a pouco, ia sossegando. Leonardo fazia-lhe festas terníssimas nas faces pálidas, e ela sorria para o filho, com bondade carinhosa e acariciava-o nas mãos:

— Meu filho, meu querido filho!

No silêncio da oficina ouviam-se fora os ramos da acácia bater levemente nos vidros da grande janela — como asas de aves que quisessem entrar...

\*

\*        \*

Nessa mesma noite, o filho entrou devagarinho no quarto da mãe, onde sempre ia, antes de se deitar, beijar-lhe a mão e pedir-lhe a bênção.

Sentada na cama, o chale de castorina pelos ombros, encontrou-a a rezar a sua coroa. Leonardo ia falar, mas a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores fêz-lhe um leve gesto de mão: — que a não interrompesse.

O filho, respeitossíssimo, parou e encostou-se um pouco à ombreira, olhos no chão.

Daí a pouco, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, passadas as suas contas, osculado o crucifixo de prata que sempre trazia consigo e à noite dependurava da cabeceira, disse:

— Anda cá.



Leonardo aproximou-se. A mãe beijou-o e abençoou-o. Depois, mostrando o crucifixo :

— Está cheio de indulgências para a hora da morte. Foi benzido pelo sr. Arcebispo Freitas Honorato. Era um santo!

— Bem sei. Em Braga, numa das capelas dos claustros da Sé, a sua sepultura tem sempre velas acesas.

— Fêz-mo o Manuel «Picheleiro», nosso vizinho. Lembras-te?

— Desde pequeno. O «Manuel dos Cristos» morreu muito velhinho no hospital de São Marcos.

— Êste Senhor é tão bonito! Olha os cabelos em fio! Olha a boquinha! As unhas dos pés!

Interrompeu-se. E logo :

— Sabes?, Leonardo.

— O quê, minha mãe?

— Não sei se diga...

— Diga, diga.

— Gostava tanto, tanto, de ter um Senhor feito por ti!

Mãos dela nas mãos dêle, na súplica veemente, os olhos sorridentes da mãe postos nos do filho, marejavam-se :

— Gostava tanto...

Comovidíssimo, com as lágrimas na garganta, Leonardo respondeu pesaroso :

— Não sei. Nunca fiz nenhum.

— Faze o primeiro para mim.

— Mas...

— É a primeira coisa que te peço.

Leonardo concentrou-se um momento e, depois, disse firme:

— Está bem, hei de fazer-lhe um Senhor.

— Prometes?

— Sim, mãezinha!

E pondo-lhe na cabeça a mão espalmada, fêz o gesto de quem jura.

Enquanto ela agradecida, comovida, o achegava ternamente ao peito; e, depois, olhos no céu, balbuciava uma íntima promessa, — êle, dobrado, humílimo, bom filho, beijava-lhe as mãos brancas onde caíam duas lágrimas puras.

## O último olhar de Jesus

— «¿ **E**M que cismas que levas os olhos pregados na corrente do rio», nesse mármore alvo e mudo que te absorve? — declamei, entrado em silêncio na oficina de Leonardo a quem, havia minutos, eu contemplava nō seu desalento: o escultor, fronte pendida, torso dobrado, braços caídos ao longo do blusão de linho cru, nas mãos o macete e o cinzel, tinha o olhar em quebranto pôsto na pedra branca, onde surgia, em marcado desbaste, a cabeça de um Cristo moribundo.

— Não te senti entrar, disse molemente o artista, sem sair da sua atitude, em que alma e corpo pareciam exauridos.

— Cheguei agora, respondi.

E êle, sempre com olhos esgotados postos na obra parada:

— Dizes bem: «pregados na corrente do rio...» — na corrente da arte. Mas não sou um desesperado de amor, como êsse monge de Her-

culano. O meu amor é outro ; outro o desespero : o do artista que não realiza aquilo em que medita, o do artista em quem as mãos não obedecem ao sonho...

Pousou o maço e o cinzel, sacudiu da blusa o pó do mármore e olhou-me com sofrimento :

— O que eu matuto ! Tenho a cabeça em água !

Em pé, diante de mim, Leonardo buscou expor-me a nevoenta concepção da sua obra, suas incertas ideas religiosas, seus pobres pensamentos filosóficos, seus raciocínios sem seqüência, seus imprecisos pontos de vista de arte. A exposição era obscura, misturando ideas e sensações, tudo informe, frases intermitentes, cheias de claros, períodos por concluir, palavras às cavaleiras umas nas outras, repetidas, mastigadas, num dizer lento e fastioso, metendo, de permeio, bocados de francês e, volta e meia, a cega-rega do estribilho-muleta (« não é assim?, não é assim? ») em manifesta impotência verbal, vinda, sobretudo, da falta de nitidez das suas concepções.

Como é justo o pensamento de Renan : « Uma frase mal composta corresponde sempre a um pensamento inexacto ».

A-pesar disto, apreendi-lhe na meada emmananhada das palavras os fios das ideas principais, o substracto do seu vago tema religioso, o

esfôrço da sua arte fruste, e o que havia de rebusca literária num cérebro besuntado de letras. E então afirmei-lhe :

— Vou explicar-te a ti próprio.

— Ora dize lá.

— Perguntas : ¿ O que teria sido a clarividência do último olhar de Jesus profeta ? ¿ De que modo se manifestaria, na expressão, o pensamento dêsse super-homem, no derradeiro adeus à humanidade ? ¿ Qual a iluminação dêsses olhos de poeta ? ¿ Qual a afloração dessa bôca bondosa ? ¿ Qual a graça dessa face justa ? ¿ Que nos diria o gesto das suas mãos de bênção ? ¿ Como a atitude pacífica do seu corpo pregado na cruz por amor dos homens ? ¿ Realidade histórica ? ¿ Mito ? ¿ Símbolo ? ¿ De carne e osso, ou de bruma ? ¿ Como...

— «C'est ça», atalhou Leonardo. É isso mesmo. Vocês, literatos, sabem adivinhar-nos, e dizer as coisas complicadas que temos cá dentro... ; e Leonardo levava a mão ao peito como se o coração-enigma fôsse poço de segredos, que só sabe calar.

— É fácil.

— Para vocês. A nós não nos chega a língua... Uma vez Junqueiro dizia-me : «Se quere que eu o entenda, ponha-me o seu discurso em escultura».

— Deve ser isso. A um colega teu já eu ouvi

dizer, paradoxalmente : «A minha palavra é o barro, ou o silêncio...»

\*

\* \*

Eis o que, naquela hora, Leonardo tentava exprimir ; eis a fala que êle pretendia arrancar ao mármore calado, a luz quente que êle queria ver acesa nessa frialdade impassível, como se, virtualmente, a pedra tudo isto contivesse. Mas o artista não atingia tal «desideratum», embora no «gêssomodêlo», um tanto ou quanto romântico, que tinha diante de si (todo erupto dos borbotões do compasso de meter no ponto) já houvesse, na atitude terna da cabeça inclinada à direita, na dolência do olhar complacente virado às alturas, na bôca dolorosa e meiga do seu sofredor Jesus — muita bondade e serenidade, reveladoras da alma de um justo e também de um sonhador que, julgando-se predestinado, se impõe aos homens como filho de Deus, por sua doutrina peleja a vida inteira e por ela se deixa prender, açoitar e matar, com olhos confiados no céu que o espera, pois o seu «reino não é deste mundo». Porém, nada disto satisfazia agora o escultor (um intelectual, sem consistência, a todo o momento a tropeçar no ingênito sentimental) que, durante meses e meses, tendo

feito e desfeito vários barros, procurava nesse momento pôr na pedra muito mais do que havia pôsto no último gêsso, alterando inteiramente o carácter aí fixo, muito distante da sua presente interpretação do têrmo da agonia de Jesus — interpretação pessoal, cheia de incerteza e de... literatura!

Dentro das ideas racionalistas de Renan e das do neo-cristianismo de Tolstoï e de outros autores congêneres, noções aprendidas, quási tôdas, de outiva; e das de uma nebulosa teoria literária ouvida também, aqui e acolá, do culto do mistério em arte (para que, aliás, pendia, nos últimos tempos, o seu espírito enamorado do vago...) e ainda de incerto mal definido misticismo humanitário, em que a palavra «solidariedade» estava na moda; — dentro de tudo isto mal digerido, pretendia fazer a sua obra de escultura social e religiosa. Por um lado, aceitando, com aqueles autores, que Jesus fôra um grande prègador de religiões, dos que abalam o mundo, queria que êle morresse como um semi-deus antigo. Por outro, considerando-o um iluminado poeta religioso, um confrade essénio, queria que Jesus, homem apenas, sofresse e morresse como homem, estoicamente, como morrera Sócrates, ou lîricamente, como morrera São Francisco de Assis — alma de passarinho.

Os olhos do artista plástico deliciavam-se na beleza formal, dentro da escola naturalista em que fôra instruído ; mas logo no poeta subjectivo, que havia nêle, demorava a idea difusa de dizer o mistério pelo obscuro, se não pelo impreciso da escultura como que dissolvida em bruma... Outro pensamento, porém, se intrometia : o da ideologia democrática que considera Jesus precursor da Revolução. Seguindo-o, Leonardo pensava em pôr nesse corpo tôda a rudeza do homem que queimou a pele nos ardores do deserto e, descalço, calejou os pés nos caminhos ásperos entre Nazaré e Tiberíades. E, assim, o seu anseio flutuava incerto : ora queria que o todo se acentuasse em linhas de energia, em modelações vigorosas de vincado carácter, pois que de um extraordinário carácter se tratava ; ora que êle se estilizasse num volume-símbolo, impressionante ao primeiro aspecto ; ora ainda que fluísse em superfícies vagas, em traços fugidios, a dizerem lenda... : ¿ não seria Jesus um mito ? Desta arte, umas vezes, as suas mãos activas procuravam realizar, objectivamente, nítidas verdades plásticas ; outras, subjectivas, quedavam-se buscando nas superfícies vaporosas a fuga da frase musical que transporta o espírito do artista para além das realidades. Urdindo tudo, havia ainda, entrelhada na sua alma, sem que êle por tal desse senão mínima conta, uma



íntima unção piedosa, qual luzinha de candeia cristã, pequenina e pura, vinda, por atavismo, dos portugueses séculos católicos que lhe pesavam em cima, vinda do ambiente que cercara a sua infância e da religiosa educação maternal que tivera. E êste bruxuleio de cristianismo, imperceptivelmente introduzido no seu entendimento e sentimento, por vezes lhe clareava o sorriso e lhe iluminava o olhar na ante-visão do sobrenatural, mas isto era fugaz como sombra de fumo veloz... Todos êstes vários e opostos motivos se embrechavam no cérebro do estreito pensador, na sua sensibilidade semi-pagã por cultura, crente por instinto, cristã por educação, e o lançavam — pensar, sentir e mãos — na bruma dos anseios indefinidos, nos tormentos das irresoluções, nos desesperos da impotência. Assim a sua alma sentia-se, ao mesmo tempo, leve e sobrecarregada, liberta e escrava.

Neste emmaranhado de coisas, cada vez mais se enriçavam os pensamentos, e entorpecia o ânimo do escultor consciente e inconsciente, que concluía atormentado :

— Sabes?, digo como Delacroix : «Je mourrai enragé!»

E eu pensei nas torturas de Mallarmé : «Sou um obreiro desesperado e desgraçado!»

\*

\*      \*

Era, portanto, como a «corrente de um rio», de enorme caudal, abismo tenebroso, mas superfície irisada, o mundo de problemas que tinha dentro de si, os quais, aliás, pareciam exteriores pela insistência com que êle cravava os olhos no mármore para o qual estendia as mãos suplicantes, ávidas de materializar os seus pensamentos perplexos, os seus sentimentos dúbios — sôfregas da luz que não podia surgir da pedra bruta. Se, por um lado, o discípulo de Rude e Carpeaux, dominado pela beleza das linhas e das atitudes, não queria sair dos princípios plásticos de realizar a sua obra com verdades de modelação forte, nítida e decorativa, num conjunto de estilo sóbrio; por outro, o seu espírito enamorado do mistério da vida, estimava luarar por cima de tudo a névoa do indeterminado...

Neste complexo de exigências e contradições se enredava essa alma, se entorpeciam essas mãos.

Desta maneira, aquele artista consumia-se no empenho de alcançar o vago das expressões entrevistas pela sua emotividade e criadas pela sua imaginação; mas, artista naturalista, prendia-se à beleza da verdade, e decorativo, à

graça formal. Era, ao mesmo tempo, o amor à realidade e ao devaneio — ao sol vivo e ao luar morto!...

O desânimo tomava posse d'êle :

— Não sei... Não sei... Que martírio!

Olhos cerrados, cabeça nas mãos, todo dentro de si próprio, perguntava-se, perguntava-se. E porque era essencialmente emotivo, buscava que quem respondesse fôsse o instinto do seu coração artístico, confiado em que êle, vidente, lhe delineasse as visões esfumadas...

Tal era o problema em que, durante a minha longa ausência do Pôrto, Leonardo se absorvia, mergulhado, havia muitos meses, na luz quieta da sua oficina onde se fechara para um dia, concluída a obra, de surprêsa apresentar o seu Jesus à mãe que lhe fizera tão devota encomenda, devoção que era outro factor actuante — outra profunda dificuldade do seu espírito descrente.

E como essa santa mãe cristã, também eu pedia a Deus o favor de um raio da sua divina graça que iluminasse êste artista a tatear sombras...

## VII

### Luz da Razão

**C**OGITEI, então, na melhor maneira de intervir junto dêste espírito sem norte, desta alma onde a primitiva crença abandonada jazia em torpor. ;Quem mais idóneo para semelhante emprêsa? Eu, ;de modo nenhum! Além de me considerar menos competente, se tal fizesse, não teriam fim as nossas discussões, e a batalha vã pulverizar-se-ia em inutilidade... Leonardo precisava de ouvir a voz persuasiva de um padre sábio e afável, que lhe dissipasse as sombras do pensamento desviado e acordasse nêle o adormecido sentir cristão. Leonardo tinha necessidade de ouvir uma voz-luz, uma voz-carícia, iluminadora e ameigadora da sua alma terna de homem, da sua alma subtil de artista.

E logo se me apresentou diante do espírito a admirável figura do meu confessor, o querido dominicano, P.º Amaral. ;Que pena que nessa ocasião êle estivesse em França!

Pensei em dirigir-me ao jesuíta dr. Luís

Sequeira, com quem eu mantinha excelentes relações pelo muito que o admirava e estimava.

Era um sábio professor e um notável pregador. A sua figura meã e maciça; a cabeça grossa de modelação forte; a expressão algo dura das pupilas que furavam os cristais dos óculos de míope; a linha recta da boca que só sabia servir a verdade; seus gestos secos e terminantes; — coincidiam com o modo de ser da sua intellectualidade sólida, serena, austera. Os seus raciocínios tinham o corte e a concisão das fórmulas matemáticas: postos os princípios, era um géometra a deduzir theoremas. Sem atavios de palavras, sem redondos de frases, os seus períodos curtos e a sua oratória sóbria possuíam, na directura da linha recta, a eloquência das ideas firmes e sãs.

Mas pensei também (tratava-se de um escultor sentimental destes de quem Chateaubriand escreveu: «têm o génio no coração») se não seria preferível pôr junto d'ele o silêncio-unção de um olhar raso de bondade, de um sentir manso que logo o comovesse e conquistasse, pois Leonardo era daqueles a quem uma palavra doce melhor convence que uma palavra culta. Hesitei, assim, entre aquele jesuíta, sábio e frio, e o meu estimadíssimo Frei José, modesto fran-

ciscano, muito bom e simples. Dizia-me o coração que mais directamente iria pelo fradinho menor; mas avisava-me a razão de que deveria começar pelo jesuíta. Meditei, ponderei o caso, e decidi-me pelo jesuíta, e nessa mesma tarde, sabendo-o de passagem no Pôrto, para um Tríduo na Torre da Marca, procurei-o na casa dos Vasconcelos, solar católico, onde êle costumava hospedar-se.

Exposto o problema religioso que tinha de combinar-se com o problema artístico, logo agudamente o dr. Luís Sequeira me disse:

—¿Mas como há de o seu amigo conceber um Cristo verdadeiro, se êle não é um verdadeiro cristão? ¿Como há de realizar uma imagem católica, se as suas mãos não são católicas?

Elucidando o dr. Luís Sequeira, disse-lhe:

—O Leonardo está com a cabeça cheia das teias de aranha das más ideas racionalistas, apanhadas a dente nas conversas levianas de uma geração conduzida por Comte e Spencer. Renan encantou-o e envenenou-o. Todavia, o seu fundo é religioso e o seu coração, cristão.

—Indispensável doutriná-lo.

—E quanto antes.

—Lê?

—Pouco.

— Precisa de fazer um longo «Retiro-fechado».

— Neste momento, não lhe será fácil.

— Que se instrua em matéria religiosa. Depois, conversaremos.

— ¿ Porque não imediatamente? ¿ Quere que lho traga cá?

— Impossível! Estou atarefadíssimo. Não tenho um momento de meu. Amanhã vou para Lisboa, depois para Braga, Viana e Lamego — prègar.

— ¿ Poderá indicar-me os livros que Leonardo deve ler?

— Perfeitamente. ¿ O seu amigo conhece o alemão?

— Nada.

Vendo o relógio :

— Tenho de sair já.

— ¿ Posso voltar à noite?

— Não janto em casa.

— Então?

— Logo que possa, escrevo-lhe. Indicar-lhe hei o que deseja. Que êle vá lendo êsses livros. Em Julho, leve-mo a Oya. Faremos um longo e salutar «Retiro».

Despedimo-nos.

Semanas depois, recebi (um pouco rascunhada) a seguinte carta, vinda de Santa Maria de Oya (La Guardia, Galiza) :

\*

\*      \*

Meu amigo :

«Sempre a correr, porque os deveres do meu ministério exigem todos os meus instantes, venho desempenhar-me, como puder, do que lhe prometi.

O nosso escultor, antes de mais nada, necessita de ver que os seus ídolos intelectuais — A. Comte e Renan — têm pés de barro, muito frágeis. Precisa de ler LAGRANGE, O. P. *La vie de Jésus d'après Renan*, para se convencer de que a obra de Renan, no campo da ciência crítica, já há muito se não cita senão para exemplificar os processos anti-científicos da crítica romântica. GARRIGOU-LAGRANGE, eminente professor nas principais escolas de Teologia da sua Ordem, é, na actualidade, um dos mais autorizados discípulos de São Tomás de Aquino. No seu livro, *Dieu, son existence et sa nature* (Paris, Beauchesne, 1905) encontrará o nosso escultor, perfeitamente adaptadas, com todo o rigor filosófico e teológico, às exigências intelectuais do nosso tempo, as profundas soluções dadas pelo Anjo das Escolas aos mais intrincados problemas acêrca da *existência e natureza de Deus*. Mas é claro que só poderá



compreender e saborear a obra científica de GARRIGOU-LAGRANGE quem não for hóspede na Filosofia e Teologia escolásticas. Parecia-me, pois, conveniente que sôbre êste assunto o seu amigo começasse por ler o livro de JACQUES MARITAIN, *Saint Thomas d'Aquin apôtre des temps modernes*, e a seguir, o seu recente trabalho — *Art et Scolastique*, onde encontrará, tratados e resolvidos à luz da razão, os problemas da beleza e da moralidade artísticas.

Para o libertar dos preconceitos positivistas, deverá ler, com muito fruto e até com prazer estético, a obra de ABBÉ DE BROGLIE, *Le Positivismisme et la Science expérimentale* (Paris, Palmé, 1881).

Restaurada a confiança na inteligência, para o que conviria ler ainda as penetrantes análises do citado JACQUES MARITAIN, nos seus livros *Réflexions sur l'intelligence et sur sa vie propre*, *Antimoderne*, e ainda outros, é tempo de pôr nas mãos do nosso escultor a obra excelente do P.<sup>o</sup> FERNANDES SANTANNA, *Apologética*, em que êle encontrará, expostas com sobriedade e vigor inexcedíveis, as *bases científicas da religião* (existência e natureza de Deus, existência e natureza da alma humana, e união dêstes termos pela religião). Se o seu amigo quizer aprofundar estes pontos basilares (aliás tratados no citado livro de LAGRANGE, *Dieu, son existence*

*et sa nature*) desenvolvidos, com notável vigor filosófico e empolgante eloquência, os argumentos da existência de Deus, poderá ainda ler *Les sources de la croyance en Dieu*, de SERTILLANGES, que é outro distintíssimo dominicano, professor no Instituto Católico de Paris, conferencista sapiente, feroso, elegante e fecundo. Ocorre-me outro livro: *La destinée de l'homme*, de CL. PIAT, obra onde, em estilo muito atraente, se trata, com profundeza filosófica, o grande problema do destino do homem em todos os seus aspectos.

Agora é lançá-lo em cheio no estudo do *facto cristão*. Mas para êle proceder com inteira confiança, é necessário começar por lhe fazer ver que não há *fontes históricas* mais joeiradas pela crítica do que estas, a ponto de autores racionalistas, de maior nomeada, como HARNACK, reconhecerem que as «Epístolas» de São Paulo, os «Evangelhos» e os «Actos dos Apóstolos» são documentos históricos de primeiro valor. HARNACK, protestante liberal, professor da Universidade de Berlim, chefe incontestado da Escola racionalista, escreveu: «Un temps viendra, et il est proche, où l'on ne se cassera plus la tête à solutionner les problèmes historico-littéraires sur le terrains des origines chrétiennes, car pour ce qui est à résoudre là, une solution sera généralement adoptée, je veux dire, le droit incon-

testable de la tradition — (à la réserve de quelques points importants.)» (Citado por DEVIVIER, *Cours d'Apologétique chrétienne.*) Para êle se convencer disto com os próprios olhos, é bom fazer-lhe percorrer algum trabalho que trate a fundo das fontes da revelação cristã, por exemplo, o livro *Critique et catholique* (Paris, Letouzey, 1912), de HUGUENY, O. P., mestre em Teologia. Nesta obra há muita ciência e muita lógica perfeitamente a par da crítica moderna. Também LEPIN, autor do *Evangelies canoniques*, no *Dictionnaire Apologétique*, é uma autoridade incontestável nas questões de crítica histórica das fontes cristãs, sobretudo dos Evangelhos, e, em especial, do Evangelho de São João. Contra o «modernismo» de LOISY e o racionalismo de HARNACK é notabilíssimo o vigor da sua lógica e a perspicácia da sua exegese.

Depois, é pôr-lhe nas mãos uma boa edição do «Novo Testamento», digamos, a edição CRAMPON, e pedir-lhe que, lendo-o e meditando-o, observe as obras portentosas de Jesus, assimile a sua doutrina sublime, admire a sua santidade. Isto só de per si será suficiente para o inclinar a admitir em Jesus Cristo uma missão divina. Mas quando, às obras portentosas de Jesus, à sua doutrina excelsa, à sua santidade mais que humana, o nosso artista vir juntar-se a afirmação explícita, a cada passo repetida,

nas mais variadas circunstâncias, do próprio Jesus que se proclama Messias e Filho de Deus ; quando o vir confirmar a sua promessa com a sua maravilhosa Ressurreição ; quando reconhecer que a Onnipotência de Deus intervém para realizar as profecias de Jesus ; quando, à luz da história, se persuadir de que a admirável propagação e vitória do Cristianismo é inexplicável sem a intervenção divina ; — então o nosso escultor, se tem uma alma sinceramente ansiosa de luz e se lealmente ama a verdade, estará muito perto de cair aos pés de Jesus e exclamar como São Tomé :

— «Senhor meu e Deus meu!»

Para o ajudar ueste trabalho, será bom indicar-lhe outro belo livro de LEPIN : *Jésus, Messie et Fils de Dieu* ; e mais estes : MANGENOT, *La Résurrection de Jésus* (Paris, Beauchesne, 1910) ; PAUL ALLARD, *Histoire des persécutions, 1892-1895*.

E assim terá chegado o seu descrente amigo a esta conclusão fundamental : *A única religião verdadeira é a de Jesus Cristo, religião universal que, portanto, se impõe à humanidade.*

¿Mas onde se encontra a verdadeira religião de Jesus-Cristo? ¿Nas seitas protestantes? ¿Nas igrejas cismáticas ou na Igreja Católica Apostólica Romana? Para o nosso artista alcançar a evidência neste ponto interessantíssimo, é mis-

ter aconselhar-lhe ainda um bom tratado sobre a *Igreja de Jesus Cristo*.

Apontei vários livros sobre cada um dos estádios que o nosso escultor deve percorrer para chegar à verdade. Mas se êle preferisse, em vez de muitas obras, uma só em que encontrasse respostas sólidas a tôdas as suas dúvidas, aconselhar-lhe-ia a bela obra do Vice-Reitor da Universidade Católica de Paris, MGR. LOUIS PRUNEL, obra coroada pela Academia Francesa. Em estilo acadêmico, acessível a tôdas as pessoas de mediana cultura, o autor dá-nos uma instrução completa nesse *Cours supérieur de Religion* (Paris, Beauchesne, 1923, s. s., 5 vol.). No primeiro volume — *Les fondements de la Doctrine Catholique* — estabelece as bases científicas da fé. O espírito mais exigente fica satisfeito com as respostas que o autor nos dá a estas questões fundamentais : 1) Por que motivo cremos em Deus ; 2) Por que motivo cremos na vida futura ; 3) Por que motivo cremos que há uma religião verdadeira e revelada por Deus ; 4) Por que motivo cremos na divindade de Jesus-Cristo. — No segundo volume — *L'Église* — põe-nos o autor ao corrente das questões mais importantes sobre a Igreja de Jesus-Cristo, como existência, natureza e constiução, poder e relações com o Estado. — Nos três volumes seguin-

tes, faz-nos conhecer o dogma católico : no III, *Les Mystères*, explica-nos os mistérios da SS.<sup>ma</sup> Trindade, Incarnação, Redenção ; no IV, *La Grâce*, expõe-nos a elevação do homem ao estado sobrenatural, a queda, o pecado original, a reparação — a graça santificante e a graça actuante ; enfim, no V, *Les Sacrements*, estuda os canais dessa graça, instituídos por Jesus-Cristo.

Para um homem que deseja conhecer bem a religião cristã sem se embrenhar no estudo de livros pròpriamente técnicos, é talvez, actualmente, a obra mais adequada às exigências intellectuais.

Mas se um dia quiser aprofundar esta matéria, tem, no *Dictionnaire Apologétique de la Foi Catholique*, de D'ALÈS, o monumental artigo de L. DE GRANDMAISON — *Jésus Christ* — que satisfaz ao mais exigente espírito moderno.

Quando o nosso escultor tiver sinceramente percorrido êste caminho de luz, as dificuldades da intelligência estarão naturalmente desvanecidas. Resta vencer as tibiezas da vontade, as relutâncias dos sentidos. Para isso, é necessário aproximá-lo de Deus, mas de Deus na solidão. Mande-mo, então, aqui a Oya, onde, separado do mundo, contemplando a grandeza do Autor na imensidade do Oceano ; reflectindo sôbre o

plano do Criador a respeito da criatura racional e sobre os extravios da liberdade ; meditando as conseqüências eternas dos nossos actos, bons ou maus ; enternecendo-se com a contemplação da misericórdia infinita de Deus ; ouvindo o chamamento do Rei Divino, que é Caminho, Verdade e Vida ; seguindo-o passo a passo e, transformada a própria alma em imagem de Jesus, viver com Jesus no peito ; — então, terá conseguido o que pretende : ser verdadeiro cristão para, artista, poder realizar um Cristo verdadeiro.

Meu amigo : desculpe-me as insuficiências desta carta, e as emendas, pois, escrita quasi ao correr da pena, não tive vagar de a copiar. O tempo nunca me sobra. Tenho que prègar em Braga no próximo domingo, e, logo a seguir, em quatro dias da semana seguinte.

Para qualquer esclarecimento ulterior disponha sempre de quem é

com tôda a consideração  
seu amigo  
P.º LUÍS SEQUEIRA, S. J.

Devolvida do Pôrto, recebi esta sábia carta, em Lisboa, quando eu fechava as malas para seguir, nessa mesma tarde, para Madrid e Bar-

celona. Reli-a com vagar dentro do «Rápido» Lisboa-Madrid. Era um curso de religião católica — j um manual bibliográfico da conversão! O estudo indicado havia de produzir a maior impressão em Leonardo. Convertê-lo-ia. Tornava-se, entretanto, necessário que essas leituras fôsem feitas com método e junto de alguém que o conduzisse e esclarecesse. Logo que eu voltasse de fora, procuraria êsse alguém e encetar-se-ia semelhante trabalho. Mas demorei-me em Espanha muito mais tempo do que tencionava e só em princípios de Julho, três meses depois da minha abalada, eu recolhia a Portugal.



## Candeia que se apaga e lega o sol em testamento

— **Q**UE se passou na minha ausência?  
Isto :

Leonardo, depois de mil hesitações e alterações, tôdas no sentido de realizar, ao mesmo tempo, um Jesus verdade-histórica e um Jesus verdade-mito—Jesus Homem e Jesus Símbolo—terminou, em mármore de Carrara, no branco anilado do luar de Agosto, o busto (tamanho natural) que tanto o fêz meditar. O conjunto do corpo de Jesus crucificado, êsse, estava em gêsso, numa tôsca cruz de oficina. Tudo, depois, êle copiaria, definitivamente, em madeira.

Mas as interpretações da cabeça e do corpo dêste seu Jesus eram diversas, no espírito e na forma. O corpo, estudada, com ciência a anatomia, a modelação, o movimento, e tudo executado com mãos de mestre, ficara um são e belo trecho de escultura, pleno de vida, assinalado de carácter.

Na cabeça, porém (embora houvesse, constru-

tivamente, o mesmo honrado estudo anatómico, a mesma probidade no desenho, e, na expressão, o autor buscasse traduzir o sentimento de um bom e o pensamento de um poeta estóico que pelo ideal se deixa matar); — na cabeça, porém, o vago cinzel do vago escultor-pensador, tanto afagara, esfuminhara, diluíra — linhas, superfícies, — que o mármore duro, como que transformado em cera mole, neve em flocos, algodão em rama, deixou de ser pedra para ser bruma alvadia. Como nas «Irmãs», de Rodin, em que só se vêem máscaras e mãos; como no «Cristo», de Carrière, cujas extremidades se esfumam no negrume do campo do quadro; — também êsse trecho de escultura, desviada a noção plástica, perdido o pé da vida, se subtilizara num trecho de literatura...

Estava terminada essa cabeça; no entanto, parecia apenas esboçada... Dir-se-ia lioz esboçado, mármore desbastado, mas menos ainda daquilo em que o deixa, na sua primeira sessão, o escopro do canteiro, ao marcar na pedra, num desenho fugaz, o contôrno do gesso que tem presente e vai copiando.

Ao conceber tal cabeça de Jesus (Leonardo tudo depois me explicou) a preocupação do artista fôra traduzir pelo indefinido da forma o indefinido da idea que na alma humana é a fuga à transcendência, é o vôo, através do mun-

do religioso, ao sobrenatural, — à região dos mistérios... Êle viu Jesus, no fundo da história, como mancha vaga de côres difusas, que o prestígio dos tempos sagra. Pretendia o escultor que essa cabeça fôsse mais idea que se entrevê do que forma que se vê; mais beleza que se entremostra do que realidade que se analisa. A expressão havia de ser dada apenas pelas linhas de contôrno, pela atitude santa da mancha diluída. Enfim, que a escultura fôsse, o mais possível, *imagem e só imagem; representação e só representação*, ao serviço do máximo culto interno no mínimo culto externo. Êsse impreciso belo seria fonte de sugestões religiosas onde tôdas as consciências devotas, comovidas e ansiosas, vissem o que o seu sonho piedoso crê e quiere ver nelas. Desta arte, o escultor buscou realizar o impalpável no mármore palpável; o incerto no mármore certo; — pôr na pedra rija aquele difuso, aquele misterioso que a penumbra põe no fundo dos nichos envidraçados, em tôrno das cabeças dos santos, diluindo-lhes as linhas e a modelação: o mesmo que, nas capelas-mores, lá em cima, no alto dos tronos, nos camarins entre cortinas e baldaquinos, faz às imagens a meia luz religiosa, envolvendo-as em recato sacrosanto. Para isso, as superfícies dos mármorees seriam imprecisão, que traduzisse os anseios hiper-sensíveis dos corações crentes. Final-

mente, que essa cabeça nebulosa fôsse tema de vibrações sobrenaturais, fôsse mistério suggestionador, fôsse música transportadora...

Tal era o pensamento do escultor, tormentoso pensamento de um artista que pretendia pôr a pedra ao serviço da sua precária metafísica religiosa — espécie de heresia «modernista» aplicada à escultura cristã, — laivos de doutrina protestante a que não foram indiferentes as conversas tidas últimamente, no Pôrto, com aquele seu antigo camarada de Paris, o pintor Júlio Monteiro, que lhe falava no «nosso Cristo interior» e, entre outros erros, lhe insinuara êste :

— Cada um de nós, artistas, deve interpretar individualmente, como a vê o nosso pensamento e a sente o nosso coração, a idea-imagem do Cristo dos Evangelhos, e pôr de parte êsse falso intermediário : — a Igreja.

\*

\* \* \*

Era o dia 30 de Junho, uma sexta-feira. A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, devota do Coração de Jesus, terminara o seu «mês» religioso, por ela consagrado ao Senhor, com o fim de obter para o filho a graça da fé. Abrira e fechara o Junho santeiro, confessando-se e comungando ; além

disto, jejuou durante trinta dias, confessou-se e comungou tôdas as sextas-feiras.

O problema religioso do filho, preocupação absorvente de cada hora, consumira-a fisicamente, a ponto de lhe fazer perder o apetite, de lhe tirar o sono. Emmagrecera. Estava sequinha como palhas: — «pele e osso», dizia uma vizinha. Sentia grandes quebreiras nas pernas, nos braços, e dores nas costas, que a derreavam e obrigavam a curvar-se.

— Ando como quem me batesse!, dizia ela, alquebrada.

No rosto havia o emaciamento e nas pálpebras os edemas dos cardíacos. Tinha a palidez macepada dos mortificados; mas no olhar seguro ardia a confiança dos tenazes e também, por vezes, a ascese dos justos. Em pé, a sua figura, esguia e grave, lembrava a da Santa Genoveva, de Puvis de Chavannes, recortada no luar azul daquela antiga e fria noite em que a padroeira velou Paris.

Sòzinha no seu pequeno quarto com as paredes cobertas de oleografias e gravuras de santos e santas em velhos caixilhos de pau cetim, ajoelhara diante da sua cómoda de vinhático, com fechos de latão, que ela armara em altar, cobrindo-a com toalha branca de linho, bordada de ilhoses e pontos de recheio. O seu oratório de talha doirada, estava repleto de imagens diver-

sas, velas das Trevas, palmitos dos Ramos, «Agnus Dei» de cera, bentinhos de Nossa Senhora do Carmo, relíquias, rosários e flores de tafetá, tudo em volta de um crucifixo de marfim. De encontro à porta de vidro colocara ela a estampa colorida e encaixilhada do Coração de Jesus, entre dois castiçais de prata com velas de cera e jarrinhas de porcelana branca e dourada, com rosas e cravos vermelhos, que era a côr do Junho em fogo. Lida a meditação do dia, rezado o têrço e entoada a ladaínha, feita a consagração final, e concluídas as orações pelos seus mortos, a sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores finalizava as preces do seu mês, rogando, uma vez ainda, pelo ressurgimento da fé na alma do seu querido filho. Esta piedosa mãe sentia que em Leonardo a crença andava assim a modo desavinda com êle próprio; o pensamento às apalpadelas; o coração à toa; os lábios desafeitos de rezar; e os passos esquecidos do caminho da igreja. Era verdade que o filho a acompanhava todos os domingos à missa do Bomfim, mas ela bem via que isso era mais obrigação que devoção, mais delicadeza que piedade. Por tudo isto, essa mãe preocupada orava de mãos postas, fremente:

— Sagrado Coração de Jesus, ouvi-me, ouvi-me! Eu vos rogo, — Jesus, meu Jesus! — tocai, salvai a alma de meu filho!, e cravava os olhos súplices na estampa colorida onde um

Senhor, de cabeça ternamente inclinada e olhar misericordioso e sorridente para quem o olhava, abria no peito, com gesto de mãos afáveis e delicados dedos, a túnica branca a mostrar o seu divino coração vermelho, cingido de verde coroa de espinhos e timbrado por uma cruzinha negra saída de um penacho de lume — a chama celeste do Amor-Divino.

— O meu querido filho!, murmurava em sua permanente canseira de alma.

Aquela encomenda, que ela lhe fizera de um Senhor, fôra ditada pelo seu instinto religioso de mãe. Pensava :

— «Vendo-o com Deus, Deus o tocará. Jesus é a melhor companhia. O Senhor há de gostar que Leonardo lhe faça o retrato».

\*

\*      \*

Na manhã dêsse mesmo dia, Leonardo deu um pouco de ordem à sua oficina. Pintou de preto a cruz tôsca (de que, um momento, se servira para suspender, com cordas, o modelo) erguida, num estrado, de encontro à parede, com o Cristo em gêsso, e ao lado, num cavalete, pôs o busto do mesmo Jesus, concluído em mármore.

No ambiente, a luz esvaída da tarde era dis-

certa, e pleno o silêncio da casa vadia. Os dois ajudantes tinham saído e os criados estavam lá para cima, para o fundo da casa.

Tudo disposto, quis Leonardo fazer à mãe a surprêsa de lhe mostrar a obra que ela lhe encomendara e êle terminara após tanto e tanto labor de pensamento e mãos.

Foi chamá-la ao seu quarto. Encontrou-a a apagar devotamente as velas. Subiam no ar fios de fumo que espalhavam no ambiente o cheiro fúnebre da cera. Do braço esquerdo, pendia-lhe, de um cordão de prata, o seu amado crucifixo feito em Braga pelo «Manuel dos Cristos»; e nos lábios sem côr desta velhinha, um pouco dobrada e trémula, borbulhavam ainda restos de orações bichanadas.

Abrindo devagarinho a porta, o escultor perguntou :

— Dá licença, minha mãe ?

— Entra, Leonardo.

Êle beijou-lhe a mão ; ela achegou-o ao peito :

— Meu filho !

Houve um momento de silêncio entre aquelas almas enternecidas.

Saindo da sua comoção, Leonardo disse :

— Venho buscá-la para lhe mostrar a minha obra — a sua obra.

— ¿ O quê, já a acabaste ?, disse, num sobresalto, alegremente surprêsa, a santa velhinha.



— Sim, minha mãe.

— Deus seja louvado!, exclamou ela, como-vida, pondo as mãos em prece e os olhos no céu.

Este piedoso alvoroço afogueou-lhe as faces pálidas, avivou-lhe a luz nos olhos gastos.

— É verdade, mãezinha, o gesso está pronto e o mármore terminado.

— É a imagem tôda?

— Depois, em madeira. Eu próprio a farei.

— Quem a encarna?

— O Bento.

— Está bem. Tudo é por Deus! Ora vamos lá, vamos lá, disse ela satisfeita e apressada.

Saíram para o corredor.

— ¡ O meu Senhor, o meu Senhor!, murmurava, religiosamente contente, afagando com a mão direita as costas da mão do filho que lhe dava o braço, ao descer o primeiro lanço de escada.

No patamar descansou. De um postigo, vinha da barra uma réstia vermelha de sol poente que, iluminando-a, lhe corou e avolumou um pouco o rosto macilento e cavado.

Fatigada de comoção, a mãe fitou os olhos nos olhos do filho, no fundo das pupilas, a perscrutar-lhe o brilho de fé que lá queria ver. Eram olhos de mãe, olhos de instinto — verrumas intuitivas de interrogações subtis. Leonardo olhou-a também, mas o seu olhar era sereno.

Sorrindo triste, com uma pontinha de dúvida delicada, a mãe interrogou a mãe do :

— ¿E estás contente com o teu trabalho?  
¿Nosso Senhor gostará do teu Senhor?

Estas místicas perguntas enlearam o artista. Leonardo pôde apenas responder :

— A mãe vai ver... A mãe dirá!...

Desceram o segundo lanço.

À porta da oficina, o escultor abriu um batede, e, afastando-se, ofereceu a dianteira à mãe que entrou com respeito.

A sr.<sup>a</sup> Maria das Dores deu dois passos na oficina e, mal lançando o olhar para o crucificado, logo ali ajoelhou, curvando devotamente a cabeça, como se entrasse numa capela. Esteve assim minutos. Então, Leonardo tocou-lhe de leve no ombro e disse-lhe, a meia voz, sorridente :

— Não está benzida!

— Bem sei, respondeu ela com firmeza.

¿Não era, não, àquela imagem que ela rezava!...

Tomou a mão do filho. Ele ajudou-a a erguer-se, tão fraca se sentia.

Com a alma cheia de intensa vontade de só encontrar fé na obra do filho amado e admirado, bem-querer que lhe ilumina os olhos da graça do amor e lhe fere na bôca entreaberta a luz dos sorrisos bons, e em todo o rosto a carícia

que se dilata — ela, olhos postos no Cristo, procura, num instante, tudo abranger, tudo compreender, enchendo, impregnando a sua alma da devoção irradiante que essa imagem conteria. Dá dois passos para a frente. Firma melhor o olhar preocupado. Insiste. Seus olhos titubiam, franzem-se. Passam-se segundos ansiosos. O seu sorriso retrai-se, a sua jovialidade desbota-se, e o rosto, tornado grave, ensombra-se de dúvida, ao mesmo tempo que uma dolorosa interrogação se risca diante do olhar suprêso: ela não entende aquela obra e dói-se de não apreender prontamente a intenção do artista. A sua inteligência embacia-se, o seu sentimento obscurece-se. Pergunta a si própria: «Que é aquilo?» Fixa mais agudamente os olhos. Retira-os, e, pasmada, olha em volta... Já sofre... Num momento, a desolação tolda-lhe a alma, e doloroso desânimo a toma tôda: nada vê, nada entende, nada sente! Depois, aproxima-se do busto de mármore e mergulha nêle o seu olhar sedento. Pior ainda: nessa página apagada, tudo é apagado para ela. Não percebe nada, não atinge nada! Batem-lhe as pálpebras cansadas. Como se, de repente, sentisse os olhos cobertos de belidas, instintivamente leva as mãos aos olhos para limpar neles a névoa que parece interpor-se à pedra. Agora afasta-se, como que, para, a distância, atinar melhor, melhor compreen-

der ; e cada vez tudo é para ela mais espessa, mais obstinada cerração. Sente-se vexada. Apaga-se a última luz de esperança no seu olhar confiado, dilui-se o último fio de sorriso na sua bôca disposta ao agrado. A fisionomia dessa mulher é de estupefacção angustiada. Mas, não querendo magoar o artista ; mãe, não querendo ferir o filho amado, esforça-se dolorosamente por sorrir e, infinitamente delicada, balbucia a mêdo os seus reparos :

— Custa-me a dizer-te...

— Diga.

— Não compreendo...

Leonardo estremece, cerra os olhos e fica mudo. Foi uma pancada no seu amor-próprio de artista, e também no seu coração.

Insistindo, a mãe interroga com pesarosa censura :

— ¿ Que quiseste fazer, meu filho ?!

Leonardo continuou indeciso.

E ela, mais firme :

— ¿ Que Jesus é êste ?

Fixando agora, afincadamente, a imagem, a mãe tenta ainda, diligenciaia ainda apreender o que parece escapar à sua inteligência, ao seu sentimento.

O escultor, curvado, meditabundo, olha os tejos do chão.

Vendo-o assim, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores, so-

frendo também, murmura, entre confusa e delicada :

— Não sei, não sei o que é isto !

Por fim, essa mãe desconsoladíssima, encolhendo os ombros, contraindo a bôca insatisfeita, mas muito humilde, concluiu a sua idea : — Sabes, Leonardo, o teu Senhor não me faz devoção nenhuma !

E disse tudo em sua crítica simplista. Ela bem sabia que era uma profunda ignorante em arte — uma pobre de Cristo ! Mas dizia-lhe o raso entendimento que aquilo não estava certo ; segredava-lhe o sentimento cristão que não era aquela a imagem de Jesus como todos a sentiam e viam. Grande inculta, quem falava nela era o instincto religioso e a devoção colectiva de milhares de almas que, durante séculos, vinham rezando à mesma imagem criada e fixada pela piedade de todos. Com amargurada tristeza, pousou o olhar no filho, e vendo-lhe o rosto golpeado de tormento, encheu-se de misericórdia por êle e de lástima por si própria : viu sem resultado a montanha de preces rezadas e o mar de lágrimas choradas pela conversão de Leonardo.

O sentido do resto da sua vida era essa conversão. Ela não veio. Estava tudo perdido !

Então, desconsoladíssima, abraçou-se no filho, a tremer e a soluçar. Tamanha comoção abalou-a

profundamente. A sua palidez tornou-se cera. As suas mãos, sêcas e amarelas, eram de defunta, e as pontas dos dedos — dedais roxos. Respirava a custo. Esmagava-lhe a arca do peito a mó de um moíinho; estrangulava-lhe o pescoço dura mão com dedos de ferro. Subia-lhe no peito e ennodava-lhe a garganta uma bola de chumbo, e uma dor finíssima descia-lhe do ombro esquerdo à ponta do dedo mínimo. As pernas trémulas vergaram-se-lhe.

Leonardo, segurando-a, perguntava-lhe aflito :

— Minha mãe, ¿ que tem, que sente ?

— Aqui, um pêso. Não posso respirar. Abafo !

E tinha as mãos esqueléticas no peito descarnado, e os olhos revirados em branco.

O filho, assustadíssimo, conseguiu sentá-la numa cadeira.

— Vou buscar um copo de água. Chamar alguém. Meu Deus !

— Agora não. Depois. Não me deixes só. Quero-te ao meu lado.

Parecia desfalecer.

— Meu Deus, meu Deus ! Oh Rosa !, Oh Manuel !, clamava Leonardo em voz angustiada.

— Não te assustes. Tenho tido isto mais vezes. Foi de me afligir.

Sim, de se afligir, de se agoniar. ¡ Ah, o que nesses momentos crudelíssimos sofreu essa mãe cristã ! A oficina do filho foi o seu Gethsemani

— jardim de oliveiras que se converteu em jardim de espinheiros : também a sua alma suou sangue. Aquele Jesus que tinha presente e não entendia (e não entendia por não ser aquilo a imagem de Jesus) era a prova provada, a confirmação absoluta do que havia muito lhe adivinhava o coração : seu filho perdera a fé, seu filho não se convertera. Essa mãe sofreu então a máxima dor que uma devotíssima mãe cristã pode sofrer : ver o filho viver no êrro, fora da Igreja, perder a alma. Esta angústia pô-la às portas da morte. Abatida na cadeira, exausta, aniquilada, limpava o suor frio que, empapando-lhe os cabelos nas fontes, lhe molhava a testa, as faces, o pescoço. Olhou uma vez ainda para a imagem, e logo, cheia de repugnância, afastou dela os olhos ofendidos. O filho viu êste movimento. Num fundo anseio, a sr.<sup>a</sup> Maria das Dores atirou tôda a sua alma às alturas, e rogou aos céus um milagre. Depois, apiedada, baixou o olhar sôbre o filho que chorava mortificado. Então, acendera-se nela uma aresta de esperança, ao mesmo tempo que se encheu de caridade. Fazendo o esforço supremo do seu corpo moribundo, do seu espírito em transe, essa admirável criatura queimou o último cartucho de amor materno, e conseguiu pronunciar estas eloqüentes palavras entrecortadas de ais :

— Ajoelha-te aqui, ao pé de mim, meu filho,

(o seu peito ofegava, os seus olhos arrasavam-se de piedade) e pede comigo a êste Senhor (e mostrava-lhe o seu crucifixo de prata, feito pelo «Manuel dos Cristos») que te ilumine com o favor da sua graça. Esta imagem santa está cheinha de indulgências. Olha bem para ela : vê como Jesus sorri para ti. É tão bom, tão lindo!

A bôca tremia-lhe. As lágrimas envidraçavam-lhe os olhos ; entaramelavam-lhe as palavras na garganta. A palidez era mortal. Peito esmagado, a bôca abria-se com esforço para repuxar o ar que não podia entrar. Muito a custo, continuou, mas apenas num fio de voz a sumir-se, a apagar-se :

— Reza, reza. Pede-lhe com devoção. Jesus ouve sempre quem chama por êle. Meu filho, anda, diz comigo : «Padre-Nosso (interrompeu-se abafada) que estais no céu...»

Súbito, levou ao peito a mão direita, em garra, cravou nêle as unhas. Esgadanharam-se-lhe as feições, golpeou-se-lhe a máscara em trágica expressão de pavor e dor : a bôca negra e hiante, os olhos fora das órbitas em horrível esgar agónico de asfiziado. Com o olhar perdido, a mão esquerda crispada, procurou no regaço o crucifixo caído e tentou debalde levá-lo à bôca. Depois, num estertorado murmúrio :

— Leonardo, já te não vejo!...



—Estou aqui, minha mãe, respondeu, chegando-se mais, êsse pobre filho de alma despedaçada.

Com a mão direita, ela tateou, como cega, a cabeça do filho, aproximou-a dos lábios exangues, e aflorou-lhe a luz de um beijo espiritual entre a vida e a morte — um beijo-eternidade! Tartamudeou. Estremeceu ; e, encostada ao peito do filho, ficou-se imóvel, os olhos abertos a polvilharem-se de cinza branca — a cinza da vida ardida, que embacia o esmalte da íris e para sempre apaga nas pupilas a luz vital da existência humana.

Estava morta.

**Dor fecunda**

**Q**UANDO, na primeira visita que lhe fiz, eu, levantada de mansinho a aldraba da porta, entrei na oficina, fui encontrar o escultor sentado nos degraus do estrado onde êle, na semana anterior, erguera o seu Cristo na cruz, agora coberto com panos cinzentos assim como o busto de mármore. Essa quadra tinha o aspecto quaresmal da quinzena da Paixão, em que, nas igrejas, as imagens dos santos se velam com panos roxos. Roxa e macerada — trapo de dor! — era também a alma dêste filho inconsolável!

Dobrado, como o «Pensador» de Rodin, que carrega às costas cordilheiras de cogitações; os dedos duros desesperadamente espetados nos cabelos caídos em massa para a testa; a cabeça de chumbo pendida ao chão pelo pêso dos pensamentos; — êste homem de cinqüenta anos reproduzia, sem que de tal se desse conta, a atitude confrangedora e a expressão amarguradíssima, atinadas e fixadas pelo seu instinto,

ao compor, vinte anos antes, a sua estátua : —  
«Chorando a morte da mãe».

Quando Leonardo me viu, ergueu a cabeça revôlta encarou-me com olhos pávidos, levantou no ar os braços e as mãos crispadas, e da bôca espasmada e da garganta ennodada de soluços grossos como punhos saiu êste mugido de touro furioso e rouco :

— ¡Que horror, amigo, que horror!

Abraçámo-nos coladamente. As nossas almas, alagadas de sentimento, beijaram-se; e, em diálogo mudo, os nossos corações partilhados com a mesma dor disseram-se, um ao outro, mundos de ternura, em profundo e nobre silêncio.

¡O que êsse homem sofreu!

Era o duplo sofrer do sentimento despedaçado por uma dor descaroável, e do pensamento remordido por um escrúpulo acerbo. A morte da mãe deixara-lhe um buraco no coração e cravara-lhe um prego no cérebro. Bradava desesperado e desolado :

— Agora é que eu sei o que é a Soledade!

Mas logo, tras mudando a expressão da angústia na expressão do espectral remorso, murmurava, com olhar transido de pavor e voz cavernosa :

— Foi a minha falta de fé que matou a minha mãe!

Sucumbido, sentou-se nos degraus do estrado, e de novo amarrando a cabeça nas mãos e cravando com desespero os dedos nos cabelos desgrenhados, caíu na dor absoluta que não tem lágrimas, que não tem palavras, que não tem gestos, — dor hirta, dor bronze, dor fúnebre que se assombra!

Passei tôda a tarde com êle; e tudo que lhe disse (e não podia ser maior o esforço de inteligência e o desdobrar de caridade que empreguei) foi absolutamente inútil, pois não consegui arrancá-lo do seu obstinado silêncio, feito de pungente saüdade e também de remordimentos sombrios, numa mistura crucificante que o sepultava em treva amaríssima, onde havia sinistros espectros...

Quando, ao anoitecer, saí da oficina, deixei-o como o encontrei: sentado nos degraus da plataforma, dorso dobrado, mãos em garra nos cabelos revoltos, olhos pasmos e enxutos, amarrados no chão. Era um Rodin-sentimento — um bronze-síntese da dor filial.

Sofre, sofre, querido amigo! A tua dor — furacão que tempestua, punhal que trespassa — transformar-se há em fogo que queima pecados e acrisola sentimentos. Clarão, iluminará as criptas do teu ser; sôpro divino, esbrasará o que, sob cinza, jaz esmorecido: as tuas íntimas

fortalezas e belezas surgirão como auroras após trevas estagnadas. Abençoada sejas, oh dor fecunda, oh dor bemdita! Relâmpagos de Damasco, que fizeram exclamar a Santo Agostinho: «Encontrei-me. Levantei-me. Meu Deus, volto a ti!»

\*

\*      \*

A minha amizade desdobrou-se numa caridosa assistência junto desta alma em consternação, por ela sentir que, de um golpe, lhe faltou «tudo» que tinha no mundo. Demais, tamanho desastre caíra na hora em que vogava incerta a sua alma religiosa, na hora em que titubeava a sua arte solicitada por ideas e sensações diferentes e confusas, e, ao mesmo tempo, a sua vida moral era a de um coração falhado, a quem só restava um affecto: o da mãe.

Aquella sumida figura de mulher, modesta como a sombra outonal de árvore despida, enchia inteiramente a casa, como pode encher um cubículo um gigante descomunal; o fio de candeia do sorriso bom dessa mãe justa e carinhosa, iluminava-a como sol esplêndido que entra franco pelas janelas escancaradas; as poucas palavras da sua bôca humílima eram falas eloqüentes que comunicavam falas aos objectos; e seus passinhos miúdos e mortiços — movimentos que cria-

vam vida àquilo que a cercava. Agora, tôda a casa era sombra, mudez, estagnação, — ¡silêncio esmagador!

— Que descampado!, dizia Leonardo, braços abertos, olhar vago, como se estivesse no meio de um areal sem fim.

Além disto, triturava-o, persistente como remorso, esta idea-fixa, fura que fura: com a revelação da sua descrença, êle apressara a morte da mãe.

— Porque, dizia, o meu Cristo desgostou-a tanto, afligiu-a tanto, — que a matou!

È Leonardo tinha permanentemente presente aos olhos a sua figura torcida, a sua palidez de defunta, o seu olhar de agonia naqueles tremendos minutos jâmais esquecidos. Tudo revia: a princípio, o pasmo; em seguida (coitadinha!) o esforço delicadíssimo feito por ela para não magoar o filho, não melindrar o artista; depois, a ânsia dolorosa de buscar e rebuscar entender obra tão abstrusa; por fim, a decepção profunda, ao certificar-se da desgraça de ver o seu filho sem fé!

— O que ela deve ter sofrido, Ernesto!

È o seu compungimento, remordido de escrúpulos, cortava-lhe a alma em bocadinhos, num navalhar de lâminas afiadas...

— ¿Porque não fiz eu obra devota que agradasse a minha mãe?

Logo Leonardo respondia a si próprio :

— ¡ Porque me esqueci dos ensinios dela !

Depois :

— ¿ Tive eu culpa ?

Preguntava e respondia :

— Talvez. O meu coração diz-me agora que minha boa mãe, piedosa e simples, devia estar na verdade...

Insistia :

— Sim, ¿ porque me esqueci daquela frase de Renan, que decorei, tanto ela me impressionou, quando a li : « Que toujours votre mère soit au centre de votre vie ! » Porquê ?

Firmava-se :

— A culpa é minha. Eu devera ter seguido sempre os seus conselhos e não me esquecer jãmais do que ela me ensinou e tantas vezes me rogou : « ¡ Leonardo, nunca deixes de rezar ! »

Com os olhos cheios de lágrimas e voltados ao alto, dizia comovidíssimo, ansiosíssimo :

— Minha mãe, ouve-me ! Minha mãe, quero ver-te !

Depois, sôfrego da imagem dela :

— Mãezinha, ¿ onde estás tu ?

Na officina deserta, tudo em volta dêle era silêncio austero.

Enorme saüdade lhe entumecia o coração. Súbito, soluços aos solavancos romperam-lhe na garganta estertorada.

E foi mais um doloroso dia que encurtou os dias de Leonardo.

\*

\* \*

A sua memória de homem desamparado, voltava-se para as recordações de infância que pungem e deliciam... Era defesa e consôlo... Reconstituía êsse passado ditoso... Fechava os olhos para ver melhor... Nessa névoa distante, silenciosa e terna, via sempre, junto de si a figura pálida e preocupada da mãe em sua permanente canseira de viver para o filho. ¡Tantas saüdades! Já os olhos se lhe humedeciam, a garganta se lhe tomava e a bôca lhe sabia a lágrimas. A sua mãezinha! Lembrava-se de quando ela, em pequenito, no alvor da manhã, ao picar da sineta no convento dos Remédios, o levava ao Mês de Maria. Êle levantava-se a correr e saía para o largo onde havia ainda orvalho nas copas verdes das amoreiras em flor e os primeiros raios de sol fimbriavam de oiro as linhas altas das tôrres de Santa Cruz e, de esguelha, as túnicas de granito das estátuas dos Apóstolos na fachada de São Marcos. Entrava no convento clarista. Diante do retábulo, branco e oiro, de Nossa Senhora das Graças, a mãe ensinava-lhe a estar e a orar na igreja :



— Vamos, ajoelha, benze-te e põe as mãozinhas, assim, a Nossa Senhora.

E Leonardo, recordando-se, sentia ainda nas suas mãos o calor e o afago amoroso dessas belas mãos cristãs. Revia diante de si o altar enfeitado de rendas, de rosas brancas, de lírios e de luzes, e nêle, a resplandecer, a Virgem sorridente, padroeira da Congregação das filhas de Maria, de alva túnica, manto azul cravejado de estrêlas e nos cabelos castanhos, em bandós modestos, uma coroa de prata brunida. Nas suas faces rosadas de menina, nos seus olhos negros e húmidos, na sua bôca vermelha—um sorriso divino; e seus lindos pés nus pisavam macio musgo verde. Braços abertos, essa Mãe do céu, a todos queria receber; e das suas mãos brancas e espalmadas saíam feixes brilhantes de raios doirados—símbolo da sobrenatural graça derramada.

Ao ouvido do filho, a mãe murmurava:

— Diz comigo o «lembrai-vos».

E o pequenito, ajoelhado, as mãozinhas postas, a cabeça meiga no peito da mãe, os olhos a ouvirem e a bôca, ao alto, a beber a oração que, água religiosa, nascia e caía dos lábios dela,—ia repetindo, palavra a palavra, baixinho, timorato e piedoso:

—«Lembrai-vos, oh piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que nenhum daqueles

que teem recorrido à vossa protecção..., fôsse por vós desamparado...»

E mais, e mais!

Era a linda oração de São Bernardo à Virgem Santíssima.

¡ Quantas saüdades!

Outras orações lhe vinham à memória. Sentiu prazer em as recordar. A primeira que aprendera, ainda antes do «Padre-Nosso» e da «Avè-Maria», fôra a do «Jesus pequenino e nu»:

— «Menino Jesus, eu vos dou o meu coração. Nossa Senhora, São José, Anjo da minha guarda, rogai por mim, amém Jesus».

Leonardo surpreendeu-se de ainda a saber de cor. ¿ Lembrar-se-ia de outras? Tentou recordar-se. Ocorreu-lhe o comêço da «Encomendação dos Sentidos»:

— «Oh Senhora minha, oh minha Mãe, eu me ofereço todo a vós...»

.....

E, continuando, disse-a tôda.

¡ Como atinava! ¡ Curioso fenómeno!

¿ E a «Magnificat»? Bastou-lhe pronunciar as cinco primeiras palavras, e logo a oração se lhe soltou na bôca, tal um novelo que por si se desenrola e fia. E disse, inteirinha, como se a tivesse decorado na véspera, a formosa oração em que a Virgem, humilde e grata, fala ao Pai celeste:

— «Minha alma engrandece ao Senhor ; e o meu espírito se transportou de prazer em Deus, meu Salvador, porque Êle se dignou olhar para a humildade da sua serva...»

.....

; Parecia milagre !

Já êle sentia como que a presença espiritual de alguém...

E de novo êsse filho perguntou, numa ânsia que atravessou o Espaço :

— Querida mãe, ¿ onde estás tu ?

Rodando os olhos, perguntou ainda :

— ¿ Aqui ?

O silêncio não respondeu.

Nessas saüdosas perguntas havia vestígios de crença esmorecida...

Leonardo não sabia responder.

No entanto, seu instinto, sua educação religiosa faziam-lhe erguer a cabeça e voltar os olhos para as alturas. Assim, a Recordação norteava-lhe a Visão ; a Piedade apontava-lhe a meta luminosa : — a estrada da Saüdade se transformava, pouco a pouco, em estrada de Fé. Em busca da mãe, ia ter com Deus. ¿ Onde poderia êle encontrá-la senão no céu ? Rogou a Deus por ela : « que estivesse em bom lugar... » ; e, naturalmente, como antigo católico que, em menino, tanto rezou pelos mortos, veio-lhe à

bôca o «Padre-Nosso». ; Havia tantos annos que o não pronunciava !

Eis Leonardo a rezar : já êle sente que a prece, que lhe sai do coração, no coração lhe cai e lhe apazigua o pensamento. O «Padre-Nosso» foi a primeira oração da cartilha que a mãe lhe ensinou e a última que lhe fêz repetir moribunda. Cogitou na coincidência e ficou impressionadíssimo. Súbito, o seu corpo tomou-se de estranha tremura, as mãos gelaram, o suor frio cobriu-lhe as faces, molhou-lhe o pescoço e o peito. Qualquer coisa profunda, misteriosa, se passava nêle, que todo o abalava, todo o agitava ; e logo sentiu o seu espírito encher-se de intelligência deslumbrada, clarear-se de miraculosa lucidez, como nunca havia sentido, que o branqueava por dentro, o iluminava. Nesse relâmpago de clarividência sagacíssima e, ao mesmo tempo angustiosíssima, viu a sua alma inteira em plena nudez ; e, como que debruçando-se num abismo, reconheceu — no fundo negro dêle — todos os seus pecados ! Vexou-o um mundo de vergonha. Desalentado, o seu peito rebentou em soluços, e os olhos desfizeram-se-lhe em mar de lágrimas contritas, eruptas da treva dos remorsos. Caíu de joelhos, e, de mãos postas, rezou fervorosamente. Acordavam em si, vivos, seus adormecidos sentimentos religiosos. Quando supunha haver perdido a fé, enganava-se. Ela aí

estava vigorosa. A crença, que lhe incutiram na infância, mantivera-se intacta no fundo do seu ser, porém em estado letárgico.

Uma onda de sobrenatural jogou-o do negrume das águas ao ar iluminado. Ave mística, ei-la alvoroçada ; ei-la a desentorpecer as asas ; ei-la a ensaiar vôs pelas alturas !

Leonardo rezava !

Devagar, marcando as sílabas, meditando as palavras, haurindo delas o suco religioso, o íntimo sentir místico, alor e graça, seu coração enchia-se de delicadíssimo gôzo, como se a sua alma respirasse de novo aquele perfume bento do incenso em festas de igreja, a que, em criança, assistia, ou aquela essência de mistério do canto do « Bemdito », quando, de noite, pequeno, acompanhava ao « Senhor-fora ». Era uma brisa de ingenuidade, vinda dos longes da sua infância cândida, que lhe rejuvenescia a alma ; um rocio tenuíssimo que lha aljofrava, lha refrescava. Fazia-lhe bem, ; Deus louvado ! Neste alívio congratulado, repetia o « Padre-Nosso » pela alma querida que Deus lhe levou. E o pensar que, rezando, agradava à mãe, abria-lhe sorrisos frescos na bôca queimada, sorrisos claros na face negra de sofrimento, fios de alegria nos olhos macerados pelas angústias da dúvida e da incredulidade : — fisionomia feliz de quem está ouvindo sons deleitosos e com êles

criando imagens belas. Sentia vontade de chorar com gôsto, de rir com mágua : um entrar num jardim celeste por um caminho de lágrimas... O seu estado de alma sintetizava-se nesta palavra : asas ; a sua ânsia, nesta outra : librar-se. Já o sobrenatural tinha voz, e lhe falava do Infinito : parecia-lhe que, da outra vida, a mãe lhe sorria com o seu bondoso sorriso de sempre. A esperança de a tornar a ver esmaltava-lhe o olhar. Num momento, os seus olhos escancarados para o além do Além, tiveram a impressão de que a sua imagem estava próxima, e acabou por se convencer de que entre o espírito dela e o seu havia uma etérea comunicação, melhor, um entendimento religioso, agora mais nítido na morte que na vida. E êste acôrdo obtido através da saúde e da fé, prateava-lhe a alma, tecia-lha de fios de alegria suavíssima, penetrava-lha de fortaleza, rasgando diante de si a amenidade de um caminho de terras de quentes amarelos marchetados de sombras violáceas entre sebes de hortênsias azuis celestes, sob luz de transparências que não são dêste mundo.

Milagre ! Milagre !

\*

\*        \*

Lançou os olhos em volta. Ali estava, em mármore, coberto com um velho pano cinzento,

o seu busto de Jesus moribundo ; e em gêsso, também coberto, a imagem completa do Crucificado. Para as ver, não precisava de descobrir essas figuras : sabia-as de cor, tanto elas tinham vivido na sua fantasia criadora, nas suas mãos realizadoras. Considerando na sua obra, reconhecia, agora, despeitado, desgostoso, como tudo que êle fizera estava absolutamente errado. A que distância enorme se sentia dessa outra imagem já antevista na sua alma a esclarecer-se. Certa coisa, essencialmente estrutural, faltava nela, mas Leonardo não formulava em voz alta a pergunta :

— ¿ Que lhe falta ?

Se a formulasse diante de ti, leitor cristão, e tivesses de responder, não hesitarias um segundo em afirmar convicto :

— Falta-lhe espírito religioso.

Neste momento de sobressalto na alma de Leonardo, o artista-escultor sorriria, magoado, com a tua resposta e, corrigindo-te, dir-te-ia o que a si próprio dissera, se se interrogasse :

— Não ! O que lhe falta é beleza.

Surprêso, tu, leitor, mais devoto que artista, preguntarias :

— ¿ Que beleza ?

E ser-te-ia respondido pelo escultor, mas formulado por mim :

— «A que só existe no que, sendo intenso e

profundo, se exprime com sinceridade e simplicidade. É a verdade com carácter ; é o carácter com formosura ; a formosura com a alegria estética a qual floresce em tudo que é belamente grande. Mas para isto é necessário que o artista parta da vida e da natureza — húmus eterno da arte. Depois, iluminado pela poesia do céu, a verdade torna-se estética. A nitidez é a luz da verdade. A sinceridade é a eloquência do artista».

Leonardo reconhecia que se desviara destes princípios, e daí o clamor de protesto que sentia levantar-se dentro de si contra alguns dos artifícios por onde últimamente enveredara a sua arte. Reagindo contra as tendências naturais do seu sentimento e do seu pensamento, regressava agora a si próprio, no que tinha de mais seu, — na pureza e lucidez da sua alma simples. Aquele último trabalho de arte não tinha beleza, porque não tinha sinceridade. Não tinha grandeza, porque não tinha simplicidade. Não tinha eloquência por não ser nítido. A imagem de Jesus, que primeiramente se instalara no seu coração crente e na sua inteligência clara era aquela outra imagem que a sua santa mãe lá pusera. Tudo o mais eram desvios. Tudo o mais eram ideas artificiosas, sobrepostas. ¿Porque se afastara dessa imagem? ¿Porque a arredara de si?



— «Más companhias do meu espírito!» — respondia pesaroso.

Estava arrependido de se haver esquecido das lições cristãs que a mãe lhe dera. O seu sentimento religioso criou na infância uma imagem pura, ingénua, da divindade, mas o fumo das conversas dos botequins embrumou, difundiu essa imagem. Em seguida, vieram os falsos ídolos, os intelectualismos, a literatura, tudo mal assimilado pelo seu espírito sem preparação.

Agora, a sua alma, constituída por seguros instintos religiosos e estéticos, sentia absoluta necessidade de refazer a sua vida cristã, de reeducar o espírito, de regressar à arte de execuções claras e simples, como era de seu natural. Em resumo : era preciso beatificar as pupilas, e adestrar as mãos em outras modelações...

\*

\*        \*

Nesta ordem de ideas, Leonardo viveu semanas isolado, quási tudo tirando de si próprio : do seu coração que pensava, do seu cérebro que sentia. Seguindo a indicação que eu lhe trouxera do dr. Luís Sequeira, adquirira muitos dêsses livros, mas, sobretudo, absorvia-se nos Evangelhos de São Mateus e de São João, na «Imitação» e nas «Confissões» de Santo Agosti-

nho — livro de que êle, aliás, fizera menos caso, quando, uma tarde, após longa discussão religiosa, lho deixei na oficina. A sua fé instruí-a-se ; a sua arte iluminava-se. Já nêle ardia uma língua de fogo de ideal religioso. Íntima voz lhe dizia que a beleza exterior deve coexistir com a beleza interior, em melodiosa unidade. E que, portanto, não vale a pena a um artista ocupar-se senão de temas que contenham beleza moral — luz de admiração que, transformada em estesia, iluminará a obra de arte. E a mente religiosa do escultor punha-se a modelar ideais figuras plásticas que, na nobreza das suas linhas puríssimas, servissem estes pensamentos.

Por outro lado, a sua piedade alimentava-se, cada vez mais, da saúde humana e transcendente que dedicava à memória santa da mãe, cuja morte, em circunstâncias tão trágicas para o filho, revolvera profundamente todo o seu ser moral, iluminara as criptas sombrias da sua alma, despertara fôrças latentes e o dispunha a uma vida nova que o conduziria a uma arte diferente.

Êste convívio diário do espírito da mãe com o espírito do filho, suas falas de ternura, seus diálogos de amor, minoravam as mágoas do órfão, certo de que os seus progressos religiosos lhe agradavam sôbre-modo. Na igreja, na mesa

da comunhão, via-lhe o olhar contente, ouvia-lhe a voz satisfeita. Consolava-o a esperança de que, um dia, voltaria a vê-la, face a face, e com ela conversaria em coisas simples e doces : — recordariam os melhores dias da sua infância.

— A infância!, quem me dera poder voltar a ela, dizia.

— Tens razão, Leonardo. Regressar, regressar, eis a jornada a fazer na vida adiantada, quando a infância foi cândida, a adolescência honesta, franca e leal a mocidade ida! Felizes os que na vida são duas vezes meninos na pureza da alma!

Leonardo, com devota saúde, conservava, intacto, o quarto da mãe, como na hora em que ela morrera. A cama fôra feita de lavado nesse dia pelas suas mãos; na cómoda, defronte da imagem do Coração de Jesus e do oratório, a lamparina de azeite era diàriamente renovada; lá estava, dependurado de uma coluna do leito, o seu rosário e o seu crucifixo; na mesinha de cabeceira, os livros de orações ao lado dos retratos do filho e do marido; por cima, a pia da água-benta com o seu bento raminho de oliveira e alecrim; e os demais objectos de uso diário — todos no mesmo lugar em que ela os pusera. Leonardo entrava no quarto da mãe como numa

capela : o seu respeito e o seu recolhimento eram profundos.

Uma tarde, depois de rezar e de longa e saudosamente contemplar o retrato da mãe, dependurado na parede, disse-lhe, em voz alta, como se falasse a pessoa viva, e no tom solene dos compromissos de honra :

— Mãe querida, vou, enfim, executar a tua encomenda : — fazer um Senhor a teu gôsto. Será aquele que me mostraste e de que me falaste, quando eu era pequenito. Mãe, roga ao divino Espírito Santo que me inspire.

Quedou-se silencioso. Em volta, voejavam ideas de morte e de saüdade... ; de Religião e de Eternidade.

Sem desfitar os olhos do retrato, rogou ainda :

— Mãe, pede por mim !

Esperou uns minutos. Sentiu que a mãe lhe sorria. Os olhos e as faces do escultor cintilaram do prazer de uma resolução admirável. Abalado, deixou o quarto e desceu à oficina. Fechou-se por dentro. Fremente, sentia a alma a vibrar como num momento de inspiração. Nos olhos rebrilhavam-lhe facetas de luz nova. Suas mãos crispavam-se em veemente desejo criador, como quando, quási febril,\* transformava barro morto em corpo vivo.

Nervoso, sacudido, descobriu, num gesto resolutivo, o busto de mármore. Encarando nêle com

severidade e logo a seguir com piedade de si próprio, sorriu com amarga ironia. ¡ Que miséria! Vexado, irritado, tomou na mão esquerda um grosso cinzel e na direita um maço, apontou aos olhos, despediu as primeiras marteladas e logo as órbitas fundas ficaram órbitas de caveira. Forte pancada ao nariz, cortou-o pela base. Lanhou as faces, a testa, a bôca, o mento barbado. Horror! E a sua obra de destruição continuou convulsa e rude. Golpeado por todos os lados e em tôdas as direcções, o rosto de Jesus parecia agora o de alguém sôbre que tivessem chovido espadeiradas! Valente marretada ao pescoço decepou a cabeça, que caiu no chão com estrondo. Ficara o tórax : a golpes de martelão, despedaçou-o. Daquela busto restava um monte de lascas de mármore branco, como grossas pétalas de euormes flores de magnólia, que um tufão arraucasse e espalhasse pela terra.

Sim, passou por ali o vendaval da Verdade!

Foi ao crucifixo e, num gesto violento, arrancou-lhe o pano que o cobria. Em seguida, com escopro e martelo, partiu, lanhou, escavacou, por todos os lados, essa carne de gêsso, que foi caíndo aos pedaços, como muro de barro e cal que se esboroa. Começou a aparecer a montagem interior : os ferros cruzados, os arames tecidos, as cruzetas, que sustentavam o gêsso. E o esco-

pro do escultor continuou a lanhar, a perfurar, a destroçar. Desaparecida a maior parte da massa branca e restando apenas a armação ferugenta, parecia que o fogo passara por ali, devorara as carnes e pusera ao léu o estranho esqueleto negro de ferros torcidos e arames emaranhados.

Sim, passou o fogo vivo da Fé!

Restava a cruz. Nessa não tocou. Em pé, parecia que os braços dela diziam: — Aqui espero!

¿ Por quem? Por uma nova imagem de Jesus. Sòmente? Ao artista afigurou-se-lhe que também por êle próprio: pela sua alma de escultor crucificada em arte!

Ainda contemplou um momento os restos mortais da sua obra destruída; e reconhecendo quanto ela fôra vã, sentiu, vendo-a desfeita, que a consciência se varria de pecados. Aquela derrota equivalia a uma confissão, e a bênção dos braços daquela cruz — a uma absolvição. Peito desoprimido, cérebro liberto, o seu espírito respirava luz.

Saíu para o jardim. O ar que inspirou pareceu-lhe o de uma alta serra pura, o de um mundo novo e são.

Chamou o criado Manuel e disse-lhe que varresse a oficina e atirasse tudo para a entulheira, no fundo do quintal!

\*

\*      \*

A noitinha dêsse dia, o atarracado Manuel, olhos esbugalhados de espanto, a mente a emprender no que via, no que se passava na alma do seu patrão, foi desabafar com o Mendes, seu vizinho, jardineiro das sr.<sup>as</sup> Guedes, excelentes fidalgas que tanto bem espalhavam pela pobreza do Bomfim. Do sisudo Mendes, homem carregado de anos, devoto e de bom conselho, dizia-se :

— Fala pouco, mas acertado.

O Manuel contou o caso do patrão. Relatou pormenores. Concluiu :

— ¿ Sabe o que digo, sr. Mendes ?

— ¿ O quê, sr. Manuel ?

— ¡ A morte da mãe deu-lhe volta ao miolo !

E o jardineiro, entendendo às avessas o sentido da palavra «volta», retorquiu satisfeito :

— Foi por Deus, Manuel, foi por Deus !

Também eu pensei como o Mendes, jardineiro : «Foi por Deus!», e mais uma vez reconheci a verdade dêste verso de Musset :

*«Rien ne nous rend si grands qu'une grande douleur.»*

Se Leonardo me passasse procuração para dizer por êle o que nesse momento a sua alma

sentia e eu tivesse de fixar, num período, a síntese dêsse abalo e o fruto dêssa revolução, servindo-me de tinta encarnada, pintaria em caracteres góticos, numa das paredes da oficina, êste letreiro, tirado das «Confissões» de Santo Agostinho :

*«A minha mãe, às suas orações, aos seus merecimentos é que eu devo haver-me transformado no que sou.»*



**Anjos bons**

**É** neste período que amiudadas vezes me encontro no Bomfim com duas admiráveis senhoras que solícitamente faziam a Leonardo a assistência religiosa que entendiam do seu dever prestar a essa alma em ânsia da luz do céu, mas nem sempre certa no trilho católico de a alcançar. Médicas em caridade, farejavam as doenças da descrença para nelas exercerem suas curas de amor espiritual. Desta vez, quem lhes denunciou o «doente» foi o jesuíta dr. Luís Sequeira.

Essas almas, cristãmente solícitas, dedicavam-se, em especial, às conversões de pessoas notórias, para de tal facto colherem exemplos eloqüentes, que impressionam fundamente e arrastam os demais. Feita dos votos santos da caridade e da essência do altruísmo humano, a sua tarefa era uma espécie de polícia de investigação mística às almas incertas em matéria religiosa, para nelas descobrirem os cantos onde a Descrença se instalou, a Dúvida fêz estragos,

ou, nas almas frias, a Ironia sorriu céptica e, nas apáticas, a Indiferença mole, molemente encolheu os ombros; e ainda mostrar o fulgor da Verdade (que a humildade vê) àqueles vagos deístas a quem o orgulho (origem de todos os pecados do pensamento religioso) cegou, e se guiam, apenas, por alguns preceitos ditados pela sua livre consciência ética, isentos de sanção sobrenatural, ou arranjam para si, individualmente, uma cómoda religião, com cómodas obrigações...

E de tudo isto havia nessas almas, sobretudo nas dos homens lidos, de entre 50 e 60 anos — geração nada e criada no ambiente arreligioso das teorias positivistas, estreitas e agnósticas. Junto dêsses espíritos transviados, o trabalho de assistência consistia em convencê-los dos benefícios transcendentales da prece; levá-los a práticas cristãs; indicar-lhes bons livros de doutrina católica; em seguida, trazê-los a «Retiros fechados», onde sábios e justos padres Jesuítas, dominicanos e franciscanos, por meio de conferências, meditações e reflexões, corrigiam erros, dissipavam dúvidas, acordavam para a luz os que dormiam na sombra, e instigavam à vida religiosa almas estagnadas na Indiferença ou ressecadas na aridez do Negativismo. Aí, dentro do preceito salesiano, procurava-se «reformatar de mal para bem, ou de bem para

melhor»; e, seguindo o livrinho dos «Exercícios de Santo Inácio», preparava-se a vida ascética pelas vias purgativa, iluminativa ou unitiva.

Lado a lado dessas prelecções, freqüentavam-se os Sacramentos da Penitência e da Eucaristia; e, começando pela missa diária, eram intensas as práticas religiosas, desde as orações da manhã às orações da noite.

Envolvendo tudo, Isolamento e Silêncio absolutos—terras altas onde dá flor a meditação.

O trabalho dessas senhoras junto das almas era delicadíssimo e exigia inteligência perspicaz, tacto perfeito, paciência infinita;—engenho e graça. E foram estas duas «detectives»-apostólicas que se instalaram na alma de Leonardo para, por seus processos de acção insinuante, gentilíssima e persistente, ajudá-lo na reforma religiosa que a sua alma espontâneamente desejava fazer.

Unas no pensamento, estas duas senhoras eram diferentes no feitio; mas, por caminhos diversos, conduziam à mesma colina luminosa: a Conversão. Obreiras do ideal religioso, completavam-se trabalhando juntas.

\*

\* \*

Helena de Mendonça, da «Casa do Loureiro», entre Minho e Douro, era a cabeça pensante e dirigente de um grupo de amigas dedicadas que ela tinha à volta de si. Helena — eis o catolicismo em acção : espada de energia para rasgar caminho na floresta das dificuldades compactas que, por vezes, lhe barravam o avanço ; tenacidade na luta ; engenho vivo, bondade eloqüente e paciência conquistadora — tôda ela, — apostolado ! Diligente, agitada, expedita — era um nervosismo humano ao serviço da santidade. Não estava cinco minutos quieta : o tempo era para ela melhor que dinheiro — era organização benéfica, que se devia aproveitar todo, todo. O seu pequenino «Peugeot», por estradas lisas de macadame ou atalhos pedregosos de aldeia, girava numa roda viva, melhor — voava como colossal besouro a zunir suas asas solícitas. Aqui, ali, acolá, Helena ia onde a chamavam, ou a sua clarividência caridosa lhe prenunciava que fôsse. Seu coração ouvia a distância as vozes das almas desgraçadas ; sua sensibilidade cristã possuía antenas para aperceber dores longinquas ; e suas narinas como que tinham faro para as misérias alheias. Pronto, ela acorria pressurosa junto da pobreza ou da aflição que, com acenos desesperados de náufrago, de longe a chamavam.

Socorrer — que prazer para ela! Dar — que puro gozo! Em caminho da sua casa, havia sempre a chusma esfarrapada, desgrenhada e faminta dos mendigos das aldeias — levadas de Rodins no exagêro da modelação dura das faces ossudas e cavas, no negrume das órbitas pavorosas, na angústia dos olhos de fome! Recolhia e mantinha muitas velhas e velhos inválidos; no hospital da terra, sustentava uma enfermaria à sua custa; e a dezenas de crianças pobrinhas ou abandonadas, albergava-as, alimentava-as, educava-as, vestia-as e instruía-as, numa alegre «crèche» (cercada de pomar cheio de frutos e de jardim cheio de flores) onde se rezava, trabalhava e cantava. Os seus grandes rendimentos não lhe chegavam a aquecer as mãos: mal os recebia, logo lhe caíam de entre os dedos em chuva de caridade fecunda. Mas esquecia-se tanto de si própria que, às vezes, ficava sem ter um vestido em termos de vestir; sem ter um par de sapatos em estado de poder calçar!

Além dêste pão material, diàriamente distribuído aos pobres, diàriamente distribuía por outros pobres outra espécie de pão — o das orações: rezava, comungava e mandava dizer missas pelas almas que sabia longe de Deus; pelas que andam por caminhos de perdição; pelas dos irreligiosos para quem a vida é um descampado sem sombra nem confôrto;

por tôdas aquelas, enfim, que atravessam a existência, ignorantes do sentido religioso da vida, e descuidadas da hora incerta da morte certa! E ela tinha ainda mais confiança na assistência espiritual das suas orações do que na assistência material do seu pão.

De perto de quarenta anos, Helena de Mendonça era uma figura mediana, emmagrecida pelos jejuns, estreitada e desolhada pela vida dispersiva e exaustiva que levava (sem horas certas de comer e de dormir, e saindo por todo o tempo — soalheira ou temporal — desvairo de amor do próximo, que lhe havia precocemente envelhecido as mãos, esgrouviado o pescoço, arroxeadado as pálpebras, macerado as olheiras, enrugado a testa e as faces, sujado a tez um tanto ou quanto hepática, onde, aliás, ardiam dois diligentes olhos negros, belos da ânsia de fazer bem, mas cuja alegria cristã era, por vezes, empanada de tristeza, à idea de que a sua vida seria curta para realizar o extenso programa de beneficência com que ela sonhou. Tinha os lábios estreitos e secos, como se o fervor das preces os tivesse gasto e queimado. Na linha da bôca desfizera-se, havia muito, o viço da mocidade... Ardendo por dentro e ardendo por fora, como era agitada a alma, agitado era o corpo: atitudes desconcertadas, gestos errados e enviesados,

sem ritmo o meneio da cinta em desarmonia com o movimento esquivo dos quadris e do busto torcido. Pisava mal ; e, ao andar, o corpo caía-lhe para a frente, como o de soldado derreado.

As suas activas mãos, magras, de fisionomia inteligente e bondosa, andavam menos cuidadas... Os cabelos negros e lisos, colados ao crânio, enrolava-os à pressa, sem aprêço, na nuca de repas caídas. Seus vestidos, comprados nos fins das estações, para mais dinheiro lhe sobrar para os pobres, mal acompanhavam as modas : largos a ocultarem absolutamente as formas do corpo, eram soltos na cinta, afogados no pescoço, descidos nos pulsos, compridos até os tornozelos e nus de enfeites (a não ser de muitos botõezinhos nos punhos e pela frente abaixo, como a fechá-los e refechá-los) ; — seus bastos e feios vestidos pareciam antigos roupões de banho ou modernas batinas eclesiásticas. As côres dêles obedeciam apenas a êste critério estreito : serem escurinhas e graves para não dar na vista, e aparentar discricção e modéstia. Comprava o primeiro chapéu que lhe punham na cabeça, fôsse qual fôsse a côr, pois desconhecia a arte delicada do matiz das tintas, do afinamento dos tons.

Era o desajeito de quem não pensa, um minuto sequer, no seu corpo, abandonado a si próprio, descultivando nêle a beleza das linhas e

dos movimentos. ; Tinha lá, Helena de Mendonça, vagar e gôsto de se demorar um minuto a pensar no que se lhe afigurava ninharia! E se pensasse nêle, não era, com certeza, para o embelezar, mas para o desprezar (senão para o castigar!), pois só a alma tem valia, merece estima e atenções, para, limpa e linda, à hora da morte a entregar a quem lha dera : o Supremo Criador.

Porém, tal abandono da sua pessoa não havia tempo de o notar, porque, antes de prender os olhos, Helena de Mendonça conquistava as almas pela expressão da suma bondade que sorria na sua fisionomia afável, pelo fulgor das virtudes que dela irradiavam — vestido mirífico e precioso, êste, que, envolvendo-a, no-la apresentava : está aqui uma alma rara, uma alma de Deus, que não vive para si, mas para os outros, no mais nobre altruismo humano, na mais formosa caridade cristã. Tais ideas absorviam rãpidamente tôdas as atenções, conquistavam tôdas as simpatias. E êste é um estranho ritmo interior de almas admiráveis que vivem em permanente movimento de amor santo que de tudo se esquece menos das necessidades dos outros ; que tudo despreza em si, menos aquilo que em si poderá desdobrar-se em benefícios, gentilezas e graças úteis aos demais. Tal ritmo admiram-no os que, antes de tudo, vêem



nos sêres humanos a beleza das suas almas santas.

\*

\*      \*

Contrastando, os vinte e tantos anos de Lúcia eram moços, lindos e graciosos. Género «falsa-magra», tudo era proporção no seu corpinho de minhana, esbelteza nas suas atitudes, elegância nos seus movimentos. Os olhos, de azul fresco, immobilizavam-se num langor de bondade inocente e sorridente. Cabelos curtos, de tons doirados no loiro quente ; bôca vermelha, pequena e perfeita ; a tinta da face fôra composta com esmalte branco e rosa fluida. A modelação suave do seu pescoço alvo e macio, alvamente e maciamente se continuava no boleio dos ombros descaídos e no do peito jucundo. Na expressão aberta do seu rosto havia a luz cândida e franca da cordialidade perfeita. Seu riso puro era o dizer da sua alegria pura.

¿ As mãos? Que maravilha! Nascidas de pulsos flexíveis, as palmas estreitas e os dedos longos, de falanges cintadas que acentuavam as articulações, compunham, em seus jeitos, belos desenhos. Estas mãos tinham a graça florentina das mãos das Vénus e das Virgens de Botticelli, — como que translúcidas quando o sol as ilumina. Levíssimas e brancas, pareciam sensíveis à luz.

Tomavam os objectos aflorando-os apenas. Compondo rendas, elas próprias eram rendas ; e, se, caseiras, desenvencilhavam uma meada, vendendo-as, espertas e ágeis, entre os fios emmaranhados, dir-se-ia que as cabecitas dos dedos tinham cérebro e percebiam, tinham olhos e viam. Imponderáveis e meigas, eram duas enfermeiras cristãs no cuidado e no afago. ; E o que elas diziam, quando Lúcia falava ! Seus gestos, precisos e sóbrios, riscavam o comentário sagaz que subtiliza o que a inflexão já acentuara ; o til que sonoriza ainda mais as vogais ; o tic que põe o remate do sainete e da graça no que o verbo diz. Imateriais eram as asas do seu espírito.

Primorosa no trajar, os seus lindos vestidos, honestos e simples, sem em nada alterarem as formas do corpo esbelto, juntavam à beleza dessas linhas a beleza das velaturas prestigiosas. E no seu andar havia a eurtmia que vem de dentro — da alma rítmica.

Espírito em permanente sorriso de congratulação à vida amável, esta virgem atravessava a existência na alegria fácil de quem vive de leve, sem cogitar, — alegria cândida que era o modo de ser, profundo e aparente, íntimo e exterior, da sua individual pessoa. Tanta bondade era um rocio por sôbre tudo que existe : sêres e cóisas. Nos mais pequeninos actos, ela mostrava

o subtil, o misterioso dom de agradar : — luz ingênita do seu ser de encanto. Só o sentimento a guiava. Junto das almas que precisavam da sua alma, Lúcia instalava o seu coração e desdobrava-se em bem-querer solícito e caricioso. Fora destas missões caritativas, a vida corria para ela na fuga do devaneio : se a religião a transportava, a música deleitava-a.

Instintivamente esteta, o seu espírito exigia que tudo que servisse o culto externo contivesse beleza e verdade. As imagens deviam ser perfeitas, porque, representando Divindade e Santidade, que são Beleza, só com beleza deviam ser servidas. Semelhantemente, os candelabros, os paramentos, os vasos sagrados. Ofendia-a tôda a espécie de mentira na casa de Deus. Os oiros, as pratas, os bronzes, os mármorees fingidos, eram hipocrisia que aparenta o que não é.

Mas esta necessidade estética não a sentia, ali a seu lado, a alma devotamente abstracta de Helena de Mendonça, que não vendo nos objectos de culto senão a idea que servem, se satisfazia com o brilho falso da falsa arte religiosa da pacotilha industrial.

O espírito de Lúcia vivia, assim, em curvas de sonho, que se viam ao ouvi-la tirar sons do seu órgão, místico como o de Santa Cecília. Alma e figura de Perugino, o doce colorista umbriano estimá-la-ia para modêlo das suas vir-

gens de olhar calmo e meigo. Em síntese, o seu retrato fazia-se nesta palavra : afabilidade desdobrada em dois elementos : um interior — bondade ; outro exterior — sorriso.

Deus louvado que no meio de tantos desconcertos da beleza, de tantos desvios da graça feminina, ainda há na terra primorosas almas ingénuas em figuras esbeltas. Tão raras, porém, elas são, que, ao fazer-lhes o retrato literário, mais parecem artificiais criações românticas, fora do tempo, que realidades dos nossos dias. No entanto, Lúcia existe. Ser ideal, não a merece a época materialista de hoje. Certo de que a notoriedade a ofenderia, mudei-lhe o nome ; e porque se trata de um ente de sonho, sistemáticamente vou deixar imprecisa, vivendo no discreto das entrelinhas, esta figura episódica.

.....

E eu considerei como caídos do céu êstes dois sêres angélicos os quais vinham ajudar-me na obra de edificação religiosa em que eu trazia a vontade empenhada.

\*

\*        \*

Nas minhas muitas visitas à casa do escultor, sempre eu lá reconhecia os rastos das almas

dessas senhoras : mais um rosário coberto de indulgências, mais um novo livro místico deixado por Helena de Mendonça no seu perseverante apostolado da oração e da freqüência dos Sacramentos ; e na oficina, a ordem, a graça e as flores que as lindas mãos de Lúcia punham por tôda a parte.

Uma vez procurei Leonardo e não o encontrei. O criado Manuel informou-me :

— Abalou esta manhã. Demora-se uma semana. Aqui está a « direcção ».

E mostrou-me um papel em que li o enderêço do tal « Retiro » criado por Helena de Mendonça — sanatório de almas onde durante cinco dias, passados em isolamento e silêncio, os seus « doentes » eram doutrinados por sábios padres, e faziam, na capela, diversas e belas práticas religiosas que a todos edificavam.

¡ E em que extraordinária actividade espiritual e material Helena de Mendonça se desdobrava, nesses intensos dias de « Retiro » ! Tôda cuidados, para que nada faltasse, era, ao mesmo tempo, hoteleira e criada dos seus quarenta hóspedes, pondo na sua tarefa não só obrigação mas ainda humilhação... Desde o nascer do sol, antes que a sineta tocasse a levantar, até noite dentro, depois de ela picar, espaçada e grave, para todos se recolherem aos seus aposentos — esta santa alma em febre, êste corpo agitado,

viviam numa dobadoira de diligências de tôda a espécie. Helena está, ora na cozinha, ora na capela, ora nos quartos de dormir, ora na sala de jantar, na sacristia ou no salão de leituras espirituais ; — por tôda a parte inspeciona, corrige, atendendo às coisas mais miúdas do passadio diário dos seus hóspedes, às coisas mais sérias e nobres da vida devota dos exercitantes. Lá vai ela com uma pichorra de leite para alguém que ficou de cama, ou com uma braçada de flores para a exposição do Santíssimo. Agora, atravessa o pátio com cabazes de fruta ; logo, sobe a escada com alvas de rendas e sanguinhos de linho, acabados de passar a ferro por ela, ainda no lusco-fusco da madrugada. E à noite, quando todos já dormem, Helena, sòzinha na capela, vela pelos descrentes e roga a Deus que converta os pecadores :

— Senhor, iluminai-os com os favores da vossa divina graça !

E as suas orações são demoradas e fervorosas.

No claustro, com os parapeitos colgados da verdura da vinha-virgem que sobe aos colunelos e alastra suas fôlhas de parra pelos cachorros do beiral vermelho, Lúcia, em seu andar de ave, passa vestida de crepe da China, preto, na cabeça loira um véu de tule negro, diáfano como fumo. Ela tem a seu cuidado o sininho de cha-

mar os exercitantes às preces, às conferências, às refeições—levantar e deitar. No escasso «tempo livre», faz a polícia do claustro: mão aberta e branca no ar doirado, um dedo justo na bôca sorridente, adverte, gentil, que é hora de silêncio.

E o seu lindo gesto é encantamento imperativo.

Nas festas da capela, Lúcia, acompanhada do harmónio, entoava o «Adoramus», o «Salutaris», o «Tantum ergo»; e a sua voz-música tais inflexões acentua nos versículos, que lhes dá asas: no «Bemdito» a palavra «Santíssimo», desarticulada, leve e alva, em seu timbre de prata, transforma-se, no ar bento, num ser, sonoro e alado, que voa ao céu...

\*

\*      \*

Semanas depois, como Leonardo me mostrasse no peito a medalha do escapulário de Nossa Senhora do Carmo, que Helena lhe tinha dado («traga-a sempre junto da «medalhinha milagrosa» que sua mãe lhe deu»), eu disse-lhe:

— É admirável, esta mulher!

— Uma santa! Não sei dizer não a nada que ela me peça. Amanhã lá vou a um novo Tríduo, no Carmo Velho.

— E que pensas de Lúcia?

Leonardo não respondeu logo. Alheou o espírito ; e, fechando os olhos, murmurou sorrindo :

— Criatura de encanto!

Calou-se. Recolheu-se. Por fim, disse :

— Cada vez sou mais amigo dela.

De novo entrou em silêncio.

Nessa tarde não falámos mais de Lúcia.

\*

\*   \*

Adiante, Leonardo disse-me espontaneamente :

— Sabes? É preciso chegar à nossa idade para podermos ver bem as almas das mulheres.

— ; Que queres dizer?

— Que vejo Lúcia como não a veria, se eu fôsse novo.

— É natural...

Sem reparar na minha palavra, continuou abstracto, platónico :

— Como diante de um modelo não vejo a mulher mas a sua beleza física, diante de Lúcia, vejo apenas a sua beleza moral.

Olhei-o nos olhos e perguntei-lhe :

— ; É tens a certeza de que vês só isso?

— Tenho.

— ; Não estarás enganado..., enamorado?

— ; Enamorado, na minha idade!, respondeu o escultor, com um sorriso desfeito...



E outra vez :

— ¡ Enamorado, eu !

— Enlêvo de poeta que se transformará...

— Em nada, interrompeu Leonardo.

— Lirismo religioso que...

— ...que ficará sempre o que é : perfume.

Então, afirmei-lhe, forte e nítido :

— Amigo, o teu coração está no camiinho do amor.

— Talvez, mas amor sem desejo, amor sem egoísmo.

— Únicamente coração : ternura e enlêvo.

— Ternura e recolhimento..., emendou o artista.

— «¿ Uma amizade casta e luminosa, em que a alma abraça a alma», como dizia Santo Agostinho?

— Justo.

— ¿ È manter-te hás sempre assim?

— ¡ Sempre!

— ¿ Num viver ausente do corpo onde vive a alma que se ama?

— ¡ Sem dúvida!

\*

\*

\*

Uma tarde, depois de um dia inteiro de trabalho, Leonardo estendera-se no divã. Defronte, eu afundava-me e recostava-me numa mole ca-

deira de braços. Em volta de nós, a meia luz do entardecer ia aquecendo os mármoreos frios; avolumava o modelado; acentuava as feições; vincava as pregas das roupagens; valorizava tons.

— Leonardo, as tuas estátuas mostram-se diferentes a esta hora: vivem mais intensamente.

— Desaparece o mesquinho. Fica a essência. A mancha é justa. Os tons são precisos.

Já o devaneio me alheava o espírito:

— ; O crepúsculo é revelador! ; Quantas sugestões!... A beleza das estátuas anda com a luz: é uma ao meio-dia, outra à noitinha. A natureza colabora com o estatuário. A natureza é um crítico que descobre na obra do escultor intenções que talvez nunca lhe tivessem passado pela cabeça, ao criá-la.

Ao que Leonardo objectou:

— ; Sabem lá os críticos o que a gente tem cá dentro! É uma ânsia, uma ânsia...

Depois, a nossa conversa derivou para a arte gótica.

Dizia eu:

— Como Taine afirma que só há uma architectura cristã — a gótica, também eu afirmo que só há uma escultura cristã — a medieval.

— Nessa época, os artistas viviam com Deus..., murmurou Leonardo,

—E, mais sensíveis à idea que à forma, pronto atinavam com a expressão.

—A sua sensibilidade cristã estava virgem...

—Exacto. Precisamos, portanto, de regressar a essa época—ao espírito dela—para podermos fazer sincera e singela arte devota.

Leonardo disse :

—A escultura gótica é ingénua.

—¿E porque não dizes antes ingenuidade... aparente? Nessa forma hirta e tolhida, ¿ não haverá sacrifícios, de movimento e graça, votados à expressão? Architectural, há nela pregas rijas como colunas ; e decorativa, seus arranjos de linhas nobres estilizam, em atitudes sintéticas, atitudes místicas.

O escultor fêz um movimento de cabeça de quem não concorda, e voltou à sua idea :

—A ingenuidade é tudo. ¿ Quem ma dera! Com ela alcançam-se as maiores verdades.

—As verdades sobrenaturais.

—A minha geração gastou-se no naturalismo. Gastou-se em verdades rasteiras...

—A tua e as anteriores. ¿ Ah, a escultura precisa de fazer penitência do seu paganismo! A vida dos sentidos deve remir-se pela vida do espírito. ¿ Também a Arte há de ter o seu «Dies irae»!

O escultor, calado, pensava. Por fim, murmurou na sua voz sempre em meios tons :

— Todos devíamos regressar à nossa infância...

— Tens razão, Leonardo. Essa é a nossa Idade-Média. A infância, irmã da ignorância bela, é a idade do coração puro. Ser menino é ser simples e cândido. ; Voltar a ser criança! ; Voltar a principiar a viver! Devemos forçar o nosso espírito a êsse regresso moral.

— E não será isso um impossível, querido Ernesto?

— Seria, se no mundo não houvesse a religião da Humildade, da Simplicidade, da Candura — guias de caminhos que conduzem à pureza das intenções, e, em arte, à luz dêsses dias antigos e ingénuos.

Assim conversávamos, quando, vindo do «Salão das Exposições», começámos a ouvir ondas de música espiritual. Era Lúcia, no harmónio Mustel, a interpretar, com leveza e frescura, essa suave fusão de romantismo e misticismo que é um *Prelúdio* de César Frank — poeta e justo. Lá ao longe, êsses sons claros e doces saíam do silêncio como da sombra saem, crepusculares, corolas de veludo branco...

Suspendemos a conversa e pusemo-nos a escutá-la; e as nossas almas, que pairaram nas ogivas do sonho gótico, subiam agora nas espirais da música cristã.

.....

Por fim, o harmónio calou-se. Daí a pouco, sentimos os passinhos leves de Lúcia, que descia a escada, para juntar-se a Helena de Mendonça, à espera dela no pátio, sob a acácia verde-cinza, florida de botões amarelos.

Saíram sem se despedir de Leonardo, decerto por não sabermos com quem êle estava, ou porque, supondo-o ainda a trabalhar, não o quisessem interromper.

Dolentes, no embalo poético das ondas místicas, caímos no crepúsculo de nós mesmos...

Depois, Leonardo ergueu a cabeça, vagueou o olhar pela oficina, e logo o pousou com agrado nas flores que Lúcia dispusera em faianças por cima das mesas, e onde agora morria a côr a entrar no lusco-fusco. Em seguida, seus olhos consideraram com deleite no novo e gracioso arranjo dado por ela, nos últimos dias, a algumas estatuetas, bustos e baixos-relevos. E, nas suas pupilas deliciadas, havia rastos de saúde grata...

Pensei, então, que Leonardo, parafraseando Anatole, poderia dizer de Lúcia o que Silvestre Bonnard dizia de M.<sup>elle</sup> Préfère :

— «Elle donne à la cité des *sculptures* un charme dont je goûte le souvenir, quand elle est partie.»

.....

**Coração franciscano**

**A**BSORVIDO na grande tarefa, meditando nela a tôda a hora, o escultor alvoroçava-se de contentamento, vendo crescer, avoluntar-se, iluminar-se a nova concepção da sua obra nascida num sentir refflorido de crença cristã — a volta à sua antiga inconsciência religiosa. Assim, a queda natural do seu espírito era para as ideas simples, para as imagens suaves do Evangelho, tais como na infância elas haviam sido instiladas no seu coração ingénuo pela palavra piedosa e meiga da mãe educadora ; e por isso poderia agora dizer, como Lamartine, que o seu Cristo era

«..... *celui que ma mère  
Colla dans l'agonie aux lèvres de mon père*».

O pensamento, um instante desviado do rumo natural, regressava a êsses mundos cândidos. Renascia. Encontrava-se. Leonardo sentia que tal regresso ao que êle fôra lhe alegrava a alma,

lhe arejava a consciência, como se nela rasgassem pórticos sôbre horizontes luminosos, como se nela dessem lustrais mãos de cal virgem. Ao mesmo tempo, os mistérios da doutrina católica, longe de lhe pesarem no espírito — tornavam-lho leve; longe de lho acorrentarem a dogmas que se aceitam a olhos fechados, libravam-no às alturas — o olhar deslumbrado pelo gôzo da posse da verdade maravilhosa. Seu espírito respirava Fé, iluminava-se de Esperança, e alimentava-se da Caridade de que benêficamente se via cercado. E a sua alma, cada vez mais tendente ao além de tudo que existe..., sente agora que tem no ideal religioso êsse Absoluto onde alimentar a sua fome de Infinito.

\*

\* \*

Leonardo quer fazer o seu Jesus belo como forma: — visão de um Deus formoso que revelou aos homens verdades formosas; belo como sonho: — visão de um ente sobrenatural, feito de bondade, de justiça e de misericórdia, que milagrosamente se desdobra em amor divino e humano.

A execução será sóbria como a dos áticos e singela como a dos «primitivos»; e, assim, o artista comovido e reflectido, ao mesmo tempo

clássico e gótico, servirá, com a sua técnica perfeita, as suas intenções cristãs. Digamos : na forma serena e sintética, a expressão sublime.

O escultor sente, pensa, executa. Êle quiere realizar a perfeita aliança artística ensinada por Ruskin : «obra de cabeça, coração e mãos».

Pregado na cruz, Jesus vive o instante derradeiro : às portas da Eternidade, seu espírito cintila num máximo clarão de maravilha.

—O divino corpo morto não me interessa como me interessa o divino corpo vivo, dizia.

Insistindo :

—O cadáver é despôjo, e Jesus é acção ; o cadáver á derrota, e eu adoro o triunfo ; o cadáver é a morte, e eu amo a vida.

Para Leonardo, o momento em que Jesus entregou o espírito, após as palavras (que já são bater de asas) — «Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito» — é uma claridade de amor que diz, em síntese, a doutrina do amor.

—O meu Jesus morrerá absolutamente sereno, sem a mais leve contracção do rosto, sem o menor movimento do corpo.

Para ver a distância a que Leonardo estava das suas antigas opiniões racionalistas, perguntei-lhe :

—¿ Morre como homem, ou como Deus ?



O novo convertido logo me respondeu ortodoxamente :

— Morre como Homem-Deus.

Esclarecia a sua idea :

— Se há mártires que no meio das torturas conseguem, vencendo-se, sorrir na dor ; se há justos que morrem como pombas ; ¿ como não havia de morrer Jesus, filho de Deus ?

Calou-se, meditabundo. Depois, saindo da sua clausura de alma, teve esta frase que resumia o seu pensamento e a sua estética religiosa :

— Quero fazer, com linhas puras, a imagem pura da alma cristã.

— Dizes bem, Leonardo : Jesus deve ter morrido serenamente, na doçura sublime do humano-divinizado. Jesus sofrerá fisicamente, mas a sua alma heróica fá-lo há triunfar de si próprio. Na mais excruciante das dores da cruz, seus olhos angustiados, suas faces chagadas, sua bôca torcida de amargura esmaltar-se hão de graça celeste, esmalte dos esmaltes — esmalte divino. E no momento derradeiro do adeus à humanidade, nesse rosto brilhará, iluminando o Espaço, cantará, enchendo o Tempo, numa auréola de dulçura celeste, aquela inefável expressão de amor-perdão para os inimigos ; de amor-misericórdia para os pecadores ; de amor-confiança para os que duvidam ; de amor-esperança para os que o buscam ; de amor-certeza para os

que crêem nêle. Expressão clara, entendem-na as crianças ; profunda, impressiona os pensadores ; bela, encanta os artistas ; cariciosa, balsamiza as almas aflitas. Ela derrama paz entre os desesperados ; e, Felicidade absoluta, entremostra a luz do Bem e da Beleza eternos. A agonia de Jesus deve ter sido uma agonia de Amor : um sofrer amando, um amar sofrendo. Na majestade da Dor, a majestade do Amor !

— Penso pela tua cabeça, sinto com o teu coração, disse Leonardo entusiasmado.

\*

\*      \*

E aquela assistência dos Anjos Bons — Helena de Mendonça e Lúcia — lá continuava solícita, feita de bondade e elegância. Levemente, duas almas justas conduziam pela mão um coração de criança.

Estas senhoras levavam-no a ver obras de caridade, em que elas tinham mais ou menos interferência : asilos de velhinhos, casas de correção, patronatos, « creches » e albergues de infância desprotegida.

¡ Admiráveis dedicações !

Absortas no seu ideal santíssimo e prestantíssimo, diversas senhoras a êle tudo sacrificavam : bens de fortuna, gozos mundanos e até

saúde e comodidades. Novas e lindas, algumas haviam renunciado ao casamento para, livres, darem as suas almas às almas dos outros. E eu presenciei, maravilhado, a abnegação da beleza que se deixa a si mesma desbotar, murchar, enrugar, envelhecer ; a resignação das que assistem em si próprias ao crepúsculo da luz que foi brilhante e quente, ao dissipar de quimeras que foram irisadas de devaneios ; à queda de belos sonhos que tombaram das alturas e, por fim, rastejados em fiapos de fumo-saúde, se dissolvem e morrem no silêncio dos sacrifícios ignorados ou incompreendidos. E Leonardo, ao ver, ao lado de tanto infortúnio e desamparo, tamanho cuidado santificado pela piedade que põe os olhos em Jesus, enternecia-se e cada vez mais e mais a sua alma se votava a Deus.

Numa dessas visitas, Leonardo observou o carinho do olhar, da voz e das mãos de Lúcia no cuidado dos seus doentes pequeninos ; e noutra, encheu-lhe o peito a saúde de alma, a frescura de espírito, a felicidade comunicativa com que ela, criança, sabia entreter um grupo de crianças com quem brincava.

Profundamente impressionado, dizia-me depois :

— Sabes, Ernesto, nesses momentos capacitei-me de que só esta, e nenhuma outra, poderia

ser a função da alma de Lúcia ; e compreendi, num instante, o sentido da beleza e da ternura dessa virgem formosa e carinhosa.

— Qual ?

— Ser enfermeira de criancinhas doentes, a quem os sorrisos belos aliviam ; construir, com as suas graças, jardins...

Interrompi e concluí :

— ...da infância, flores que atraem e acariciam os olhos. Ser ela a flor-mulher que tem de viver para as crianças-flores.

— ¡ Como vocês, poetas, sabem dizer as coisas !

Uma tarde, no Bomfim, fui encontrar o escultor, no «Salão das Exposições», no meio das suas amigas, que lhe ensinavam preces e cantos litúrgicos. Helena tinha-lhe recitado a fervorosa oração composta por Santa Terêsa do Menino Jesus, em que esta linda e sorridente virgem amante das rosas, anseia abraçar-se no amor divino que lhe consuma o corpo para, sem demora, ela, espírito, poder alar-se ao céu e ver aí a face gloriosa do seu amado Jesus, imagem sempre para ela envôlta em flores. Depois, Lúcia, acompanhando-se no harmónio, cantou o suavíssimo *Adoremus* que, entoado em côro, à Elevação, quere subir com a hóstia... Em seguida, *Com minha mãe estarei*— um enternecido

louvor à Virgem Santíssima, um desejo ardente de voar ao céu para admirar a graça irradiante da formosíssima face da Mãe de Deus. Por fim, entoou, angélica, a bater as asas, o *Laudate Mariam*—hino heróico e lírico ao coração da Imaculada. A sua voz de meio-soprano, em canto unido, ora em vibração vivaz, ora em vibração dolente, elevava-se, elevava-se, até se perder nas alturas longínquas... Era mística delícia que arrebatava consigo a alma do artista, num vôo de espiritual deleite.

Leonardo ouvia-a enlevado, e o seu espírito, meigo e artístico, todo era bem-querer, tecido de poesia, a esta linda alma de mulher servida pela graça de um corpinho lindo : suas linhas e proporções rítmicas considerava-as o artista um dom de Deus à sua eleita. Êle sentia profundamente a frase de Miguel Ângelo : «a beleza é a virtude do corpo».

E esta era, da parte de Leonardo, uma pura amizade terna e estética.

Por seu lado, Lúcia queria-lhe igualmente muito bem, e vivia no encanto de ver em Leonardo a alma de um grande artista subir para Deus. Depois, a bondade dêste homem, seu ar manso, seus modos singelos, sua arte sentida e nobre, agora tôda virada a assuntos religiosos, e ainda dores passadas, — enterneciam-na e cria-

vam dentro dela, para além dessa amizade meiga, um arroubo admirativo pelo seu talento criador. Parava-se a contemplá-lo: seus belos olhos azuis eram duas almas rasas de carinho e extáticas de enlêvo.

Leonardo via tudo isto, sentia tudo isto, e o seu espírito boiava em doçura grata.

Estes sêres eram dois sentimentos absortos na mesma religião; duas inteligências que viviam em idêntica concepção do universo; consciências a par, em igual estado moral; artistas, um e outro, que com as suas artes, o som e a forma, serviam a Deus.

¿E os corpos? Não existiam neles, ou, pelo menos, êles não percebiam que se intromettessem nos motivos puros dos seus espíritos edificados. Suas almas eram duas luzes, não eram dois lumes.

No entanto, o artista sentia a humana necessidade de exteriorizar a homenagem do seu espírito esteta a êsse corpo belo:—a ânsia de realizar em mármore a beleza vista no modelo.

Uma vez, ao falarmos da graça de Lúcia, vi o escultor cerrar os olhos (que, mesmo fechados, sorriam de beatitude estética) erguer os braços e abrir as mãos no gesto dos dedos recurvos e no fremente movimento que busca modelar um corpo pleno de beleza formal reveladora de be-

leza espiritual: parecia que as suas mãos vibrantes apalpavam a formosura que os seus olhos viam.

— Eu queria, eu queria..., balbuciava êle. E tôda a sua alma era ânsia indefinida, e seus gestos reticências...

— ¿Queres o quê?; ou, melhor, ¿que desejam essas tuas vibrantes mãos geradoras de beleza?

— Mãos e alma.

— Seja. Mas, dize, ¿que pretende o artista enamorado?

Leonardo expôs-me a sua aspiração de escultor-poeta — coisa tão subtil que não sei se era ir da forma ao devaneio, se cristalizar o ideal em forma... Nos seus olhos havia o crispar voluptuoso de quem está vendo a graça das linhas curvas, a harmonia do modelado no equilíbrio das proporções musicais de um corpo perfeito. Suas mãos fremiam em movimento criador; seus dedos desenhavam no ar linhas belas. No brilho do olhar seduzido pela beleza formal entrevista, havia também a languidez da devoção à beleza-espírito dessa alma angélica. E por isso o escultor sentia que, fazendo o retrato da beleza plástica de Lúcia, faria ao mesmo tempo o retrato dêsse espírito lindo por o seu corpo belo ser o exacto invólucro da sua alma pulcra: — ser o formoso revelador de uma alma formosa. A beleza e a virtude de Lúcia

eram coisas inseparáveis na mente dêste artista puro.

¡Incongrüente tema êsse que lhe passou pela cabeça: modelar o corpo de Lúcia! E esta idea era nêle tão esteticamente pura, tão virtuosamente estética, que o escultor tinha a certeza de que tal nudez seria honesta em absoluto: todos a admirariam sem o menor estremecimento de desejo, e o próprio modêlo se veria nela com o mesmo desmelindre da pureza que se vê a si própria, na candura da beleza que se ignora. Êle esculpiria castamente um corpo casto. Essa nudez ficaria vestida de inocência absoluta. Tômo de graça, tal corpinho irradiaria beleza e só beleza e, por ventura, virtude e só virtude. O escultor sentia que as suas mãos serenas modelariam a Beleza perfeita que é júbilo estético a subir, a engrandecer-se, e também pensamento a concentrar-se, a austerizar-se em religiosidade... Obra imaculada, poderia ofertá-la a Deus, certo de que Deus a estimaria, como estimara o modêlo, quando, artista supremo, o criou lindo.

Ouvi-o em silêncio, admirando o poder da alta miragem dêste escultor-poeta, plástico e místico. Por fim, disse-lhe:

—Leonardo, a pesar de eu entender (como tu) que o que ofende na nudez artística não é a nudez em si, mas o comentário sensual que o



artista põe nela: a pesar de eu saber que a arte pura é casta como a água, não posso deixar de chamar, como realização prática, utopia absoluta ao teu sonho, e, psicologicamente, de classificá-lo de...

— Dize...

— ...de paradoxal platonismo!

Ao que Leonardo, sereno, objectou:

— Se há platonismo em literatura, ¿porque o não poderá haver (e talvez com maior razão!...) em escultura?

\*

\*        \*

Nessa semana, deixando para mais adiante a ida de Leonardo àquele «Retiro» de Oya, sàbiamente preconizada pelo jesuíta dr. Luís Sequeira, levei-lhe o meu querido franciscano Frei José, ao tempo em missão, na capela dos Anjos, na rua dos Bragas.

Frei José, embora doutor em teologia por uma Universidade suíça, era um fradinho modesto e silencioso, que recolhia no coração todo o saber do seu entendimento, dentro do aviso do Apóstolo: «A ciência envaidece; o amor edifica».

Sempre bem disposto, sempre alegre, era como deviam ter sido os franciscanos dos primeiros tempos que, segundo a letra da Ordem,

viviam naquela letícia espiritual de que tanto se ocupou São Francisco. Homem de perto de quarenta anos, cabelo preto descido na frente e puxado aos lados na testa branca e lisa, todo o seu rosto redondo e polido tinha a frescura do rosto de um menino. O sorriso bom e constante da sua bôca de cantos fundos, das suas faces cheias e dos seus olhos de corte muito rasgado onde a luz das pupilas se adoçava sob o tom cinzento dos óculos de grandes vidros redondos — dizia paz. É que lhe vinha de dentro êste sorriso feliz: a sua alma vivia em devoção clara e claro optimismo. A doutrina dos seus sermões era amena e exposta com a simplicidade, a afabilidade com que (discípulo do seráfico frade de Assis) falaria a criancinhas ou a aves. Seus mansos conselhos encantavam. Rezava o breviário enlevado, como se tudo nele fôsse florilégio e lendas de oiro; e em seus remansos fazia versos de brando lirismo religioso, pôsto em redondilhas populares.

Frei José cativou o escultor.

Conversando longas horas com Leonardo, convenceu-o de que, depois de estudar Jesus, vivo, no *Evangelho*, o estudasse redivivo na alma de São Francisco onde êle, numa época de crise da alma cristã, como que reencarnara para, ainda uma vez, se dar em amor à pobre humanidade

enfêrma de pecados, cega de êrros, suja de here-  
sias.

Queria o fradinho menor que Leonardo refi-  
zesse a sua alma em caridade e humildade fran-  
ciscanas, virtudes com as quais poderia visionar  
a face de Jesus-Amor, para, depois, a poder  
retratar na sua obra de artista. Desta maneira,  
Frei José, decerto mais piedoso que esteta, esta-  
va, embora inconscientemente, a incutir no  
escultor a teoria raskiniana da «humildade» que,  
nascida nos corações simples, leva a Deus—  
qualidades morais que devem anteceder a emo-  
ção, o esfôrço do pensamento, e o trabalho das  
mãos. Em seguida, Leonardo deveria visitar a  
terra em que São Francisco nascera, vivera e  
morrera, aí onde, ar, montes, campos, convent-  
tos, casas, árvores, aves e flores lhe falariam  
ainda dêle com aquela magia da recordação que  
não esqueceu os monólogos ouvidos a essa alma  
de Deus; com aquela ternura penetrante que  
amolece os corações, enche os olhos de serenas  
lágrimas piedosas, e os eleva aos céus em ane-  
los devotos, ao mesmo tempo que o pensamento,  
cheio de alegria no Senhor, se eleva às regiões  
da Beleza absoluta e eterna.

E tão eloqüentes foram as palavras do frade  
menor, doutor e poeta, que um dia, lá abalámos  
os dois, Leonardo e eu, através dos descampados  
de Castela-Velha, da França pirenaica das cor-

dilheiras nevadas, da França azul da costa mediterrânica, e das hortas e vinhedos da colorida Itália do norte e do centro, até Assis — a benta, fazendo caminho por Florença — a bela.

## Terras de Beleza e de Santidade

**O**UTUBRO. Começava o Outono. Entre Génova e Pisa, nos campos lavrados, à espera da sementeira do trigo, luziam chapadas de aço — cortes das relhas na terra gorda côr de bôrras de café. Estremadas por sebes de vidoeiros, onde brilhava o aljôfar dos relentos das manhãs já frias, estendiam-se veigas de verdura húmida. De um e outro lado da linha férrea, em hortas pingues, alastrava-se a esmeralda dos nabais e o estanho das refohudas couves-flores — prenúncio do inverno à porta.

Nos oiteiros, as copas dos plátanos, das faias e dos castanheiros índicos, amareleciam-se e aviavam-se no cambiante do amarelo torrado no mosto, do amarelo canário no roxo açucena, em bem composto matiz de colossais novelões de lãs variegadas. Desfolhavam-se os cimos dos choupos tenros, de folhitas anémicas e friorentas, arrepiadas à menor aragem. As carquejas cutoniças, que cobriam as lombas dos montes

rapados, pareciam pelagens de ferrugem. No horizonte, os pendores dos Apeninos distantes escorriam tinta violeta; os cimos agudos, já com as primeiras neves, tocavam-se de rosa no céu que começa em pérola e se funde em anil; e na atmosfera parada o ar era vítreo e puro.

Entardecia doiradamente, quando chegámos a Florença — a flor de arte, meio pagã meio cristã, nascida e medrada na luz melodiosa do vale do Arno entre os parques fôfos de São Miniato, no belo arranjo das côres matizadas, e as colinas azuis de Fiesole, com pingos de casais brancos no meio de vinhedos de mosto, oliveiras pardas e altos ciprestes de folhagem de verdete duro, mas que o ar florentino traspassa e torna leve na chapada cobalto do céu italiano.

Os ciprestes de Florença!

À hora crepuscular, a sua esbelteza reveste-se de nobreza. A luz, feita de diversos vermelhos no poente de bruma sanguenta onde o Arno, longe, se dissolve em névoas rubras, modela-os em fogo e azêbre e dá-lhes carta de foral na paisagem de colinas esverdeadas e arroxeadas. Dominam! Mas a luz da tarde vai caíndo... Então é vê-los como, nobres e serenos, assistem em si próprios ao dissolver da pompa dos seus coloridos ardentes nessa luz suja de névoas ras-teiras que do vale sobe, lenta, e tudo pulveriza

com cinza afogueada e, depois, tudo ennoita em silêncio!

¡Que fidalguia, nos seus portes estóicos!  
¡Que graça, na sua severidade impassível!

O cipreste de Florença é o símbolo plástico da divisa estética dos quatrocentistas florentinos: «Suave-Austero».

\*

\*      \*

Cá estou na antiga Florença das praças irregulares, dos larguinhos como que feitos com repregos cenográficos, das velhas fachadas de varandas de ferro forjado e miúdas janelas com persianas verdes; cá estou na Florença dos maciços palácios rusticados desde o rés-do-chão à cornija de ornadíssima cachorraria que sustenta grande beiral e docela, lá no último piso, geminadas janelas de lintéis góticos. São cubos descomunais, monumentais, feitos com silhares de castelos roqueiros, para receber e afrontar, impàvidamente, os urros e os ódios das massas gibelinas, em dias de vozerio infernal, em noites vermelhas de archotes incendiários! Nos antigos bairros, nas ruas, estreitas e tortas, tocam-se os beirais longos. E essas casas de velhos tejolos vivem lado a lado de palácios soberbos e pegam com tórres medievais de pedrinhas miúdas e pardas como adobos. Com um

pincel, fixo uma nota de côr: um lado, sombra; outro, sol; no alto, azul ferrete; e em baixo, no pavimento de puídas lajes espinhadas, a luz é esteira de amarelos quentes.

Era a segunda vez que eu entrava na capital toscana; mas há vinte e cinco anos meus olhos anunzianos buscavam, e a tudo preferiam, a beleza da côr e das formas viçosas que florescem nas telas do opulento Ticiano ou do aristocrático Botticelli, e não a graça da visão divina do Fra Angélico de luzes sobrenaturais. Minhas pupilas eram outras, porque outra era a minha alma. Entre as de então e as de hoje, há a distância dos olhos que observaram com volúpia e dos que se absorvem na comoção da arte religiosamente espiritualizada. Agora, visitando-a de novo, queria interrogar-me a mim próprio: essas telas passariam a ser o espelho a que me visse, e me dissesse a espécie de alma que eu sou nesta adiantada hora da minha vida. ¿Reconhecer-me-hei?

Ao mesmo tempo, queria registrar o que se passava no pensar e no sentir de Leonardo, ao deparar-se-lhe a alma estética dêsses pintores e escultores de «trezentos» e «quatrocentos», de Giotto a Fra Angélico, dos Pisanos a Cellini, de Ghiberti a Donatello e Miguel Ângelo. E desejava, sobretudo, que a mesma onda alta de maré



religiosa nos erguesse a ambos ao céu, ou, em mais exacta imagem, que a luz transfiguradora dos Tabores da arte cristã, onde tudo resplandece de luz excelsa, nos arrebatasse as pupilas devotas a mundos de claridades que estão para além dêste mundo!...

\*

\*      \*

Instalámo-nos num «Albergo» da Porta-Rossa, em plena Florença antiga, a dois passos da «Piazza della Signoria», com a gótica «Loggia dei Lanzi», cheias de estátuas do Renascimento, ali ao lado do «Palazzo Vecchio», onde opulentemente viveram e morreram Médicis faustosos. Perto, o «Or San Michele», de grossas paredes que guardam o «Tabernáculo» de Orcagna, precioso de alabastros, esmaltes e oiros, e, exteriormente, são decoradas com nichos cinzelados, por mestres quatrocentistas, para receber os bronzes e os mármoreos de Donatello, João de Bolonha, Verrocchio, Ghiberti e Luca Della Robbia, em estendal de maravilhas, ali, no meio da rua, ao ar livre, como museu popular. E as estátuas admiráveis vivem para si próprias, no nobre orgulho da beleza silenciosa que não repara na multidão que por ela passa, miudamente absorvida na sua vida comezinha de cada dia, de cada hora...

Pertíssimo, os «Ofícios» com milhares de quadros de escolas antigas italianas, renanas e flamengas; o «Bargello», repleto da escultura de «quatrocentos» e «quinhentos»; e, logo abaixo, a «Abadia», iluminada pela visão de Filippino Lippi, no seu «São Bernardo e a Virgem».

Das janelas altas do nosso terceiro andar, avistava-se, pela direita, por cima de velhos telhados tanados, tipo português, a desconformidade do zimbório de Brunellesco, em Santa-Maria-das-Flores; e, pegada, a haste esbelta do sólido campanilo de Giotto, em mosaico de pedras brancas e negras, com janelas de colunelos e ogivas góticas. Para além, bojavam as cúpulas de São Lourenço, a abrigarem os mausoléus dos Médicis. A torre arejada de Santa-Maria-a-Nova, «sposata» de Miguel Ângelo, subia airosa; e na nossa frente, perto, de perfil, avolumava-se, enorme e compacto, o palácio-torre dos Strozzi, de fortíssima silharia rústica, com o seu pomposo beiral ornado de cachorros e arabescos da Renascença. Acolá e além, outras torres, outras cúpulas, outros palácios antigos; e nos longes, debruçados sobre a primeira curva do Arno, os maciços esverdeados e amarelentos dos arvoredos outonais das Cascinas, postos num magoado céu de vapores de laranja, que doiram as tardes florentinas.

E para quem sabe a história política, artística

e doméstica de Florença, suas lutas de partidos iracundos, seus anseios de beleza, sua vida de amores — observar uns minutos êste panorama de séculos é ver surgir, ante a nossa imaginação acesa, os clarões dos incêndios, é ouvir o vozeiro infernal dos tumultos de sangue, é presenciar a amargura dos artistas desgraçados, é entrever, alternadamente, cenas violentas de amores trágicos e cenas deliciosas de amores galantes em horas de magnificência patrícia. E assim, na bruma prestigiosa do passado morto, erguem-se, diante de nós, figuras históricas nossas conhecidas.

.....

\*

\*      \*

Na ânsia de rever a cidade, cuja alma voluptuosa e artística se estiliza num lírio de sangue, — cêdo, às 7 horas, já eu estava a pé. Rezado, banhado, barbeado, escovado, engraxado; engulido o primeiro almôço de grosso leite, excelente café, manteiga fresca ou o toscano mel branco a escorrer, como âmbar derretido, nos fofos «brioche» loiros que estalam na bôca; — ala!, porta fora, a respirar o ar limpo da manhã nessas ruas de lajes espinhadas e varridas, e nesses mercados de côres vivazes e vozes

palmeiras onde as flores são aos montes: cada canto é uma exposição coruscante de telas de Manet. Lépidio, como um rapaz de vinte anos, olhos brilhantes e humor bem disposto para colhêr e saborear as sensações de um dia de arte e de pitoresco — sentia o espírito em Páscoa florida. A graça aliciante dessa terra antiga, individual em seu modo de ser franco e gentil, remoçava-me o corpo, alvoroçava-me a alma. As minhas pupilas, por vezes fatigadas de ver mundo — jovializavam-se aí! Foram sentanas cheias. Assoalhei-me na luz quente dos Lungarinos Acciajoli e Corsini. No parapeito da Ponte Carraja, onde a tradição reza que Dante gozara e sofrera o primeiro deslumbramento da imagem de Beatriz, debrucei-me sôbre o Arno que corre vagaroso para as bandas das Cascinas, segue através das várzeas de Empoli e dos pinhais de Pisa, e, depois de bem servir os homens e a beleza, entra e absorve-se na bem merecida paz do mar Lígure de azul manso, florido de velas latinas.

Pela tarde, embrenhei-me em todos os «vicolos», à liora movimentada do fechar dos «Bancos» e das «Repartições», que despejam nas ruas milhares de empregados, dezenas de bicicletas que se cruzam em todos os sentidos e as carruagens e os automóveis, vindos das Cascinas, passam cheios de patrícias em cujos rostos de

expressão risonha, em cujos ombros de modelações nobres há as tintas e as linhas da beleza florentina de sempre, fixada nas telas dos museus, nos frescos das igrejas, na esbelteza das estátuas, que fêz vibrar a mente e guiou as mãos dos Ghirlandaios, dos Peruginos, dos Rafaéis.

Daí a pouco é a hora moderna dos chás mundanos — hora de luz correcta, feita dos restos do sol doirado das ruas e da electricidade fria dos salões, luz que ensina as vozes e os gestos a serem elegantes.

Durante o dia, atravessando eu pátios de nobre architectura da Renascença; subindo escadarias de mármore gastos onde subiram e desceram grandes damas e grandes senhores à hora do fausto, nos salões sumptuosos dos palácios Ricardi, Corsini, Strozzi e dos do Corso; — reli, em mente, as biografias tempestuosas dos «Podestás», dos «condottieri», dos «gonfalonieri», e de alguns banqueiros opulentos que neles opulentamente viveram e, pelos reverses da fortuna, miseravelmente morreram!

No recolhido claustro de São Lourenço, com suas portinhas de cedro envernizado e grossos pregos de cobre polido, baixas, discretas, que servem as câmaras dos cónegos e a grande livraria, recolhi a paz, culta e nobre, das bibliotecas selectas nas cidades movimentadas — recantos

de silêncio dôce que o vulgo desconhece e os Silvestres Bonnard's freqüentam, enchendo seus dias na serena volúpia de ler velhos pergaminhos preciosos. E no convento de São Marcos, num claustro de architectura sóbria, sob a quietação de abóbadas lisas sustidas por fustes esbeltos, fábrica insinuada por Fra Augélico e erguida por Michelozzo, hauri a doçura das horas conventuais entre frescos de puríssima arte cristã.

De binóculo perscrutador, esquadrinhei telas sombrias, frescos desbotados, desde Giotto a Masaccio, de Benozzo Gozzoli a Ghirlandaio. Vi na capela dos Médicis túmulos levantados à tirania e decorados por quem retratou a sua amargura nessas estátuas dolorosas. Vi púlpitos — cadeiras da verdade de onde caem austeras palavras de renúncia — adornados com as farândolas pagãs de Verocchio. Vi santos apolíneos como deuses do Olimpo. E na meia luz dos retábulos de duas igrejas, a grande distância uma da outra, dois Cristos mais distantes ainda, um do outro, no carácter que revelam: o do Donatello, forte e brusco; o de Brunellesco, espiritual e elegante. Esmagou-me a beleza poderosa, que se impõe; e colhi a beleza subtil, que se interpreta.

De lunetas encavaladas, observei mosaicos, pedrarias, miniaturas, esmaltes, camafeus, medalhas, gemas lavradas, filigranas de oiro, orna-

das cabidoais de saltérios, arabescos-molduras de manuscritos iluminados, taças de ónix, de ágata, de cristal, por onde beberam bôcas de mulheres patrícias e formosas, e vasos sagrados onde se consagrou vinho e pão. E na vertigem do gôzo da beleza formal, os meus olhos, remoçados e tonteados pela alegria da arte voluptuosa, por vezes não deram conta do paganismo exuberante e faustoso que satânicamente servia o cristianismo humilde.

\*

\*      \*

Junto de mim, Leonardo, mais seguro em seu critério e confinado nos seus actuais pontos de vista de arte religiosa, que, para êle, antecediam qualquer afirmação estética;— junto de mim, Leonardo cravava, de preferênciã, seus olhos na arte cristã. Vista tôda a escultura dos «quatrocentistas» e da plena Renascença, virava-se agora, estudando-a, penetrando-a, para a pintura mística que absorventemente o atraía. Escultor, começara por estudar o seu admirado Donatello, o valente criador da estáua eqüestre de Gatamelata, em Pádua, reproduzida, em moldagem, na sala grande do Bargello, e ante a qual, êle afirmava :

— Belo aspecto decorativo. Acção vigorosa e mantida. Vê como êste cavalo é bem lançado e

está bem montado o cavaleiro! Tudo aqui é forte e estável.

Do «São Marcos», do «Or San Michele», o escultor dizia :

— Admirável de vigor e carácter, é uma estátua vestida em que se ama o nu.

E ante a adolescência heróica e simples do «São Jorge», Leonardo repetiu a pergunta de Miguel Ângelo :

— «Perchè non parla questa statua?»

Leonardo sempre admirara o naturalismo dêste precursor de todos os naturalismos, a singela nobreza e a graça leve das suas figuras, partidas da verdade, estudadas e compostas com tal arte que não se via o arranjo. Em especial, o meigo Leonardo amava a ternura com que Donatello fazia os seus «meninos», surpreendidos no melhor momento da vida graciosa.

— ¡ Que elegância no desenho e nas atitudes! Que frescura de carne! dizia êle.

Depois :

— O São João Baptista, criança, é um encanto! Nota bem : já se vê quem será.

Na verdade, no seu olhar fixo há o gérmen daquela teima que um dia, no deserto da Judeia, o atirará à prègação, clamando ao povo, com a sua voz trovoenta e rouca de exaltado :

— «Fazei penitência, porque é chegado o reino dos céus!»



Mas as suas divindades, as suas santas, os seus santos não o satisfaziam: era brutal de naturalismo essa Santa Maria Madalena, do Baptistério — velha mendiga, no último estado de decrepitude, desdentada, pele e osso, mal coberta com os seus cabelos; e êsse Cristo da igreja de Santa Cruz — rude e vulgar homem do povo pregado num madeiro.

O Ghiberti, das portas do Baptistério, era um escultor-ourives. Êsses baixos-relevos, com figurinhas teatralmente dispostas e distribuídas por planos de hábil e delicada perspectiva; as estatuetas e os bustos; os laços da folhagem e dos frutos na moldura decorativa; — eram coisas de maravilhosa escultura parnasiana, em melodiosa composição na qual os olhos se demoram com gosto. Mas Leonardo bem sentia que a fé falhava nessas páginas bíblicas, realizadas com inteligência, estética decorativa, técnica perfeita e perfeita elegância.

João de Bolonha, virtuoso interessante, estava todo, em síntese, na audácia esbelta do seu «Mercúrio» lançado no espaço, no equilíbrio da ponta do pé, e ainda na composição aérea do seu «Rapto das Sabinas».

Benevenuto Cellini, era o artista máximo da cinzelagem decorativa. A linha, o relêvo, o adôrno brincavam e sorriam com volúpia extrema nos seus dedos magos. Nêle vive a alma

dos medalhistas toscanos ; e o sorriso das suas linhas ornamentais é o próprio sorriso florentino.

Miguel Ângelo, êsse, ¡ esmagava-nos ! ¡ Um colosso ! Com muita mais razão se pode dizer dêle o que Carrière disse de Rodin : «sua arte sai da terra e à terra volta».

Mas porque estes escultores florentinos da primeira e da grande Renascença não correspondiam ao seu presente ideal, pois Leonardo não encontrava neles a inspiração religiosa dos góticos da severa e sombria época de renúncia cristã e triste, — o artista voltou-se para os pintores. Deu-se então, semelhantemente, o caso que se dera com David e os da sua escola, que, pintores, se inspiraram em escultores, como Canova, Flaxman e o dinamarquês Thorvaldsen. É que há escultores que ensinam pintores, e vice-versa.

Nos «Offícios» vi-o parar, admirar e logo andar, diante dos pintores venezianos maravilhosos de côr, como Ticiano, Georgino e Sebastião del Piombo.

Das telas de Tiepolo disse-me :

— Pinta com línguas de fogo !

O melodioso Bellini, lançava-o, um momento, em devaneio. Instalado diante do «Nascimento de Vénus», apreendia tôdas as subtilezas de

desenho, e transparências de côr do aristocrático Botticelli, de voluptuoso pincel. E nos óleos de Gentile Da Fabriano, às portas da Renascença, — quadros recamados de oiro e prata nas coroas dos reis, nas dalmáticas dos bispos, nas vestes dos grandes senhores, nos jaezes dos animais de sela e posta — êle via, nesses refulgentes paramentos, melhor que delícia para os olhos, preito da vida mundana à vida religiosa, fausto místico tributado à grandeza do assunto : não lhe saía diante dos olhos a «Adoração dos Magos».

E de tantos e tantos outros quadros, na aluvião do número êle colhia, aqui e ali, nas suas repetidas visitas aos «Ofícios», ao «Bargello», ao «Pitti» e à «Academia», a esparsa beleza do desenho, da luz e de composição, surpreendida por essas centenas de artistas florentinos para quem o sentido da vida terrena consistia em ver, haurir e reproduzir a graça estética da existência.

As suas preferências, porém, iam tôdas para os ingênuos, os cândidos, os idealistas religiosos que, entreendo outra espécie de beleza, a buscam para além da forma, ou melhor, na expressão divina da forma — êsses que parecem inspirados pela graça alumiada de luz celeste. Impressionavam-no os quadros em que se figu-

ravam aparições e nelas o modo de ser da surpresa mística nas fisionomias humanas.

— Só homens de fé julgam possível que a Virgem, Jesus ou os Santos lhes apareçam. Só os artistas profundamente religiosos sabem ver a figura, a luz e a expressão dêsses rostos sobrenaturais, dizia.

E Leonardo cada vez mais e melhor estudava os pintores da devoção.

— Repara na piedade do olhar e na beatitude das mãos dêste São Bernardo, surpreendido pela inesperada visita da Virgem!, — dizia-me Leonardo, numa tarde, na Abadia, extasiado ante o quadro de Filippino Lippi.

A tinta de Perugino dulcificava-o :

— A sua luz é ternura; o colorido — meiguice. Os escorsos destas faces voltadas a Jesus são já movimentos de almas eleitas.

E o escultor embevecia-se no fresco de Perugino, que tinha diante dos olhos, na sala do capítulo, no claustro de «Santa Maria Madalena», de Pazzi.

Vi-o demorar o olhar nas cabeças femininas de um Frância de bom desenho, embora sem a singeleza espontânea de Giotto, sem o esmalte de Perugino ou o colorido mago de Rafael, mas, compensando, pleno de sincero propósito religioso que quere ser puro e suave.

Nos anjos de Duccio estimava a graça das

expressões ridentes, o arroubo das expressões estáticas.

Vi-o estudar Tadeo Gadi, Simone di Martino, Startina, Lorenzetti, e absorver-se em Giotto que, com desenho ingénuo e ingénuas tintas, realizou edificantes frescos de côres góticas e composições decorativas.

E como estes, tantos e tantos autores «primitivos», conhecidos uns, anónimos outros, nos quais êle recolhia, através dos seus pobres desenhos, das suas pobres côres, dos seus erros e desajeitos manifestos, — fios de beleza ao serviço de temas excelsos, entrevistos pelas suas almas religiosas.

\*

\*      \*

Uma tarde voltei a Fiesole para me possuir da poesia do silêncio e da paz que habita no humílimo claustrozinho do conventículo franciscano ; e rever Florença, quando, no poente, o sol vermelho desce entre esfumaças de brasido e se esteira em escamas incandescentes no Arno de sangue. O céu é ocre-fogo ; e por sôbre a cidade, em tons de caliça, tejolo e lousa, alastra-se o cobre em pó de que a essa hora é feita a bruma da campina húmida e o fumo, baixo e esgarçado, de milhares de chaminés. Nos pendores próxi-

mos, entre vinhedos roxos e oliveiras pardas, humildes e tristes, os nobres ciprestes, tocados e inspirados pelo fogo dos crepúsculos, falam a linguagem visionária dos profetas bíblicos.

Aviolam-se as massas verdes da colina de São Miniato; e nos longes da esquerda as cordas das serranias até os Apeninos, cada vez mais a perderem luz, vão diluindo suas tintas azuis no tom grave e silencioso que dispõe ao sono das côres.

Era noite fechada, quando entrei no «Albergo» da Porta-Rossa. Sentado à sua secretária, todo na sombra de uma lâmpada eléctrica de quebra-luz verde, encontrei Leonardo a escrever num livro em branco. Surprêso, exclamei:

— ¿O quê, tu, escritor?

— Tomo as minhas notas. É o curioso, sabes?, é que a mão me corre como se escrevesse cartas. Tudo me sai claro e preciso. Aprendi contigo. É a tua influência.

— «Não te vás sem resposta», como se diz lá na tua terra: — também eu tenho sofrido o teu influxo. Agora, por essas ruas fora, quando se me depara uma linda cabeça de mulher, de velho ou de criança, aquilo que primeiro vejo nela é a ossatura construtiva, os relevos das carnes; e meus polegares, às dedadas, modelam, no ar, o volume, e fixo na memória o movi-

mento admirado. Quási abstraio da côr (que, dantes, primeiro via) para me prender da estrutura e do desenho. Enfim, eu literato, estou vendo com olhos de escultor.

— E eu, escultor, sempre zaranza a escrever um postal, sinto agora a pena fugir pelo papel fora, a língua desembaraçada, e no meu cérebro as ideas surgem já redigidas.

— Então, amigo, dêmo-nos as mãos, os olhos...

— ...e as almas, concluiu Leonardo, sorridente, beijando-me na face.

— Perguntei-lhe :

— ¿Que fizeste esta tarde?

— Gastei-me na «Capela dos Espanhóis».

— ¿A estudar a teologia de São Tomaz?

— Não : a penetrar-me das almas de Gaddi e de Firenze.

Em cima da mesa, grande correspondência de cartas e postais, para o correio. Entre ela, uma carta para Helena de Mendonça, e para Lúcia um postal, colorido, com a musical cabeça da Virgem do quadro «Madona del cardelino». Nêle li esta única frase : «Hoje, nos «Ofícios», diante dêste mavioso Rafael, pensei na sua alma».

Pelas cadeiras, muitos livros. Leonardo encontrava nas bem fornecidas livrarias das ruas

«Tornabuona», «Vigna-Nuova» e «Martelli», — rica bibliografia artística de monografias eruditas e críticas, que todos os dias adquiria àvidamente :

— ¡ Apetece-me comprar tudo!, dizia.

Em especial, porém, seus estudos concentravam-se em Giotto, Duccio, Fra Angélico e nos quatrocentistas, góticos ainda nos temas religiosos, embora já tocados pelo entusiasmo pagão do Renascimento. Mas, acima de todos, absorvia-o Fra Angélico, que êle amava. As suas opiniões coincidiam com a minha síntese :

— O beato Angélico é o mais santo dos pintores, porque é o mais artista dos santos.

Leonardo leu-lhe a vida nos livros e estudou-lhe a obra nos museus e nas igrejas. Os biógrafos diziam-lhe que João de Fiesole, ainda menino, já os livros das lendas religiosas o transportavam a devotos jardins onde devaneava seu nato temperamento místico. Em seguida, noviço dominicano, recebera a instrução teológica e literária da época tomista. A par desta ilustração e devoção, o seu feitio humilde e recolhido aprazia-se na contemplação da obra dos pintores religiosos, doces e suaves, como Giotto e Simão Martini, que êle estudava e admirava nos frescos de Assis, de Pádua, de Sena e Cortona. A sua educação artística enraizava ainda na arte



dos iluminadores, dos miniaturistas e dos calígrafos monásticos; os meios tons dos cantos litúrgicos ensinavam-lhe as meias tintas dos frescos, como a harmonia das vozes do órgão lhe ensinava a melodia dos coloridos; e o escoreito das trovas populares — a simpleza dos decorativos rústicos.

Lido o Evangelho com profunda comoção religiosa, as figuras que vivem aí erguiam-se belas diante da sua alma, que era clara e piedosa. A família evangélica — Jesus, a Virgem, os Apóstolos — entrevi-a em imagens espirituais; e logo suas mãos, ao fixá-la em painéis, a tratavam como se fôsem espíritos: desenhos quási sem linhas, formas quási sem volume, e côres iluminadas, pois que esta sobrenatural família de almas formosas, que vivia em luz celeste, só com luz se devia pintar. Desta arte, seus frescos religiosos são figurações visionadas por uma devota alma ajoelhada, e as pupilas em prece, que vêem os sêres divinos através do seu enlêvo piedoso, num estado em que a vida dos sentidos se esmorece, ao passo que a do pensamento e da emoção se intensifica e voa. Entrando pelos mundos do sobrenatural, a vida da matéria dilui-se e a da expressão espiritualiza-se. Já os temas são tratados em síntese e as tintas são lendas.

E assim na piedosa e artística alma de Fra

Angélico, em que devoção e estesia se conjugam em luz de dulçura, — floriu, ténue e benta, a sua cristianíssima arte-ascese.

— O pintor Fra Angélico é o meu mestre de escultura, dizia-me Leonardo, nesse momento absolutamente conquistado pela alma do fresquista, e todo absorvido na arte dos temas religiosos, que lhe trazia o espírito pensativo e a bôca muda.

Notei, então, que o escultor caía em grandes silêncios e se afastava de mim, sempre que podia.

Dias depois, disse-me Leonardo :

— Apetece-me andar sòzinho por essas igrejas, por êsses museus, por essas ruas... Vejo melhor, sinto melhor.

— Tens razão. São Bernardo dizia : «o silêncio é fecundo».

E, desde então, nunca mais acompanhei Leonardo nos museus, nas igrejas, onde êle vagueava aério, como iluminado, e meditabundo como «fala-só»...

\*

\*      \*

Certa manhã de uma segunda-feira, na límpida luz florentina dêsse outono que se exta-

siava em oiro e carícia, — certa manhã, entre o meu primeiro e segundo almôço, fui, pela terceira ou quarta vez, ao «Museu Fra Angélico», no convento dominicano da clara e airosa praça de São Marcos. Visitadas, uma a uma, com devoção de «via-sacra» artística, as pequeninas celas nuas, cujas paredes o angélico pintor, alma em luz cristã e mãos levíssimas, decorara com as suas orações-visões ; — desci ao claustro de pacífico carácter no equilíbrio das suas linhas puras e das suas proporções justas. Os raros visitantes, nesse dia morto da semana, tinham saído. O silêncio da quadra parecia ainda mais quieto. A luz era sereníssima, plácido o tólido do céu azul, e o cedro verde, todo recolhido em si próprio, braços mansos pendidos ao chão, murmurava a sua hora menor da sexta...

A um lado, o velho guarda que vendia fotografias e postais, sentado pesadamente na cadeira, a pala do boné nos olhos cerrados, dormitava, bem-aventurado, diante do seu balcãozinho de «ricordi», sem compradores. E, ao fundo, no ângulo do claustro, um corpulento pintor russo, de ruivos cabelos e longa barba soltos, enormes óculos redondos e comprido blusão branco, empoleirado no seu escadote de tesoura, religiosamente copiava, em tamanho natural, num muro de induto de barro e cal húmida, o precioso

fresco de Fra Angélico, «São Domingos ao pé da Cruz», quasi só feito de azul desbotado e branco amarelento como um Luca Della Robbia, ao qual o tempo raspasse o esmalte e, leve, patinasse de oca.

Entrei na sala do Capítulo para rezar, uma vez ainda, à beleza da «Crucificação» de Fra Angélico, a essa hora iluminada indirectamente, mas apuradamente, pela luz que enchia o claustro, e se reflectia nas lajes puídas do chão. Ela entrava de rastros pela larga porta românica e subia de joelhos a iluminar o painel bento. Nos bancos vazios havia uma única personagem, com a cabeça encostada na mão direita, o olhar ao alto embebido no enorme fresco de vinte figuras.

Logo a reconheci : era o Leonardo. Ia a retirar-me, pé ante pé, para, segundo o combinado, não o interromper em suas meditações, quando êle, voltando-se, me deteve, com a sua voz quebrada, em que percebi o timbre das fundas impressões :

— Não vás. Estou aqui, sòzinho, há mais de uma hora. Senta-te.

Leonardo conservou-se um momento silencioso como que deliciosamente preso ao estado contemplativo que arroubara a sua alma de artista e de devoto. Seu espírito vivera nesse extático retiro uma hora fecunda de extático

transporte. E a expressão dos seus olhos era grata ao prazer artístico irradiado do fresco que enche a vasta parede que tínhamos diante de nós, nessa sala do Capítulo de São Marcos. Depois a sua alma desceu das alturas e a voz do escultor rezou no tom de absoluto enlêvo :

— Estive fora do mundo...

Olhei-o nos olhos espasmos.

Leonardo continuou :

— ¡Página celestial! ¡Maravilha! Repara na escultura levíssima dêste Cristo desenhado em poucos traços, e modelado com meias tintas suavíssimas. ¡Que elegância de linhas! ¡Que esbelteza de proporções! ¡Quanta delicadeza no volume!

E eu que profundamente admirava essa «Cruificação» como fresco, e muito o amava pela unção religiosa derramada por essas figuras que assistem, doloridas, ao remate trágico da Paixão — a Virgem, Santas Mulheres, Evangelistas, Santos e Instituidores de Ordens — umas chorando, outras rezando, algumas contemplando, acrescentei no meu critério menos plástico :

— É a visão cristã do divino e da santidade de um espírito artístico, beato e doce.

Leonardo, concordando, reflectiu :

— Sem fé, muita fé, é impossível realizar arte religiosa, que é a maior de todas,

E nas suas palavras havia a inflexão pesarosa dos erros por êle cometidos e o anelo a alguma coisa entrevista mas não alcançada ainda...

Nossos olhos continuavam absortos na pintura que nos levava para fora da vida... Nesse fresco ambos procurávamos apreender, cada vez mais e melhor, além do sentido da beleza, o do pensamento e o da emoção do artista — como quem afincadamente busca penetrar a alma de um cântico que o deliciou, a essência de uma prece que o enlevou.

Em volta, nessa deserta casa capitular, o silêncio era bento, benta a luz que vinha do claustro religioso onde, no ar quieto e subtil, a alma verde do cedro, de braços parados, continuava no recolhimento da sua reza canónica.

Minutos depois, saindo da sua cogitação, Leonardo disse, grave :

— Êste Jesus, divino como nenhum dos de Giotto, Duccio ou Cimabue, é o tipo do meu Jesus. Fra Angélico é o meu mestre. Êle firma-me no que, há muito, venho pensando para pôr na minha obra. A fisionomia do Redentor deve ser serena, irradiar paz a sua atitude na cruz ; — e tudo nêle dizer amor. Seu corpo será belo de tôdas as belezas.

— Físicas e transcendentas, disse eu.

— Justo.

Calou-se de novo. E neste estado de admiração

concentrada e silenciosa continuávamos com os olhos varados na figura central do beatífico fresco de melodiosa tonalidade. Jesus, loiro, seu corpo de carne branca, estava modelado carinhosamente com leves sombras amareladas da mesma côr das pregas da toalha que lhe cingia o baixo ventre. Era de oiro velho a auréola em que pousava a cabeça e eram de oiro luminoso os cabelos caídos em dois cachos na face pálida. E todo êste claro-amarelo, dentro de uma bordadura semi-circular, ornada com medalhões de bustos de anjos, que seguia a curva da abóbada, estava pôsto num fundo sangüíneo, tinta falsa mas que a nossa imaginação fâcilmente substituía pela verdadeira — o azul celeste das miniaturas dos Livros de Horas e dos Missais, que Fra Angélico usava e não teve tempo de pôr neste fresco, se é que os séculos não destruíram essa côr de tom místico.

Absorto, preso da esbelteza do corpo de Jesus, Leonardo notava maravilhado :

— ¡Nudez divina! Vê tu, Ernesto, como as belas linhas dos quadris se adivinham puras através do levíssimo cendal branco. ¡Com que infinita delicadeza tudo isto foi visto, sentido e está realizado!

-- Executou o preceito que se impôs : «Per dipingere le cose del Cristo bisogna vivere col Cristo!»

— Profunda sentença!, disse Leonardo.

— Foi essa chama interior da alma devota que lhe iluminou, lhe acrisolou a alma artística.

— Dá vontade de rezar e de chorar, acrescentou o escultor.

Leonardo retirou os olhos do fresco. Curvou a cabeça. Levou as duas mãos aos olhos e esteve assim longos minutos recolhido em si. Então, ouvi e vi que lhe sacudia o peito um fundo e doloroso soluço.

— Leonardo?!, interroguei impressionado.

O escultor levantou para mim olhos lacrimosos e disse em expressão contrita :

— ¡ Como me arrependo dos meus pecados de homem e de artista!

E, cerrando os olhos, pousou no meu peito a cabeça terna, como São João no quadro da «Ceia», de Vinci.

Magoadíssimo, acrescentou :

— ¡ Tinha razão minha mãe!

Daí a pouco, erguemo-nos ; e olhando uma vez ainda para o fresco divino, pareceu-me que o Crucificado desviara um momento o seu doce olhar do rosto da mãe desmaiada a seus pés e o pousara, com sorridente afago celeste, na dor salvadora daquele renascido artista.

Saímos. Cá fora, na luminosidade intensa do sol a pino, a praça resplandecia sob o puríssimo



céu outonal. Dominava o branco e o verde : bran-  
cura na cal das casas, verdura na tinta fresca  
das persianas. Era esmeralda a relva dos cau-  
teiros em tórno do monumento Fanti, de bronze  
doirado pelo sol e caiado pelas asas das pombas  
que pousavam nêle. A luz brilhante parecia  
molhar as copas das árvores ; na areia fulva  
dos passeios, a mica cintilava como esca-  
mas ao sol ; e, reflectindo o céu, eram de azul  
brunido os carris da linha eléctrica. Aos por-  
tões da Universidade e da Academia das Belas  
Artes, agitados grupos de estudantes gesticula-  
vam, palravam e riam alto, alegres como a luz.  
No largo, cruzavam-se homens, mulheres e ra-  
pazes ; e, ao andar, seus pés como que tropeça-  
vam no farrapo violáceo da sua própria sombra.  
Martelando nas campainhas, os carros eléctricos  
da Via Cavour rodavam velozes, cheios de  
gente.

Èra o vai-vem, a lufa-lufa dos negócios diá-  
rios que enchem praças, ruas e becos, no rebo-  
liço vivaz da hora do meio dia.

Mas nós dois, vindos da meia sombra das celas  
e do silêncio religioso de um claustro beatamente  
florido de arte cristã ; trazendo nos olhos a  
melodia dos tons suaves, nos corações a luz  
irradiada dêsses coloridos celestes, e no espírito  
o vislumbre da graça que do céu baixou sôbre o  
espírito bom e belo dêsse beato pintor ; — nós,

como que tínhamos a impressão de sair de um recolhimento místico, com a alma lavada e leve, em estado nascente de piedade, aberta à Beleza, disposta ao Bem. Cantavam em nossos corações vozes angélicas, tremuliam na alma asas brancas a levantar vôo... A arte do convento de São Marcos confirmou o escultor nas verdades da arte religiosa, tornou-lhe o coração ainda melhor, e convertê-lo-ia ao cristianismo, se nêle não houvesse, havia muito, acordado êsse sentimento dormente, revertendo-o às suas primeiras convicções.

E assim, alma em delícia, Leonardo saíu de um claustro da arte, como se saísse dum claustro de contemplativos onde fôsse fazer longo e recolhido «Retiro», entre justos que vivem disciplinados no exercício perseverante da meditação profunda, e, após longas e fervorosas orações, em momentos de graça ouvem harmonias que veem da Eternidade!

‡

\* \* \*

Em Assis (e depois em Pádua) Leonardo absorveu-se na arte gíotesca, no que nela há de espontâneo, de sincero, de engenho hábil e aparentemente fácil no arranjo das cenas, na ingenuidade das linhas, no vigor da expressão

vincada em traços sóbrios e exactos, profundos e sintéticos.

— Giotto — dizia-me êle — embora de alma naturalista, tem a arte de um imaginário gótico que pintasse frescos.

Leonardo, escultor, via escultura na pintura, e melhor filiava Giotto na arte dos pisanos que na dos bizantinos, da qual o seu amor à vida, à natureza, à verdade, o afastava passo a passo. Em seu génio de decorador mural, o fresquista queria para campo dos seus quadros o azul forte e translúcido do céu italiano e nêle recortava figuras santas de carnações esmaltadas, com as cabeças em nimbos de oiro. As côres das roupas, sempre as mesmas, eram tiradas da natureza, mas escolhidas nas suas meias tintas góticas: azuis velhos, verdes gastos, vermelhos comidos pelo sol, e alguns amarelos quási frios que empregava em grandes mantos lisos e em túnicas de pregas duras. A ingenuidade do desenho, o rudimentar das perspectivas, as paí-sagens innocentes tinham, num discreto conjunto de tons bem fundidos, a singeleza quási rústica de uma trova popular; e parecia até que nos traços incorrectos havia propósito de desajeito, como que para, desta arte, traduzir a simplez dos espíritos na candura religiosa dos temas tratados. Como São Francisco, Giotto era ainda um trovador!

— ¡Quem me dera a frescura da tua alma, a simplicidade da tua arte!, dizia Leonardo, com os olhos dentro das pinturas de Giotto.

E eu sentia a ânsia que o escultor tinha de regressar à arte popular, ali, diante de um pintor que, de olhos encantados pela natureza colorida, espírito livre e criador, por ela substituiu os hirtos e convencionais bizantinismos da época passada. Esta arte expressiva, decorativa, simples, essencialmente cristã pelos assuntos tratados com pincel devoto, — esta arte penetrou no espírito religioso do escultor português, como já lhe iluminara a visão e lhe instruíra a mão, em Florença, essa outra do beato Fra Angélico, aquele que «entreviu o céu», como costumava dizer Leonardo.

Ainda vi o meu amigo aproveitar réstias de sol escasso (que, através de velhos vidrais, entra pobre nas sombras das naves) para estudar, com infinita delicadeza, os vários frescos do transepto e das capelas da igreja média da Basílica. Em Cimabue, Simone di Martino, Margaritone, Lorenzetti e diversos anónimos seneses e florentinos, Leonardo perscrutava, interpretava, adivinhava subtilezas e intenções nos restos da tinta estragada, desbotada ou repintada.

São ruínas plásticas que guardam a poesia das interpretações religiosas das almas divinas, das almas extraordinárias dos profetas e dos

apóstolos, das almas heróicas dos santos. São painéis-crepúsculos em que sòmente os artistas crentes sabem ler as místicas tintas desfeitas, os místicos oiros mortos. Êsses iniciados podem enxergar ainda no mortoiço que resta das côres radiosas, nos esvaídos toques de pincel que se molhou no ideal religioso, — frases de luz, fios de cantos e, assim, num lampejo, reviver um momento a alma do artista cristão que os pintou sonhando e orando.

\*

\*      \*

Na obcecação de viver o mais possível com o espírito formoso do santíssimo santo, fazendo da sua imagem morta um companheiro vivo, durante a nossa estada em Assis, percorremos todos os lugares que nos falassem dêle nessa montanha e nessa campina de milagres, nessa vila de igrejas, conventos e oratórios medievais, feita de repregos e ripados de cenográficas ruelas, umas em rampas, outras às escadinhas, com passadiços e botaréus, tudo na testeira de monte abrupto. Nas fachadas das velhas casas de desrebocos amarelentos que o sol baixo da tarde doira, há frescos giotescos; nas fendas das paredes crescem tufos de ervas maninhas; e por tôda a parte se respira o polvilho

místico desta mística cidadezinha a esfarelar-se.

Em baixo, alonga-se, a perder de vista, a várzea espoleteana — rasgada, leal, luminosa — em que, no espaço infinito, a alma se solta na infinita luz; — paisagem jovialíssima que fêz dizer ao santo: eis *«la cosa piu gioconda che giammai aveva visto»*.

A campina dilatadíssima é pintada com a mescla dos verdes secos dos fenos outoniços; os amarelentos das restevas e dos leirões; o cobre, o latão e o mosto das vinhas mortas; o gris das oliveiras em terras sangüíneas como as dos arredores de Sena; e o tabaco e a estaménha do solo já revolvido para o centeio de Novembro. As árvores, em fileira e a igual distância umas das outras, parecem, vistas do alto, as figuradas na convenção das plantas topográficas. Olmos de copa redonda balizam campos enxadrezados. Entre bosquetes de azêbre, as pinceladas, de brancos sujos, dos casais à sombra. E a campina chã, lá vai, lá vai, a rastejar, a fugir, até perder-se nos montes distantes que ondulam suas gradações de azuis diluídos e onde, nos pendores, branqueia a velha Folinho e a solitária Spoleto, na qual Miguel Ângelo costumava refugiar-se como num eremitério. Pela direita, a estrada alvadia do rio Tescio tem a tinta e o serpeio de uma réstia de fumo esbran-

quiçado que se arrasta pelo chão até às últimas colinas, nos confins da planície longínqua, e, esfiapado em bruma, se confunde com os vapores alastrados nos sopés das montanhas azulinas que cerram o vale de Folinho, se estende a Perúgia, e depois segue para as bandas do lago Trasi-meno, de lendário malefício, que Vergílio cantou.

E por sôbre esta extensíssima agra — rasa, quieta, benta — brilha o sol franco e amigo que São Francisco louvou como criatura de Deus :

*«Spetialmente messor lo frate sole,  
lo quale jorna, et illumini per lui.»*

E nós compreendemos então quanto a fisionomia musical desta paísaagem de côres melodiosas que a luz ridente funde em tons quentes de faiança mourisca, paísaagem doce que beatifica o coração, devera ter inundado de letícia espiritual uma alma amorosa tôda congratulações de bem-aventurança expandidas em louvores gratos ao Criador, no prazer profundo e santo, que sorria nêle, ainda mesmo quando chorava lágrimas de purificação. E o espírito de São Francisco estava connosco nessas horas contemplativas e pacíficas, que nos enchiam de suavíssima poesia.

\*

\*      \*

Dias inefáveis, êsses, na companhia do Santo como êle está no «Speculum Perfectionis», na «Legenda Trium Sociorum», e nas «Fioretti», em que buscámos contagiar-nos daquela franciscana alegria simples que luz através da mais densa treva e é o tónico por excelência da alma humana ; daquela fraternidade que vê em cada criatura um irmão amado ; daquela caridade que tôda se dá aos outros e que de si se esquece ; — finalmente, daquele excelso anelo de paz que sonha com a harmonia humana na terra.

Assis, terra antiga vestida de burel humilde ; túmulo de São Francisco e de Santa Clara ; museu de painéis místicos ; — dela dizia Leonardo, na despedida :

— Sinto-me lavado, simplificado por dentro. ; Ah, pudesse a minha alma ser medieval, e pudessem as minhas mãos de escultor tornar-se mãos de pintor «primitivo» !



**O Modêlo**

**N**EGÓCIOS urgentes chamaram-me a Portugal. O escultor demorou-se em Itália. Voltou no comêço do verão.

Leonardo regressara das terras italianas às terras portuguezas suas irmãs na jovialidade do sol, na luminosidade do céu, na verdura dos prados, no arranjo das hortas, no boleio dos oiteiros maneirinhos, no sorriso das fisionomias afáveis, no trato lhano das gentes, — mas não irmãs na acendalha de volúpia artística que êle vira chispar em olhos toscanos ante a beleza das linhas, das côres, dos ritmos.

Regressara. Seu espírito vibrava ainda de muito haver vivido em transportes de arte e religiosidade. Trazia em si o estímulo diáfano e forte dos ideais estéticos e sagrados. Agora o seu absorvente sonho era realizar a obra de arte que planeara : num corpo belo, um Jesus divino. E nesta artística tarefa religiosa, havia, além do propósito místico de agradar ao próprio Jesus,

o compromisso sobrenatural de satisfazer à encomenda que sua mãe tão encarecidamente lhe fizera. Tinha como certo que, na morte, o espírito vivo dela esperava ansioso a promessa jurada. Ia lançar-se ao trabalho.

Mas, antes de mais nada, precisava de encontrar um modelo plástico que lhe fornecesse belas linhas, belas modelações, belas proporções, e em quem a natural expressão de humana bondade, translúcida, risonha e simples, se prestasse a nela edificar a expressão celeste que êle, crente, já visionara em sua fantasia de arroubado; que êle, artista, já delineara em seu engenho puro. Êsse modelo seria para o escultor como que o fermento que leveda, o grão de semente que se desdobra em flores, se transforma em messe; seria como galgar a assomada de um cêro de onde, para além dos horizontes que vemos, enxergamos os que, antes, a nossa imaginação construía — os que trazemos em nós; enfim, êsse modelo representaria o acume terreno do qual o artista despede o seu vôo às alturas... O modelo contém a essência que há de inspirar a estilização. O modelo incita e ilumina.

Dizia o escultor :

— Diante do modelo devemos parar com respeito; depois, examiná-lo com cuidado, estudá-lo, penetrá-lo; e, por fim, debruçar-nos sôbre êle, meditando na beleza que nêle existe.

Sob o aspecto da disciplina dos olhos, também Leonardo (seguindo Renoir que escreveu «que o modelo lhe permitia ousar-se a coisas a que não se atreveria, se o não tivesse presente») tinha necessidade de um apoio material.

— Preciso de um tipo semita para modelo anatómico.

O escultor procuraria um homem de trinta anos, de proporções esbeltas e formas acentuadas («ça frappe davantage», dizia êle, no seu inveterado vício de sempre meter francês) em que se assinalasse o traço do desenho perfeito e se impusesse o carácter da modelação vigorosa.

Nariz fino de linha aquilina, grandes olhos parados como que a olharem para dentro, ou, no fundo das órbitas pensadoras e sob a penumbra das pestanas, a viverem mundos de ideas na cintilação misteriosa das pupilas magas. Bôca entreaberta, onde a palavra exterior é a continuação da palavra interior que êle traz em si para dialogar cogitações. Barba virgem — a barba primeira que punziu na adolescência e para sempre ficou macia, leve, flocosa, a qual, principiando bastante abaixo das maçãs do rosto e do beijo inferior, exhibe a bondade da face, evidencia a voluntariedade do queixo, e, expondo todo o desenho da bôca sob o bigode curto, deixa *ver* a articulação das palavras, põe o coração nos lábios e ao léu a alma franca.

Leonardo levantou-se e tomou, de cima de um velho arcaz de vinhático encerado e ferragens brunidas, o pequeno busto de bronze de um adolescente romano :

— Uma barba como esta de Lucius Verus.

— E as mãos ?

— Oh, as mãos !

E o escultor, erguendo as suas, tremeu-as no ar, como que arejando-as, como que alando-as...

E eu respondi por êle :

— Essas, tudo quanto houver de mais esguio, articulado, espiritual.

— Como me adivinhas !

— Ê que penso como tu : depois dos olhos, as mãos são as mais expressivas feições humanas — as que mais carácter possuem.

— São a própria alma... plástica !, concluiu Leonardo.

Mas a tremenda dificuldade estava em encontrar, ao mesmo tempo, num físico assim, a expressão doce e iluminada da bondade sôbre-humana.

— Onde encontrá-la ?, perguntava o escultor.

Arrisquei :

— Talvez entre bons, simples, e... ignorantes.

— ¿ E porque não entre humildes que sofrem resignados ?, perguntou Leonardo.

\*

\*      \*

Começaram então as buscas e rebuscas por aqui, por ali, acolá e além, do modelo sonhado pelo escultor. Várias vezes acompanhei Leonardo em tal pesquisa «pro arte». Íamos por essas ruas e praças do Pôrto, à hora em que há mais gente a viver ao sol, no afã das lides diárias. ; Curiosa, pitoresca e utópica diligência essa de andar, por entre a multidão citadina, ajanotada e vulgar, plebeia e suja, feia e egoísta, — almas comuns que por nós passam absorvidas em seus negócios, vaidades, juízos mesquinhos — em busca do Ideal! Uns enfeitam-se com sorrisos que encobrem ódios, outros mascaram-se com fisionomias humildes que vestem orgulhos e soberbas : — tantos e tantos que em tudo fingem ser o que não são!

Mentira! Mentira!

E lá andámos por essas ruas e praças à hora viva do movimento confuso, cruzado, acotovelado, no meio de almas charras indiferentes à vida do espírito; — lá audámos a procurar expressões de sentimentos e pensamentos superiores! Que se encontra? A vida trivial, rasteira, de tôda a hora. O olhar feleado dos amargosos; o olhar agreste dos revoltados; o olhar dúbio dos desconfiados; o olhar insofrido dos

exasperados ; o olhar duro dos maus ; o olhar cego dos irreligiosos ; — raro um bom olhar manso, raríssimo um olhar santo.

Utópicos passos !

Que contraste ! : nós enamorados do ideal, nós a vivermos sonhos, nós corações ao alto ; êles vilescidos pela verdade convencional das cidades, dobrados sôbre si e em si mascando a vidinha do cotio, a vidinha useira e vezeira, a vidinha miúda do dia a dia das coisas pequeninas, quando não a volúpia dos seus pecados premeditados ou saboreados...

È, como figuras físicas — ; que miséria ! A raça decai a olhos vistos. Raríssimamente encontramos feições regulares. Tudo tipos meãos, espinhas dobradas, peitos sumidos, membros desproporcionados, andares deselegantes, e caras rapadas, de modelações mesquinhas. Que narizes, que bôcas, que mentos ! È nessa multidão debalde descobrimos uma réstia, uma faúlha daquela bela e boa expressão procurada.

A pesar disto, reconheci que os olhos de Leonardo, artisticamente exigentes, eram, no entanto, fáceis em encontrar a bondade. Com surpresa, verifiquei que o escultor notava e colhia, aqui e ali, uma ou outra expressão moral superior, revelada, segundo êle, em linhas belas :

— Repara : aquela linda bôca é justa.

Ou :

— Aqueles belos olhos são bem intencionados.

Estranha coisa!

Então expliquei a mim próprio que a suspeita da existência dêsses traços morais provinha, nos olhos de artista lírico das formas e da ternura, da visão benevolente que êle trazia em si e que, num simpático engôdo, jungia o aspecto físico com o aspecto moral. Por outra, que das belas formas concluía para as almas belas, ou ainda que a sua natureza disposta ao Bem fâcilmente transitava para a Beleza, — o que tudo dizia a candura da sua alma.

Considerando no que, à primeira vista, se nos afigura desagradável, disse-me uma vez :

— ; Quem nos diz a nós que nestas máscaras que nos parecem feias, não haverá coisas belas? Quem sabe? Amigo!, é preciso examinar detidamente, esgaravatar fundo. Não nos devemos fiar das aparências, sejam boas, sejam más, sejam feias, sejam bonitas. Enfim, é preciso procurar a beleza ainda na imperfeição.

È a sua alma, essencialmente boa, impugna-me respeito.

Generalizando a lição, eu dizia para mim :

— «Devemos encarar tudo pelo melhor lado, e até nos maus procurar a bondade.»

Mas após dias de pesquisas, o escultor nada encontrou que se pudesse aproveitar.

\*

\*      \*

Depois, Leonardo quis visitar as cadeias, os aljubes — negrumes e misérias!

— Além da comiseração e piedade profundas, ¿ que podem dizer-te os olhares sombrios e envidados dos rancorosos, os olhares minazes dos vingativos, os olhares suspicazes dos relapsos, os olhares estúpidos dos amorais — os olhos, as bôcas e as faces paradas dos que dissimulam com consciente manha profunda, a qual, por fora, se parece com a pacovice ignara?

Mas Leonardo, mansamente, objectou-me :

— ¿ E não haverá nessas enxovias almas inocentes que sofram, sublimemente resignadas, injustiças humanas?

— Romanticismo! Se lá fores, não encontrarás, nessas hordas de assassinos, de ladrões, de malvados, senão cabeças anormais : testas fugidias, crânios esguios, maxilas de buldogue, queixos descidos e longos — como se folheasses um atlas de estampas lombrosianas.

— Carácter! Carácter!

— Sim, ¿ mas a que são aqui chamados os criminosos? Tu não és um temperamento tru-



culento de espanhol, ou espêso de germano, um Grünewald, por exemplo, que fazia os seus Cristos com cabeças de bandidos. És português minhoto, nascido entre prados pequeninos e verdes, courelas soalheiras e loiras. A violência da fé gera a violência da expressão. Em ti a fé é meiga ; meiga, portanto, será a tua arte.

E as nossas buscas voltaram-se para os desgraçados, por aqui, por acolá, por além, entre corpos sãos e almas boas e simples.

\*

\*      \*

Uma tarde, lá em baixo, na rua Mousinho da Silveira, à esquina da Travessa da Banharia, ambos nós, num momento, voltámos a cabeça e demos de olhos num homem novo, alto, delgado, que apregoava caixas de graxa :

— Duas cinco centavos! Para acabar, para acabar!

Que bela cabeça e que doce fisionomia! Testa, nariz, faces — linhas finas. Uma barba loiro-escuro encaracolava-se, mansa, no mento marcado ; e os olhos castanhos, debruados de pestanas espêssas, — pediam esmola. Esfarrapadamente vestido : fiapo de gravata na camisa imunda, calças rôtas nas bainhas e nos joelhos, dedos por fora dos sapatos e o feltro, desabado

e esburacado, pôsto no alto da cabeleira intonsa.  
Um miserável!

Aproximámo-nos. Comprámos-lhe caixas de graxa. Viemos à fala. Daí a pouco, abancávamos os três, num tasco imundo da Banharia, onde o malavindo Venâncio (assim se chamava) «tirava o ventre de misérias», (dizia) atulhando-se, sôfregamente, de bacalhau assado e batatas fritas : eram seis horas da tarde e êle ainda estava em jejum!

Foi comendo e contando a sua triste vida :  
; desventuras enfiadas umas nas outras!

Era dos lados de Valongo. Órfão de mãe, entre os 6 e os 11 andou na escola.

— Sei ler, contar e tenho boa letra.

Adiante, o pai meteu-se com mulheres e nunca mais quis saber dêle.

— O sr. Cardoso (quem será êste senhor?)  
arranjou-me a ir para o Brasil.

No Rio de Janeiro, empregou-se num armazém de secos e molhados. Carregou com sacos, barricas, caixas.

— Por conta do sr. Gonçalves, (?) audei com uma barraquinha às costas, por Copacabana, Laranjeiras, Botafogo.

Ao fim de uns anos, juntou seis contos, mas adoeceu com um bócio (êle dizia «papo») e a operação e a enfermagem levaram-lhe todo o dinheiro! E o Venâncio relatava êstes desastres

num tom simples, resignado : no sorriso dolorido a beleza da mansidão.

— Depois ?

— Enchi-me de saüdades ! Abalei. Mal por mal, antes na minha terra !

— Não te empregaste ?

— A tropa apanhou-me logo : andei a soldado 15 meses e um dia.

Esteve numa loja de ferragens, mas a casa faliu.

Fêz-se carregador no cais de Monchique. Era no verão. Torrava-se ! E êle, delicado, não pôde com aquella soalheira africana !

Foi moço de cozinha num hotelório da rua do Loureiro. Por um nada, o cozinheiro — um brutamontes sórdido — correu com êle, a ponta-pés, porta fora.

— Fêz-me negras no corpo !

Voltou para a terra e pôs-se a vender sardinha :

— Fresca ! Fresca !

Levantava-se com noite para apanhar na estrada de Penafiel os almocreves do Pôrto. Com as canastras às costas, desde madrugada ao anoitecer, palmilhava quatro freguesias :

— Fresca ! Fresca !

A coisa dava, mas outros meteram-se.

— Estragaram-me o negócio..., dizia êle com um paciente encolher de ombros.

De novo no Pôrto, esteve meses desempregado. Miséria negra!

Agora vende graxa à comissão.

— Ninguém compra! Passo dias sem comer!

E o desventurado Venâncio, a alma sarjada de dores, olhava-nos com os seus olhos quebrados, tristíssimos, bons.

Apiedámo-nos.

— Vamos arranjar-te alguma coisa. ¿Que mais sabes fazer?

— Horta e ajudar à missa.

No dia seguinte, no Bomfim, Leonardo vestiu-o dos pés à cabeça, e perguntou-lhe se queria servir de modelo.

— Se presto...

— É claro que prestas. Queres?

— ¡Pois não hei de querer!

— Mas temos de ir para fora.

— ¡Com o sr. Leonardo vou para os fins do mundo!

\*

\* \*

Eu disse ao escultor :

— Agora isola-te e trabalha.

— Vou sair do Pôrto. Quero ver-me longe de tudo e de todos.

— Para aonde vais?

— Para a Falperra. Já arranjei quartos no velho convento desabitado.

— ¡Coincidência providencial! ; Sabes quem lá está neste momento?

— Não.

— O P.<sup>o</sup> Amaral, o querido dominicano de quem tanto te tenho falado. Excelente! Vou já escrever-lhe, a recomendar-te.

E ficou assente que o escultor, o modelo Venâncio e o criado Manuel, partiriam dentro de dias para Braga e de lá para a Falperra e se instalariam no antigo convento franciscano, canto isolado para religiosos, poetas e artistas ; — altura de onde os olhos do corpo correm aos horizontes da terra, chamados pela Beleza do Espaço, e os da alma se despedem até os confins dos céus, chamados por Deus.

**Falperra**

**S**E há lugares religiosos-natos com a vocação mística de ajudarem os homens a erguerem-se a Deus, — um dêesses lugares privilegiados é a montanha da Falperra, ao sul de Braga. Pela violência de um morro abrupto e penhascoso — lição de severidade ; pelos horizontes até muito longe — aula de contemplativos ; pelo infinito do Espaço luminoso — estrada das almas que vão ao céu ; pelo Isolamento e Silêncio — grandes doutores em Religião e Poesia ; e, ao mesmo tempo, pela sombra afectuosa das suas alamedas de sobreiros e dos seus terreiros de carvalheiras, essa prega serrana, onde austeridade e afabilidade moram paredes meias, é canto de Meditação e Paz.

Para quem vem do Bom Jesus do Monte, à torreira do sol, por uma estrada cheia de pó, entre samas e urzes ressecas nas lombas descalfadas do Sameiro, — o avistar, no encôsto aspérrimo de Santa Marta das Cortiças, a capela branca de Santa Maria Madalena cercada de

arvoredo, é ouvir sair da verdura fôfa êste convite hospitaleiro :

— Amigo, pára e descansa aqui !

E nós seguimos, atraídos por essa voz de agasalho.

Logo se alcança o pequeno templo a cavaleiro de duas vertentes profundas com dois panoramas de fisionomias diferentes : de um lado, o curto vale das Taipas, de luz discreta ; do outro, a desafogadíssima bacia do Cávado, de luz despejada, e campos e campos verdes, até às ribas dos montes postos noutros montes, em gradações de valores azuis pintados a fresco na redoma colossal do céu de pérola, a fundir-se em turqueza, e, subindo, a azular-se, a iluminar-se em safira.

Da capela desce-se por uma alameda de sobreiros ; e, em baixo, no terreiro, carvalheiras antigas e plátanos novos broxam sombras azuis na fachada branca do conventinho franciscano de beiral encarnado. Para além, segue outra nave de árvores fechadas, onde é doce a luz da sombra ; e ao fundo alveja a caliça da capela de Santa Marta, de modestas linhas ogivais. Num tanque ouve-se e vê-se cair água que esborda e brilha, em cordões de cristal irisado, na pedra esverdinhada de musgos ; e a água, depois de abeberar relvas e luzir entre ervaçais, despeña-se pela encosta abaixo : sempre prestadia,

lá vai ela limar pascigos e regar restevas de mi-lhinho serôdio.

¡ Que affectuosa atmosfera a do largo toldado de ramarias! Como, longe dos homens, é doce viver com árvores! Nas copas há réstias de oiro verde nas fôlhas cimeiras dos carvalhos e dos plátanos; e no capim do chão caem pingos de sol amarelo. O ar é brando, afável a luz coada. Respira-se serenidade e paz. Dos braços da cruz da capela de Santo António desce a bênção cristã; o bem-querer das coisas vem ter connosco e dulcifica-nos o coração. E para que tudo fôsse religioso nesse canto religioso só faltava que uma figura monástica, de hábito e sandálias, viesse sentar-se num dêsses bancos de pedra e, entre árvores, no grave silêncio das coisas que pensam, sob a graça do Senhor, aqui murmurasse a sua noa canónica...

Falperra, lugar religioso e belo! Mas porque (¡o que são as bôcas do mundo!) em tempos idos alguns esfomeados aí assaltaram viandantes, logo neste nome caíu a nódoa da má fama de que ainda se não limpou!

\*

\*      \*

Leonardo, natural de Braga, escolheu êste subúrbio, seu velho amigo de muitos anos, para



nêlê trabalhar, e nêlê se impregnar daquela bondade maternal que para nós tem a paisagem que nos viu nascer, onde fomos meninos e adolesce-mos. É a ternura das coisas que de longe nos conhecem e, jâmais separada de nós pela existência fora, sempre nos melhora a alma na recordação dela. Tornando a êsses lugares, parece que o coração volta atrás, e se embebe e embala no acalento saúdoso do tempo que já viveu. Revê-se o lume do Lar, reouvem-se os sinos da Noite de Natal...

.....  
Essas árvores viram-no rapaz. Êle aproxima-va-se da velhice, elas conservavam-se môças. Vivera, sofrera, transformara-se. Através da vida, ;quão mal suportara as dores da vida! Porém, as árvores tinham sabido batalhar e resistir.

Leonardo admirava o estoicismo dos sobreiros, de grossa casca e troncos nodosos, que encaram, serenamente, nas inverneiras pegadas ; e, nos verões tórridos, se alimentam de nada : dos escassos relentos das noites mornas. Como nas oliveiras silenciosas, o vento passa de leve nas suas folhitas cinzentas.

Sòzinho, meditando, o espírito de Leonardo clareava-se e dispunha-se à doçura : a bondade subia-lhe do coração ; e, iluminado de vida interior, parecia-lhe que do céu baixava um fio de

graça de que tanto precisava o seu engenho criador, de que tanta necessidade tinham as suas mãos profanas para poder realizar arte religiosa.

Além disto, animava-o o convívio do P.<sup>e</sup> Amaral, que nessa altitude e nesse remanso descansava das fadigas de um ano de trabalhoso apostolado, ao mesmo tempo que revia as provas tipográficas das suas últimas conferências, e tinha ensejo de estudar o local para uma provável instalação dominicana.

\*

\*       \*

Leonardo reservou quartos voltados ao sul, tendo, pela esquerda, a lomba rapada do primeiro contraforte do Sameiro, de amarelo quente na hora de ouro do sol rasteiro ; pela direita, o golpe violento do morro de Santa Marta das Cortiças, coberto de penedos despenhados — côr de lousa ; e na frente, em declive, a cova, esverdida e violácea, das Taipas, de leiras escalonadas, até, lá nos longes, o encôsto dos montes azulinos, por sôbre Guimarães com a Penha no alto. Sob as janelas, verdejava uma hortazinha de couves galegas, alfaces frisadas e feijões de trepa. Um castanheiro novo, de fôlhas tenras e tronco esbelto, espanejava a

sua copa arejada e azebrada. Abaixo, pungia uma resteva de milho meão, ainda de mês; depois, o pomar; e, já no pendor, estacava-se a mancha dura do pinhal bravo da cêrca franciscana.

Leonardo levantava-se, pouco antes de «luzir o buraco», e lá ia bater docemente à portinha do quarto do P.<sup>o</sup> Amaral. O escultor não dispensava a diária «missa das almas», que tanta devoção lhe incutia, pela sua humildade e simplicidade, ouvida naquela suave hora, entre penumbra e alva, no silêncio grave de Santa Maria Madalena, ainda tão cheia de noite que, para o sacerdote poder ler, era preciso aproximar do missal o côto da vela de cera. Além do padre, de rosto afogueado pela luz vermelha, e da mancha acarvoada do acólito (o modêlo), um único assistente: o escultor — seu vulto negro no lusco-fusco, sua alma em recolhimento profundo. ; Ah, com que devoção Leonardo ouvia missa, agora instruído na sua lição litúrgica! Quando erguia a Deus, o modesto tilintar da pequena campainha parecia-lhe uma orquestra que se ouviria no céu, tanto a sua alma se edificava no sentido daquele transcendente «sacrifício».

E a missa lá seguia, no seu murmúrio de reza sonora.

Numa janela alta, adivinhava-se o pronúncio

da madrugada na luz leitosa dos vidrinhos de azul alvadio. Fora, cantavam os galos.

Terminada a missa, comungados o escultor e o modelo, voltavam todos três para o convento onde o criado Manuel lhes servia um almôço de torradas, leite de cabra, e aromático café que perfumava a pequena quadra que era a sala de comer.

Êles três, o criado e a cozinheira — eis os únicos habitantes do casarão desocupado.

Depois do almôço, o dominicano ia para o seu quarto rever provas, e o escultor e o modelo iam para a improvisada oficina, na varanda de vidraças.

O silêncio morava no convento deserto.

Cada vez mais religioso, o espírito de Leonardo elevava-se às alturas das verdades cristãs, e, dentro dêste clarão, atingia verdades estéticas, umas e outras unidas agora em seu sentimento e pensamento. O escultor chegara à convicção de que a grande arte é a arte religiosa, porque Religião e Poesia estão no zênite dos anelos humanos, e servi-las é praticar um mesmo sacerdócio: por isso padres e poetas são confrades. Nesse momento, o coração de Leonardo, devoto e artístico, ditava-lhe a doutrina e a prática que d'ora-avante seguiria: viver em fé e arte.

\*

\*      \*

Tinha erguido uma cruz feita com um pinheiro apenas destonado e desbastado, e ao alto dela, na frente, fixado forte haste de ferro, firmemente presa no sólido estrado, de rodízio giratório, em que tudo assentava com a maior segurança. Diversos arames presos ao ferro-eixo, de onde, em cima, se bifurcavam os ramos dos braços, formavam uma armadura de emmanhados ferros-grampos, fios de arame, e cruzetas de madeira para irem segurando o barro — carne dêste esqueleto. Havia semanas já que esta carcassa fôra cheia de massa bem ligada, bem unida, a não deixar o mais pequeno falso.

Nessa manhã, o escultor trazia a alma em vibração devota, e seus olhos viam bento. Confessado, comungado, sentia em si um ar da graça de Jesus, uma energia de beleza sôbre-humana. Persignava-se, premia no peito a medalhinha «Milagrosa» dada pela mãe, lançava os olhos ao céu, a quem rogava a bênção de um sorriso da amizade de Jesus, — e punha-se ao trabalho.

Modêlo à vista, Leonardo lá continuava na construção da sua figura. Seus polegares eram enérgicos, mas suas mãos eram brandas. Colocava pedaços de barro, pouco a pouco, *pondo* e

não *tirando*, porque suas mãos certas, sempre a desenhar e a modelar, iam construindo, na forma que copiava, a expressão que tinha em mente. Como concentrado mestre desenhista que não perde um traço nas linhas mães que lança no papel, também êste mestre escultor não perdia um bocado de barro nas estruturas que ia compondo. Exactos, parecia que os dedos *viam* a idea que o artista tinha no cérebro, e *adivinham* as intenções postas no confuso «desenho-notas» — indicações sucintas de modelações e movimentos — desenho de escultor, feito a lápis, num papel pardo, ali espetado na parede caiada.

Vendo-o trabalhar, parecia que o seu pensamento já nascia moldado em superfícies e linhas rítmicas.

Uma vez, disse-lhe :

— Pensas em barro...

Ao que Leonardo respondeu :

— Apalpo as minhas ideas...

E com os dedos fazia o movimento de quem amassa barro.

As suas mãos peritas iam modelando as carnes na ciência dos planos — na ciência das saliências — com a qual se cria côr em escultura, no engenho do claro-escuro que é a rima plástica das superfícies melodiosas.

Olhos no modêlo, olhos no barro (vista interior em si mesmo...), a construção da figura

vinha de dentro para fora, nascia do fundo para a superfície, como quem antes de ver os músculos vê os ossos em que os músculos se firmam. Leonardo enxergava a estrutura física por detrás da compostura externa — a construtiva fisionomia interior, primeiro que a fisionomia aparente. Entendia êle que quanto mais penetrasse na verdade real, mais se aproximaria da verdade moral, e, dêste jeito, da alma — da expressão.

Uma das suas sentenças era :

— O que me interessa numa escultura é o que está dentro dela...

Silencioso, a sua alma falava consigo própria : como o cérebro de Vinci que, a pintar Madonas, cogitava em «certa idea de beleza pura», o de Leonardo meditava em «certa idea de devoção bela». Assim, o escultor era, num momento, um ser que sentia, meditava, realizava. Um ser ao mesmo tempo exterior e interior ; — um plástico que reproduzia a verdade, um artista que a interpretava, um sonhador que prosseguia no seu devaneio, e ainda um crítico que se analisava quanto possível.

Tomando uma porção de barro, as suas mãos grossas tornavam-se leves no jeito espiritual de quem pega em pão que vai benzer. Recolhido, piedoso, ao criar formas belas como que buscava surpreender e colhêr o que de divino há na obra

de Deus. Leonardo, crente e artista, queria servir a Arte com asas de Fé; e a Fé com asas de Arte; digamos: que a Fé exaltada se exteriorizasse em estesia e que a estesia excedida, fluísse em Fé.

\*

\*      \*

Em certos dias, quando o P.<sup>o</sup> Amaral e Venâncio tinham necessidade de ir ao Bom Jesus do Monte ou descer a Braga de onde só regressavam à tarde, o escultor dava-se férias. Borrifado com o pulverizador o barro desde a véspera coberto de panos húmidos, Leonardo saía do convento e trepava a fêsto a costeira do morro de Santa Marta, defrontando com os contrafortes escavados do Sameiro. E aí, longe do mundo, sozinho, respirando e saboreando o silêncio absoluto, abria a sua alma em confidências com o céu e conversas com as coisas; depois, lançava-se absorventemente na leitura de um dos quatro livros que levava para a Falperra e constituíam tôda a sua livraria devota e estética: «Os Evangelhos», a «Imitação», o «Rusbrock», de Hello, e o «Ruskin et la religion de la beauté», de Sizeranne.

Nessa manhã, pôs-se a reler o Evangelho de São João.



— Sempre que o leio, encontro nêle coisas novas!, dizia-me Leonardo, mais tarde.

A leitura dêste evangelista impressionava-o profundamente :

— Parece-me que oiço a própria voz de Jesus!

Cheio dêsse clarão espiritual, Leonardo como que se transfigurava e regressava à luz cândida da sua infância cristã.

Alma enlevada na verdade suprema, consciência contrita dos pecados cometidos, invadia-o o desejo vivíssimo de ser cada vez mais religioso, absolutamente certo, como artista, de que quanto mais transportado tivesse o espírito, mais devota a alma e mais pura a consciência, tanto mais êle se poderia aproximar de Jesus, vislumbrar a sua imagem divina ; — e esta era, a tôda a hora, a prece do crente, o anelo do artista.

Lendo essas páginas do santo Evangelho, em que se citavam terras de prestígio sagrado, cujos nomes, desde criança, guardou nos ouvidos — Judeia, Galileia, Samaria, Canaan — a sua imaginação, mais figurativa que colorida, transportava-o à essa paisagem bíblica, num momento de visão que tinha a ajudá-lo, além da luz forte dêsse quente dia de Julho, o aspecto das lombas e dos cerros ásperos postados ali na sua frente, que talvez repetissem a fisionomia das montanhas adustas da Palestina Santa.

Ele lia em voz alta e declamada. E, naquele silêncio e isolamento, o entono dos versículos evangélicos, simples mas grandiosos como o canto-chão gregoriano, sonorizava em bronze a eloquência que existe no íntimo das palavras que são mais espírito que forma, como as da Bíblia. João, o evangelista do invisível, João o biógrafo do Verbo divino, vira no Filho o esplendor da essência do Pai do Céu, absorvera em si a transcendência da doutrina do Mestre ; e seu coração terno, repousado no imenso coração de Jesus, auscultara o Amor infinito. O seu testemunho é voz que contém timbre divino, espelho que reflecte divina luz. Vivendo no ambiente dos milagres de Canaan, de Cafarnaum, de Tiberíades ; guardando na alma o eco das palavras do filho de Deus em quem falava o Espírito do Pai, os escritos dêste apóstolo impregnavam Leonardo de profunda emoção religiosa, enamoravam-no da verdade eterna que lhe irisava a fantasia e lhe comunicava às mãos vibrações cristãs.

Sòzinho, longe dos homens, fora do mundo, seu espírito pairante no Espaço infinito, e no Tempo infinito, sentia-se pequenino, mesquinho como ser, mas ao mesmo tempo grande por possuir alma imortal de que daria contas, êle criatura, a Deus criador. E seus entusiasmos místicos conduziam-no a esta conclusão idealista :

— O homem é espírito.

Acrescentava :

— E o artista não pode deixar de ser religioso.

Já a alma lhe suplicava que a arte lhe visionasse o misticismo da Vida. Pudessem as suas pupilas ser como as de um Memling, de um Quintino Metsys, de um Van der Weyden e de tantos outros artistas místicos — espíritos em beatitude, estesia em graça — que cobriram de esmaltes sagrados tudo que pintaram : rostos, mãos, vestiduras ; céus e campos ; montes e águas ; cidadelas e rochas ; bosquetes e ervas, que reflectem, no sorriso belo da vida, o sorriso divino do criador.

O artista rezava : rezar ao ar livre é haurir na natureza os eflúvios dos louvores das coisas a Deus — a religião das coisas. Leonardo anelava chegar à exaltação religiosa que se conjuga com a exaltação estética para êle servir as duas com o movimento belo das suas mãos criadoras.

\*

\*        \*

A obra crescia semana a semana : o trabalho do escultor enlevado era tenaz, como persistente era a sua prática católica, na ânsia fervorosa de cada vez mais e melhor edificar a sua alma cristã. Seguro nos seus princípios religiosos e artísticos, caminhava agora firme, em terreno

conhecido, por uma estrada em linha recta, larga, chã e soalheira, que êle muito bem sabia aonde ia dar. Adiante, referindo-se a esta época de fé, certeza e trabalho, dizia-me :

— Eu que sempre duvidei de mim, na Falperra tive alguns momentos em que confiava em mim.

A seu lado, o P.<sup>o</sup> Amaral doutrinava-o com sábias conversas sistemáticamente viradas a temas de arte religiosa, de modo que alimentasse aquella alma de artista convertido (purista, êle dizia sempre «revertido», uma vez que Leonardo voltara a ser o cristão que fôra) ; e cada vez mais a incitasse à tarefa nova de desenvolver a arte católica em Portugal.

As lições do teólogo e do letrado doutrinavam o escultor que, assim instruído, com elas iluminava a sua emoção, a transfigurava em beleza, a projectava às alturas.

Falando da formosura de Jesus («Speciosus forma») o P.<sup>o</sup> Amaral citava a Leonardo o retrato que dêle fêz o salmista :

«A graça expande-se nos vossos lábios, vós sois o mais belo dos filhos dos homens. Vem por tua graça e beleza».

Outro salmo :

«Êle reinava pela beleza».

Via também a formosura de Jesus nesta frase

de Santo Agostinho : *Pulcher in ligno* — «belo na cruz» ; e o P.<sup>o</sup> Amaral confirmava-a, ainda, citando outros textos de autores sagrados.

E à volta daquelas epígrafes, o dominicano desdobrava seu verbo, sempre ardente de amor louco por Jesus, como se fôra o de um novo P.<sup>o</sup> Didon ; e, artista, o de um novo P.<sup>o</sup> Félix, ao sustentar, com êle, que o cristianismo, longe de ser o «inimigo da beleza», como escrevera Renan, devia ser, pelo contrário, o seu divino inspirador.

Outras vezes, a conversa demorava-se na história do crucifixo, desde o Cristo triunfante da Idade-Média, Cristo-Rei, coroado com a corôa imperial de Carlos Magno ; o Cristo sofredor dos ascetas — chagado, ensangüentado, macerado — o «homem das dores» das aparições franciscanas ; até o Cristo resplandecente de expressão espiritual na matéria resplandecente de beleza formal.

Derivando para outro assunto, o P.<sup>o</sup> Amaral falava do *quid* divino que todo o grande artista, consciente ou inconsciente, deve pôr na sua obra. E voltando à forma em escultura, afirmava que, embora o reflexo estético da expressão divina de Jesus, uma vez entrevista e realizada, possa dominar qualquer obra artisticamente inferior, a formosura moral devia coabitar com a formosura plástica.

Terminava :

— A Idade-Média amou mais a Idea que a Forma. A Renascença, mais a Forma que a Idea. Hoje, o artista religioso deve amar igualmente Forma e Idea.

Concluía :

— A inspiração artística e a fé religiosa devem confundir-se.

Estas prelecções impressionavam fundamente Leonardo, que resumia o seu sentir em frases de escultor, como estas :

— As minhas ideas teem agora outro volume, outra figuração...

Ou :

— Vejo no meu espírito um movimento belo...

E, assim, êle que chegara a Deus pelo Sentimento, firmava-se agora em Deus pela Razão e... pela Arte. Dantes, ia da inspiração à graça estética ; agora, elevava-se da religião à graça cristã.

\*

\*      \*

Uma tarde estavam P.<sup>o</sup> Amaral e Leonardo sentados nos degraus do adro da capela de Santa Maria Madalena, voltada a Braga. Na frente dêles, no vale extensíssimo, pleno de luz, a natureza ria, exuberante de côres, e comu-

nicativa de jovialidade. Mudo, Leonardo admirava a Vida e rezava à Beleza. Os dois trocaram ideas. Em seguida, a conversa declinou para a arte que se inspira directamente na Natureza, e daí, para as escolas que dizem pela bôca de Carrière: «a arte é a expressão das nossas emoções ante a natureza»; ou pela de Rodin: «Natureza, soberana senhora e perfeição infinita!» Num dado momento, Leonardo, produto de uma época naturalista em que tudo andava à volta da verdade («nada pode ser belo sem ser verdadeiro» [Rodin]); — Leonardo, olhos encantados pela beleza do panorama que tinha diante de si, deixou cair uma imprudente palavra de louvor exclusivo à arte que se basta com «reproduzir» a natureza bela... Mas logo o dominicano, como que extirpando estas últimas radículas de panteísmo, pôs um nobre expoente a tal teoria, o expoente que eleva a arte e o artista até o sentido sublime da beleza, que outro não é senão Deus. É o P.<sup>o</sup> Amaral, que tomara para epígrafe das suas considerações a palavra da Escritura — «o céu, a terra e as águas narram a glória de Deus» — insistiu, desdobrando argumentos, com eloquência de ideias e de emoções:

— Não devemos amar o real pelo real, mas pelo ideal que êle contém. A Natureza é vislumbre da Beleza de Deus. O artista e o crente são adoradores, dizia o prelector.

O sol ia descendo no horizonte.

O dominicano continuava a falar. Leonardo, agora de novo inteiramente reconduzido ao seu espiritualismo em arte, sentia-se penetrado por essas ideas que o estonteavam pelo brilho da forma e, pelo espírito delas, o faziam alar-se no espaço, na luz!

Por fim, P.<sup>o</sup> Amaral abriu um livro que tinha consigo — «*Le Progrès par le christianisme*», do P.<sup>o</sup> Félix, o admirável conferencista de Nossa Senhora de Paris, e, como remate sintético das suas considerações, traduziu nêlé êste período: «A verdadeira arte é a natureza sob os reflexos do ideal, ou o ideal reflectido na natureza».

Sentado num degrau mais abaixo, mão na testa, olhos admirativos erguidos para o orador, Leonardo absorvia-se na elevação das palavras pronunciadas pelo conferencista.

A luz caía.

Após um silêncio, o frade murmurou:

— Deus em tudo: na Natureza e na Beleza.

— Deus na Arte ratificou o escultor.

E o dominicano, aplaudindo-o:

— A maior expressão de arte será sempre a arte religiosa.

E já no lusco-fusco, a que mal se lia, o dominicano abriu de novo o livro do P.<sup>o</sup> Félix e traduziu:

«A arte suprema é o ponto misterioso onde a



alma e o corpo, o espírito e a matéria (como no próprio homem) atingem a compenetração completa e harmoniosa».

No horizonte eram sangue as raias do sol poente.

O crepúsculo alastrava-se, e os dois, calados e meditabundos, através das sombras da alameda, desceram ao convento.

Passava nas fôlhas dos sobreiros a brisa do anoitecer. Arrefecera.

\*

\*        \*

E assim correram três meses.

O barro continuava a ser trabalhado pelo escultor, que ia pondo nêlle tôda a sua visão de crente, todo o seu sonho de esteta, tôda a sua magistral arte de técnico ao serviço da beleza espiritual. Leonardo dizia agora que as superfícies e os ritmos belos menos valiam em escultura, se isso não fôsse alguma coisa mais que beleza formal. Ao mesmo tempo, insistia na sua doutrina, a que chamava «escultura interior» —aquela que, além da modelação dos órgãos, rebusca traduzir a estrutura moral, que vive intrínseca e revela a alma. No interior da forma há luz... ; — dinamismo belo que tudo ilumina e valoriza. A expressão é a substância das almas

e das coisas. A arte da expressão é a arte dos segredos subtis. Os olhos dos artistas têm de adestrar-se numa visão nova : a de distinguir, através dos corpos, o que existe no subjacente, e é domínio do espírito. Não basta *ler* nas almas ; é preciso *ver* as almas. A beleza da aparência vale muito por si, mas incomparavelmente mais pelo seu sentido : a beleza profunda da expressão. Eis a exigência central do escultor de amanhã. Todo o saber técnico não deve mirar a outro fim, não deve conduzir a outro resultado.

A expressão subtiliza a matéria. A expressão é espírito. A expressão denuncia a alma. Luz interior, só a alma a vê ; voz interior, só a alma a ouve.

Tão íntima e delicadamente a expressão vive na matéria que, num dado momento, a forma parece confundir-se com a idea, a carne com o espírito. Quando a alma quere, os nossos olhos são metal ou veludo, fogo ou doçura, e ora se entumecem de soberba, ora se rasam de humildade. Quando a alma quere, a nossa bôca é piedosa ou satânica ; a nossa face, galante ou cruel. Quando a alma quere, as nossas mãos são sábias ou levianas, santas de devoção ou diabólicas de lascívia. Quando a alma quere, tôda a atitude do corpo se contorce infernalmente, ou, sereno, gentil e leve, se espiritualiza em graça.

O caso especial da expressão divina, êsse,

exige pupilas-fé, pupilas-sentimento, pupilas-pensamento. É necessário visionar. E dentro das suas opiniões de neo-gótico, Leonardo entendia que o corpo humano, onde se revela o espírito celeste, deve, ao ser tratado em arte, sofrer a estilização cristã das linhas ogivais e das atitudes hieráticas. Estilizar é surpreender e fixar em síntese bela a essência estética da verdade. Numa escultura religiosa, as saliências e os fundos devem ser sóbrios para que o ténue claro-escuro do conjunto signifique a beatitude da matéria onde mora um espírito beato.

Concluía :

— Em escultura sacra não basta *pensar*, é preciso *sentir*; e as mãos, além de hábeis, devem ser *devotas*.

E como eu visse que isto era dito por Leonardo com olhos de prece, afirmei :

— Vês melhor rezando que pensando.

— Vejo melhor com o coração.

— Podes dizer como Chardin: «Sirvo-me das côres, mas pinto com o sentimento».

— Ou como Vinci: «quem pensa em mim é a emoção».

Estendendo a sua doutrina às diversas artes, podemos afirmar que tôdas as coisas têm fisionomia própria, e que ao artista compete revelá-la com beleza. A expressão é tudo. A beleza sensível é o espírito da matéria.

E eu pensava para mim :

— ¡ Viver em espírito, pelo espírito, para o espírito, eis a grande Revolução que se prepara no mundo !

E êste foi o assunto da nossa conversa, uma tarde que visitei, na Falperra, êsse grande escultor, meu amigo.

\*

\*      \*

Ainda o dia «vinha em casa de Pilatos», e já Leonardo estava a pé para assistir à sua «missa das almas», admirar a alvorada da luz e as côres virgens que precedem o sol, ouvir as levandiscas, os melros e os pardais no arvoredado do terreiro e da alameda. E estas contemplações eram as suas «Laudes» de artista.

Mas nessa ante-manhã não cantavam aves nas carvalheiras nem nos plátanos : o ar estava ennevoadado, tudo estanhando com a sua baça tinta de zinco. Os horizontes aproximavam-se curtos e anuviados : dos longes do vale do Cávado vinham alastrando brumas que enchiam a várzea, avançavam e trepavam, em baforadas densas, por cima de campos e oiteiros, serra arriba até ali à Falperra e, mais alto ainda, até o cocuruto de Santa Marta das Cortiças, onde, numa man-

cha de cinza clara, a ermida luzia entre sobreiros.

Já um nortezinho esperto, ao arrepio da aragem húmida, espalhava as névoas nas alturas e esgarçava as brumas rasteiras, semelhantes a enormes e espêssas teias de aranha rasgadas pelo chão nos tojais e nos fetos verdes, que cobriam a terra dos montes onde irrompiam penhascos violáceos. No céu vermelho o sol, afogueado como bocarra de forno, romperá por entre novelões de nuvens brancas fimbriadas de oiro. Entre elas, acolá e além, nescas de céu, muito azul.

O tempo vai limpando. Anda no ar uma pressurosa vassoura de vento atarefado a varrer a campina celeste que o deus mitológico da luz percorrerá em seu carro de fogo.

Agora, tudo varrido no firmamento de lápis-lazúli transparente, o sol resplandece vitorioso.

Luz em glória!

O artista, parado, rezava à amplidão. A claridade era intensa; o silêncio absoluto, e a paz — uma bênção celestial. O escultor, edificado e comovido, tirou de baixo do braço o «Rusbrock», que nessa manhã trazia consigo, e nêle releu e apreendeu, profundamente, o sentido da frase de Hello: «A altura adoça a alma, a magnificência apazigua-a, a contemplação enternece-a».

E considerando nessa terra do Minho, Leonardo reconhecia que a sua religião e a sua arte eram filhas desta paisagem verde e mansa.

Depois, o escultor e o bom Venâncio — muito religioso! — passeavam em silêncio meditativo por aqueles montes cobertos de torgas, de fetos e de urze lilás. Seus passos levantavam saltões verdes de asas azuis e amarelas, que pinchavam de entre ervaçais. Na quietação da hora matutina, ouvia-se o zumbido dos besouros nas estevas. A voar em ziguezagues, noivaram borboletas brancas, aos pares. Nos sobreiros, de casca rugosa, fôlhas cínzeas e serenas como as das oliveiras, o fretenir rilhado do pica-pau era a cega-rega de uma lima sonora num ferro duro. Próximo, assobiava um melro; e para além, nas lombas calvas e amarelas que, do fundo do vale das Taipas, sobem aos contrafortes do Sameiro, homens — carões de fogo e roupas oiradas pelo sol nascente — roçavam matos para camas de gado. Soava um ou outro chocalho de cabras, distante. Na atmosfera sereníssima, o milhafre peneireiro, a tecer as asas, «encantava», do alto, aves e coelhos para, num momento, na vertical e na aceleração da pedra quando cai, descer e garrar a presa.

Às vezes, paravam a ver no ar um passarinho pouco maior que uma noz, todo êle vibração de asitas nervosas, todo êle frémito hílare, sempre

a subir em volteios voluptuosos no banho-luz da atmosfera azul, sempre a chilrear a sua cantiga-cristal: — a cotovia, pequenina ave matutina que o alvor da madrugada, o rosicler e o oiro raiado do sol a romper entusiasmas e exaltam de poesia. A cintilação do seu canto de pedraria face-tada é a própria voz da luz rutilante.

E porque Leonardo via essa paisagem, colorida e serena, através das suas enternecidas recordações boiantes no silêncio, no isolamento e na paz das alturas, — na sua alma, congratulada com a beleza e a bondade de tudo que a cercava, amadurecia o propósito de cada vez mais se afastar dos homens e, absorvido em Deus e na sua arte religiosa, viver com os seres simples da criação: animais, árvores, coisas...

\*

\* . \*

E assim se passou o verão.

O P.<sup>o</sup> Amaral retirou-se para Guimarães onde instalara uma residência dominicana.

Leonardo, após muito vibrar, muito meditar, muito executar, concluía a sua obra — um tema vivo de Dor, Amor e Beleza — onde pusera mundos de exigências técnicas, ao serviço da expressão celeste como a visionara a sua mente de arroubado, a sentira a sua emoção de poeta, a

alcançara a sua alma cheia de fé, de piedade, de devoção. Este escultor cristão, tendo sempre presente que o espírito divino de Jesus dignificaria, nos mais dolorosos transes, seu corpo humano, — manteve a linha hierática consagrada pela tradição, que considerou êste homem «o mais belo dos filhos dos homens».

Apesar disto, nas mãos do artista o corpo de Jesus sofreu ainda uma estilização, um tanto ou quanto gótica, no sentido da firmeza magnífica, da sobriedade perfeita, da simplicidade graciosa. Desta arte, criou o escultor um todo de esbelteza realizada apenas com puríssimas linhas-mães, com modelações parcas mas justas, como nos Cristos de Fra Angélico, seu mestre, que entrevira a essência da elegância divina. Na composição dêste corpo, onde o nu havia de ter (e tinha) a candidez da formosura imaculada, o artista não desceu a pormenores de verdade que atraem em demasia as atenções miúdas. Vigoroso e sóbrio, realizou uma verdade sintética, cheia de nobreza e irradiante de graça, que, num momento, conquista as almas e as domina pelo poderio do conjunto são e eloqüente. E nisto consistiu, quanto à forma, a sua arte forte e subtil.

A posição na cruz era a natural e tradicional: o corpo, sustido pelas mãos cravadas, não rete-sava os braços, porque os pés juntos, cada um



pregado com seu prego, se especavam no estadío-culo, e ainda porque (pensava) o corpo divino não devia pesar... A cabeça que pendia, terna, um pouco à direita e um nada para baixo, olhava para a Humanidade. Nela viviam, com intenso brilho de amor, dois olhos humanos e divinos, que penetravam em quem os olhava. O peito, cheio, bem modelado, respirava brando e rítmico; e o seu contôrno continuava-se nas curvas do ventre e nas dos quadris, afagadamente descendo nas linhas das pernas — suavidade a derramar-se por todos os músculos que viviam a mesma vida serena, de modo que o conjunto do corpo, luz santificada, expressasse bonança, irradiasse paz e dissesse amor: se êsses pés se despregassem, caminhariam para nós; se êsses braços se desprendessem, abraçar-nos-iam; e essas mãos boníssimas, embora cravadas, abençoavam-nos...

¿ E a alma? O artista surpreendera-a naquele instantâneo clarão de infinita sublimidade, após as palavras em que a entrega ao Pai: — momento de supremo adeus de amor, de um supremo ser de amor, à Humanidade por quem fazia um sacrifício de amor. Nesse instante maravilhoso — mistério de Dor e Amor — o seu olhar, a sua bôca, a sua face resplandeceram com o brilho celeste da dulçura infinita no martírio infinito. Essa fisionomia reflectiu, como espelho

divino, a bondade e a misericórdia absolutas do seu Pai do Céu.

Transfiguração sublime!

No Calvário-Dor, Jesus teve o seu Tabor-Amor.

Era a expressão do bem-querer íntimo e intenso que se dá em amparo no infortúnio, em aconchêgo na desgraça, — lenitivo de amargurados, paz de desesperados. Inteligentíssimo e boníssimo, todos entenderiam êsse olhar-bênção a cobrir a todos, essa bôca santa a falar para grandes e pequenos, cultos e ignorantes, de todos se fazendo compreender e amar.

Como Jesus seria pelos séculos fora o recurso supremo dos desamparados, o coração sadio dos doentes, o coração salvador dos náufragos, — assim o escultor pretendia que a imagem que dêle fizesse conseguisse trazer às almas bem formadas, mas infortunadas, um pouco dêsses mundos de amparo, consolação e esperança.

¿E teria êle conseguido entrever tal expressão? Se a entreviu, ¿realizara-a a sua arte? ¡Tremenda dúvida, dúvida crucificante, roedora, ensombradora, desanimadora, que era e seria, ainda por longo tempo, a longa tortura dêste escultor absolutamente exigente e absolutamente insatisfeito!

Pensava :

— «¿ Como poderão as minhas mãos materiais realizar o imaterial? Como poderão as minhas mãos pecadoras exprimir o divino? Como poderão mãos humanas modelar beleza sôbre-humana?»

De novo a dúvida cruel o cingia, se enroscava nêle e o triturava; e de novo caíram braços impotentes, ao longo de um corpo onde havia uma alma vencida.

Era o esforço extremo de pôr a mais plástica das artes a servir a mais abstracta das ideas.

E semanas inteiras se passaram nesta tortura moral.

Os últimos dias de trabalho foram dolorosíssimos de incertezas, quebrados de apatias e aniquilados por desânimos profundos.

Por fim, exausto, resolveu pôr têrmo àquele tormento. Completa ou incompleta, reconhecia que, por agora (a não ser que tudo alterasse) devia dar de mão à obra. Resolvera isto uma noite, mas na manhã imediata lá voltava a trabalhar nela! E assim, dias seguidos, num trepidar doentio de irresoluções.

Finalmente, num dado momento, impôs-se a si próprio não mais tocar no barro e mandá-lo quanto antes passar ao gêsso para daí o copiar

para a madeira, pois, todo virado à arte religiosa, tinha decidido deixar de ser estatuário e passar a ser santeiro — mister humilde e popular que condizia com o seu presente estado de espírito.

E, nessa tarde, êle, o modêlo e o criado Manuel cobriram pela última vez, com panos húmidos, o barro em que essa alma de artista tanto e tanto viveu, tanto e tanto penou.

\*

\*        \*

Dias depois, chegava do Pôrto o formista e o ajudante e instalaram em volta da escultura, posta na cruz de pinheiro erguida ao alto, e coberta de panos molhados, os aprestos da moldagem: sacos de gêsso, nuvens de linhol, montes de ferros-grampos, barricas para caldas, bacias, baldes, regadores que iam servir naquele sujo trabalho que tudo borra, que tudo salpica, feito por artífices de braços arremangados, mãos cheias de massa branca, e os «fatos-de-macaco» — escafrandos de ganga desbotada — todos esparrinhados de gêsso, como os dos trolhas. E durante essas semanas, o formista e o ajudante, tacel a tacel, muito besuntados de mistela de roxo-rei e gêsso, — prepararam a «fôrma-perdida».

Eu estava então, outra vez, no Bom Jesus do Monte, e, avisado por Leonardo, fui à Falperra assistir à primeira operação da moltagem.

O escultor, braços cruzados, cabeça pendida, assistia calado e pensativo.

— ¿Entristece-te ver amortalhar em gêsso o barro vivo que criaste?, perguntei.

— ¡É pena que se não possa conservar o barro! Húmido, é carne, é vida, respondeu.

— Passado ao bronze, tôdas as linhas endurecem... A obra, *editada*, já te não pertence...

— Sim, mas não é o caso de agora, porque a escultura volta-me às mãos: do gêsso passá-la hei à madeira, e, então...

— Então?

— ...de novo a estudarei, a interpretarei.

Calou-se. Depois:

— ¿Sabes o que dizia Soares dos Reis?

— Não.

— «A nossa obra de escultura vive no barro, morre no gêsso, ressuscita no mármore».

— Ou na madeira.

— E, desta vez, sabe Deus o que terei ainda de estudar, de criar...

— De sonhar?

Leonardo não me respondeu; mas fechando os olhos e abanando a cabeça meditabunda, murmurou para si:

— Sim, de sonhar e de... sofrer!

\*

\*      \*

Concluído aquele trabalho, encaixotou-se, com mil cuidados, o pesado gêsso e transportou-se tudo para o Bomfim.

Dias depois, ainda me não tinha saído dos ouvidos o timbre pesaroso daquele ritornelo de prazer e dor :

— Sim, de sonhar e de... sofrer !

**No Bemfim**

**D**E novo instalado na sua oficina do Pôrto, logo se principiou o trabalho de copiar para a madeira o modêlo-gêsso. O Júlio, «prático» do escultor, obtido um belo pedaço de cedro de cerne unido e tom vermelho por igual, colocou o tronco ao alto em cima de sólido estrado. Em seguida, examinadas as dimensões do modêlo—altura, largura e volume—assentou a máquina de pontear nas saliências primordiais: bico dos pés, curva dos joelhos, alto do esterno, e, na testa, a raiz dos cabelos. Logo os palhetes golpearam, certos, os primeiros esbarramentos na madeira avermelhada onde vivia ainda o perfume agreste que exalava na floresta. Outros pontos se marcaram, outros desbastes se fizeram e, durante dias, sempre a tomar alturas do gêsso para o lenho, tantos outros pontos se encontraram que, seguindo-os, os palhêtes, em golpes largos batidos a maço, foram criando a figura a qual, por fim, surgiu esboçada mas já construída: dir-

-se-ia um barro vermelho, vigorosamente moldado com os dedos e a espátula, que, nos vincos duros e livres, afirma o carácter das esculturas saídas, de um jacto, da natureza viva.

Depois, o hábil Júlio começou a «meter» — a apertar o desbaste com goivas lassas e crespas e, ao fim de semanas, o modêlo em gêsso appareceu reproduzido em madeira, embora todo êle engordado uns milímetros, (grossura posta a mais na bitola da máquina-compasso) para o escultor cortar à vontade, lançando-se em novas interpretações, novas criações, na sua permanente aspiração de fazer melhor.

\*

\*      \*

Terminado êste trabalho, Leonardo principiou então a sua obra de santeiro que, havia anos, não praticava. Embora! As suas mãos magistraes serviam-no pronto e bem; e tão hàbilmente manejava agora os palhêtes afiados que entravam em golpes lisos pela tenra madeira dentro, como antes manejava os cinzéis que feriam o mármore duro; — melhor ainda, porque a matéria era mais fácil de cortar e nela mais pronto obter efeitos brilhantes. E esta actual feição da sua arte, para que todo se virava gostosamente, penetrava-o de um prazer novo, piedoso e brando,



como branda era a matéria que golpeava, prazer que dizia com o presente estado do seu espírito devoto e recolhido: arte simples dirigida a simples, arte clara que servisse a multidão.

— Não me chamem estatuário, que não o quero mais ser. Imaginário, sim:— homem que faz «imagens» devotas para olhos e corações piedosos. Até ao fim da minha vida, só serei imaginário.

Êle queria ser o artista ignorado que trabalha na sombra e na sombra dissolve o nome, como aqueles humílimos imaginários medievais que escondiam a assinatura no fundo das chagas de Jesus, abertas pelos seus buris cristãos. E êste silêncio e êste anonimato seduziam, nessa recolhida hora religiosa, o artista modesto e altruísta que estimava trabalhar oculto e servir com a sua arte devota a devoção dos outros. Reconhecia-se agora desobrigado, diante de Deus, do engenho que êle lhe dera, o qual tinha um fim maior que agradar a si próprio:— ser útil aos demais no dever-prazer e no prazer-dever de, por meio da beleza, melhorar as almas.

Arredada a obra inferior dos canteiros e a dos santeiros mecânicos e convencionais, obra amaneirada e lambida, Leonardo queria enraizar a sua arte na honesta tradição de alguns velhos imaginários portugueses, no que nela havia de

singelo no arranjo de preguear túnicas e soltar mantos, nos processos fáceis de conseguir, de cor, expressões cândidas — tão repleta de devotas e puras imagens interiores estava a alma religiosa dêsses artistas. Porém não seria um santeiro copista, mas, sim, um santeiro criador. Do escultor teria a imaginação inventiva, o engenho construtivo, a técnica perfeita. Do santeiro estimaria ter, além da factura liberal, a frescura da alma ingénua.

Já o seu pensamento se voltava para o sentir das multidões devotas, buscando ser-lhes útil.

Estudava as figurinhas dos presépios e as dos santos caseiros, e reconhecia na Arcádia de barro de uns e nas minúcias de execução de outras, — a ternura e a poesia religiosas da nossa raça.

— Preciso de encontrar a imagem que o bom povo tem na alma, dizia.

E Leonardo, estudando estas ingénuas mas sinceras imagens representativas do nosso modo de ser místico, buscava inteirar-se do nativo sentir religioso português, certo de que, uma vez êsse sentimento instalado nêle, a sua atávica sensibilidade católica tiraria dêle luzes que aproveitariam à sua arte de feição nacional.

Vindo do povo, fácil lhe foi voltar ao povo, êle que sempre gostou de fazer-se entender pelo povo. Quando compôs o seu Santo António,

buscou meter-se dentro da tradição popular portuguesa que transfigurara êste sábio doutor, êste mestre teólogo, êste verbo eloqüente, num singelo santinho familiar a quem se roga pela saúde dos filhos e dos gados; a quem se responsa por tôda a espécie de coisas miúdas: o sumiço de um dedal, o descaminho de uma sôga; — para que o báculo engorde e o enxêto pegue; a quem, abusivamente, se pedem coisas contraditórias: sol na eira, chuva no nabal. Por tudo isto, Leonardo, tradicionalista, não deu ao santo a expressão sapiente e grave do doutor escolástico, e muito menos a do asceta medieuo, mas sim a expressão afável, risonha e feliz de um bom e simples franciscano, de sã bonomia inocente, prêsa do encanto da candura infantil da face fresca do rechonchudo e lindo menino Jesus que sempre traz ao colo, como se o santo fôsse espiritual ama-sêca da divindade.

— Não é o «Santo António» como se venera lá fora que eu quero fazer, mas o popular «Santo Antoninho» português dos nossos velhos nichos e oratórios caseiros, — dizia êle.

E ao expor estas coisas seu olhar era manso.

\*

\*      \*

Neste período, o artista vive, além de absorto na sua obra, todo dentro da religião. Instrui a

sua fé em livros de pensadores cristãos. Internase em «Retiros». Assiste a conferências. Vai a Tríduos. Frequenta diàriamente a igreja. Confessa-se e comunga aos domingos. È raro é o mês que, fechado no seu quarto, não passa uma hora em profunda meditação de onde sai cada vez mais edificado. Além de rezar de manhã e à noite, reza pelo dia adiante, e onde quer que se encontre : — na officina ou na rua. Sentado nos carros eléctricos, inclinava a cabeça, cerrava os olhos, tapava com dois dedos a linha da bôca, e, todo dentro de si, murmurava para si íntimas orações.

— Rezar para pedir, rezar para agradecer, dizia.

Explicava :

— A vida é coisa tão precária que a tôda a hora devemos implorar a protecção de Deus ; e é tão grande bem, que sempre devemos manifestar ao Senhor o nosso reconhecimento.

È ainda :

— Quando rezo, ; vejo no céu a minha mãe a sorrir para mim !

Dava muitas esmolas, sobretudo à pobreza envergonhada. Visitava prisões e hospitais ; e em todos os seus actos e palavras punha o propósito de trazer Jesus no coração.

Leonardo isolava-se cada vez mais. A não ser eu, uma ou outra vez Helena de Men-

donça e Lúcia, raros o viam. Na oficina apenas entravam o «prático» Júlio, o modelo Venâncio, o criado Manuel. Com êstes amigos, gente apoucada e boa, conversava em coisas formidáveis, mas no tom leve das coisas fáceis :

— A Eternidade é a grande Verdade. Morrer é ir ter com Deus. Só a arte simples é bela. Não é assim, Júlio? Não é assim, Venâncio?

Êles diziam que sim, com a cabeça ; e, mudos, com... a alma.

O artista vivia para a sua arte e esta, reconhecida, vivia para o artista, edificando-o religiosamente : quanto mais amava a obra, mais amava Jesus, inspirador dela. A sua alma considerava-se grata a esta tarefa que o aproximara de Deus. Então no seu ser íntimo erguiam-se louvores ao trabalho redentor que tanto bem espiritual lhe trazia, embora êle lhe extenuasse os nervos de artista de exigências infinitas. ; Era aquele sofrer que sempre anda pegado ao amor !...

Também jàmais se esquecera de quem lhe encomendara a obra — a mãe. Agradecido, sua saúde, magoada mas enlevada, ia ter com a alma que, em vida, lhe procurara nortear a mão ; e, morta, lhe guiava o espírito. Leonardo bem *sentia* quanto ela intercedia por êle junto de Deus.

\*

\*      \*

O escultor gastou ainda dois bons meses com esta obra, nela pondo, a mais do que já tinha atingido no barro e passado à madeira, novas visões na rebusca de alcançar a expressão de amor infinito como o vislumbrava a sua alma crente, cada vez mais afervorada pelas orações, e fortalecida pelos sacramentos. No barro, estudou e interpretou; na madeira, — visionou. Todo dentro dos Evangelhos, que eram o alimento diário do seu pensamento religioso, procurava viver na luz irradiante dessa verdade divina, criar-se uma sensibilidade cristã onde medrasse e cada vez melhor florisse a estética religiosa.

O escultor, que possuía a ambição do Ideal, sonha agora êste inatingível sonho de arte: mostrar no último olhar de Jesus a essência do «Sermão da Montanha» — o cristianismo inteiro numa página de amor. Jesus é o seu coração. O cristianismo é o coração de Jesus.

¡Tema sôbre-humano! ¡Diligência formidável! ¡Temeridade poética!

Ao pretender realizar a expressão visionada, Leonardo sentia que as suas mãos eram impotentes; mais: — que a sua arte era deficiente.

E saindo dela, por julgar pobres os recursos de que dispunha, como que apelava para a técnica da pintura e da música, pois afigurava-se-lhe que somente essas possuíam meios de traduzir uma expressão que era, sobretudo, luz e melodia. ; Oh, o sonho inatingível da divinização das linhas e das formas para alcançar expressões celestes!

; A que engenhos o escultor teria de transportar a sua arte plástica! Impossível! E de novo o desânimo lhe quebrava as mãos, lhe acabrunhava o espírito.

Mas êle persistia. E assim, ora esperançado, ora esmorecido — ; batalhava, batalhava! Tormentoso drama íntimo o do artista consciente do seu ideal e, ao mesmo tempo, da insuficiência dos recursos de que o seu talento dispõe e dos que a sua arte lhe fornece!

Ao lado de tudo isto, intrometia-se um escrúpulo delicado :

— ; Não será tentar a Deus? Aspirar à Beleza Absoluta, ; não será um pecado de orgulho? ; Porventura, tenho eu merecimentos morais para semelhante emprêsa mística — para merecer de Deus realizar tal obra? ; Quem sou eu? Um pecador!

Após estas acerbias dúvidas, o cristão humilde terminava :

— Renuncio!

E assim, depois de horas de lutas tremendas, o artista vencido concluía esmagado:

— Desisto.

Poisava as goivas e saía da oficina, resolvido a não continuar semelhante trabalho que o mortificava, o arruinava. Mas, no dia seguinte, refeito, encorajado, rezado, lá estava outra vez às voltas com a sua escultura, na busca e rebusca da expressão sonhada.

¡Quanto trabalho, quanta incerteza, quanta dor!

A alma dêste homem seguia, assim, a sina dolorosa dos artistas humildes que nascem com o triste feitio de não acreditarem no próprio valor — de duvidarem de si, de não acharem bom nada que fazem. Todavia, sempre combatentes, ora erguidos, ora caídos, lá seguem na rota angustiosa dos altos sonhos artísticos: seus dias de confiança viçosa alternam-se com dias de apatia mortal.

E semanas e semanas se passaram neste ansiar exaustivo, neste balanço indeciso, neste esforço esgotante, que lhe consumiam alma e corpo no labor de tornar uma limitada arte de imitação numa arte musical e radiosa.



\*

\*      \*

Agora é o problema do fecho da obra. Que exigência! Que insatisfação! Quando tudo parecia estar encontrado, o artista procurava, procurava ainda... Depois, os pormenores, as últimas minúcias: punha-se a distância, a mão esquerda na ilharga, dobrada para fora, em concha, como a de Lourenço de Médicis no «Penseroso», — a olhar por cima das lunetas, envolvendo a escultura, de alto a baixo. Aproximava-se, tomava uma goiva crêspa e, aqui e acolá, cortava certa saliência, como quem numa frase suprime partículas inúteis; ou, com uma grossa fina, afagava superfícies, como escritor que, substituindo certa palavra, encontra no período a procurada curva rítmica. Atenuava os fortes, acentuava os frouxos, na busca do claro-escuro melodioso — meia-tinta feita de meia-luz — que, levíssimo cendal de valores e tons, se derramasse e vestisse de pureza as linhas dêsse divino corpo perfeito de graça.

È o escultor gastava horas seguidas nestes retoques sem fim; e no dia seguinte, de novo lá estava êle às voltas com as suas emendas miúdas, torturantes, esgotantes.

Uma vez perguntei-lhe:

— Então, acabas ou não acabas com êsses toques finais?

Leonardo respondeu-me com o conhecido estribilho de Balzac :

— «Il n'y a que le dernier coup de pinceau qui compte».

Mas nesta altura aparecia ainda uma preocupação nova — aquelle melindre que faz titubear, parar a mão escrupulosa : não vá o artista «acabar de mais», que, às vezes, equivale a «realizar de menos»... Era a dúvida embaraçante de saber até aonde se deve ir, até onde demorar na verdade, sem tolher a fuga estética — o «espírito» belo dessa «forma» real.

.....

Por fim, uma tarde, na derradeira luz de mais um dia inteiro de impertinente e enervante trabalho, que acabou por esgotar a energia serena de que êle dispunha, secar a sua resistente paciência e transformar-lhe os nervos sãos em nervos doentes ; — por fim, anunciou-me :

— Terminei !

E bem necessário foi que terminasse, porque já a sua mente começava a fatigar-se em demasia, longos meses naquelle fura que fura de uma ideia-fixa que azoia e esvai o cérebro ; a cansarem-se-lhe os olhos diàriamente postos em formas que, à fôrça de a tôdas as horas lhe

dizerem a mesma coisa, já nada mais lhe sabiam dizer; a prostrarem-se-lhe as mãos que lhe pareciam trôpegas em obedecer-lhe, elas que, aliás, tão sãbiamente o haviam servido, mas de cujo esforço belo êle deixara de dar conta. Êste exigente artista, permanentemente insatisfeito, chegara àquele estado em que o cérebro parado não consegue ver a beleza que criou. Pelo contrário, a obra afigura-se-lhe pobre, exígua, incompleta, falha, não vendo realizado nela o ideal que tivera em mente, lhe deslumbrara o olhar;—ideal altíssimo que para êle continua distantíssimo!

Mas nessa mesma tarde, a pesar de lhe ouvir a palavra *terminei*, ainda o vi andar, já no lusco-fusco, à volta do seu Jesus, a espiá-lo, aqui, ali, acolá.

Dizia-me:

— Só no conjunto se pode ver a obra. Só quando terminada, se lhe vêem os defeitos. Digo como Rodin: «o escultor devia começar a obra, quando a conclui».

E Leonardo caíu em meditação.

O crepúsculo adensou-se. Em volta de nós, as sombras eram cada vez mais duras e silenciosas. Pelos cantos, havia conciliábulos discretos de estátuas umas com as outras. Que diziam? Nada se ouvia! Saídos do negrume severo, certos barros, certos gessos pareciam

nanquins dramáticos de Gustavo Doré. Figuras várias, arrumadas nos fundos das prateleiras, umas em pé, outras deitadas, bôcas negras, olhos encovados, atitudes e gestos empastados, deformados, contorcidos pelas sombras, dir-se-iam pesadelos literários de Edgar Poë. E em cima, no andaime das moldagens abandonadas, posta ao alto e tocada estranhamente pela última luz da clarabóia, (que parecia réstia de luar) uma velha gárgula gótica, figurando fabuloso animal corroído por séculos de chuvas — órbitas escaveiradas, faces cavas, focinho agudo, bocarra hiante — uivava sinistro agoiro vindo do fundo tenebroso da Idade-Média!

.....

\*

\*       \*

Finalmente, um dia, Leonardo, fatigado de alma e arruinado de figura (parecia um doente), depôs os palhêtes as grosas, as goivas e disse-me exausto:

— Pronto!, não lhe toco mais.

Soltei um suspiro de alívio; e ia a abraçar o escultor, quando Leonardo acrescentou:

— Pronto..., por agora, bem entendido.

— Que queres dizer «por agora»?

— Que vou estar seis meses sem a ver para,

depois de me esquecer dela, ao revê-la, melhor lhe descobrir os defeitos...

—...as qualidades!, protestei, interrompendo-o.

Leonardo encolheu os ombros.

Então, ergui a voz e disse-lhe com energia:

—Começa a ser mórbida a tua preocupação. Se insistes, acabas por tudo destruir como fêz aquele pintor do «Le Chef-d'Oeuvre inconnu».

O escultor assustou-se; e encarando em mim com olhos pávidos, na alucinação de espectros funestos, disse-me:

—Tens razão. Posso também acabar doido como a personagem de Balzac! Não, não!

Levou as mãos à cabeça; depois, em passadas largas, saiu da oficina e foi para o jardim respirar o ar livre, de que tanto precisava seu peito, e espairecer a alma estremecida de pavor!

Quando no dia seguinte, tarde, o procurei, ainda Leonardo estava na cama. Tinha dormido de um sono dez horas seguidas, mas sentia a cabeça tão esvaída como se tivesse passado a noite em claro.

—Precisas de descansar ainda mais. Procura dormir.

Fechei-lhe as portadas das janelas, e, pé ante pé, saí para o corredor. Desci a escada e entrei na oficina; e aí, sòzinho, em profundo silêncio,

pude ver e admirar à minha vontade a obra extraordinária do meu querido amigo.

\*

\*      \*

; Como era bela essa imagem do Crucificado surpreendido no instante misterioso em que o seu espírito, na máxima iluminação, vai desprender-se da carne e no derradeiro adeus à vida terrena divinamente lança um último olhar de amor à mísera Humanidade! O corpo, vivo ainda, resplandecia na esbelteza das suas linhas e proporções harmoniosas. A escultura era um todo uno de beleza humana e divina. Decorativa, iam-se os olhos na elegância dos seus contornos gentis; dela fluía a delícia da emoção musical; e o nosso pensamento, contemplando êsse rosto de majestade e graça, penetrava-se do sentido da Revelação. O poder espiritual dessa cabeça conquistava e consolava. Na beleza física refulgia a beleza moral.

A imagem continha a eloquência expansiva que desdobra e torna irradiante a idea profunda que nela habita. Possuía belas verdades físicas e maravilhosas verdades sobrenaturais. Uma deleitavam os sentidos, outras alavam o espírito:— ambas nos alagavam de comoção e nos arroubavam.

O artista criara forma, criara expressão, criara ideal.

Seus sagazes olhos de técnico, seus beatos olhos de crente viram, ao mesmo tempo, o modelo humano e o modelo divino.

O que na alma do artista era dêste mundo atinou com a beleza que a arte enxerga no objecto; o que nela era imortal visionou a essência dêsse ser sôbre-humano.

;E eu não me cansava de admirar!

Esta escultura continha Visível e Invisível.

Pira de sugestões, era Encanto, Idea que eleva, Sentimento que beatifica, Silêncio sagrado onde nascem e florescem vozes de magia... Era, enfim, Arte, grande Arte, suprema Arte religiosa que, decompondo em nós os elementos que nos constituem, e quasi deixando-nos só espírito, nos entremostra mundos para além dêste mundo, mundos que só a alma desunida do corpo pode ver, pode alcançar.

;Oh poder da arte criada por um coração e um pensamento, em estados de beatitude, que entrevêm céculas verdades e reflectem em si luzes sobrenaturais! Arte-magia que torna presente o que está ausente; ser de milagre que dá corpo ao mistério e em mistério envolve as formas mais palpáveis, em sonho esfuma as mais nítidas, e tudo projecta no Infinito. Poderosíssima é

a tua fôrça, mirífica a tua asa sempre a subir através dos espaços para se instalar além, na substância celeste — lá onde mora a essência do Ideal.

Abençoada a arte que na luz da Natureza lê a luz do céu; nas superfícies e nas aparências, surpreende a revelação da vida profunda; e alcança a expressão da vida divina que nelas virtualmente existe e se chama Beleza. Nesse estado de espírito em claridade virginal, feita de graça celeste, o artista atinge o sentido sublime da arte: o Belo que coincide com o Bem.

Bem dita a arte que aproveita aos homens, que santifica as almas, que aproxima de Deus os corações de boa vontade, mansos e devotos. Deus desceu à Terra; a Arte subiu ao Céu.

É porque, no inebriamento do amor estético, as almas, levitadas e congratuladas, a tudo sorriem por tudo lhes sorrir, parece-lhes que no ar que respiram vivem subtis perfumes; que nêle, musical, vibram arpejos de místicos violinos, e que das alturas translúcidas do firmamento immaculadamente azul chovem alvíssimas pétalas de lírios brancos — neve celestial.

¡ Bem dita sejas, oh arte bela que serves a beleza divina!



**Flecha ao céu**

**P**OR conselho meu (e ainda vontade sua) Leonardo foi descansar uns dias no seu querido Bom Jesus do Monte — paisagem por onde estendia olhos húmidos de ternura, carvalheiras seculares que êle abraçava como se fôsem pessoas e das quais dizia, como Camilo Castelo Branco :

— «Estas árvores são minhas amigas, há trinta anos!»

Nessa quadra do ano, o Bom Jesus do Monte está deserto : hotéis fechados, ninguém por essas ruas de árvores apenas primaveris.

Mas que lindos dias de sol ! O escultor levantava-se cedo e ia ao templo ouvir missa rezada por um capelão de cabelos brancos, que êle conhecera de cabelos pretos. A seguir ao almôço, passava horas na mata silenciosa, entre velhos sobreiros. No terreiro dos Evangelistas, revia, nas três capelas, o antigo figurado que tanto o impressionara em pequeno. Outras vezes, sempre só, descia os escadórios das Virtudes, dos

Sentidos, e os lanços, aos ziguezagues, até às Primeiras-Capelas; e neste passeio matutino (andava o sol no alto das carvalheiras, chilreavam pássaros, e, entre ervagens, fugiam águas em gorgolejo) tudo êle estremecia — jardins, árvores, fontes e até os musgos que azebram os capeados dos murinhos baixos. ¡Relembração pura e piedosa!: tais lugares sagrava-os a ternura da saúde, por êle os haver andado e rezado em companhia dos seus queridos pais, que Deus tinha! Mudo, todo dentro de si, sentia nos nervos o arrepio triste das recordações pesadas, e na alma o picar das saudades: gotas frias e magoadas...

No terraço do «Grande Hotel», sob tílias frondosas que êle, trinta anos antes, vira pequenas, ficava-se a olhar, por cima e para além da extensíssima campina de mil talhões, no cambiante de verdes diversos, a velha terra em que nascera. A cidade, de casario esbranquiçado, estirava, em várias direcções, as suas longas pernas de aranhão disforme, e uma delas, a da direita, ia dar ao cemitério de muitos mausoléus brancos entre verdura. Cá de longe e do alto, os olhos órfãos de Leonardo dirigiam-se ao canto, onde, em duas campas a par, jaziam os seus pais; e, saída do coração dêste filho piedoso, uma prece ia ter com êles na Eternidade!

\*

\*      \*

Durante esta ausência de Leonardo, nós, os seus amigos, sob a iniciativa de Helena de Mendonça, tramámos em volta do escultor uma conspiraçãozinha artilosa mas solícita — espécie de impedimento moral que moralmente o coagisse a não mais pensar, a não mais tocar nessa obra-prima que tanto lhe fatigou o espírito e as mãos insaciáveis de perfeição. Esse impedimento consistia em benzer-lhe a imagem: — em ratificar a beleza artística com a beleza religiosa da unção espiritual. Agora um sacrossanto prestígio a penetraria, a envolveria, a nimbaria; e ante essa auréola da sanção eclesiástica o artista não tinha senão que ajoelhar.

Assente nisto, Helena de Mendonça e as suas amigas tudo prepararam em poucos dias; e escolhida aquela sala do rés-do-chão, destinada a antigos trabalhos pagãos abandonados, o bom gosto de Lúcia pronto a dispôs artisticamente.

Nas paredes brancas dependurou tapêtes portugueses de Arraiolos e de Urros, trazidos de outras salas. Em socos de pau preto e de carvalho encerado, colocou as esculturas religiosas de Leonardo, originais ou moldagens, e escolheu, entre os seus bronzes, mármore, barros e gessos (que não fôsem nus ou em extremo pro-

fanos) as melhores peças da sua notável obra. Havia renques de cadeiras de coiro, com altas espaldas e pregaria amarela; arquibancos conventuais; um faldistório e vários guadamecis doirados.

Em cima dos antigos arcazes de vinhático, com ferrarias brunidas, e dos bufetes de pau santo, as flores, em faianças do Rato e de Viana que se espelhavam no pulimento da cêra, eram sorrisos a quebrar a austeridade dos bronzes, notas de côr a aquecer a luz dos mármores frios. E uma cortina carmezim, corrida na grande janela, polvilhava a sala de luz rósea, dando-lhe o ar religioso de capela.

Ao fundo, sôbre três degraus cobertos com tapêtes orientais, erguia-se a cruz com o Crucificado; e o corpo de Cristo, no tom carnosos do cedro vermelho, avultava, vivo, na mancha do linho cru de uma velha colcha de Castelo Branco, bordada, a ponto cetim, com sêdas antigas, amarelentas e azuladas, no tom metálico dos esmaltes hispano-árabes.

Estando de passagem para o norte um prelado do sul, das relações de Helena de Mendonça, logo esta (obtida do bispo do Pôrto a protocolar licença) o convidou para benzer a imagem. Marcou-se dia e hora para a festa. Eu escrevi a Leonardo; e na mesma tarde, e pouco depois de êle chegar ao Bomfim, realizou-se a cerimónia da

bênção a que assistiu Helena de Mendonça, Lúcia e muitas senhoras de qualidade, convidadas por elas, vários admiradores e raros amigos, no número dos quais, é claro, me incluí.

Do «Salão das Exposições» à nova sala, que logo chamaram de «Jesus», organizou-se um pequeno cortejo em que as pessoas empunhavam velas acesas (com seus cartuchos de papel azul e branco) compradas e benzidas em Lourdes; e as senhoras vinham cantando, em cântico exaltado, a apoteose à Imaculada: — «Avè! Avè! Avè Maria!»

Na sala, Sua Excelência Reverendíssima, todo de roxo-olaia — solidéu, murça, cinta, batina e meias — seu roquete de rendas, sua cruz peitoral de ametistas, leu no «Ritual» as orações próprias da cerimónia. Entre os fumos do incenso cheiroso, lançou a bênção à imagem. Lúcia, no pequeno harmónio, entoou uma vivaz «Salve Regina», de Haydn, acompanhada de outras vozes.

O prelado — no alto da testa uma poupa grisalha a sair do solidéu roxo; olhar inteligente, atraente e bom; mãos longas e brancas; bôca de lábio inferior em bico de infusa; voz nasalada; — proferiu, com eloquência natural, palavras prontas de composição desataviada, um despretençioso discurso, feito de improviso.

À pressa (de quando em quando, olhava as horas num relógio de pulseira) louvou a obra do

«eminente escultor religioso», obra de «grande significado neste momento de remodelação social»; falou da democracia cristã; da educação artística do povo; da poesia religiosa; e concluiu belamente: «pudessem tôdas as oficinas de arte pagã converter-se em capelas cristãs, como aconteceu hoje aqui».

Terminara a cerimónia.

O prelado deixou a sala «Jesus» e foi desrevestir-se num gabinete. Saíu. À porta da rua, senhoras e homens cercaram-no, meio joelho dobrado, para lhe beijar o anel. Distribuindo bênçãos, à direita e à esquerda, bôca e olhos sorridentes, meteu-se no automóvel e abalou para Campanhã, onde tomaria o combóio do Douro.

\*

\*      \*

Leonardo que, a princípio, sorrira, com o seu sorriso bondoso e grato, à surprêsa feita e aos parabens que todos lhe davam em frases entusiásticas ou comovidas pela devoção; — caíra, durante a cerimónia (a que assistira sempre de pé, em atitude preocupada: cabeça baixa, olhos cerrados, mão esquerda no peito, mão direita na testa) em concentração profunda. A sua alma acabara de viver dias de isolamento e saúde, e encontrava-se, de repente, no bulício. Descera da

montanha à planície:—de um ritmo religioso e nobre a um movimento mundano e trivial. Enfadado! Todo aquele «espectáculo» o aborrecia, o incomodava. Era «século» e o artista queria sair para fora do «século».

Andavam no ar, misturados, o cheiro da cêra queimada, o cheiro bento do incenso, e os perfumes mundanos dos Cotys, dos Orsays, dos Houbigants...

Em pé, braços cruzados, olhos no chão, o escultor permanecia pensativo — atitude estranha, que, aliás, todos respeitaram, deixando-o só. Mas Lúcia, que não o felicitara ainda como ela queria felicitá-lo, dizendo-lhe tôda a sua admiração espiritual — parabéns de alma — ficara-se para trás. E só quando todos saíram é que ela desceu o degrau do estrado onde estava o harmónio. Vestida de branco, avançou na sala, devagarinho: seus pés eram penas, seus passos — aragem. O ambiente religioso, as imagens dos santos, o perfume do incenso, a vibração das preces suspensas no silêncio da sala — comoveram-na. Ajoelhou junto do escultor e rezou concentradamente, com as mãos brancas no peito branco, a cabeça loira pendida para o coração a orar. Era uma açucena doirada por um raio de sol!

Após suas rezas, ergueu-se. Muito próximos um do outro, seus corpos isolavam-se em estado

de recolhimento e esquecimento: mas as almas, afins, em arco de roseiras enlaçadas, fundiam-se aéreas numa só alma, crente e gentil. Via-se e ouvia-se a harmonia dos seus espíritos rítmicos...

Assim estiveram uns segundos.

Num momento, ambos voltaram as cabeças um para o outro, face contra face. Seus olhos, o menos possível humanos — quási só espírito — olharam-se, pensamento no pensamento, coração no coração. De parte a parte, as suas almas fora do corpo, libertas da terra, na ascese do enlêvo, da beleza e do bem-querer místicos, sentiram o anseio de um apêgo etéreo em que os olhos se beijassem na expressão dos olhos, as bôcas se unissem no êxtase das bôcas, as mãos se tocassem na graça moral que as nimbava, de modo que seus sêres se absorvessem um no outro numa fusão imaterial, dulcíssima, para além desta vida, em mundos entrevistos pelo sentimento no arroubo do amor-espírito, entrevistos pela inteligência na penetração de mútuos entendimentos, e pela vontade posta em unísono querer — longe, no sobrenatural, lá onde é outra a luz que ilumina o Belo, outro o enlêvo que sorri no Bem.

Tal foi o beijo extra-sensível, já no limiar da vida eterna, que nessa tarde, no silêncio religioso duma sala impregnada de orações, de on-



das musicais, de arte e de poesia, na luz inteligente que irmana os pensamentos, na luz bondosa que une os sentimentos; — tal foi o beijo que, num efêmero momento, aflorou nessas almas alvas e impassíveis.

Mas, ¡oh fragilidade humana!, esta pureza, da parte de Leonardo, durou apenas um instante fugacíssimo: quando Lúcia estendeu a sua mão leve e branca à mão grossa e forte do escultor, e êste a premeu demoradamente, ao mesmo tempo que fitava olhos inebriados nos olhos azuis, sorridentes e inocentes da cândida virgem, — êste homem sentiu em si certo ímpeto estranho que lhe incendiou os sentidos que êle supunha subjugados pela acção perseverante da vida religiosa e pela acção absorvente da vida na arte. ¡Uma faísca diabólica lhe estremeceu o corpo; uma má vertigem o estonteou!

Mas também êste desvario foi instantâneo: súbito (mistérios da vida, mistérios da morte!...), *alguém* acudiu, e um silvo moral deu rebate de perigo na alma de Leonardo. Num salto, ergueu-se da queda, mas não sem reconhecer o desastre e medir o alcance da mesquinha condição humana! E êste homem, que cada vez mais buscava viver pelo espírito e se firmara no mundo dos princípios nobres, querendo em tudo

manter-se puro, sentiu-se, de repente, pecador por pensamentos : desejar é pecar !

Erguido, mas ainda estonteado, levantou os olhos ao seu Jesus, para recorrer àquele olhar de Amor que vive muito e muito para além dêstes amores : — amor-altruísmo, amor-humanidade, amor-divinal, em que as almas se alimpam e se refugiam em mundos fora dêste mundo !

¡ Que tremenda decepção !

O artista, no apêlo supremo, nada viu do que imaginava ver, nada encontrou do que procurava encontrar. Nesse olhar de Jesus não havia tal divino amor extra-terreno, mas apenas um generoso amor humano, feito de doce indulgência para com os amores terrestres, feito da ampla benevolência de quem entende e desculpa o rosicler dos amores-sentidos.

Então, num relâmpago de crítica, reconheceu a inferioridade da sua obra : o olhar do seu Jesus era ainda restritamente humano ! Que desastre ! O escultor, que tanto imaginara, tão pouco realizara ! ¡ Que distância enorme entre o sonho que o espírito cria e a obra que as mãos executam ! Num momento, seu natural despeito torceu-se em desespero, mas logo, paciente, o artista queudou-se succumbido, envolto naquele nevoeiro de melancolia moral que vexa e isola...

Agora já o não torturam dúvidas. Tudo é nítido para êle : na sua mente firma-se, confir-

ma-se a certeza absoluta de que nada alcançara do imenso que pretendia alcançar. ; Advertidamente, tantas vezes lho dissera a sua consciência de artista humilde!... A expressão obtida pelo escultor era apenas a do amor nascido na terra e não a do amor descido do céu. Tudo ainda relatividade! Tudo ainda inferioridade! Tudo ainda matéria!

Depois, num olhar austero, envolvendo, da cabeça aos pés, a escultura que tinha diante de si, a infinita exigência dêste artista infinitamente insatisfeito sofreu ainda outra grande decepção: o seu trabalho, mesmo como execução, desagradou-lhe. Na sua obra plástica, reconhecia apenas saber técnico, apenas arranjo formal, apenas elegância de conjunto, apenas hábil distribuição de luz. Rigorosíssimo até à crueldade para consigo próprio, o santeiro exigia, para além de tudo isto, um *finalmente* na simplicidade da modelação, na sobriedade das linhas, um cambiante derradeiro de candura que desse ao todo aquela calma impassível que, serena e vitoriosa, atravessa os tempos. Leonardo não via naquele conjunto a luz interior que tudo ilumina de beatitude; não sentia nessa forma parada a fuga musical que cria asas à imaginação e a põe a vibrar pelo espaço fora; não ouvia nela o cicio da oração imponderável que solta a alma e a eleva ao sobrenatural; — enfim,

faltava-lhe a poesia que se evola das estruturas radiosas e é o aroma do idealismo.

Este imaginário, insaciável de perfeição, também não reconhecia nesse corpo de Jesus aquela grandeza na singeleza, aquela *dignidade*, aquele *carácter* transcendente feito de poder e magia sobrenaturais, que constituem e definem essa unidade misteriosa do divino e humano, que é forma e essência, que é matéria e espírito do filho de Deus, encarnado. Enfim, faltava-lhe a *Presença Sagrada!* Não tinha que ver: a sua obra de arte falhara, falhara por completo, reconhecia-o agora pungentemente!

Novas análises agudas, novas severas exigências o entristeceram, o ennoitaram desoladamente. ; Oh, nunca ninguém foi, como êle, um demolidor da sua própria obra; nunca nenhum autor estrancinhou, assim, desapiadadamente, a sua criação! Nada ficou em pé. E os sapadores desta derrocada formidável foram a insatisfação do idealista, a modéstia do artista, a humildade do cristão. Invadido pelo desânimo e pelo abatimento mortais, quedou-se aniquilado. Em pé, hirto, brônzeo, construindo em si dolorosa estátua de artista vencido, cobriu duramente a cara com as mãos espalmadas, como que a esconder o seu pejo. E tudo em volta de si lhe pareceu desconforto e amargura. Se o seu corpo fôsse de natureza de suar sangue, a sua testã, as suas

faces, o seu pescoço, o seu peito, ter-se-iam, nessa tremenda agonia, rubificado de gotículas sangüíneas, tal a dor do vexame que inundou aquela alma de artista impotente.

Lúcia, sentindo que alguma coisa de grave se passava, havia-se afastado; mas, vendo-o agora naquela angústia, aproximou-se carinhosamente, pousou nêle seus olhos atónitos mas sempre ternos olhos azuis, e perguntou com a sua dulcíssima voz inocente:

— Meu amigo, ¿que tem?

Leonardo fêz um atencioso gesto de escusa, feriu a custo um fio de sorriso na sua fisionomia dolorosa, e, volvendo para ela o olhar súplice, rogou-lhe delicado:

— Deixe-me sòzinho, peço-lhe.

Pasmada e silenciosa, Lúcia afastou-se como entrara: devagarinho, pés leves como sombra que passa...

Só, o olhar cravado no chão, o escultor murmurou, derrotado:

— Que miséria!

Num desespero convulso, ergueu a cabeça desgrenhada, pôs os olhos ao alto, e, atirando com a alma para o céu, bradou veementemente:

— Mãe!

A êste chamar, o seu espírito viu surgir a ima-

gem da mãe, com aqueles olhos iluminados de bondade, que sempre minoravam as dores morais do filho, com aquela luz de confiança, que sempre lhe levantou o ânimo; — e pareceu-lhe que ela dizia :

— Reza, meu filho, reza ainda mais !

O resto da luz do dia apagara-se pouco a pouco. Já o crepúsculo se espessava em sombra...

Todos se haviam retirado, havia muito.

Então Leonardo subiu ao primeiro andar, entrou no seu quarto e caindo de bruços sôbre a cama, teve uma prolongada crise de choro.

Fatigadíssimo de alma e corpo, deitou-se e dormiu profundamente, como dormem os batalhadores após derrotas !

Acordou tarde. Refeito, via nas palavras da mãe («Reza, meu filho, reza ainda mais!») um programa a seguir. Decidido a cumpri-lo, arrei-gava-se no propósito de novas lutas interiores em que, pela vitória de nós mesmos, saímos triunfantes dos maiores combates. Agradecido ao céu, reconhecia agora que tudo que se passou fôra aviso do alto: êle estava ainda muito longe do cume que desejava atingir. Tinha de reduplicar-se em religiosa vida interior para chegar a ser o homem virtuoso que bem serve a Deus para, em seguida, bem servir a Arte. O primeiro trabalho de um escultor «santeiro» é fazer

a escultura moral da sua própria alma. Como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, o artista religioso precisa de criar a sua obra material com o próprio barro espiritual em que êle, antes, se modelou a si:—edificar-se uma alma justa senão uma alma santa.

\*

\* \* \*

Nesse mesmo dia, Leonardo cobriu com um grande pano—pano de dó!—a imagem do seu Jesus. Fêz malas para meses e abalou para a Galiza, para Oya, velho casarão defronte do Atlântico, entre La Guardia e Baiona, onde, avisado telegráficamente por mim, o esperava o dr. Luís Sequeira, na companhia de quem, com outros jesuítas, faria aquele preconizado longo «Retiro». Em seguida (era projecto seu) estudaria com amor as grandes catedrais de França, os grandes museus de arte religiosa, em Alemanha, na Bélgica e na Holanda. Depois, havia de visitar conventos, demorar-se nos dos beneditinos, e permanecer nos dos dominicanos, como prometera ao querido P.<sup>e</sup> Amaral.

Vivendo em rezas, queria ser visto por Deus; vivendo em silêncio, ouvir em si vozes interiores; vivendo entre virtudes, usufruir do contágio do exemplo—contaminar-se, quanto possí-

vel, da beatitude dos justos, da santidade dos santos.

Precisava de muito orar, de muito meditar, de muito se recolher em si, de muito se impor obrigações morais, de insistentemente gastar os pés no caminho da perfeição; — enfim, escultor religioso, de moldar e afeiçoar a sua alma em linhas de beleza cristã. ; Que extensa e áspera estrada — de fervor, de zêlo, de renúncia, de humildade, de paciência, de caridade, de perseverança, de pureza, de sacrifícios de tôda a ordem — que extensa e áspera estrada a percorrer ainda ! ; Ah, quanto tinha o coração de rezar e a virtude de se esforçar para bem merecerem de Deus o favor da sua graça santificadora !

Leonardo era cada vez mais humilde, por cada vez ser melhor cristão.

; Mas, porventura, poder-se há ser artista «santeiro» sem primeiro *santificar* a sua alma ? ; Como pretender vislumbrar a face divina, sem, ao mesmo tempo, se alimentar de Divino, frequentar o Sobenatural, conviver com o Infinito ? Só depois de o artista fazer em si êste suprasensível tratamento e a estrutura da sua alma atingir tal qualidade, é que Deus, em sua benevolência, lhe poderá conceder um fio de graça eficaz, com a qual, seus olhos, possuídos do frenesim santo da poesia divina, poderão entrever,



um tanto ou quanto, o muito que anseiam ver, e a sua arte realizar aquele pouco do imenso que ela busca realizar no mundo dos temas celestes. Em tal instante, o seu espírito será iluminado pela Grande Luz, seu sentimento enternecido pelo Grande Amor e as suas mãos conduzidas pela Grande Direcção.

Dizia Leonardo :

— Então, a obra do meu pensamento não será minha, mas de quem a inspira ; e a das minhas mãos — de quem do alto as guia. Elas atingirão, como que inocentes, como que inconscientes, verdades e belezas plásticas que neste momento, pecadoras, são incapazes de atingir. Assim, a minha arte, sem esforço, não terá aquela «vileza» que tem, quando é feita com «fadiga», como dizia Vinci.

E, através da sua insatisfação, luzia a esperança de que, purificado, alcançaria aquilo a que ansiosamente aspirava.

Estava na verdade.

Só assim, após tenazes esforços e duros sacrifícios morais, obtida de Deus a fineza da inspiração sublime que lhe fizesse sentir a presença de Jesus, e depois, espírito em mística clarividência, coração em mística ternura, mãos unguidas pelo céu ; — só assim o escultor poderia estilizar, com aproximada verosimilhança, êsse

corpo de terrena e celeste beleza, e nele interpretar, num arroubo de ideal beatífico, a expressão da face divina. Só assim, só assim, o artista conseguiria (talvez), materialmente e espiritualmente, CRIAR o seu humano e divino tema de escultura religiosa : o «O último olhar de Jesus».

FIM

## INDICE

---

	Pags.
I — A curva da vida .....	9
II — «Roma portuguesa» .....	29
III — Paris .....	61
IV — Anos de vida e arte .....	90
V — A caminho .....	125
VI — O último olhar de Jesus .....	143
VII — Luz da Razão .....	152
VIII — Candeia que se apaga e lega o sol em testamento .....	165
IX — Dor fecunda .....	182
X — Anjos bons .....	205
XI — Coração franciscano .....	226
XII — Terras de Beleza e de Santidade.....	241
XIII — O Modêlo .....	277
XIV — Falperra .....	290
XV — No Bomfim .....	323
XVI — Flecha ao céu .....	341













389958

LPor Figueiredo, Antero de  
F4746u O último olhar de Jesus. Ed.7, rev.

NAME OF BORROWER.

DATE.

**University of Toronto  
Library**

**DO NOT  
REMOVE  
THE  
CARD  
FROM  
THIS  
POCKET**

Acme Library Card Pocket  
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

